



ANO 2007

VOL. 194

ANAIS
DA
ACADEMIA BRASILEIRA
DE
LETRAS

JULHO A DEZEMBRO DE 2007
RIO DE JANEIRO

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS

DIRETORIA DE 2007

Presidente: *Marcos Vinícios Vilaça*

Secretário-Geral: *Cícero Sandroni*

Primeira-Secretária: *Ana Maria Machado*

Segundo-Secretário: *José Murilo de Carvalho*

Diretor-Tesoureiro: *Antonio Carlos Secchin*

Diretor das Bibliotecas: *Murilo Melo Filho*

Diretor do Arquivo: *Sergio Paulo Rouanet*

Diretor dos Anais da ABL: *Eduardo Portella*

Diretor da Revista Brasileira: *João de Scantimburgo*

Diretor das Publicações: *Antonio Carlos Secchin*

Produção editorial e Organização dos Anais da ABL: *Monique Cordeiro Figueiredo Mendes*

Sede da ABL: Av. Presidente Wilson, 203 – 4.º andar
Castelo – 20030-021 – Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (0xx21) 3974-2500 / Fax: (0xx21) 2220-6695
Correio eletrônico: publicacoes@academia.org.br

(Este volume foi editado no 2.º semestre de 2008)

ISBN 1677-7255

A Academia Brasileira de Letras não se responsabiliza pelas
opiniões manifestadas nos trabalhos assinados em suas publicações.

Capa

Victor Burton

Editoração eletrônica

Estúdio Castellani

Revisão

Igor Fagundes

SUMÁRIO

– Sessão do dia 5 julho de 2007.....	9
<i>O Texto, ou: A Vida – Uma Trajetória Literária</i> , de Moacyr Scliar – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	15
– Sessão do dia 12 julho de 2007.....	20
– Sessão do dia 19 julho de 2007.....	26
Prêmio Afrânio Coutinho – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	31
<i>Os 110 Anos da Constelação de Machado de Assis – Artigo de Ronaldo Rogério de Freitas de Mourão</i>	34
Dom Pedro II – <i>Artigo do Acadêmico Celso Lafer</i>	38
Gilberto Freyre – 1900-1987 – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Olinto</i>	42
– Sessão extraordinária do dia 20 julho de 2007.....	45
Prêmios literários de 2007 – <i>Palavras do Acadêmico Domício Proença Filho</i> ...	47
Agradecimento – <i>Palavras do Sr. Roberto Cavalcanti de Albuquerque</i>	50
– Sessão do dia 26 julho de 2007.....	53
Fundação Bradesco – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	59
– Sessão do dia 2 de agosto de 2007	62

– Sessão do dia 9 de agosto de 2007	68
Parecer do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes – <i>Apresentação</i> do Acadêmico Murilo Melo Filho	74
– Sessão do dia 16 de agosto de 2007	78
Joel Silveira – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	86
<i>O Outro Lado – Poemas Reunidos 1998-2006</i> , de Ivan Junqueira – <i>Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin</i>	88
O amigo Joel Silveira – <i>Palavras do Acadêmico Cícero Sandroni</i>	90
– Sessão do dia 23 de agosto de 2007	97
<i>Invenções do Desenho – Ficções da Memória</i> , de Alberto da Costa e Silva – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	102
– Sessão do dia 30 de agosto de 2007	104
Os 90 anos de Josué Montello – <i>Palavras do Acadêmico Tarcísio</i> <i>Padilha</i>	111
– Sessão do dia 6 de setembro de 2007	115
Ele viveu para os outros – <i>Artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier</i>	126
– Sessão do dia 13 de setembro de 2007	128
Japão/Brasil – <i>Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça</i>	138
– Sessão do dia 20 de setembro de 2007	142
Voto secreto – <i>Artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony</i>	149
Ainda o voto secreto – <i>Artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony</i>	151
– Sessão do dia 27 de setembro de 2007	153
– Sessão do dia 4 de outubro de 2007	160
– Sessão do dia 11 de outubro de 2007	166
O imortal que queria ser santo – <i>Entrevista de Mariana Filgueiras</i>	173
Regimento interno – <i>Palavras do Acadêmico Evanildo Bechara</i>	180

– Sessão do dia 18 de outubro de 2007.....	181
– Sessão do dia 25 de outubro de 2007.....	188
Programação do Encontro: Brasil/Portugal – <i>Lido pelo Acadêmico</i> <i>Domício Proença Filho</i>	198
– Sessão do dia 31 de outubro de 2007.....	200
O bico do pelicano – <i>Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo</i>	211
– Sessão do dia 8 de novembro de 2007	214
<i>Breve Ensaio Sobre o Homem e Outros Estudos</i> , de Helio Jaguaribe – <i>Palavras</i> <i>do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	221
Cícero Dias e a pintura em Pernambuco – <i>Estudo do Acadêmico</i> <i>Marco Maciel</i>	224
Invenções da memória – <i>Artigo de Carlos Reis</i>	229
– Sessão do dia 14 de novembro de 2007	234
Evolução da Crise Brasileira, Afonso Arinos de Melo Franco – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	241
– Sessão do dia 22 de novembro de 2007	244
Homenagem – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i>	250
– Sessão do dia 29 de novembro de 2007	252
Parecer da comissão cátedra Machado de Assis em Oxford – <i>Lido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva</i>	266
ABL e a Câmara Municipal – <i>Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho</i> ...	268
Relatório da Comissão de Contas – <i>Lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira</i> ...	269
– Sessão do dia 6 de dezembro de 2007	272
– Sessão do dia 13 de dezembro de 2007	281
Atividades da ABL em 2007 – <i>Relatório lido pelo Acadêmico Domício</i> <i>Proença Filho</i>	283

Discurso de despedida do Presidente Marcos Vinícios Vilaça – <i>Proferido na sessão do dia 13 de dezembro de 2007</i>	301
Discurso do Presidente Cícero Sandroni – <i>Proferido na sessão do dia 13 de dezembro de 2007</i>	305
BOLETINS DE INFORMAÇÃO	313

SESSÃO DO DIA 5 JULHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça abriu a sessão e anunciou que a sua primeira parte destinava-se à entrega do Prêmio CIEE Tristão de Athayde – escritor universitário aos estudantes: Alex Schineider de Oliveira, 1.º lugar; Luis Felipe Vidal Arellano, 2.º lugar, Alana Bauer Lacerda, 3.º lugar. Agradeceu a presença dos Senhores Paulo Natanael Pereira de Souza, Presidente do Conselho de Administração, e do Senhor Luiz Gonzaga Bertelli, Presidente Executivo do CIEE que, com tanta dedicação, vêm promovendo o programa.
- O Professor Paulo Natanael discorreu sobre os nove anos de entrega, na Academia Brasileira de Letras, da premiação que visa a estimular entre os universitários o gosto e a pesquisa pela literatura brasileira.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as palavras do professor Paulo Natanael e acentuou que a Academia o fez como forma de reconhecimento da aliança do empresariado com os meios ligados ao ensino e à importância do cultivo da educação.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier discorreu sobre a importância da premiação e ressaltou a preocupação do CIEE com o embasamento cultural dos estudantes, para que todos possam bem cumprir as suas tarefas e depois se tornarem profissionais competentes.
- O Presidente encerrou a primeira parte da sessão. Ao reiniciá-la, submeteu ao plenário a Ata do dia 28 de junho, que foi aprovada. Solicitou uma saudação aos Acadêmicos Evaristo de Moraes Filho e Ivo Pitanguy, pelo aniversário na presente data e comunicou que o Acadêmico Marco Maciel transmitira à Casa a grata notícia de que a Câmara dos Deputados aprovou 2008 como o Ano Machado de Assis, projeto de sua autoria no Senado e que foi encaminhado à sanção do Senhor Presidente da República. Solicitou e foi aprovada moção de louvor ao Acadêmico por sua iniciativa. Agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida, que se prontificara a substituir o Acadêmico Eduardo Portella no Ciclo de Conferências. Informou que as questões apresentadas ao “ABL Responde” estão em vias de regularização cronológica. Agradeceu o esforço do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e dos Acadêmicos que se envolveram com o assunto. Lembrou a Missa do dia 20 de julho, em homenagem aos 110 anos da ABL, no Mosteiro de São Bento, às 11h 30min, o jantar do dia 19, oferecido pelo Governador Sergio Cabral, no Palácio das Laranjeiras, e o jantar oferecido pela Senhora Lily Marinho, no dia 21. Deu notícia ao Plenário de que recebeu a visita dos Professores William Naked e Fábio Magalhães, dirigentes do Museu da Língua Portuguesa, para convidar a Academia a uma visita específica ao Museu e para dar ciência de que já estão organizando a nominata das homenagens que serão feitas nos próximos anos. Informou que a Academia promoveu gestões junto ao Ministro Interino da Cultura, Dr. Juca Ferreira, que assegurou que providenciará a libe-

ração dos recursos da Lei Rouanet, relativos aos projetos da Academia já aprovados. Fez distribuir aos Acadêmicos minuta do convênio entre o Ministério da Cultura de Portugal e a Academia Brasileira de Letras, relativo às atividades que serão, posteriormente, definidas, documento que será assinado pela Ministra Isabel Pires de Lima, dia 20 próximo, às 15h 30min. Distribuiu uma pequena nota a respeito do Terceiro Concerto Identidade Brasileira, que se realizará na Casa no dia 27 de julho, às 17h 30min, com a apresentação de uma retrospectiva de algumas das mais belas canções polifônicas brasileira escritas nos últimos cinquenta anos. Solicitou a cada um dos Acadêmicos que faça as indicações de até quatro nomes para receberem a Medalha Comemorativa dos 110 anos da Casa. Prosseguindo, o Presidente deu notícias de que o comitê dos Jogos Pan-americanos convidou a Academia para visitar a Vila Olímpica e o Ginásio que será inaugurado no sábado, com a apresentação de ginastas brasileiros. A Academia disporá de meios para conduzir os interessados. Comunicou, a seguir, que a Academia recebeu da TV Globo a oferta de um filmete de 30 segundos, que será exibido durante 15 dias, em rede nacional, celebrando os 110 anos da Casa. Exibiu-o num telão para conhecimento dos acadêmicos. Após a exibição, o Presidente disse ter agradecido ao Dr. João Roberto Marinho e ao Dr. Luís Erlanger. Destacou tratar-se de um presente e ressaltou a significação de veicular 30 segundos de matéria na Rede Globo várias vezes ao dia. Informou ainda que, até o momento, não tem nenhuma indicação de solução para a questão da Livraria Acadêmica.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou o lançamento do 71o livro do Acadêmico Moacyr Scliar intitulado *O Texto, ou: A Vida – Uma Trajetória Literária*. Discorreu com minúcia sobre a obra, que acaba de sair pela Bertrand Brasil. O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que a editora Bertrand Brasil apresentou hoje a sua trilogia africana com o título “A alma da África”, numa edição especial, com textos de vários acadêmicos sobre os estudos africanos.

Informou que essa trilogia será lançada em primeiro lugar na Academia, a seguir na Bienal do Livro e na grande Exposição de Arte Africana, baseada nas peças que ele e Zora Seljan trouxeram da África, a realizar-se no SESC Rio, a partir de 12 de outubro deste ano, com a realização de seminários dos quais participarão vários acadêmicos, entre eles o maior africanólogo do Brasil, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

- O Acadêmico Moacyr Scliar agradeceu as palavras do Acadêmico Muriilo Melo Filho. Confessou que lhe deixaram até constrangido pelas revelações destacadas. Informou que o livro nascera de uma solicitação da Editora Bertrand Brasil. Na realidade, não pensava em fazer uma biografia, mesmo porque não acredita que a sua pessoa tenha tanto interesse, mas é representante de vários grupos, como da literatura gaúcha, do contingente de emigrantes, que transformaram a história daquele Estado numa história de sucesso e, sobretudo da sua geração literária, que tem nesta Casa vários representantes, como a Acadêmica Nélida Piñon e os Acadêmicos João Ubaldo Ribeiro e Carlos Nejar. Disse tratar-se de uma geração que marcou época e merece ser avaliada. A seguir, comunicou que a Empresa Zaffari, do Rio Grande do Sul, vai lançar o Dicionário de Guimarães Rosa, para comemorar o centenário de nascimento, no próximo ano, do grande escritor mineiro. A iniciativa é do poeta e publicitário Luis Coronel, que está trabalhando nisso e pediu-lhe que fizesse esta comunicação. Prosseguindo, informou que o Datafolha promovera uma enquete de opinião, na qual 80% dos entrevistados mencionaram a Academia Brasileira de Letras como a instituição cultural mais importante do país. Sugeriu à Diretoria que a Academia, em função de novos recursos tecnológicos, poderia possibilitar aos acadêmicos impedidos de comparecer à sessão a participação de uma reunião à distância. Pelo que está informado, é um recurso relativamente em conta e ajudará aqueles que moram fora do Rio de Janeiro.
- O Presidente esclareceu ao Acadêmico Moacyr Scliar que a Academia dispõe de equipamento adequado para tanto e estudará a proposta.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com o Acadêmico Murilo Melo Filho, pela iniciativa de ter comentado o último livro do Acadêmico Moacyr Scliar. Registrou a importância desse livro, em duas dimensões que lhe parecem riquíssimas: a primeira é que não é uma autobiografia, nem uma lembrança. Salientou que Moacyr renova, do ponto de vista do corte temporal, dentro do discurso e, de uma maneira extraordinária, se remete, nas instâncias e nas referências, dentro de um estilo absolutamente inovador. A segunda, pela repercussão internacional. Lembrou a relevância, cada vez mais acentuada, da problemática do mundo hegemônico e assinou que a Academia da Latinidade é uma referência disso, na luta pelas diferenças, pela busca nas culturas do que possa ser a sua identidade remanescente, o estudo e a saga das imigrações. Destacou a importância de Moacyr Scliar nesse contexto, porque fica claro que o seu trabalho testemunha que, no Brasil, a inserção judaica não se deu nos termos do fundamentalismo, nem do gueto, nem do enclave; deu-se, de fato, nesse envolver que nos faz, hoje, confiantes no que seja, neste futuro das rigidezes hegemônicas, um pluralismo, uma diversidade, sobretudo, uma perspectiva de reconhecimento. Destacou que o livro do Acadêmico Moacyr Scliar é um marco antropológico, histórico e cultural.
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com o Acadêmico Murilo Melo Filho pela análise modelar que fez do livro do Acadêmico Moacyr Scliar. Disse acompanhar também o ponto de vista do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. O livro de Scliar é como um poço que começa pelo fundo dos sentimentos das suas criações e vai até à beira. O grande mistério do livro é, realmente, conseguir sair das profundezas para a luz. Recordou que o primeiro prêmio literário de sua vida foi um par de sapatos e lembrou Machado de Assis, que dizia: “a felicidade é um par de sapatos”. Falou do lado kafkiano de Moacyr Scliar, que aparece muito no magistral conto “A Casa”, do *Carnaval dos Animais*, e é uma obra-prima da nossa literatura. Congratulou-se, ainda, com o autor de *A Casa da Água*, Acadêmico Antonio Olinto, que agora tem um livro que é *A Alma da África*. Considera *A Casa da Água* um

primor, que teve a oportunidade de estudar na sua História da Literatura na união entre o Brasil e a África.

- O Acadêmico Domício Proença Filho pediu a palavra para uma questão de justiça: corrigir a omissão de uma informação. O filmete a ser veiculado na TV Globo, exibido na presente sessão, se deve à sutileza da ação do Presidente Marcos Vilaça, acolhida com entusiasmo pela emissora. Não foi um gesto espontâneo, nem gratuito, como ele quis fazer parecer.
- O Presidente comunicou que, na próxima sessão, o Acadêmico Domício Proença Filho vai apresentar o formato final do encontro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras, para enviar imediatamente aos confrades de Lisboa.

O TEXTO, OU: A VIDA – UMA TRAJETÓRIA
LITERÁRIA, DE MOACYR SCLiar

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Cumpro o grato dever de registrar em nossos *Anais* o lançamento há alguns dias do 71.º livro do nosso Acadêmico Moacyr Scliar, sob o título *O Texto, ou: a Vida— Uma Trajetória Literária*.

Trata-se da história de um menino judeu, nascido modestamente em Porto Alegre, onde viveu os primeiros anos de sua infância, depois transferida para Passo Fundo e, de volta, a Porto Alegre, no Bom Fim, um bairro de judeus, semelhante ao Lower East Side, de Nova York o Marré, de Paris; o Once, de Buenos Aires, e o Bom Retiro, de São Paulo.

Esse Bom Fim limitava-se a Oeste, com bancos e lojas; a Leste, com modestas casas dos africanos; ao Norte, com aristocráticas moradias e, ao Sul, com o Parque Farrroupilha, em homenagem aos Farrapos de 1835.

* Proferidas na sessão do dia 5 de julho de 2007.

Nele, no Bom Fim, começava o segundo momento da saga judaica no Rio Grande do Sul, que do interior se ampliava às cidades: Passo Fundo, Porto Alegre, Erechim, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande.

O Bom Fim era apenas uma simples aldeia russa, perdida no meio de Porto Alegre, como se fosse uma grande família, com todos sabendo da vida de todos, sem segredos, as casinhas de porta e janela, que estavam sempre abertas, sem assaltos, inclusive porque, naquele tempo, nelas havia pouca coisa para ser roubada.

A casa da família Scliar era precária e minúscula, uma saleta, dois quartinhos, com um assoalho que rangia e um forro onde os ratos disputavam corridas.

Não havia confortos elementares, como o chuveiro de água quente, que era esquentada numa grande lata de azeite e num fogão à lenha. A falta dessa água morna, sobretudo no inverno, não estimulava o hábito dos banhos diários, uma ausência que Moacyr Scliar, hoje um médico de saúde pública, reconhece e lamenta, meio constrangido.

O nosso Acadêmico teve na meninice o apelido de Mico, com o qual nunca fora levado inteiramente a sério, o que para Scliar não era mau, porque, segundo ele, nada há mais chato que um sujeito que se leva muito a sério.

Nome e apelido constituíam uma existência bipolar: Mico era o gurizinho do Bom Fim; e Moacyr era o médico e o escritor.

Hoje em dia, sempre que se sente Moacyr, com o ego meio inflado, Scliar se lembra do Mico e retorna à sua verdadeira dimensão.

Ali, no Bairro do Bom Fim, a notícia da criação do Estado de Israel repercutiu jubilosa e intensamente. Pois ela não era apenas a indenização a um grupo humano oprimido e massacrado pelos pogrons e pelos guetos, mas o reconhecimento da existência de um povo, com direito histórico à sua Terra e à sua Bandeira.

A Medicina proporcionou a Scliar duas oportunidades de reencontro com o judaísmo.

A Primeira foi quando assumiu o cargo de médico do Lar dos Velhos, na comunidade israelita de Porto Alegre, e ali se reencontrou com pessoas amigas dos tempos do Bairro do Bom Fim.

E a segunda, quando fez um Curso de Medicina Comunitária em Israel, voltando de lá orgulhoso da sua Gente, da sua Luta e da sua História.

Por que, então, resolveu estudar Medicina? Scliar responde:

— Porque, desde criança, eu tinha muito medo de doença, não propriamente de ficar doente — disto até gostava um pouco, porque me dispensava de certas obrigações — mas, quando meu pai ou meus irmãos adoeciam, eu simplesmente entrava em pânico.

Para vencer esse pânico, começou a ler livros sobre Medicina e doenças, como *Olhai os Lírios do Campo*, do seu mestre, o gaúcho Veríssimo e *A Cidadela*, do seu ídolo o escocês Cronin.

E havia também a pressão familiar e cultural, porque, na tradição hebraica, a Medicina sempre ocupou um lugar importante. O Levítico deu atenção especial à lepra. E, na Diáspora, rabinos não raro ocupavam as funções de médicos.

Eleito orador da turma na Faculdade de Medicina, Scliar começou o seu discurso com os versos de Ferreira Gullar:

*Morrem quatro por minuto
Nesta América Latina.
Não conto os que morrem velho,
Só os que a fome extermina.*

E concluiu o formando Scliar:

— O médico de hoje tem um lugar bem definido na luta pela emancipação social e econômica do nosso povo. Somente nestas condições é que haverá possibilidade de exercermos uma verdadeira Medicina.

Em 1993, Scliar passou um semestre na Brown University dos Estados Unidos, ministrando um curso de Medicina e Literatura. Posou para uma foto ao

lado dos outros professores. E ficou estarrecido. O rosto que nela aparecia não era o seu, mas, sim, o do seu pai, José Scliar, o velho judeu russo. Nunca haviam sido tão parecidos.

E por que decidiu ser escritor? Scliar explica que começou cedo e escreve há muito tempo.

Se ainda não aprendeu o ofício, não foi por falta de prática. Pelo contrário. Sempre escreveu bastante. Suas recordações da infância estão ligadas a um dever: o de ouvir e contar histórias.

Há mais de 30 anos, começou a escrever para o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, tendo de transferir para o jornal a página do livro, ambos impressos, numa experiência assaz curiosa e semelhante à dos Irmãos Goncourt, de Charles Dickens e dos nossos Rubem Braga, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Luís Fernando Veríssimo.

E confessa que teve como exemplos: Shakespeare, Kafka, Fernando Pessoa, Drummond, Viriato Corrêa e Jorge Amado.

Sua bibliografia é composta de 71 livros já publicados até hoje, alguns traduzidos para o inglês, dos quais possuímos oito exemplares na nossa Biblioteca Rodolfo Garcia.

A sua novela “Max e os Felinos” foi traduzida para o inglês como “Max and the Cats” e plagiada em 2002, pelo canadense Yann Martel, que com ela ganhou o “Booker Prize”, um dos mais importantes prêmios da língua inglesa.

Entre seus livros, destacam-se dois de contos: *Carnaval dos Animais* e *O Olho Enigmático*.

Para Scliar, o conto é talvez um dos mais difíceis dos gêneros literários, pois, segundo Faulkner, é mais fácil escrever um romance em várias páginas, do que um conto, em poucas páginas; segundo, ainda, Faulkner, ele é a forma mais próxima do poema. Os contistas geralmente morriam antes dos 40 anos, sobretudo no Século XIX, o século da tuberculose e poucos foram além disto: Katherine Mansfield, falecida aos 35 anos; Kafka, aos 41; Maupassant, aos 43; Tchecov, aos 44; e O. Henry, aos 48 anos.

Já os romancistas foram mais longevos: Zola chegou aos 62; Thomas Mann aos 80 e Tolstói, aos 82 anos de idade.

Senhor Presidente.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Termino dizendo-lhes que este livro biográfico, de Moacyr Scliar, encerra a história de um homem que enfrentou os desafios da Medicina e da Literatura, com a visão humanística do médico, a disciplina semanal do cronista, o talento verbal do contista e a criatividade inata do romancista.

Ele mesmo reconhece que, neste livro, está um menino de olhar límpido e um jovem de grandes olhos azuis, que olham por cima desse senhor, um pouco calvo, que dizem ser o autor de vários livros, mas que não passa de um escritorzinho lá do bairro do Bom Fim, a contar-lhes sua história, na esperança de que os leitores a acolham com um pouco de simpatia.

E conclui Scliar:

– As palavras servem para estabelecer laços entre pessoas e para criar belezas. Pelo que, a elas, devemos ser eternamente gratos.

SESSÃO DO DIA 12 JULHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Domicio Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olin-to, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pe-reira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 5 de julho, que foi aprovada. Registrou, com satisfação, o fato de a Academia obter a liberação dos recursos aportados pela Companhia Vale do Rio Doce, que cobrirão os Prêmios da ABL. Ressaltou que a Diretoria tem tido conversas diárias com a equipe do Ministério da Cultura, com vista à liberação dos recursos que já estavam depositados em conta. Informou que o Arquivo de Machado Assis integrará o grande acervo de arquivos culturais da UNESCO. Observou aos Acadêmicos que, a partir de segunda feira, dia 16 de julho, estará disponibilizada, na primeira página do Portal da Academia, janela dedicada aos 110 anos da Casa. Solicitou maior rapidez nas indicações a serem feitas para a outorga da Medalha dos 110 anos da Casa. Lembrou o jantar oferecido pelo Governador Sergio Cabral,

no Palácio das Laranjeiras, dia 19, às 20 horas; dia 20 de julho, Missa comemorativa dos 110 anos de fundação da Academia, no Mosteiro de São Bento, às 11h 30min; e dia 21, jantar oferecido pela Senhora Lily de Carvalho Marinho. Informou que, no dia 20 de julho, a Banda de Música do Ministério do Exército executará os Hinos do Brasil e de Portugal. Deu notícias da Acadêmica Zélia Gattai Amado que já está se recuperando. Registrou que o Governo da Itália outorgou a ela condecoração no Grau mais alto. Em relação às sugestões dadas pelo Acadêmico Arnaldo Niskier sobre a Livraria da Academia, deu ciência de que já compôs o espaço vazio da mesma, até que se encontre um modo de operá-la adequadamente. Destacou que, em conversa com o mesmo Acadêmico, o Ministro Tarso Genro, em visita à Casa, declarou que, entre as suas condecorações mais importantes, está a Medalha João Ribeiro, que recebeu o ano passado. Foi lembrado ao Ministro o Decreto de Juscelino Kubitschek sobre as edições da Academia, feitas na Imprensa Oficial, e este se prontificou a retomar a matéria. Informou que o Ministro Tarso Genro indagou sobre o Instituto Machado de Assis e mostrou-se interessado na questão. Por sugestão do Acadêmico Arnaldo Niskier, o Ministro concordou que houvesse uma edição de uma fotobiografia do servidor público, do tipógrafo, do Machado de Assis homem da Imprensa Oficial, considerando o fato de que fora tipógrafo da Imprensa Oficial. Registrou o pesar pelo falecimento de Maurício Andrade, que realizara, junto com a ABL, o “Natal sem fome dos sonhos”.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier registrou que o Ministério da Educação editou recentemente a sugestão de quarenta medidas que constituem o Plano de Desenvolvimento da Educação, parte integrante do Programa de Aceleração do Crescimento. Dessas quarenta medidas, uma delas se refere à Olimpíada de Língua Portuguesa, que abrangeria todo o País, todas as redes públicas estaduais e municipais, no sentido de valorizar o nosso idioma junto aos estudantes e professores. Sugeriu ao Ministro Tarso Genro, que já foi Ministro da Educação, que fizesse esse trabalho com a Academia Brasileira de Letras, o que foi apoiado pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça informou que o prazo para apresentação de sugestões ao relatório da Comissão Revisora do Regimento foi prorrogado para o dia 16 de julho, segunda-feira.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara congratulou-se com a escritora Yêda Pessoa de Castro, eleita, esta semana, para a Academia Baiana de Letras. Registrou que o trabalho da Lexicografia para o Dicionário Escolar chegou, esta semana, à confecção de vinte e oito mil, quatrocentos e vinte três verbetes. Num total de trinta mil verbetes que, com toda certeza, em outubro, chegará à cota final de trinta e dois mil, cento e nove verbetes. Acrescentou que já tiveram início os primeiros entendimentos com a Editora Nacional, que detém o privilégio da comercialização do Dicionário, para que, em comum acordo, se escolham as gravuras que irão ilustrar a obra.
- O Acadêmico Lêdo Ivo registrou o que considera um dos acontecimentos culturais e literários mais importantes da atualidade literária brasileira, que é a publicação da Trilogia Africana do Acadêmico Antonio Olinto. A trilogia compõe-se dos romances: *A Casa da Água*, *O Rei do Keto* e *o Trono de Vidro*. Lembrou que o companheiro Alberto da Costa e Silva disse tratar-se de uma obra que nos comove, umedece os olhos, e acrescenta ainda que é efetivamente um grande livro, vivido com intensidade e paixão. O lançamento, destacou, coincide com o lançamento no suplemento Prosa e Verso e de uma longa entrevista do Acadêmico Antonio Olinto, sobre a qual teceu alguns comentários: em primeiro lugar o censurou, por não ter incluído, em suas evocações, a criação do Prêmio Walmap, que foi uma das grandes ocorrências de sua vida que revelou tantos talentos de romancistas no Brasil e, em segundo lugar, ocupou-se de um trecho da entrevista em que ele declarou que “o Manuel Bandeira, que era da Academia Brasileira de Letras, ficou uma fera quando o Getúlio Vargas foi eleito para a Casa. Queria mostrar que não iria à sua posse e foi assistir à peça de um desconhecido, que era Nelson Rodrigues, e estava em cartaz. Ficou impressionado e deu entrevista dizendo que o teatro brasileiro estava renascendo”. Disse que, como amigo

íntimo de Manuel Bandeira, sabia nunca ter ele ficado irritado com a eleição de Getúlio Vargas; muito pelo contrário, no dia da eleição foi ouvido pelo semanário *D. Casmurro*, quando disse: “Votei em Getúlio Vargas, não no Presidente da República, mas no escritor”. Alguns amigos acharam que ele havia exagerado, porque Getúlio ingressou na Casa de Machado de Assis como expoente, dentro da lição de Joaquim Nabuco e Machado de Assis, que desde a fundação da Academia entendia que a Instituição devia dar abrigo aos grandes expoentes da nacionalidade. Além do mais, Bandeira não tinha curso superior, uma vez que havia interrompido o seu sonho de ser arquiteto, e Getúlio o nomeou professor no Colégio Pedro II e, em seguida, o nomeou Professor de Literatura Hispano-americana, na então Faculdade de Filosofia, e depois de Letras. De forma que, disse, Manuel Bandeira tinha razões para ser grato a Getúlio Vargas. Outros acadêmicos tinham motivos para não querer a eleição de Getúlio Vargas para a Academia, como o Embaixador Hélio Lobo, Octavio Mangabeira e Afrânio Peixoto, declinando os motivos de cada um deles.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho aparteu para dizer que desta lista consta, também, o Acadêmico Miguel Osório de Almeida.
- Prosseguindo, o Acadêmico Lêdo Ivo disse não ter sido possível verificar se Manuel Bandeira esteve presente à posse de Getúlio Vargas ou não, porque, na época não se fazia ata da sessão de posse; além do mais, ele não possuía fardão, pois tomara posse com o fardão emprestado pela família do acadêmico falecido Luís Alves.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva observou, com relação às palavras do Acadêmico Lêdo Ivo, que Getúlio Vargas pode nunca ter sido escritor, mas sempre quis sê-lo. Considerava a sua verdadeira vocação. Na mocidade, foi escritor e, em Porto Alegre, participara da roda da Livraria do Globo, com Augusto Meyer, Theodomiro Tostes, Mansueto Bernardes e seu pai. Acrescentou que Getúlio tinha o gosto do convívio com os escritores. Estava sempre cercado por Olegário Mariano e Múcio Leão.

- O Acadêmico Lêdo Ivo informou que o colecionador João Condé possuía um opúsculo de Getúlio Vargas sobre Zola com o autógrafo dele. Era do conhecimento de todos que, durante o governo Vargas, houve um grande convívio e intercâmbio entre o poder e os escritores. Foram raros os escritores que se insurgiram contra o regime e o Estado naquela época. Tratava-se de um Estado ao mesmo tempo autoritário e generoso.
- O Acadêmico Domício Proença filho registrou que estiveram Nelson Pereira dos Santos e ele na Festa Internacional de Parati, para o pré-lançamento do filme “O Português – A Língua do Brasil – Depoimentos dos Acadêmicos”. Disse de seu júbilo por testemunhar como o filme foi ovacionado, por uma platéia de mais de 200 pessoas e, por cinco ou seis vezes, interrompido com aplausos veementes a partir de determinados pronunciamentos. Parabenizou o Diretor, Acadêmico Nelson Pereira dos Santos.
- O Acadêmico Antonio Olinto, a propósito das palavras do Acadêmico Lêdo Ivo, afirmou que, no dia da posse do Getúlio, houve a estréia da peça de Nelson Rodrigues, e constava que Manuel Bandeira lá se encontrara.
- Na ordem do Dia, o Presidente passou a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho que, dando cumprimento à solicitação da Presidência, preparou proposta sobre o que será a reunião da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa. O Local: Rio de Janeiro, Salão Nobre da Academia Brasileira de Letras. Data: 29 e 30 de outubro de 2007. Tema: “O Papel de D. João VI na União de Portugal e Brasil”, conforme decisão das duas Casas. Programação: 29/10, segunda-feira, às 10 horas – Sessão inaugural, Presidência: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Discurso de abertura: S.Ex.^a O Sr. Ministro da Cultura, Gilberto Gil; Fala do Acadêmico Antônio Braz Teixeira – Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa e Presidente da Classe de Letras. Às 12h 30min, almoço no Hotel Glória. Às 16 horas I.^a sessão conjunta – Presidência: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Domício Proença Filho; Conferencistas: Acadêmicos Antônio Braz Teixeira – “O oratoriano Silvestre Pinhei-

ro Ferreira”, Miguel Telles Antunes – “Intercâmbio científico”, Candido Mendes de Almeida – (título a definir), e Helio Jaguaribe – (título a definir). Dia 30/10, terça-feira, às 12h 30min, almoço no Hotel Glória. Às 15 horas – 2.^a sessão conjunta – Presidência: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Cícero Sandroni. Conferencistas: Acadêmicos José Murilo de Carvalho – (título a definir), Luís Oliveira Ramos – “História política”, Domício Proença Filho – D. João VI e a língua portuguesa no Brasil”, e José Luís Cardoso – “O Visconde de Cairu”; 20h 30min – Jantar de confraternização – Consulado de Portugal, a ser confirmado. Essa era a proposta que estava aberta à sugestão dos colegas da Academia, concluiu.

- O Presidente informou não haver confirmação do jantar no Consulado de Portugal, a data foi reservada como hipótese. Os dois almoços de 29/10 e 30/10 serão no hotel, onde estarão hospedados. Posteriormente, será estudado o tipo de confraternização gastronômica a ser programada. Antes de encerrar a sessão, lembrou que a ABL tem uma pequena carteira de ações, que já foi mais expressiva no passado, mas agora, com a volumetria da Casa, totaliza, em seis de julho de 2007, R\$ 523.000,00 (Quinhentos e vinte e três mil reais). Informou que, logo a seguir, às 17h 30min, haverá no Salão Nobre da Academia a mesa-redonda comemorativa dos oitenta anos do Acadêmico Ariano Suassuna, com a participação do Acadêmico Moacyr Scliar, e dos escritores José Almino de Alencar e Carlos Newton. Logo a seguir, será inaugurada, na Galeria Manuel Bandeira, a Exposição Ariano Suassuna. Encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 19 JULHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início à sessão com a entrega dos diplomas referentes ao Prêmio Afrânio Coutinho da Biblioteca Rodolfo Garcia, que tem como Diretor o Acadêmico Murilo Melo Filho. Foram agraciados o escritor Marcio Galdino e a Professora Bernadete Miguelato. Agradeceu a presença da família do Acadêmico Afrânio Coutinho e salientou o quanto a Academia tem orgulho da trajetória do Acadêmico, do crítico literário, do professor e do homem que deixou uma marca na sua convivência e de grande lealdade aos amigos. Lembrou que, no dia 20 de julho, o Acadêmico Afrânio Coutinho faria 45 anos de ingresso na Academia. Deu a palavra ao Acadêmico Murilo Melo Filho, que proferiu consistente discurso sobre a vida e a obra do Acadêmico Afrânio Coutinho.

- A Senhora Graça Coutinho agradeceu, em nome da família, ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça e à Academia Brasileira de Letras.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu por encerrada a solenidade de entrega do Prêmio Afrânio Coutinho.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça reabriu a sessão e manifestou o pesar da Academia às famílias das vítimas do acidente com o avião da TAM, ocorrido no dia 18 de julho. Submeteu a Ata do dia 12 de julho, que foi aprovada. Pediu uma salva de palmas para o Acadêmico Marco Maciel, que aniversaria no dia 21 de julho. Deu ciência aos Acadêmicos de que a FIESP patrocinara brindes relativos aos 110 anos da Casa, que serão entregues aos Acadêmicos no final da sessão. Reiterou junto aos Acadêmicos o pedido das indicações das personalidades e instituições que devam ser agraciadas com a Medalha Comemorativa dos 110 Anos de fundação da Academia Brasileira de Letras. Registrou a aposentadoria da Senhora Maria José de Abreu, secretária da Academia, que, com muito desvelo, se dedicou à Casa durante 35 anos. Informou que dera conhecimento à maioria dos Confrades, da decisão da Diretoria de adiar as solenidades previstas para amanhã, em homenagem aos 110 anos da ABL. Transmitiu aos Acadêmicos o pedido de compreensão da Casa, feito pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva pelo fato de ter cancelado a vinda à Academia, para as solenidades dos 110 anos da ABL. O Ministro Luis Dulci transmitiu ao Presidente da ABL o desejo do Presidente Luis Inácio Lula da Silva de que a Academia marcasse nova data para uma visita sua. O Presidente Marcos Vilaça sugeriu o dia 28 de setembro. Informou que a Diretoria conseguiu a liberação de parte dos recursos, que já tinham sido aprovados pela Lei Rouanet, para as obras do Teatro e substituição dos aparelhos de refrigeração do Salão Nobre. Sugeriu a data de 21 de setembro para a reabertura do Teatro R. Magalhães Jr., com a presença do Ministro Gilberto Gil, da Cultura, que se ofereceu, sem nenhum ônus para a Academia, para realizar um espetáculo musical. Haverá, na data, também espetáculos de música popular, música erudita e apresentação vocal com a Associação de Canto Coral. Deu ciência de que, no dia 9 de agosto, terá lu-

gar o lançamento do primeiro grupamento de livros deste ano, editados pela Academia, num total de oito títulos. Informou que está marcado para o dia 3 de novembro o lançamento, em Santiago do Chile, do livro *Huidobro e Manuel Bandeira*, e está tentando obter, com uma companhia de aviação, passagem para que a Academia seja representada adequadamente. Comentou a dificuldade da obtenção dos Direitos Autorais dos herdeiros de Manuel Bandeira para a edição. Pediu autorização ao Plenário para a aposição nas dependências da Casa dos retratos dos Acadêmicos: Herberto Sales, Adonias Filho, Aurélio Buarque de Holanda, Pedro Calmon e Luiz Vianna Filho.

- O Acadêmico Cícero Sandroni associou-se às palavras do Presidente Marcos Vinícios Vilaça sobre a funcionária Maria José de Abreu, lembrando o tratamento filial dedicado ao Presidente Austregésilo de Athayde até o dia de sua morte. Salientou a dedicação exemplar de Maria José durante mais de trinta anos de serviços. Lembrou que, no dia 20 de julho de 1838, nascia o jornalista Joaquim Serra, Patrono da Cadeira 21 do Quadro dos Membros Efetivos, que completará 150 anos de nascimento em 2008 e que foi, segundo André Rebouças, o publicista brasileiro que mais escreveu contra os escravocratas. Citou também Machado de Assis que, depois de sua morte, enalteceu o amigo, o poeta e o jornalista combatente. Ainda sobre as Efemérides, lembrou que, a 20 de julho de 1979, era inaugurado o Centro Cultural do Brasil, em sessão solene realizada no auditório e presidida pelo Presidente da República, General João Figueiredo, e que teve a presença dos ex-Presidentes: General Emílio Garrastazu Médici, General Ernesto Geisel, o Presidente Austregésilo de Athayde, numerosos Acadêmicos, intelectuais, representantes das Academias Argentina de Letras, das Ciências de Lisboa e da Academia Francesa. O orador oficial foi o Acadêmico Alceu Amoroso Lima, que pronunciou, na ocasião, discurso exemplar mostrando o talento, a inteligência e a coragem de, na presença de dois ex-presidentes do Regime Militar e do Presidente de então, fazer um discurso onde evidenciava a independência do jornalista e pensador que escrevia semanalmente contra o Regime, a coragem de expressar tudo o que tinha a dizer diante dos três ge-

nerais presentes. Finalizando, registrou o lançamento de duas obras do Astrônomo Ronaldo Rogério de Freitas Mourão: *Anuário de Astronomia e Astronáutica* e *O que é ser Astrônomo*. Pediu, também, a inserção nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, do artigo do escritor, cujo título é: “Os Cento e Dez Anos da Constelação de Machado de Assis”, onde recorda Machado de Assis como um dos escritores que se ocuparam da Astronomia em suas obras.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida congratulou-se com o Acadêmico Cícero Sandroni pelo pronunciamento sobre a atuação da funcionária Maria José de Abreu e lembrou a frase de Jean D’Ormesson: “A força da pompa da Academia tem que se compensar pela solenidade da doçura, da presença e do seu cotidiano”. Salientou que D. Maria José se dedicou com o protocolo silencioso da doçura, da presença, da amizade que os tornou mais próximos dentro desta mesma linhagem. Sugeriu que a entrega dos Prêmios da Academia seja transferida para o mesmo dia 28 de setembro, data em que se comemorarão os 110 anos de fundação da ABL, com a presença do Presidente da República.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça esclareceu que a entrega dos prêmios aos ganhadores será feita em sessão extraordinária, solenemente, em âmbito não festivo, porque ainda não se tem certeza da data que contará com a presença do Presidente da República.
- O Acadêmico Domício Proença Filho sugeriu que, na solenidade do dia 28 de setembro, fossem distribuídos os diplomas respectivos e o prêmio em espécie, entregue no dia 20 de julho.
- O Acadêmico Carlos Nejar ponderou que a entrega do diploma deve ser feita junto com a entrega dos prêmios em espécie.
- O Acadêmico Ivan Junqueira salientou que alguns premiados de outras regiões do país já se encontram no Rio de Janeiro.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, como gaúcho que vem de uma cidade abalada pela tragédia, felicitou o Presidente Marcos Vinícios Vilaça pela decisão de suspender as comemorações dos 110 anos da Academia.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça registrou que a Diretoria deliberou que, ao invés do que acontece normalmente com os comunicados da Casa, enviados à imprensa do Rio e São Paulo, o atual se estendesse também aos jornais de Porto Alegre.
- O Acadêmico Marco Maciel pediu a transcrição nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do artigo do Acadêmico Celso Lafer, no Jornal *O Estado de São Paulo* do dia 15 de julho, sobre o livro do Acadêmico José Murilo de Carvalho, *Dom Pedro II*.
- O Acadêmico Antonio Olinto discorreu sobre a vida e a obra de Gilberto Freyre, na homenagem prestada ao grande pernambucano. O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça lembrou Gilberto Freyre e salientou o seu lado humanista. Um menino travesso na brincadeira, travesso na convivência, travesso nos apelidos, um homem que tinha preocupações com a expressão econômica do Estado de Pernambuco: a cana de açúcar e o engenho. Lembrou a frase do sociólogo ao iniciar o movimento para fazer a Reforma Agrária na Zona da Mata de Pernambuco: “Cada pé de cana era um pé de gente”.
- O Acadêmico Carlos Nejar observou que o estilo de Gilberto Freyre era um estilo açucarado, primoroso, com gosto de todos os dengues do Nordeste, um dos estilos mais ricos da literatura brasileira.
- O Presidente Marcos Vilaça lembrou aos Acadêmicos que, no dia 26 de julho, se encerrou o prazo para encaminhamento de sugestões à Comissão Revisora do Regimento da ABL. Disse também que o Portal da ABL já está com nova janela relativa aos 110 anos da Casa. Encerrou a sessão.

PRÊMIO AFRÂNIO COUTINHO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça.
Senhora e Senhores Acadêmicos.
Minhas Senhoras e Meus Senhores.
Senhora e Senhor Premiados.

Em julho do ano passado, apresentamos a V. Ex.^a um projeto para instituir o Prêmio “Afrânio Coutinho”, que foi submetido a este Plenário e por ele unanimemente aprovado com base em parecer favorável do nobre Acadêmico José Murilo de Carvalho.

Sempre sob o patrocínio da Petrobras, o tema deste Concurso foi “Diálogos com a Coleção Franklin de Oliveira”, justamente com o objetivo de estimular as pesquisas na Biblioteca Rodolfo Garcia e a utilização das 5 mil obras constantes do Acervo dessa Coleção, nos segmentos e nas áreas da antropologia, lingüística, literatura, lexicografia e sociologia.

* Proferidas na sessão do dia 19 de julho de 2007.

O público-alvo deste Concurso foi o de estudantes universitários, graduados ou pós-graduados, jornalistas e pesquisadores da área de ciências humanas, além de usuários previamente inscritos em nossa Biblioteca.

Publicamos um Edital e o divulgamos pela imprensa e nas Universidades brasileiras. Para entrega dos textos, fixamos prazos, que terminaram justamente no último dia 30 de junho.

Inscreveram-se muitos candidatos e chegaram às nossas mãos monografias e ensaios de vários Estados, numa confirmação do caráter nacional do nosso Concurso.

A entrega dos Prêmios ficou prevista para esta data de hoje, como parte integrante das comemorações dos 110 anos de Fundação desta Academia, que justamente amanhã se completam.

Durante essas duas últimas semanas, os trabalhos inscritos foram examinados pela Comissão Consultiva das nossas Bibliotecas, constituída pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Alberto da Costa e Silva, Evanildo Bechara e por mim mesmo, com uma avaliação baseada nos critérios da pertinência ao tema, sua originalidade, criatividade e tratamento da linguagem.

Essa Comissão, por unanimidade, concluiu em premiar os trabalhos de dois candidatos:

O primeiro foi o advogado e escritor Márcio Galdino, residente aqui no Rio de Janeiro, que produziu um trabalho de 90 laudas no qual examina o estado da cultura brasileira, ao longo dos 20 anos de 1945 a 1965, com uma cuidadosa pesquisa dos fatos políticos, sociais e culturais ocorridos nessas duas décadas.

Com sua permissão, Senhor Presidente, solicito ao candidato Márcio Galdino que receba o seu diploma das mãos do Acadêmico Tarcísio Padilha, membro da nossa Comissão Consultiva.

A outra candidata vitoriosa é uma paranaense que reside em Curitiba e que de lá veio especialmente para receber este Prêmio: a escritora Bernadete de Lourdes Michelato, que nos enviou um ensaio encadernado de 110 páginas, ilustrado

pela reprodução das capas dos principais livros de Franklin de Oliveira, iniciando-o com uma biografia do escritor maranhense e concluindo-o com uma frase sua, segundo a qual “toda história humana vem sendo apenas isto: a história do lento despertar da consciência”.

Com sua licença, Senhor Presidente, peço a D. Bernadete Michelato que receba das mãos do Acadêmico Evanildo Bechara, outro membro da nossa Comissão Consultiva, o diploma outorgado pela Biblioteca Rodolfo Garcia.

Devo esclarecer que os prêmios em dinheiro já foram, anteriormente, transferidos em ordens bancárias aos candidatos vitoriosos e por eles já devidamente recebidos.

Senhor Presidente.

Agradeço o comparecimento da Sr.^a Graça Coutinho, filha do Patrono deste Prêmio, das famílias dos candidatos premiados, de todos quantos nos honraram com suas presenças nesta solenidade e peço a V. Ex.^a. que a declare encerrada, com uma salva de palmas aos candidatos vitoriosos.

Muito obrigado a todos.

OS 110 ANOS DA CONSTELAÇÃO DE MACHADO DE ASSIS

*Artigo de Ronaldo Rogério de Freitas de Mourão**

Por ocasião dos 110 anos de criação da Academia Brasileira, nada mais justo do que homenagear o fundador desta constelação de 40 astros de primeira magnitude da cultura nacional, recordando-o como um dos escritores que se ocuparam da astronomia em suas obras.

“O poeta canta, endeusa, namora esses pregos de diamante do dossel azul que nos cerca o planeta; mas lá vem o astrônomo que diz muito friamente – nada! isto que parece flores debruçadas em mar anilado, ou anjos esquecidos no transparente de uma camada etérea – são simples globos luminosos e parecem-se tanto com flores, como vinho com água”.

Esta comparação machadiana entre o poeta e o astrônomo, em uma de suas crônicas para *O Espelho* em setembro de 1959, mostra que a astronomia, ou pelo menos os astrônomos, não estava longe de suas preocupações cotidianas.

* Fundador e primeiro diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins. Escreveu mais de 85 livros, entre outros: *Manual do Astrônomo*. Artigo publicado no *Jornal do Commercio* de 19 de julho de 2007.

Aliás, não são poucas as referências às estrelas, aos cometas e aos planetas em suas páginas, quer na poesia, no romance, nas crônicas e até mesmo nos seus ofícios como funcionário do Ministério da Agricultura. Sobre os cometas existe uma seqüência que mostra como o atraíam esses astros caudados.

Em 13 de junho, o astrônomo australiano John Tebbutt (1834-1916) anunciou a passagem da Terra pela cauda do cometa. Em crônica no *Diário do Rio de Janeiro*, de 3 de julho de 1864, Machado de Assis escreveu:

“Estávamos tão contentes, tão tranqüilos, tão felizes – iludíamos-nos uns aos outros com tanta graça e tanto talento – abríamos cada vez mais o fosso que separa as idéias e os fatos, os nomes e as coisas fazíamos da Providência a capa das nossas velhacarias – adorávamos o talento sem moralidade e deixávamos morrer de fome a moralidade sem talento – dávamos à vaidade o nome de um justo orgulho – usávamos ao juiz de paz o primeiro que nos injuriasse – dissolvíamos a justiça e o direito para aplicá-los em doses diversas às nossas conveniências – fazíamos tudo isto, mansa e pacificamente, com a mira nos aplausos finais, e eis que se anuncia uma interrupção do espetáculo com a presença de um Átila cabeludo!”.

Crônica. Em crônica de 17 de outubro de 1864, no *Diário do Rio de Janeiro*, Machado de Assis relata um temporal que durou dez minutos. Se tivesse durado duas horas, teria deixado, segundo Assis, “a nossa cidade reduzida a um montão de ruínas”. Para o autor de *Dom Casmurro*, os tufões eram “os batedores do cometa Newmager”. Retoma nesta crônica os seus comentários anteriores sobre o cometa Tebbutt (1861). Em “Bons Dias!”, crônica publicada na *Gazeta de Notícias*, em 13 de fevereiro de 1889, foi alvo o cometa Barnard (1889), descoberto em 2 de setembro de 1888 pelo astrônomo americano Edward Emerson Barnard (1857-1923), e observado no Imperial Observatório do Rio de Janeiro, no Morro do Castelo, por Luís Cruis e Henrique Morize (1860-1930).

Noites. As noites estreladas de março – época do ano em que 22 das 30 mais brilhantes estrelas estão visíveis – inspirou Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, um céu que recolhe a chuva e “acendem as estrelas, não só as já conheci-

das, mas ainda as que só serão descobertas daqui a muitos séculos”, numa consideração profunda sobre a evolução permanente da ciência.

Sobre as constelações, Machado de Assis, em *Quincas Borba*, faz de Rubião um contemplador dos céus:

“olhou para o céu; lá estava o Cruzeiro ... Oh! se ela houvesse consentido em fitar o Cruzeiro! Outra teria sido a vida de ambos. A constelação pareceu confirmar este modo de sentir, fulgurando extraordinariamente; e Rubião quedou-se a mirá-la, a compor mil cenas lindas e namoradas, — a viver do que podia ter sido quando a alma se fartou de amores nunca desabrochados, acudiu à mente do nosso amigo que o Cruzeiro não era só uma constelação, era também uma ordem honorífica. Daqui passou a outra série de pensamentos. Achou genial a idéia de fazer do Cruzeiro uma distinção nacional e privilegiada. Já tinha visto a venera ao peito de alguns servidores públicos. Era bela, mas principalmente rara.”

Presente. Na realidade, a astronomia está sempre presente não só como astros, fenômenos, como também no nome dos mais expressivos astrônomos de sua época, tais como o astrônomo e do matemático francês Pierre Simon de Laplace (1749-1827), a quem Machado se refere sem esquecer a sua famosa obra *Mecânica Celeste*; o astrônomo e escritor francês Bernard Le Bovier de Fontenelle (1657-1757), por sua obra de divulgação da astronomia; Galileu (1564-1642) pelo seu processo em que foi “vítima da autoridade pública”, e o grande matemático maranhense Joaquim Gomes de Souza (1829-1864), autor de célebre tese sobre o modo de indagar novos astros sem auxílio de observações diretas, em 1858.

Além do escritor e astrônomo francês Camille Flammarion (1842-1925) e do escritor de ficção científica Jules Verne (1828-1905), o escritor de Brás Cubas também conheceu na Livraria Garnier dois grandes astrônomos do Imperial Observatório Astronômico do Rio de Janeiro: o francês Emmanuel Liais e o belga Louis Cruls, com quem provavelmente discutiu e, sem dúvida, questionou sobre suas curiosidades astronômicas, tão vivas e atuais na obra machadiana.

Em fins do século XIX, as descobertas de asteróides, planetas situados entre as órbitas de Marte e Júpiter provocavam um grande interesse, pois o primeiro e o maior deles – Ceres – havia sido descoberto em 1801 pelo astrônomo italiano Giuseppe Piazzi (1746-1826). Em consequência da descoberta de um novo asteróide, Machado de Assis escreveu, em *A Semana*, a 23 de dezembro de 1894, um breve comentário ficcional, talvez influenciado pela teoria do astrônomo inglês George Howard Darwin (1845-1912), hoje totalmente ultrapassada, que explicava a origem da Lua com uma parte do globo terrestre que teria sido ejetada do Oceano Pacífico:

“Andará a Terra com dores de parto, e alguma cousa vai sair dela, que ninguém espera nem sonha? Tudo é possível! Quem sabe se o planeta novo não foi o filho que ela deu à luz por ocasião dos tremores? Assim podemos fazer uma astronomia nova; todos os planetas são filhos do consórcio da terra e do Sol, cuja primogênita é a lua, anêmica e solteirona. Os demais planetas nasceram pequenos, cresceram com os anos, casaram e provocaram o céu com estrelas. Aí está uma astronomia que Júlio Verne podia meter em romances, e Flammarion em décimas”.

DOM PEDRO II

*Artigo do Acadêmico Celso Lafer**

A recém-publicada biografia de Dom Pedro II (1825-1891) escrita por José Murilo de Carvalho vem tendo merecida repercussão. É um livro de qualidade, fruto da sábia convergência com que soube lidar com a contribuição da narrativa biográfica para o entendimento da História, ao traçar o perfil público e privado de um chefe de Estado que marcou profundamente a trajetória do nosso país nos quase 50 anos do seu governo.

A distinção e, ao mesmo tempo, a complementaridade entre o explicar e o compreender é importante para o entendimento da História, como realçado por Dilthey. O explicar histórico está ligado à pesquisa das causas e das forças que moldam os eventos. O compreender busca as conexões do sentido que têm como lastro os elementos hauridos no explicar. Por esta razão Dilthey sublinha a importância da biografia para a compreensão da História, na medida em que a narrativa de uma existência insere o seu significado mais amplo no quadro geral do mundo histórico dentro do qual o biografado viveu.

* Membro da Academia Brasileira de Letras, professor titular da Faculdade de Direito da USP, foi Ministro das Relações Exteriores no governo FHC. Artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo* de 15 de julho de 2007.

Registro que José Murilo tinha todas as condições para elaborar uma vida de Dom Pedro II, mesclando o explicar e o compreender. Tem aprofundado conhecimento do jogo de forças que caracterizaram o período em que ela transcorreu, pois em estudos anteriores pesquisou o papel da elite política imperial e analisou o processo histórico, iniciado com a Independência, do longo caminho de afirmação da cidadania no Brasil. Por isso, o seu livro é não apenas uma bem-sucedida narrativa biográfica. É também, na sua finura analítica, uma obra que amplia o entendimento do período pela análise do personagem que exerceu, durante tão longo período, o Poder Moderador.

O Poder Moderador, como um quarto Poder, distinto do Poder Executivo, é uma das singularidades da Constituição Política do Império (artigo 98). Foi concebido como “a chave de toda a organização política” e voltado para velar “sobre a manutenção da independência, equilíbrio e harmonia dos mais poderes políticos”. Pimenta Bueno, o grande constitucionalista do Império e o principal conselheiro jurídico de Dom Pedro II, definia-o como “a suprema inspeção da nação”. Esta inspeção se caracterizou, no reinado de Dom Pedro II, como um poder ativo que impulsionou a monarquia constitucional e a prática parlamentar e foi exercido pelo monarca, em função de sua personalidade, não como um ator solitário, mas preponderantemente como um árbitro dotado de autoridade.

Os chefes de Estado têm menos o temperamento da sua estratégia e mais a estratégia de temperamento da sua personalidade. Por isso, um dos grandes méritos do livro de José Murilo é o de desvendar uma compreensão da personalidade de Dom Pedro II e, desse modo, esclarecer o significado do como, na moldura institucional do Império, exerceu o Poder Moderador, a ele conferindo a respeitabilidade interna e internacional, que contribuiu para a construção do País.

A estratégia hermenêutica do livro se baseia no modo como se distinguem e, ao mesmo tempo, se fundem numa trajetória de vida a figura pública de Dom Pedro II, Imperador do Brasil, e o ser humano e cidadão Pedro d’Alcântara. O primeiro foi um servidor público exemplar, escrupuloso e zeloso no exercício do poder que o destino lhe confiou. Daí, como documenta

o A., o seu interesse pela coisa pública, a qualidade dos homens públicos de que escolheu cercar-se, a austeridade nos gastos da Coroa, a importância que, como democrata e governante, atribuiu à liberdade de opinião e de imprensa, acompanhada da tolerância liberal com a qual, para estar bem informado, aceitou críticas. O segundo foi um ser humano com suas contradições e fraquezas, um amante das artes, das letras e das ciências, um leitor voraz e de grande memória, um erudito que dominava várias línguas e gostaria de ter sido professor. O que conferiu uma unidade de significado a este ser humano, dando-lhe condições únicas para exercer o Poder Moderador, foi, como comprova José Murilo, a paixão pelo Brasil.

Joaquim Nabuco afirmou em Balmaceda que o critério para julgar o valor dos chefes de Estado da América do Sul era o de comparar a situação em que receberam o país e a situação em que o deixaram. O Brasil estava à beira da fragmentação no início do reinado de Dom Pedro II e, em 1889, estava unificado. O tráfico, antes, e a escravidão, depois, foram abolidos num processo demasiado lento, mas o imperador e os abolicionistas tiveram de enfrentar, até o fim, a resistência dos proprietários e de muitos atores políticos. A instabilidade política foi substituída pela consolidação do sistema representativo e pela hegemonia do governo civil.

Em matéria de política externa, o Brasil soube definir linhas de orientação, preservar seus interesses na região platina e adquirir respeitabilidade diante dos países da América do Sul, dos EUA e da Europa. Para isso, muito contribuiu a aura que dom Pedro d'Alcântara, nas suas viagens à Europa e aos EUA, conferiu a Dom Pedro II. Foi considerado o neto de Marco Aurélio por Victor Hugo, o responsável por uma “democracia coroada”, como disse Mittre, que mereceu o respeito de Darwin e a admiração de Gladstone.

É claro que muito ficou por fazer. O próprio Dom Pedro II notou que tudo andava devagar demais no Brasil. Entretanto, ainda que lentamente, estavam lançadas as bases para a construção do País de maneira única em relação a toda a América Latina do século XIX.

História, observa Aron, exprime o diálogo entre o passado e o presente. Nesse diálogo, o presente retém a sua iniciativa. Nesse momento da vida política brasileira, de tantas decepções sobre condutas públicas, é um ingrediente de esperança saber que um chefe de Estado, durante quase 50 anos, conduziu com integridade, virtudes republicanas e sincera e zelosa paixão pelo Brasil os destinos nacionais.

GILBERTO FREYRE – 1900-1987

*Palavras do Acadêmico Antonio Olinto**

É fácil falar sobre Gilberto Freyre. É difícil falar sobre Gilberto Freyre. Escritor acima de tudo, exímio dominador da palavra, dono de um estilo que flui com a maciez de uma poesia que finge ser prosa, ergueu Gilberto Freyre toda uma sociedade colonial que nos explica e nos ilumina. Nascido num fim-comoço de tempo, na passagem de um século para outro, em 1900, exerceu profunda e permanente influência no modo como passamos a ver a sentir e a compreender as raízes de nossa gente e a formação da sociedade patriarcal brasileira em que, por muitas mudanças que nós e o resto do mundo tenhamos tido, nela ainda estamos. Deixou-nos ele, também, uma nostalgia do passado e aquilo que serviu de base à nossa existência como país e que, à falta de melhor nome e por ser este o melhor, pode ser chamado de saudade.

Com base na cana-de-açúcar, tivemos uma sociedade doce. Tivemos tudo aquilo que Oswald de Andrade detestava quando nos chamou de “país da sobremesa e do açúcar”. Ao contrário de Oswald, Gilberto fez a apologia da sobremesa em seu livro chamado *Açúcar*, que tem o seguinte e longo subtítulo: “Em torno da Etnografia, da História e da Sociologia do doce no Nordeste”. Como, dentre

* Proferidas na sessão do dia 19 de julho de 2007.

o muito feito pela cana-de-açúcar na criação de uma sociedade civilizada brasileira, vem ela agora dar-nos uma surpresa com o milagre do etanol, e imagino o que poderia Gilberto Freyre dizer dessa benesse inesperada de uma planta que, além de doce, pode também produzir energia.

Homem do Centro e do Interior, conheci Gilberto Freyre por ocasião dos festejos do IV Centenário da libertação pernambucana do domínio holandês. Meu amigo José Conde, pernambucano, e eu, fomos convidados para as celebrações, durante as quais eu faria uma palestra sobre a poesia brasileira do momento. Foi Gilberto Freyre quem presidiu a mesa. Escolhi dois poetas para a conferência – um de geração mais antiga, Jorge de Lima (1893-1953), e outro, da então novíssima geração, o pernambucano Carlos Pena Filho (1929-1960). Falando em seguida, Gilberto Freyre não demonstrou muito entusiasmo por Jorge de Lima, de quem elogiou apenas “Essa Nega Fulô”, mas falou com muitos elogios de Carlos Pena Filho, que morreria jovem, num desastre de automóvel. Pouco depois, tornei-me grande amigo de Carlos Pena, quando ele e a mulher, juntamente comigo e com Zora, fomos hóspedes de Jorge Amado e Zélia em Salvador. Jorge achava Carlos Pena o melhor poeta jovem do Brasil.

Voltando a Gilberto Freyre, o ano de 1933 ficaria marcado na cultura brasileira como o de *Casa-Grande e Senzala*. Lançado pela Editora Maia e Schmidt, do Rio de Janeiro, teve imediato sucesso. Ali estava um retrato do Brasil com o qual o leitor comum concordava, nele vendo as razões do muito que somos. Não concordo com a opinião de que Gilberto Freyre mostrou simplesmente um brasileiro “cordial” e, para muitos, a palavra “cordial” é negativa. Há os que pensam que devemos ser violentos, fazer revoluções, destruir o que puder ser destruído para criarmos um país novo.

Na realidade, temos, sim, um país violento, como vemos todos os dias nos jornais e na tevê, e será com certeza sem essa violência que chegaremos a um país dono de si mesmo. Quando *Casa-Grande e Senzala* saiu em romeno, o Embaixador Jerônimo Moscardo me convidou para ir a Bucareste e falar na Universidade local apresentando o livro. Nas semanas seguintes, os jornais romenos discutiram o livro como de excepcional valor sociológico.

O estilo de Gilberto Freyre estuda a linguagem brasileira que as escravas negras e as índias usavam no lidar com as crianças inventando uma língua portuguesa toda especial, cheia de carinho, o que aparecia principalmente nos apelidos. Fui a Caruaru com José Condé e lá ele me apresentou um artista popular dizendo: “Este é o Antonio”. Dirigindo-se a mim, o artista perguntou: “Tudo bem, Toinho?” Eu já conhecia o Tônico, o Toniquinho, o Totonho, mas o Toinho era novo e mostrava a diversidade do carinho popular pernambucano.

Seu nome se tornou emblemático de uma posição nacionalista que Gilberto Amado buscava também, numa patriótica emulação, em torno do uso exclusivo de um prenome. Lembro-me de, certa vez, ter encontrado na José Olympio, Gilberto Amado autografando livro novo seu. Disse-me logo: “Venha ver”. Fui. Mostrou-me a dedicatória que acabara de assinar: “Para o Freire – com o abraço amigo do – Gilberto”. O Amado me olhou brejeiro perguntando: “Ele vai ficar uma fera, não vai?” Respondi: “Com toda a certeza”.

É preciso que não se esqueça do Gilberto romancista. O livro *Dona Sinbá e seu Filho Padre* nos mostra um narrador seguro e ao mesmo tempo delicado no contar uma história de bela estrutura.

Como vêem, é fácil falar sobre Gilberto Freyre, mas na verdade é difícil mostrar toda a força de sua presença gigantesca na cultura deste país.

Casa-Grande e Senzala, em sua 51.^a edição pela editora Global, traz a apresentação escrita pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, além da atualização e revisão das notas bibliográficas e dos índices onomástico e remissivo.

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DO DIA 20 JULHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início à sessão para a entrega dos Prêmios Literários de 2007. Passou a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho para proferir o discurso saudando os premiados. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente deu início à entrega dos prêmios pelo de Poesia. Pediu ao Acadêmico Lêdo Ivo para entregar o prêmio a Adriano Espínola pelo seu livro *Praia Provisória*. Para entregar o Prêmio ABL de Poesia pelo livro *O Cão dos Olhos Amarelos*, a Alberto da Cunha Melo, representado no ato pelo jornalista Ivanildo Sampaio, foi entregue pelo Acadêmico Ivan Junqueira. Convidou o

Acadêmico Candido Mendes de Almeida para entregar a Francisco Wefort, o Prêmio ABL de Ensaio, pelo seu livro *Formação do Pensamento Político Brasileiro – Idéias e Personagens*; para a entrega do Prêmio ABL de Literatura Infanto-juvenil a Adélia Prado, pelo seu livro *Quando eu Era Pequena*, o Presidente convidou o Acadêmico Arnaldo Niskier que o fez à sua representante a editora Ana Maria de Oliveira; o Acadêmico Cícero Sandroni, por indicação do Presidente, entregou o Prêmio ABL de Tradução a Bárbara Heliadora, pela tradução da obra de Shakespeare; para entregar o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais a Laura de Mello e Souza o Presidente convidou o Acadêmico Alberto Venancio Filho; o Presidente pediu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony para fazer a entrega do Prêmio ABL de Cinema ao roteirista do filme “Achados e Perdidos”, Paulo Halm que representou os demais roteiristas do filme “Um crime delicado”, Marçal Aquino, Beto Brant, Marco Ricca, Maurício Paroni de Castro, Luiz Francisco Carvalho Filho, Sérgio Andrade Sant’Anna e Silva, impossibilitados de comparecer. O Presidente entregou ao escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque o Prêmio Machado de Assis para Conjunto de Obra. A seguir, passou-lhe a palavra.

- O escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque discursou agradecendo em nome de todos os agraciados. O Presidente determinou que seu discurso fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Encerrou a sessão.

PRÊMIOS LITERÁRIOS DE 2007

*Palavras do Acadêmico Domício Proença Filho**

Senhor Presidente Marcos Vinícios Vilaça
Senhor Secretário-Geral Cícero Sandroni
Senhor Diretor-Tesoureiro Evanildo Bechara
Senhoras Acadêmicas
Senhores Acadêmicos
Senhoras dos Senhores Acadêmicos
Senhoras e Senhores

Esto brevis et placebis. Fiel à lição clássica, serei breve.

A Academia Brasileira de Letras cumpre, neste momento uma das suas mais gratas tradições: a concessão dos Prêmios anuais por ela instituídos.

Assume a Casa de Machado de Assis, ainda uma vez, a missão a ela inerente de incentivar a ação daqueles que fazem a cultura brasileira contemporânea. Destacadas as áreas da literatura, da tradução, da história e das ciências sociais, a que se acrescenta, pela primeira vez neste ano, a premiação ao cinema, em especial,

* Proferidas na sessão extraordinária do dia 20 de julho de 2007.

aos roteiros cinematográficos. Em primeiro plano, a consagração destinada ao conjunto de obra: o prêmio que leva o nome do primeiro Presidente Machado de Assis.

O estímulo assim caracterizado ganha relevância, no espaço da criação, diante do empenho da arte literária, já há algum tempo, em assegurar o seu lugar de centro como produto cultural configura, por outro lado o reconhecimento do exercício da reflexão, o culto do pensamento em profundidade sobre a realidade brasileira. E ainda da divulgação da melhor arte universal. E contempla, oportuna, as manifestações da sétima arte.

Vale ressaltar que a seleção dos agraciados resulta de duas instâncias dimensionadoras da significação e da representatividade do trabalho de cada um: a análise e a avaliação de comissões especializadas de Acadêmicos, fato já citado pelo presidente, a apreciação dos respectivos pareceres em sessões ordinárias do plenário.

À premiação associa-se, por outro lado e em boa hora, a praticidade do valor agregado, sem dúvida altamente gratificador, em que pesem os inevitáveis imperativos fiscais.

Em nome da Academia, cumpro com prazer a missão a mim delegada pelo senhor presidente e transmito aos premiados as congratulações da casa; parabéns.

Ao poeta Adriano Espínola, por sua *Praia Provisória*;

Ao poeta Alberto da Cunha Melo, por seu livro *O Cão dos Olhos Amarelos*;

A Rubem Fonseca, aqui representado por seu neto Antonio Pedro Fonseca, pelos contos de *Elas e as Outras*;

A Francisco Weffort, por seu livro de ensaios *Formação do Pensamento Brasileiro – Idéias e Personagens*;

A Adélia Prado, pelo seu *Quando eu Era Pequena*, premiado em literatura infanto-juvenil;

A Bárbara Heliodora, pela publicação da tradução da obra de Shakespeare;

A Laura de Mello e Souza, premiada em história e ciência social, com *O Sol e a Sombra*;

A Paulo Halm, roteirista do filme “Achados e perdidos”

Aos roteiristas do filme “Um filme delicado: Marçal Aquino, Beto Brant, Marco Ricca, Mauricio Paroni de Castro, Luiz Francisco Carvalho Filho, Sérgio Sant’Anna e Silva.

Muito obrigado, Senhoras e Senhores.

AGRADECIMENTO

*Palavras do Sr. Roberto Cavalcanti de Albuquerque**

Aos 110 anos, impõe-se obediência à tradição e seus mistérios, aos ritos e sua solenidade construídos ao longo do tempo por esta venerável Academia Brasileira de Letras. Eles consubstanciam o que, inspirado no acadêmico José Sarney, vou chamar a liturgia da Casa. Ela determina que eu agradeça, em nome dos premiados, as distinguidas honrarias recebidas.

Faço esses agradecimentos com muito gosto. Em nome de Rubem Fonseca, referência da ficção nacional, pelo prêmio aos contos de *Ela e Outras Mulheres*. Em nome de Alberto da Cunha Melo, pelo prêmio à poesia encantada de *O Cão de Olhos Amarelos & Outros Poemas Inéditos*; e de Adriano Espínola, poeta da pluralidade urbana, pelo prêmio a sua *Praia Provisória*. Em nome de Adélia Prado (ou seria de Parmela?) por *Quando eu Era Pequena*, um doce caminhar pelas lembranças da infância. Em nome de Francisco Weffort, por *Formação do Pensamento Político Brasileiro: Idéias e Personagens*, instigante trajetória dos construtores do Brasil como estado-nação. Em nome de Barbara Heliodora, irrepreensível tradutora da obra de Shakespeare. Em nome de Laura de Mello e Souza, pelos dez ensaios competen-

*Palavras proferidas na sessão extraordinária do dia 20 de julho em agradecimento ao prêmio recebido, em nome de todos os agraciados.

tes de *O Sol e a Sombra: Política e Administração na América Portuguesa do Século XVIII*. E em nome dos roteiristas Paulo Halm, do filme “Achados e perdidos”, e Marçal Aquino, Beto Brant, Marco Ricca, Maurício Paroni de Castro e Luiz Francisco Carvalho Filho, do filme “Um crime delicado”. Prêmios, esses todos, mais que merecidos.

Gratidão manifesta ainda à Academia este autor de obra dispersa e diversa. Obra de ensaísmo que percorre vários campos da experiência humana e do conhecimento. Produzida nos últimos cinquenta anos, ela se espalha por dezenas de livros e centenas de estudos, papéis, artigos. Soma oito mil páginas da pena deste mesmo autor, reconhecido pela alta distinção que lhe concedeu esta respeitada Casa ao distingui-lo com o Prêmio Machado de Assis.

Em discurso-programa fundador, de 20 de julho de 1897, Joaquim Nabuco, o primeiro secretário-geral desta Academia Brasileira de Letras, propôs:

“...o princípio vital literário que precisamos criar por meio desta Academia (...) é a responsabilidade do escritor, a consciência de seus deveres para com sua inteligência (...). A responsabilidade não pode ameaçar nenhuma independência, coartar nenhuma ousadia; é dela, pelo contrário, que saem todas as nobres audácias, todas as grandes rebeldias”.

O escritor intenta compreender e explicar o mundo. Pela palavra, exprime e difunde sentimentos, idéias. Sua influência espelha a criatividade, a independência do pensamento, a capacidade de propor soluções, o compromisso com a verdade — a verdade do fato e não torcidas versões. Essas qualidades conferem ao intelectual que ele é desprendimento, imprevisibilidade, insubmissão — no limite, a postura de um libertário.

É fácil explicar o desejo de todos os governos de cooptar e controlar os intelectuais. Difícil é aceitar a tese gramsciana do “intelectual orgânico”, a rigor um clérigo submisso à cultura dirigida.

Já não se dispõe do abrigo de uma esquerda ou direita como balizas ideológicas seguras. Em meio a configurações políticas mutantes e sobrepostas, prati-

cam-se hoje em dia alianças flutuantes, mais táticas do que estratégicas. Predominam o pasteurizado das idéias, a moral da conveniência, as certezas provisórias, os pactos frouxos, a palavra descartável, o puro oportunismo.

Tornou-se, pois, irrealista exigir de pronto dos intelectuais posicionamentos claros e construtivos que sejam faróis a iluminar a sociedade. Ou engajamentos conseqüentes e duradouros.

Aqueles de grande visibilidade — para quem ser é aparecer na televisão — são quase sempre os mesmos que estão assistindo passivos aos deslizes ideológicos e à derrocada ética de suas escolhas político-partidárias. Escondem-se dos fatos falseando-lhes as evidências. Abraçam em fuga as causas em moda.

Quanto aos intelectuais menos adictos aos palcos iluminados — sim, o Brasil, suas universidades, esta Academia e outras instituições de pesquisa e reflexão os possuem —, não há como presumir desde logo seu silêncio, acusá-los de omissão, decretar-lhes a obscuridade. Eles continuam produzindo e comunicando: nas salas de aula; nos fóruns e seminários; nas revistas mais nomeadas; em seus livros; na grande imprensa. Para eles, o espaço do diálogo conseqüente quase nunca é o do debate televisivo, comumente adstrito à razão instantânea, às idéias desidratadas, às palavras dissolventes.

O pensamento tem sua própria duração, sendo arriscado apressá-la. À eloqüência fácil é preferível a força das idéias. Quando elas tardam é porque ainda amadurecem.

Aos 110 anos, sob a presidência inovadora e unânime de Marcos Vilaça, esta Academia Brasileira de Letras — viva, vivíssima — vive um novo tempo. Tempo de abertura, de convivente interação com a sociedade, de diálogo construtivo sobre temas relevantes da agenda nacional. Ela segue Nabuco: responsável, consciente dos deveres para com a inteligência, independente. E sem reprimir as nobres audácias, as grandes rebeldias.

SESSÃO DO DIA 26 JULHO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente anunciou que, antes de dar início à sessão, gostaria da atenção dos acadêmicos para a exibição da “janela” a respeito dos 110 anos da Casa, que foi incluída no Portal da ABL. Procedeu-se a uma pequena demonstração, acompanhada de apresentação, feita pelo Dr. Raphael Pinheiro.
- O Presidente registrou e agradeceu a contribuição do Dr. Rafael Pinheiro e dos Srs. Ubiratan Barreto Sobreiro e Antonio José Ferreira, que muito se envolveram neste trabalho.
- O Presidente declarou aberta a sessão e submeteu ao plenário a Ata do dia 19 de julho de 2007, que foi aprovada. Comunicou que a Acadêmica Zélia Gattai Amado superou mais uma crise de saúde e passa bem, em sua residência.

Informou que, após a sessão, como ocorreu na anterior, haverá distribuição aos acadêmicos de novos brindes comemorativos dos 110 anos da Casa. Voltou a informar que a confecção dos mesmos não representou qualquer ônus para a Academia. Todos foram conseguidos com apoio cultural do setor privado brasileiro. São peças de boa qualidade e dignos da Academia. Deu conhecimento de que as medalhas, destinadas a pessoas ou instituições indicadas pelos Acadêmicos, serão distribuídas posteriormente. Pediu sugestões aos confrades no sentido de que a entrega das mesmas não se torne cansativa, nem pareça de menor relevância. Entende que esse ponto de equilíbrio é difícil de encontrar, mas as sugestões que lhe vierem são de alta valia. Registrou ter recebido algo muito importante, que prestigia a memória de Rachel de Queiroz. Trata-se da reprodução de uma placa que está na Base de Operações dos Fuzileiros Navais, no Haiti. Lembrou que os Fuzileiros Navais têm a autora de *O Quinze* como madrinha e esta placa, com o texto em que Rachel enaltece aquela corporação, é muito significativa. O Comandante do Corpo de Fuzileiros Navais o visitou, hoje pela manhã, trazendo a reprodução da peça, e ficou gratamente surpreendido ao saber que este ano se comemoram os 30 anos da posse da Acadêmica Rachel na Academia. Na oportunidade, convidou os acadêmicos para uma visita, no dia 23 de agosto, à Fortaleza de São José, seguida de almoço. Informou que às 14 horas estarão de volta à Academia. Comunicou tratar-se de uma quinta-feira, para facilitar o deslocamento dos Acadêmicos. Informou ter dado ciência dessa homenagem à família da Acadêmica Rachel de Queiroz e à Academia. Além de fazê-lo pessoalmente, formalizou, com documento, o agradecimento ao Comando do Corpo de Fuzileiros Navais. Informou que, em manifestação do apreço dos países da comunidade lusófona à Academia Brasileira de Letras, os Embaixadores de Portugal, Angola, Moçambique e Cabo Verde virão à Academia no dia 13 de setembro, para um Chá com os Acadêmicos, e a liderança desta visita será do Embaixador Seixas da Costa, de Portugal. Deu conhecimento à Casa de que o Governador Sérgio Cabral lhe enviou um cartão, reiterando o convite para receber os Acadêmicos e Senhoras, no Palácio das Laranjeiras, para o jantar de honra pelo aniversário da ABL, e a Sra. Lily Marinho o procurou para dizer que também fará, em sua

casa, o jantar que estava programado para o dia 21 de julho. Portanto os dois jantares não foram cancelados, apenas adiados. Comunicou que, no próximo dia 9 de agosto, serão lançados os livros editados pela Academia e deste assunto o Acadêmico Antonio Carlos Secchin poderá dar uma notícia mais detalhada. Prosseguindo, disse que a Diretoria se preocupou com a utilização do Teatro R.Magalhães Júnior e da Sala José de Alencar, ambas em processo de atualização e modernização. Acrescentou que, provavelmente, no dia 21 de setembro, o Ministro da Cultura virá inaugurar, com uma apresentação artística a seu critério e gratuita, a abertura do Teatro. Deu conhecimento aos Acadêmicos, que ainda não puderam visitar as obras, que a Academia vai ter uma sala de espetáculo de primeiríssima qualidade, pelo equipamento de iluminação, de som, sistema de poltronas, sistema acústico, e tudo de última geração. Assegurou que a Casa vai dispor de um dos melhores teatros do Rio de Janeiro. Precisa, portanto, ser utilizado com normas rigorosas, que o dignifiquem e seja também um mecanismo de receita para a Instituição. Informou que nomeara uma Comissão presidida pelo Acadêmico Tarcísio Padilha e integrada pela Acadêmica Ana Maria Machado e pelo Acadêmico Domício Proença Filho que, dentro de sessenta dias, oferecerão um conjunto de normas para o uso do Teatro. Para tanto, consultou os colegas de Diretoria que o acompanharam nessa preocupação e orientação administrativa. Enfatizou que ele e o Secretário-Geral estão empenhados num esforço para ir buscar os recursos obtidos pela Academia que, por força da greve na área da cultura, ainda não foram liberados. A Academia deu início a obras que não podem parar, obras de custo elevado e para as quais a Casa tem financiamento já autorizado pelas empresas patrocinadoras. Assinalou tratar-se de um efeito que atinge a Academia não só neste ano, mas também a área da cultura em geral no próximo. Lembrou que há exposições que vieram do exterior para museus brasileiros e ficaram sem que ninguém as visse. A Academia está retirando dinheiro das suas reservas para pagar as obras, por força da não liberação dos recursos autorizados para as mesmas. Acrescentou que foi possível, entretanto, liberar alguns recursos. Da Vale do Rio Doce, R\$ 600.000,00 (seiscentos mil reais), cerca de R\$ 400.000,00 (quatrocentos mil reais) para o teatro, patrocinado

pela Petrobras e ainda R\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil) do BNDES, para as exposições. Lembrou que ainda não foram liberados R\$ 4.000.000,00 (quatro milhões) da Petrobras, mesmo com a carta de adesão e atendida toda a burocracia que envolve esses patrocínios. Parte dessa importância é indispensável para enfrentar os elevados custos da Biblioteca Rodolfo Garcia. Destacou que a referida biblioteca recebeu recursos da Petrobras para sua manutenção até julho de 2007 e, a partir de agora, todas as despesas correm por conta da ABL. Acrescentou que não entende a Academia como caderneta de poupança, no exercício de avareza ou que simplesmente queira amearhar dinheiro. Não tem essa visão. Acredita que a Casa deve atender às necessidades dos acadêmicos, especialmente em questões de saúde, reinvestir no seu patrimônio e realizar seus projetos culturais. Salientou que a Casa está preocupada em manter o padrão de desempenho e, para tanto, esforça-se no sentido de que os recursos autorizados sejam liberados. Se a greve acabar amanhã, a liberação não ocorrerá imediatamente, exigirá a regularização da situação, devido à burocracia. Ressaltou que, felizmente, a ABL desfruta de situação diferenciada em relação a todas as instituições do gênero, graças ao ativo imobiliário onde se destaca o Palácio Austregésilo de Athayde. Apontou como exemplo o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, que se encontra com dificuldades, bem como a Academia Nacional de Medicina. Felizmente, a Academia Brasileira de Letras dispõe de recursos, obtidos e solidamente conservados e administrados por todas as Diretorias que precederam a atual. Disse que não está tocando sineta de alarme, porque não é o caso; está afirmando apenas que a Diretoria tomou algumas medidas, como por exemplo: não se fará nada novo, apenas será cumprido o que já está programado.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre a Fundação Bradesco, que este ano completa 51 anos de criação. Ressaltou que, fundada em 1956, pelo pioneirismo do grande empresário brasileiro Amador Aguiar, vem, ao longo desses anos, desde o primeiro dia, financiando programas culturais e educacionais, ecológicos, comunitários e científicos. Por todos estes motivos, propôs que a Academia Brasileira de Letras conceda à Instituição a Me-

dalha João Ribeiro (O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*).

- O Presidente comunicou que a proposta será encaminhada à Diretoria para estudo e posteriormente marcada uma data para discussão e votação no plenário da Casa.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva registrou o falecimento, ocorrido há poucos dias, em São Luís do Maranhão, de Lucy Teixeira, que foi poetisa, contista e grande mulher de cultura. Lembrou que Lucy pertenceu à geração de Bandeira, Tribuzi, Ferreira Gullar, José Sarney e Lago Burnett. Foi também assistente do mestre Antonio Lopes, nos seus maravilhosos estudos sobre o cancionário popular no Norte do Brasil. Discorreu sobre essa mulher, de invulgar e extraordinária presença e que se reduziu ao silêncio nos últimos vinte anos, depois que teve o romance de sua vida, que passou mais de trinta anos escrevendo, perdido por um editor, no Rio de Janeiro. Lucy desistiu de escrever até dois anos atrás, quando publicou um novo e brilhante livro de contos. Em sua opinião, era ela, sobretudo, a poetisa de *Elegia Fundamental* e de *Primeiros Palimpsestos*. Deteve-se em *Elegia Fundamental*, dedicada à morte da sua mãe, que considera uma das mais belas elegias escritas na língua portuguesa, de uma pungência e de uma comoção extraordinária. Foi essa grande poetisa que acaba de falecer em sua terra natal, São Luís do Maranhão, à qual ela retornou após décadas de vida na Itália. Contou que teve, em Roma, o prazer e a alegria de com ela conviver e beber de sua sabedoria.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco declarou ter recebido com grande tristeza a notícia que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva acabara de dar. Assinalou que conviveu intensamente, em Roma e Bruxelas, com Lucy Teixeira, por quem tinha uma amizade fraterna. Falou da grande poetisa, que escreveu um poema muito bonito numa ocasião muito delicada e especial da sua vida. Considerava-a uma pessoa extraordinária, como ser humano e como escritora, e associou-se a tudo que aqui foi dito.

- O Acadêmico Sábato Magaldi associou-se também à homenagem a Lucy Teixeira, que foi uma grande amiga e cuja morte lhe deixa extremamente triste neste momento. Acredita que todos sabem da qualidade da sua literatura, que certamente vai ficar na sua história.
- O Presidente solicitou que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva fornecesse à Diretoria nomes de pessoas e Instituições a que a Academia deva se dirigir manifestando e dando contas deste gesto de solidariedade. O Acadêmico indicou a Academia Maranhense de Letras.
- O Presidente comunicou que a Diretoria enviará correspondência à Academia Maranhense de Letras e tomará providências para que a Assessoria de Imprensa divulgue, em particular no Maranhão, a decisão que o plenário acaba de tomar.
- O Acadêmico Carlos Nejar informou ter sabido pela televisão, que a greve do Ministério da Cultura deverá terminar amanhã.
- O Presidente afirmou que tem igual informação e está esperançoso. Prosseguindo, pediu aos Acadêmicos que desejam fazer a visita ao Forte de São José e almoçar com o Comando dos Fuzileiros Navais, que notifiquem à Secretária da Presidência, Senhorita Juliana, para poder informar quantos irão. Dirigiu uma palavra de agradecimento à adesão pronta, de forma solidária e simpática dos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Ana Maria Machado e Domício Proença Filho ao aceitar a tarefa de normatizar o uso do Teatro R. Magalhães Júnior e da Sala José de Alencar. Ressaltou que o Acadêmico Tarcísio Padilha, bem como os outros dois Acadêmicos, têm sido notáveis na maneira como contribuem e aconselham, com competência e sentido de participação na administração. Acrescentou que quem administra sente muito a necessidade daqueles que participam e assumem também a responsabilidade pelos atos de gestão. Esta participação é gratificante e honra muito a Casa. Encerrou a sessão.

FUNDAÇÃO BRADESCO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça.
Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Completam-se, neste 2007, nada menos de 51 anos de criação da Fundação Bradesco, que desde o seu primeiro dia vem financiando projetos culturais, educacionais, ecológicos, comunitários e científicos.

Ela foi fundada em 1956, pelo pioneirismo do grande empresário brasileiro, que se chamou Amador Aguiar.

Ao longo de todos esses anos, sob o comando e a liderança de Lázaro Brandão, e dos seus vários companheiros, entre outros: Antônio Bornia, Márcio Cypriano, Tácito Sanglard e Luiz Carlos Trabuco Cappi, a Fundação Bradesco vem realizando uma verdadeira cruzada contra o analfabetismo e a favor da educação e da cultura no Brasil.

Em todo o País, ela mantém 40 escolas, nas quais são oferecidos: Ensino Fundamental; Educação Profissional Técnica de Nível Médio; Formação Inicial

* Proferidas na sessão do dia 26 de julho de 2007.

e Continuada de Trabalhadores, além do Ensino de 110 mil Crianças, Jovens e Adultos, a maioria vinda de famílias carentes.

Nesse meio século e nessas Escolas, já foram formadas e capacitadas 670 mil pessoas.

No ano passado, foram investidos em todos esses Programas nada menos de 200 milhões de reais e outros 200 milhões estão previstos para aplicação no atual exercício financeiro.

Foram distribuídos 400 mil uniformes, 350 mil cadernos e 14 milhões de merendas e refeições balanceadas, além de 1.500 Kits pedagógicos, com livros didáticos de matemática, português, história, literatura, geografia e ciências.

A taxa de aprovação tem oscilado em torno dos noventa e seis por cento, com uma taxa de apenas 2 por cento nos índices de evasão.

São oferecidos ainda um Curso de Informática para Deficientes Visuais, um Curso para Aprendizes, Centros de Inclusão Digital, uma Biblioteca com milhares de livros, e uma Videoteca com material pedagógico de apoio.

Anualmente, a Fundação promove o Dia Nacional de Ação Voluntária, numa mobilização de alunos e professores em favor das cidades nas quais são mantidas as suas quarenta escolas, com a participação de trinta mil voluntários, um milhão e meio de atendimentos médicos, sanitários, dentários, psicólogos e nutricionistas.

No âmbito cultural, destacam-se os patrocínios da Fundação à Editoração de livros e álbuns de arte, à exposição de artes brasileiras, mesas-redondas, cursos de palestras e conferências, como, há vários meses, o Projeto “Brasil, brasis”, aqui, desta Academia.

Só durante o primeiro semestre deste ano, ela já patrocinou apresentações da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro e o II.º Festival “Amazonas de Ópera”, em Manaus. Participou do espetáculo em favor do Hospital do Câncer de Barretos e do evento ecológico “Viva a Mata”, da Fundação SOS Mata Atlântica. Deu seu patrocínio à Exposição “Darwin – a descoberta do homem”, no

MASP de São Paulo e à Exposição “Leonardo da Vinci – A Exibição de um Gênio”, no Parque do Ibirapuera, de São Paulo.

Apoiou a vitoriosa campanha “Vote Cristo”, que elegeu o Cristo Redentor como uma das sete novas maravilhas do mundo e o “II Forum da Liberdade” em Copacabana, com debates sobre questões como saúde, planejamento, segurança e qualidade de vida, para estimular a reflexão de como enfrentar as mudanças na configuração demográfica do Brasil e do Mundo.

Poucas organizações brasileiras, Senhor Presidente, Senhoras e Senhores Acadêmicos, têm se destacado tanto nos âmbito editorial, educacional e cultural deste País quanto a Fundação Bradesco, com o patrocínio destinado a iniciativas educacionais e culturais.

O nosso Regimento é muito sábio, quando, em seu Art. 65, determina que “a Medalha João Ribeiro distinguirá pessoas ou instituições nacionais que se tenham notabilizado no âmbito editorial e cultural”.

E, no Parágrafo Único desse mesmo artigo, estabelece que “a proposta para atribuição dessa Medalha será feita por qualquer Acadêmico, justificadamente, e encaminhada à Diretoria, que a submeterá ao Plenário”.

É o que estou fazendo neste momento, Senhor Presidente, para que esta Academia conceda a sua maior condecoração, que é justamente a Medalha “João Ribeiro”, à Fundação Bradesco, neste seu 51.º aniversário, por ser de Justiça e em reconhecimento aos notáveis serviços que ela, há tantos anos, vem prestando e ainda prestará à Inteligência e à Cultura brasileiras.

SESSÃO DO DIA 2 DE AGOSTO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar e Tarcísio Padilha.

- O Presidente declarou aberta a sessão e submeteu ao plenário a Ata do dia 26 de julho de 2007, que foi aprovada. Festejou com uma salva de palmas o aniversário do Acadêmico Celso Lafer, ocorrido no dia 7 de agosto. Salientou que tem sido rotina nas comunicações da Presidência o cuidado com as questões financeiras da ABL e informou que os recursos do BNDES já foram liberados e serão depositados na conta da Academia. Informou que esteve com o Ministro Interino, Dr. Juca Ferreira, que lhe deu notícia de determinações categóricas para a boa tramitação dos projetos da ABL. Ressaltou que há grande interesse do titular do Ministério, o Ministro Gilberto Gil, em atender à Academia. Informou que tem feito visitas a outras empresas do setor privado, às quais propõe a obtenção de

mais recursos para o próximo semestre. Deu notícia de que esteve, junto com o Acadêmico José Sarney, em reunião com a Dra. Suzana Segall, Presidente do *Council of Américas*, com sede em Nova York, instituição que trata de questões econômicas e culturais de interesse na América Latina com patrocinadores do setor privado cujo objetivo é atender a áreas culturais que não tenham cobertura de programa governamental americano. Informou que pleiteou apresentar, em nome da ABL, com o envolvimento e o estímulo do Acadêmico José Sarney, projeto relacionado com o Centenário de falecimento de Machado de Assis em 2008. Solicitou ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva, Presidente *ad hoc* da Comissão Machado de Assis, que se encarregasse do projeto para que, dentro de trinta dias, houvesse condições de se concretizar, até o próximo mês de dezembro, proposta definitiva sobre a matéria. Registrou o prazer da Casa com a estréia do filme “O Dono do Mar”, baseado na obra do Acadêmico José Sarney, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Observou que, a pedido da Presidência, a estátua de Manuel Bandeira recebeu iluminação mais adequada. Informou que a Presidência da República entrou em contato com a Academia para que a solenidade em homenagem aos 110 anos da Casa fosse transferida para o dia 28 de setembro, às 17h 30min. Informou que a empresa que administra os interesses artísticos do Ministro Gilberto Gil confirmou o espetáculo para a abertura do Teatro R. Magalhães Jr. Submeteu ao Plenário, passados os prazos regimentais, a aprovação da proposta do Acadêmico Murilo Melo Filho para concessão da Medalha João Ribeiro à Fundação Roberto Marinho, proposição aprovada.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha pediu a palavra para tratar de dois assuntos. Iniciou com a designação pelo Presidente de seu nome para presidir uma comissão que estabelecerá normas para o uso do Teatro R. Magalhães Jr. e da Sala José de Alencar, comissão também integrada pela Acadêmica Ana Maria Machado e pelo Acadêmico Domício Proença Filho. Ponderou que será absolutamente indispensável a participação dos demais Acadêmicos, no sentido de encaminharem sugestões a serem levadas em conta, em relação à nor-

matividade que se espera da Comissão. Informou que o Acadêmico Domício Proença Filho já apresentou um roteiro de itens a serem considerados e sugeriu que seja distribuído aos Acadêmicos. Com relação ao segundo assunto, registrou o falecimento do filósofo Ubiratan Borges de Macedo, uma grande figura da especulação filosófica. Um pensador que, juntamente com o Acadêmico Celso Lafer, foi um dos maiores conhecedores da obra do Acadêmico Miguel Reale. Graduou-se em Filosofia e Direito, fez especialização em Filosofia do Direito, na Universidade de São Paulo, com Miguel Reale e Renato Czerna. Mais tarde foi para a Université de Louvain-la-Neuve, onde cursou Pós-Graduação ao tempo em que Jean Ladrière, Furstenberg e muitos outros pontificavam. Era um pensador católico e por isso foi levado a estudar o Tomismo. Assinalou que, a partir de certo momento, sentiu que cumpria fazer outra opção, ao invés de aprofundar os estudos através de manuais e tratados. Disse: “Vou me desvencilhar de tudo isto, uma vez que estas obras me propiciaram à captação das categorias especulativas que são dispensáveis à reflexão filosófica, mas não me abriram aquelas avenidas com as quais sonhava, avenidas mais propícias a criatividade filosóficas”. Lembrou que passou sua vida a estudar grandes filósofos, como Nietzsche, Roussell, Max Scheler – para ele o mais brilhante dos filósofos da modernidade – e Gusdorf, que foi uma espécie de mestre. Ressaltou que Ubiratan Borges de Macedo deixou-nos uma obra em que é patente a preocupação com a liberdade. Foi um pensador que circulou pela área da axiologia, da filosofia do direito e da filosofia política, lecionando em vários cursos de pós-graduação. Proferiu várias conferências na Academia, promovida pelo Centro Dom Vital e delas participou sempre com o espírito aberto ao diálogo e ao debate. Finalizando, acrescentou que o pensamento brasileiro perde um de seus corifeus.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça associou-se à manifestação de louvor e saudade feita pelo Acadêmico Tarcísio Padilha. Ofereceu aos Acadêmicos o primeiro exemplar do livro *Machado de Assis*, de Alfredo Pujol, que resultou do acordo da Academia com a Imprensa Oficial de São Paulo.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho ofereceu o livro *Rosa de Ouro*, publicado pela editora da Universidade Federal de Minas Gerais, livro póstumo do Acadêmico Afonso Arinos de Melo Franco, organizado por seu filho, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que disse que, como bom ourives, juntou todos os preciosos ensaios e os organizou neste livro muito bem impresso.
- O Acadêmico Lêdo Ivo comunicou o transcurso, este ano, dos 80 anos do romancista Moacir C. Lopes. Lembrou que ele, ao estrear em 1959, com o romance *Maria de Cada Porto*, surpreendeu o cenário literário, ao trazer para a nossa ficção um sopro novo, como “romancista do mar”. Acentuou ainda que Moacir C. Lopes, nascido no interior do Ceará, veio de uma família humilde, tanto assim que fora ajudante de padeiro e em seguida ingressara na Marinha de Guerra. De sua experiência de marujo, participando de operações navais durante a Segunda Grande Guerra, e depois conhecendo vários países do mundo, acumulou vivências que estão presentes em outros romances da inspiração marítima, como *Cais, Saudade de Pedra, A Ostra e o Vento* (adaptado para o cinema em 1997), *O Navio Morto e Outras Tentações do Mar, Onde Repousam os Náufragos e As Fêmeas da Ilha Trindade*. Após se consagrar como romancista do mar, Moacir C. Lopes se impôs como um admirável “romancista da terra”, como comprova o recente livro *A Ressurreição de Antonio Conselheiro e a de seus 12 Apóstolos*, no qual é revivida, numa ficção vigorosa, a epopéia de Canudos. Finalizando, o Acadêmico Lêdo Ivo sustentou que Moacir C. Lopes, ao longo de sua carreira, construiu uma obra bela e consistente, que o coloca na primeira linha da ficção brasileira contemporânea.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho encaminhou ao Centro de Memória da Academia um documento importante. Trata-se da primeira discussão judicial no Brasil sobre Direitos Autorais. O ofertante é o Advogado Gustavo Martins de Almeida, especialista em Direito Autoral e fez uma brilhante exposição quando da mesa-redonda na ABL sobre o assunto. Relatou que o livreiro Nicoláo A. Alves organizou um livro de clássicos em 1875 e incluiu dois textos: *Trechos Clássicos* e *Beautés de Chateaubriand*. Os livros fizeram tanto

sucesso, que o Inspetor Geral de Instrução Primária indicou para adoção nas escolas. Em seguida, os livreiros Seraphin José Alves e João Martins Ribeiro imprimiram obras idênticas e pretendiam colocá-las à venda, quando Nicoláo ajuizou o arresto que foi deferido. Destacou que o opúsculo encaminhado ao Centro de Memória é uma das petições de Nicoláo Alves e assinalou que a petição é assinada por um grande jurista, José da Silva Costa, e que depois representou a Família Imperial no exílio.

- O Acadêmico Moacyr Scliar deu notícia de que esteve na Feira de Livro de Lima, a convite da Embaixada Brasileira. Feira muito grande e bem organizada. Relatou que voltou com a sensação incômoda provocada pelo pouco que se sabe da Literatura Brasileira, diante do que ouviu de um palestrante que afirmou que Peru e Brasil são países vizinhos, mas é como se vivessem de costas um para o outro. Acredita que esse problema deve merecer atenção em função daquilo que foi lembrado pelo Presidente a respeito da atividade conjunta com a organização norte-americana. Sugeriu que se reconheça o esforço de pessoas que, em outros países, se dispõem a divulgar a Literatura Brasileira. Machado de Assis é um exemplo disso. Nos Estados Unidos, muita gente estuda Machado de Assis, estuda porque gosta, não por ser obrigação. Na sua opinião, Machado de Assis e Clarice Lispector são os dois escritores mais estudados nas universidades americanas. Propôs que essa atividade se dirija àquelas pessoas que, nos Estados Unidos, pesquisam Machado de Assis revelando o Brasil aos Estados Unidos através de sua obra.
- O Acadêmico Antônio Olinto ressaltou que o livro *Machado de Assis*, de Alfredo Pujol, está entre os melhores livros sobre Machado de Assis, pela minúcia dos estudos dos poemas de Machado. Elogiou o trabalho do Acadêmico Alberto Venancio Filho, pelo carinho com que fez o prefácio e a quarta página. Uma grande edição da Academia que inicia muito bem a celebração do centenário da morte de Machado de Assis.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, em referência ao que foi dito pelo Acadêmico Moacyr Scliar, registrou que foi celebrado um convênio en-

tre a Universidade Candido Mendes e a Universidade Ricardo Palma para a criação de uma Cadeira de Estudos Latino-Americanos e Brasileiros, que terá presença simultânea, funcionando em Lima e no Rio de Janeiro. Correspondo ao que foi dito pelo Acadêmico Moacyr Scliar, salientou que o Brasil conhece menos da literatura peruana do que os peruanos da literatura brasileira. Há uma falta completa de visão latitudinal desse conhecimento e esse protocolo já está definido. Convidou o Acadêmico Moacyr Scliar para, no mês de março de 2008, abrir a Cadeira, em Lima.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco agradeceu as referências honrosas que fez o Acadêmico José Murilo de Carvalho ao livro póstumo de seu pai, *A Rosa de Ouro*, que acaba de ser editado pela Universidade Federal de Minas Gerais, antigo projeto literário de seu pai. Ele tinha tanta vontade de publicar esse livro que mandou, literalmente, fazer uma rosa de ouro e a ofertou à sua mãe. Assinalou que não podia deixar de dar conhecimento público do último trabalho escrito por seu pai, do ponto de vista não só histórico, mas econômico, plástico, literário, enfim, trata de toda a explosão cultural do Século XVIII, em Minas Gerais. Procurou, dentro de toda a sua obra, encontrar pétalas dessa rosa, porque ele havia passado cinquenta anos da sua vida escrevendo sobre esse tema. Ponderou que o único mérito do seu trabalho foi encontrar tudo que se referia à essa explosão cultural e juntar num único volume. Declarou que essa foi a intenção que espera ter realizado nesse livro, apenas para não deixar caírem no vazio as últimas páginas de um escritor mineiro, que dedicou a vida inteira a estudar esse tipo de assunto, para que elas fossem fixadas concretamente.
- O Presidente convidou a todos para a mesa-redonda comemorativa do centenário do nascimento de R. Magalhães Jr., da qual participarão os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Lêdo Ivo, Carlos Heitor Cony, Murilo Melo Filho e Rosa Magalhães, filha do saudoso Acadêmico. Encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 9 DE AGOSTO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 2 de agosto, que, após retificação feita pelo Acadêmico Domício Proença Filho, foi aprovada. Festejou a entrega do Prêmio SCOPUS 2007, da Elsevier América Latina, em parceria com a CAPES, ao Acadêmico José Murilo de Carvalho, premiação que se destina a reconhecer pesquisadores brasileiros que apresentem produção de alto destaque e excelência retratada na base de dados SCOPUS. Congratulou-se com a Academia pela indicação do Acadêmico Marco Maciel para a Presidência da Comissão de Constituição e Justiça do Senado. Informou que, por sugestão do Acadêmico Alberto Venancio Filho, a Academia irá prestar homenagem aos 90 anos do Acadêmico de Josué Montello, no dia 30 de agosto. Lembrou ao Plenário

rio que, no ano de 2008, comemora-se o centenário de nascimento do Acadêmico Carlos Chagas Filho e sugeriu que se prestasse homenagem ao grande Acadêmico. Informou que a Academia obteve patrocínio da empresa OI para atender às despesas da sessão dos 110 anos da Casa. Adiantou que está trabalhando para obter, do setor privado, patrocínio para cobrir o orçamento da abertura do Teatro R. Magalhães Jr. Informou que se encerraram os prazos para indicação de destinatários da Medalha Comemorativa dos 110 anos da Academia. Submeteu ao Plenário a aprovação da concessão da Medalha João Ribeiro à Fundação Bradesco, proposta pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. Proposição aprovada. Submeteu, também, a aprovação da aposição, em locais da Casa, dos retratos dos Acadêmicos Luis Viana Filho, Aurélio Buarque de Holanda, Adonias Filho, Herberto Sales, Pedro Calmon e Oscar Dias Corrêa. Proposição também aprovada. Confirmou a data de 28 de setembro para a comemoração dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras e informou que será entregue, naquela data, a Medalha João Ribeiro outorgada este ano ao Dr. Antônio de Oliveira Santos, à Fundação Bradesco e à Fundação Roberto Marinho.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho discorreu sobre a utilização da Sala de Videoconferências, que teve aumentada sua procura, diante do desconforto e da insegurança nos aeroportos de Congonhas, Cumbica, Santos Dumont e Tom Jobim. Informou que, desde a sua inauguração, em janeiro de 2005 e até maio de 2007, ao longo destes últimos 27 meses a Sala já faturou a importância de R\$ 243.000,00 (Duzentos e quarenta e três mil reais), que, embora não representem uma quantia altamente significativa, já é bastante para ressarcir o montante aplicado na compra do equipamento.
- O Acadêmico Domício Proença Filho destacou que todas as atividades culturais da Academia só se tornaram possíveis graças ao trabalho de uma geração de Acadêmicos capitaneado pela liderança de Austregésilo de Athayde, o que se torna ainda mais evidente no momento em que a Biblioteca Rodolfo Garcia, integrante do Palácio que leva o seu nome, começa a dar as primeiras demonstrações de relação custo/benefício da melhor qualidade.

- O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Domício Proença Filho, em nome da família Austregésilo de Athayde, a lembrança da construção do prédio que permitiu a instalação da Biblioteca Rodolfo Garcia, a sala de conferência e da sala de multimídia. Lembrou que o Palácio Austregésilo de Athayde foi construído por uma geração de Acadêmicos, muitos dos quais estão na Casa até hoje, de fato, sob a liderança de Austregésilo de Athayde.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva ressaltou que a Academia não pode trabalhar sem despesas, porque a cultura é cara e assinalou que a Biblioteca Rodolfo Garcia preserva o patrimônio mais importante da Casa, que são os livros.
- O Acadêmico Cícero Sandroni afirmou que, na sua opinião, a Biblioteca Rodolfo Garcia precisa se adequar ao orçamento da Casa.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho informou que a Biblioteca Rodolfo Garcia gasta corretamente, porque todas as contas foram aprovadas pela Petrobras.
- O Acadêmico Moacyr Scliar observou que se trata de uma questão da relação de custo/ benefício. Não se centraliza no dinheiro que se gasta, mas no benefício que esse gasto traz para a população brasileira. Esta é uma questão básica, que só pode ser respondida se outra questão for respondida antes: O que a Academia quer em relação à cultura brasileira? Se o objetivo é ter os livros à espera de alguém que venha consultá-los, ou o objetivo é a Academia se juntar a outras instituições que trabalham nessa área e procurar elevar o nível cultural da população, que é extremamente desamparada. Pensa que esta questão merece ser aprofundada para que se tenha uma orientação em termos de política cultural.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida secundou o que foi dito pelo Acadêmico Moacyr Scliar com dois dados relativos à universidade. Em todas as bibliotecas das universidades do Rio de Janeiro, há um declínio de

quinze a vinte por cento de leitores/ano. Cada vez menos se lê em bibliotecas universitárias. Julga que este é um dado da maior importância quanto à relação entre cultura e o livro; o livro está perdendo a interatividade com a disseminação, o desenvolvimento e o acesso de uma nova geração, que está trabalhando com a Internet, com o texto eletrônico e ressaltou que, num certo momento, a videoconferência da Academia cada vez mais será fundamental, para se resolver esse dilema. Destacou e louvou tudo o que está sendo feito na presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, que é o acesso a outro nível de cultura.

- A Acadêmica Ana Maria Machado, respondendo ao que foi observado pelo Acadêmico Moacyr Scliar, secundado pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida, disse que existe um projeto na ABL, e que está em fase final, tanto de elaboração quanto de patrocínio, e que se chama “Cenas Brasileiras”. Pressupõe o uso de videoconferência para dar cursos para professores sobre a literatura brasileira. É uma maneira de a Academia Brasileira de Letras participar diretamente da formação de novos leitores e de marcar sua presença atuando no incentivo à leitura e à valorização do livro na sociedade brasileira.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, adicionou, ao que foi dito pela Acadêmica Ana Maria Machado, o fato de que a ABL já obteve do setor privado o apoio cultural para desenvolver esse projeto.
- O Acadêmico Antonio Olinto registrou que, por acaso, dirige 39 bibliotecas populares na Cidade do Rio de Janeiro e que funcionam muito bem. Informou que, no ano passado, um milhão e trezentas mil pessoas passaram por essas bibliotecas dentro da Cidade do Rio de Janeiro, não só lendo livros, mas jornais, além de pesquisarem na Internet. Ressaltou que luta por essas bibliotecas porque, na sua opinião, são necessárias onde existe um público popular que gosta de ler. Finalizando, pediu ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça que o livro *Machado de Assis* seja enviado às 39 bibliotecas populares.

- O Acadêmico Cícero Sandroni assinalou que o Acadêmico Antonio Olinto não dirige essas bibliotecas por acaso, como acabou de dizer, as dirige pelo seu talento, sua experiência, sua competência, seu trabalho diuturno, reconhecido por todos na rede de Bibliotecas do Município.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho indagou a propósito da freqüência à Biblioteca Rodolfo Garcia, se a criação do Prêmio Afrânio Coutinho, com a finalidade de atrair o público, surtiu o efeito esperado e, ainda, se os candidatos, que se apresentaram para estudar a obra de Franklin de Oliveira, se tornaram consulentes habituais da Biblioteca.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, informou que, antes desse concurso, a média diária era de oito usuários. Durante o concurso, aumentou para dezoito, sinal então de que eles vieram efetivamente atuar nos espaços da pesquisa. Após o término do Concurso, houve um decréscimo de freqüência.
- O Acadêmico Carlos Nejar, como Presidente da Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, solicitou que o relator, por ele indicado, o Acadêmico Murilo Melo Filho, lesse o respectivo parecer.
- O Presidente lembrou que o Acadêmico Carlos Nejar preside a Comissão do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes na condição de Acadêmico mais antigo, portanto a ele compete a indicação do relator.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, como relator da Comissão, procedeu à leitura do Parecer. O Presidente determinou que o texto lido seja incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- A apresentação do parecer suscitou um debate do qual participaram os Acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Ivan Junqueira Lêdo Ivo, Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho e Helio Jaguaribe, que examinaram detidamente todos os aspectos da questão criada com a apresentação de dois pareceres pela mesma Comissão.

- O Presidente informou que a Diretoria ocupou-se, com responsabilidade, de examinar todo o assunto à luz do regulamento do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, que é o instrumento legal que baliza e orienta a discussão, e oportunamente submeterá à votação o parecer enviado pela maioria da Comissão. O plenário acatará ou não. Acatando, o assunto está concluído; recusando-o, aguarda-se uma indicação que esteja protegida por maioria simples. Se isso ocorrer, será encaminhada à votação. Se não houver, o prêmio não será concedido. Determinou que a Secretaria enviasse a todos os Acadêmicos o texto do Acadêmico Murilo Melo Filho. Marcou para o dia 23 de agosto, portanto dentro de quinze dias, a votação do parecer.
- O Presidente indagou ao Acadêmico Alberto Venancio Filho se desejava ler o relatório da Comissão Revisora do Regimento Interno da Academia, programado para a Ordem do Dia desta sessão.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho preferiu que essa leitura ficasse para a Ordem do Dia da próxima semana, em virtude do adiantado da hora.
- O Presidente informou que a matéria será objeto da pauta da próxima sessão. Comunicou ainda que serão lançados, na Sala dos Fundadores, os livros publicados este ano pela Academia. Acentuou que a Comissão de Publicações é presidida pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin. Lembrou aos confrades para, ao saírem, apanharem os seus exemplares. Encerrou a sessão.

PARECER DO PRÊMIO SENADOR JOSÉ ERMÍRIO DE MORAES

Apresentação do Acadêmico Murilo Melo Filho

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

O Secretário-Geral, Acadêmico Cícero Sandroni, em comunicação registrada na Ata da reunião do dia 29 de março deste ano de 2007, indicou (e o Plenário aprovou) o nome dos Acadêmicos Carlos Nejar, Affonso Arinos de Mello Franco, João de Scantimburgo, José Mindlin e Celso Lafer, como integrantes da Comissão encarregada de escolher e indicar a obra para receber o Prêmio Senador José Ermírio de Moraes.

Em consonância com o Parágrafo Único do Art. 58 do nosso Regimento e com a tradição que recomenda a escolha para a sua Presidência do mais antigo dos Acadêmicos, o Presidente Marcos Vilaça designou o Acadêmico Carlos Nejar para presidi-la.

E o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que solicitou à Diretoria o seu afastamento da Comissão, foi nela substituído por mim, e, em seguida, fui escolhido pelo seu Presidente para o cargo de Relator.

SENHOR PRESIDENTE.

Nessa qualidade de Relator, vou ler o voto da maioria da Comissão, assinado por três dos seus membros, os Acadêmicos João de Scantimburgo, José Mindlin e Celso Lafer, que é o seguinte:

Frans Post (1612-1680) Obra Completa.

O Catálogo completo da obra de Frans Post, publicado em dezembro de 2006 por Bia e Pedro Corrêa do Lago, é o resultado de um esforço de mais de dez anos sobre a vida e a obra de Frans Post, empreendido pelos autores em arquivos e coleções públicas e privadas, no Brasil e no exterior.

Constituído de ensaios que aprofundam o conhecimento do Brasil Holandês, o livro conta com 450 páginas e mais de 500 ilustrações. Obra há muito aguardada, foi muito bem recebida tanto no Brasil quanto no exterior, quando lançada a sua edição em inglês, em março de 2007.

No Brasil, recebeu artigos elogiosos de Evaldo Cabral de Melo e Wilson Martins, entre outros.

Para a feitura do livro, foi necessário encontrar, identificar e descrever quase 250 obras de Frans Post ou a ele atribuídas, espalhadas por mais de 80 localidades em todo o mundo. Pela primeira vez, para um pintor anterior ao século XX, foi elaborado em nosso país um catálogo raisonné nos moldes internacionais, dedicado a um artista estrangeiro que devotou toda sua obra ao Brasil.

Trata-se, sem dúvida, do trabalho definitivo sobre o primeiro pintor da paisagem brasileira, e constitui uma das contribuições mais importantes para os estudos brasileiros publicados recentemente.

Pelo acima exposto, consideramos essa obra merecedora do Prêmio José Ermírio de Moraes, a ser concedido em 2007 pela Academia Brasileira de Letras.

João de Scantimburgo, José Mindlin e Celso Lafer.

SENHOR PRESIDENTE.

O Acadêmico Carlos Nejar e este Relator deram, também em separado, os seus votos minoritários, com a seguinte declaração:

“Pelo seu pioneirismo, por ser a primeira obra no gênero e pelo seu alto grau de importância, com caricaturas, biografias e ilustrações, indicamos para o Prêmio José Ermírio de Moraes deste ano de 2007 o *Dicionário Houaiss Ilustrado Música Popular Brasileira*, de 1.155 páginas, recomendado pelo nosso querido Acadêmico Eduardo Portella, que, sob o título *O Dicionário do Som Brasileiro*, escreveu o seguinte Prefácio:

“Este empreendimento pioneiro traz a assinatura e a legitimidade de Ricardo Cravo Albin. Nele, na sua personalidade intelectual, se reencontram e se reconciliam duas virtualidades sem as quais nenhuma façanha dessa natureza poderia ser levada a bom termo: a mais ampla liberdade de expressão e o rigoroso conhecimento de causa”.

E mais adiante, acrescenta Eduardo Portella:

“A cultura brasileira contemporânea, que não raro se divide entre o cultivado, o popular e a massa, consegue integrar criativamente esses três elementos hoje constitutivos. Quando divide menos e desdobra mais. Quando alcança estabelecer redes de cumplicidade criativas entre esses vários níveis que pareciam inevitavelmente desgarrados. Quando reúne, em uma espécie de assembléia geral permanente, diferentes falas e múltiplos sons, sentidos diversos, de uma cultura ostensiva e felizmente intercultural.

Este dicionário seguirá o seu caminho maior, entre a persuasão e a repercussão, a mostrar e recordar a todos, aos muitos que já sabem, e aos poucos que precisam saber, o calor e o vigor da música popular brasileira”.

Mauro de Salles Vilar, Diretor do Instituto Antônio Houaiss e continuador da obra deste nosso outro querido Acadêmico, também dá o seu depoimento, dizendo o seguinte na Apresentação deste livro:

“O trabalho do Instituto Antônio Houaiss neste dicionário consistiu em cortar seletivamente material do extenso texto original, de forma que o restante coubesse num único volume para publicação. A responsabilidade e o mérito do conteúdo da obra são do Instituto Cultural Cravo Albin.

A edição do Dicionário aqui está e, por tudo, parece-nos excelente, informativa e gostosa de ser lida. A nossa grande música popular, o Instituto Cravo Albin e os celebrados caricaturistas não mereciam nada menos que isso”.

Noutra Apresentação deste mesmo dicionário, o Ministro Gilberto Gil escreveu:

“Que Ricardo Cravo Albin era um grande conhecedor e divulgador da Música Popular Brasileira, todo mundo já sabia. Agora, com o *Dicionário Cravo Albin da MPB*, ele se excede. Este volume é admirável e erudito pelos nomes que embalararam a alma carioca e tomaram todo o Brasil. O originalíssimo *Dicionário Cravo Albin* é mais um trabalho importante de recuperação e preservação daquilo que faz de todos nós, brasileiros, orgulhosos de nós mesmos”.

SENHOR PRESIDENTE.

SENHORA e SENHORES ACADÊMICOS.

Em que pesem estes dois votos em minoria e como o Regulamento do Prêmio é muito claro quando, em seu Art. 2.º, estabelece que a Comissão fará a escolha e a indicação de apenas uma obra, torna-se evidente que essa indicação recai sobre o *Catálogo da obra de Frans Post*, publicado por Bia e Pedro Corrêa do Lago e indicado pela maioria dos membros da Comissão.

Como seu Relator, e para ser votado no Plenário, este é o meu Parecer.

Muito Obrigado.

SESSÃO DO DIA 16 DE AGOSTO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 9 de agosto, que foi aprovada.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho comentou a nota publicada na Coluna do Anselmo Góis a propósito da sessão anterior, que vai de encontro a tudo a que assistiu na ocasião e perguntou ao Acadêmico Murilo Melo Filho se ele, como relator do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes, apresentara, na sessão do dia 9 de agosto, na condição de relator, parecer da maioria da Comissão e depois como membro da Comissão assinou relatório da minoria. No seu entendimento, o parecer do relator referiu-se ao livro votado pela maioria da Comissão.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho disse que o Acadêmico José Murilo de Carvalho estava certo e informou que apresentou o parecer da maioria, com menção dos dois votos em separado, o seu e do Acadêmico Carlos Nejar.
- O Acadêmico Cícero Sandroni esclareceu que o relatório da Comissão é o relatório da maioria, que indica para o prêmio o livro sobre Franz Post, de Pedro e Bia Corrêa do Lago.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça ponderou que o assunto é do conhecimento de todos e houve um equívoco de redação da Ata, mas há somente um parecer para o livro sobre Franz Post, que será votado na sessão do dia 23 de agosto.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lamentou a publicação da nota referida pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho na coluna do jornalista Ancelmo Góis, de *O Globo*, pela desinformação, e a confusão criada entre os leitores sobre o assunto.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça ressaltou que está habituado aos equívocos que costuma ler na imprensa e entende que a Academia deve-se prevenir internamente para não ser vítima de intrigas publicadas nos jornais. Manifestou, a seguir, pesar pelo falecimento do intelectual Joel Silveira. Registrou o centenário de nascimento de Miguel Torga, transcorrido no dia 12 de agosto passado. Informou que o *Jornal de Letras* de Portugal dedicou uma edição inteira a Miguel Torga, felizmente com a participação de um brasileiro, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Saudou com alegria o lançamento do livro *Enigmas da Culpa*, do Acadêmico Moacyr Scliar. Mais um texto de alta qualidade literária que o autor oferece ao leitor brasileiro, na sua extraordinária trajetória de grande escritor e confrade ilustre. Comunicou que foram renovados os convites da Senhora Lily de Carvalho Marinho para o jantar em homenagem à Academia Brasileira de Letras, no dia 29 de setembro, e para o jantar oferecido pelo Governador Sérgio Cabral Filho, que será no dia 27 do mesmo mês. Informou que esteve, junto com o Acadêmico Antonio Olinto, no Palácio Guanabara, para os atos de abertura ofi-

cial da 13ª Bienal do Livro e que a Academia foi convidada para a solenidade de abertura, no Riocentro. O Governador anunciou também um programa, onde as escolas receberão vales, para que os estudantes não saiam da Bienal sem um livro na mão. Informou que esteve com o Ministro Interino da Cultura, Dr. Juca Ferreira, acompanhado do Secretário de Fomento, Dr. Roberto Nascimento e de Relações Institucionais, Dr. Marco Acco. Ressaltou que o encontro foi valioso para a Academia sob dois aspectos, porque foi tratada a rápida liberação dos projetos e, conseqüentemente, da incorporação de recursos da Lei Rouanet para as dotações e os patrocínios, de outra parte, o Ministro Juca Ferreira antecipou, sem que deixasse de referir que provavelmente será objeto de anúncio do Presidente da República, a instituição de uma comissão para as comemorações do Ano de Machado de Assis, sob a coordenação direta da ABL. Observou que a Diretoria da Casa cuidou em diligenciar para que essas comemorações do próximo ano tenham a volumetria que Machado de Assis merece. Deu notícia ao Plenário de que a Rede Globo de Televisão convidou a Academia para dar apoio ao projeto Criança Esperança, em São Paulo, com doação de livros, ocasião em que contará com a presença dos Acadêmicos José Mindlin e Celso Lafer. Congratulou-se com a Academia pela matéria feita na *Revista Gula*, do mês de agosto, a melhor revista de gastronomia do Brasil, sobre o Chá das quintas-feiras, onde há um destaque para a Senhora Cecília Costa da Silva, responsável pela cozinha.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho registrou o falecimento do jornalista Joel Silveira. Lembrou os tempos da Bancada de Imprensa, no Palácio Tiradentes, ao longo dos inesquecíveis anos de 1950 a 1960. Valente sergipano, de Lagarto, escreveu dezenas de novelas, reportagens, crônicas, contos e romances, reunidos depois em 42 livros. Lembrou que o jornalista recebera os Prêmios Jabuti, Eso e Líbero Badaró. E, pelo conjunto de sua obra, em 1998, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras. O Presidente determinou que o texto fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony lembrou que, junto com Joel Silveira, trabalharam em vários jornais, fizeram reportagens no Brasil, na Itália, na França e em Portugal. Recordou a época em que foram companheiros de cela e discorreu sobre um fato ocorrido no Natal de 1966, quando num momento de desabafo, perguntou a Joel Silveira se valia a pena tudo isso. Joel Silveira levantou-se e lhe perguntou se sabia alguma música de Natal, pedindo-lhe que cantassem juntos. Assim a noite de Natal foi passando e, quando acabou, estavam cansados, mas tranqüilos. Daí em diante, toda vez que se encontravam, Joel Silveira dizia: “Valeu a pena, não é?”.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin congratulou-se com Pe. Fernando Bastos de Ávila que completou, nessa semana, 10 anos de Academia Brasileira de Letras. Entregou à Biblioteca Acadêmica Lúcio de Mendonça o mais recente livro do Acadêmico Ivan Junqueira: *O Outro Lado – Poemas Reunidos 1998-2006*. Leu o texto de sua autoria da quarta-capa do livro que será, por determinação do Presidente, anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Ivan Junqueira agradeceu, comovido, as palavras generosas do Acadêmico Antonio Carlos Secchin que considera um dos poetas e ensaístas que melhor compreenderam os versos que escreveu até hoje. Agradeceu, também, a Deus por estarem todos aqui desse lado.
- O Acadêmico Lêdo Ivo acredita que dos amigos de Joel Silveira, aqui presentes, certamente é o mais antigo, porque o conheceu em 1943, logo após a sua chegada ao Rio. Falou da impressão que lhe causou aquele jovem de 25 anos que era praticamente um dos imperadores do Rio de Janeiro. Havia triunfado no jornalismo e na literatura. Discorreu sobre a sua atividade jornalística, como repórter agressivo, e com uma nota pessoal inconfundível em suas reportagens. Considerava-o precursor do novo jornalismo americano, que depois floresceu nos Estados Unidos, em que o repórter tinha tanta importância quanto à sua reportagem, pela maneira de exprimir-se. Recordou algumas de suas mais importantes reportagens. Assinalou que, no campo literário, havia publicado o livro *Onda raivosa*, recebido como uma reve-

lação literária, porque, aos 26 anos, o seu estilo unia ternura, lirismo e certa ironia. Narrou o episódio ocorrido com Assis Chateaubriand, após a publicação de uma reportagem sua sobre o Clube das Vitórias Régias, depois da qual Joel Silveira passou a ser correspondente de Guerra na Itália. Ao voltar, glorioso, escreveu o melhor livro que há sobre a epopéia dos pracinhas, o que lhe deu uma grande credencial no meio militar brasileiro. Relatou que na Ditadura Militar o seu nome estava sempre presente nas listas de cassações, mas o Marechal Castelo Branco o retirou dessa lista dizendo – não posso cassar esse rapaz porque ele escreveu a história dos pracinhas, a epopéia do Exército Brasileiro. Referiu-se ao Joel Silveira escritor, cronista, estilista e o considera um dos maiores prosadores que o Brasil produziu no século passado, tendo recebido da Academia Brasileira de Letras o Prêmio Machado de Assis, como reconhecimento de seus méritos. Lamentou que ele não tenha ingressado nesta Casa, por não se ter apresentado na hora certa. Ao concluir, disse que, agora que ele está do outro lado, usando a expressão do Acadêmico Ivan Junqueira, assegurou que também está ao lado de todos desta Casa como companheiro querido e inesquecível.

- O Acadêmico Moacyr Scliar, em primeiro lugar, agradeceu a amável referência ao seu novo livro, que acaba de ser lançado numa coleção da Editora Objetiva sobre os grandes temas da condição humana e, em segundo lugar, lembrou que esta semana se realiza a jornada de Passo Fundo a que vários acadêmicos comparecerão. Ressaltou que a Jornada de Passo Fundo confere condição privilegiada à Academia Brasileira de Letras dentro da sua programação e sugeriu que a Casa participe de outros eventos literários maiores, como as bienais.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou Joel Silveira, com quem teve uma grande relação de amizade, fora das redações, a não ser na Manchete. Seu primeiro emprego, como foca, foi-lhe dado por ele num jornal chamado *A Vanguarda*. Discorreu sobre o seu trabalho como jornalista, uma figura irônica e de espírito ferino. Abordou muitos aspectos interessantes da sua vida e obra que estavam num texto que não leu inteiramente, mas que, por

determinação do Presidente, será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Antonio Olinto associou-se às palavras proferidas sobre Joel Silveira. A seguir lembrou, que no próximo dia 22, quarta-feira, às 19 horas, lança, na Livraria Argumento, de Copacabana, a sua trilogia africana *Alma da África*.
- Na Ordem do Dia, o Presidente passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, Presidente da Comissão Revisora do Regimento Interno da ABL, integrada também pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Celso Lafer, para apresentar o relatório sobre o assunto.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comunicou que já encaminhou ao Presidente este relatório, um texto de 10 páginas, que certamente encaminhará aos acadêmicos para aprovação das propostas. Declarou que a Comissão constituída pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Celso Lafer realizou várias reuniões e, por consenso, estabeleceu os pontos principais que acreditavam merecer reforma. Abriu o debate para os acadêmicos que quisessem se pronunciar. Informou que a comissão recebera excelentes sugestões do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, da Acadêmica Ana Maria Machado e do Acadêmico Arnaldo Niskier. O ponto de vista da Comissão foi mudar o que seria fundamental para o funcionamento da Casa. Assinalou que as leis e as normas valem pela sua seriedade e basta mencionar o Estatuto da Academia, que rege a Instituição por mais de cento e dez anos. Por outro lado, informou que a Comissão procurou manter o Regimento conciso e sucinto, eliminando, por desnecessárias, disposições presentes no texto anterior. Citou, como exemplo, o dispositivo que estabelecia que o Diretor do Arquivo seria um Acadêmico, mas o mesmo fica subordinado ao Centro de Memória, coordenado por uma funcionária da Casa. Sobre o problema do mandato do Presidente, levantado pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, declarou que escapava às atribuições da Comissão porque é norma do Estatuto, que declara que a Diretoria é eleita anualmente. Dos pontos de vista importantes

acentuou apenas que, com base na colaboração dos Acadêmicos Murilo Melo Filho, Sergio Paulo Rouanet e a do Presidente, as atribuições do Centro de Memória, do Arquivo, das Bibliotecas e dos Centros de Informáticas foram estabelecidas no Regimento de forma extremamente sucinta, deixada a regulamentação para portarias que serão oportunamente baixadas, por força de ser o detalhamento desses órgãos muito dinâmico. Mencionou a contribuição da Acadêmica Ana Maria Machado, que apresentou duas sugestões extremamente interessantes e oportunas. A primeira sobre a indicação dos membros das Comissões Julgadoras dos Prêmios da ABL, que devem ser indicadas no início do ano para que os seus membros possam acompanhar durante o ano o movimento editorial e melhor posicionar-se em relação às premiações. Sugeriu também que fosse regulada a concessão das medalhas, em datas certas de indicação, e em número de votações para o ano. Acredita serem estes os pontos mais relevantes a destacar. Agradeceu, mais uma vez, a enorme colaboração dos Acadêmicos Tarcísio Padilha e Celso Lafer e as contribuições do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, da Acadêmica Ana Maria Machado e do Acadêmico Arnaldo Niskier.

- O Presidente agradeceu, na pessoa do Acadêmico Alberto Venancio Filho, o trabalho dedicado e minudente da Comissão e o contributo valioso de todos que ofereceram idéias e deram sugestões. Sugeriu ao plenário que, dentro de 15 dias, as propostas da Comissão sejam votadas. Determinou que a Secretaria enviasse a todos os Acadêmicos o Relatório apresentado. Informou que será discutido apenas o que está contido no relatório, para dar produtividade e ordenamento às modificações que se fizerem necessárias.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho deu conhecimento que o Relatório não indica o Artigo que está sendo modificado. Portanto, considera importante que a remessa desse relatório seja acompanhado do atual Regimento.
- O Presidente pediu ao Acadêmico Alberto Venancio Filho para transformar o que acabou de dizer num lembrete, que será juntado ao relatório final com o atual Regimento, na distribuição pela Secretaria.

- O Acadêmico Cícero Sandroni convidou os confrades para o lançamento, na próxima quinta-feira, logo após a sessão, da antologia *Ficção – História Para o Prazer da Leitura*, organizada pelo escritor Miguel Sanches Neto, com contos publicados na *Revista Ficção*, de autores brasileiros contemporâneos e alguns de antologias, que a revista também publicava. Observou que, pelo menos, cinco desses autores ainda não haviam ingressado na Academia quando foram publicados pela *Revista Ficção*, sendo eles: Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, João Ubaldo Ribeiro e ele próprio. Comunicou que o livro será entregue, no correr dos próximos dias, a cada acadêmico e conta com a presença de todos para prestigiar o lançamento.
- O Presidente comunicou que as obras do Teatro estão um pouco à frente do cronograma traçado. Convidou, a seguir, os presentes para mais uma edição do Seminário “Brasil, brasis” sob o título “Um Brasil que o Brasil desconhece – ações que transformam”. Coordenação do Acadêmico Tarcísio Padilha; Exposição do Acadêmico Cícero Sandroni; serão debatedores Zuenir Ventura, Daniel Munduruku e Hermano Vianna. Encerrou a sessão.

JOEL SILVEIRA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Cumpro o dever de registrar em nossos *Anais* o falecimento, ontem, do jornalista Joel Silveira.

Fomos nós dois colegas e remanescentes dos tempos da Bancada de Imprensa, no Palácio Tiradentes, ao longo dos inesquecíveis anos de 1950 a 1960, com a Câmara dos Deputados funcionando aqui no Rio.

Ele então já era, juntamente com Rubem Braga, Raul Brandão e Egydio Squeff e Thássylo Sampaio Mitke, o consagrado correspondente nos últimos meses da guerra na Itália, durante quase um ano, junto à Força Expedicionária Brasileira.

Logo em seguida, Joel seria o corajoso repórter sobre os grã-finos de São Paulo, sobre o *society* da Avenida Paulista e sobre um casamento na família do Conde Matarazzo.

* Proferidas na sessão do dia 16 de agosto de 2007.

Anos depois, voltamos a nos reencontrar na redação da *Revista Manchete*, ao lado dos Acadêmicos Josué Montello, Otto Lara Resende, Antônio Houaiss e Magalhães Júnior (já falecidos) e dos atuais Acadêmicos Lêdo Ivo, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Cícero Sandroni e Afonso Arinos, filho.

Joel foi um valente sergipano, de Lagarto, que escreveu dezenas de novelas, reportagens, crônicas, contos e romances, reunidos depois em 42 livros.

Recebeu os Prêmios Jabuti, Esso e Líbero Badaró. E, pelo conjunto de sua obra, em 1998, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras.

Por duas vezes, candidatou seu sucesso ao nosso Quadro de Membros Efetivos, enfrentando as candidaturas de Raymundo Faoro e Zélia Gattai Amado.

Certa vez, como valente adversário dos governos militares, estava preso num quartel do Exército, quando um oficial lhe apresentou um preso corrupto para ser seu colega de cela. Joel reagiu vigorosamente:

– Aqui, não. Aqui é lugar de subversivo. Corrupto é ao lado.

Recluso em seu modesto apartamento de Copacabana, tudo lia, e, enquanto os olhos e a visão não lhe faltaram, foi um voraz devorador de livros, por mim abastecido, na medida do possível, com as obras editadas nesta Casa, e que ele generosamente agradecia sempre.

Lamentava não ter tido tempo para aprender o idioma russo e ler, no original, a obra de Tolstoi.

Nos últimos meses, estava praticamente imobilizado em cima de uma cama, assistido por sua mulher Iracema, companheira dedicada e incansável.

E ontem, aos 88 anos, morreu dormindo, vítima de um câncer e da falência múltipla dos órgãos, levando consigo o título de “O maior repórter brasileiro de todos os tempos”, ele, Joel Magno Ribeiro da Silveira, que, ainda há pouco tempo, me declarava achar a vida simplesmente injusta, porque ele estava vivendo 88 anos, enquanto as borboletas e os colíbris viviam poucos dias.

O OUTRO LADO – POEMAS REUNIDOS 1998-2006,
DE IVAN JUNQUEIRA

*Palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin**

Este livro confirma, em dimensão superlativa, o patamar a que se alça a poesia de Ivan Junqueira, tanto no irretocável domínio técnico do verso, exemplificado na soberba utilização da rima toante, quanto na elaboração de um denso e doído juízo sobre a existência, núcleo do estro meditativo e grave de sua lírica. A obra modula uma sucessão de elegias, em que o estoicismo é a nota dominante: “*Vai tudo em mim, enfim, se despedindo*”.

Leiam-se os admiráveis versos de “O rio”, na tensão entre memória e esquecimento. Leia-se a visão paródica da própria ancestralidade, em “A história”, “amalgama de trapos e diademas”. Leia-se o comovente (des)encontro póstumo familiar de “Não vês, meu pai?”. Se, “rumo ao nada”, “a tênue luz vai-se apagando”, parecia perdida a aposta que o poeta fez “no infinito e na beleza”: de um lado, a vida vã; de outro, a dissipação e a morte. O verdadeiro artista, porém, sabe que dois lados não são bastantes. Daí, Ivan querer alojar-se “na sóbria em-

* Proferidas na sessão do dia 16 de agosto de 2007.

briaguez de um terceiro”. Declarar-se “apenas um poeta” é recursar-se a tudo que não se arrisque à combustão criadora. Por isso, neste livro, a poesia tanto nos comove – e trasborda, por todos os lados.

O AMIGO JOEL SILVEIRA

*Palavras do Acadêmico Cícero Sandroni**

“Sou o homem mais solitário do Brasil”. Esta frase é de Joel Silveira em entrevista à *Revista Nacional*, alguns dias antes de completar 80 anos e de receber o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da sua obra. Um pouco depois, o “homem mais solitário do Brasil” recebia o prêmio Líbero Badaró, da revista *Imprensa*, mais do que merecida consagração pelos sessenta e tantos anos de sua atividade jornalística. E logo a seguir o nosso solitário lançava o livro *Na Fogueira*, primeiro volume de memórias, narrativa que se inicia na sua infância e adolescência em Sergipe, e vai até o ano de 1939, no Rio de Janeiro. Na noite de lançamento, quase trezentas pessoas lotaram o saguão da Livraria Timbre – e o homem mais solitário do Brasil recebeu com uma palavra de carinho de cada um dos seus amigos.

Como pode ser solitário um homem de tanto prestígio intelectual, o maior repórter do Brasil, segundo o consenso de seus pares e de quem tanta gente – e gente mesmo, gente com G maiúsculo – tanta gente gosta? Antes de mais nada é

* Proferidas na sessão do dia 16 de agosto de 2007.

preciso ressaltar que o jornalista, o profissional que lida com o que há de pior no ser humano – a vaidade – o escritor, que no fundo também deve lidar com o que há de pior nele mesmo, – os seus incontáveis demônios, que, na medida do possível ele exorciza através da literatura –, por mais amigos que tenham, por mais cercados que estejam do cálido sentimento de amizade, são e serão sempre indivíduos solitários. Nada que é humano lhes é estranho; mas por conhecer em demasia os humanos, voltam-se para as suas próprias indagações, angústias, premonições, profecias, perseguidos por aquela sensação de insegurança permanente sobre a qualidade do seu trabalho.

Assim, mesmo cercado por trezentos amigos, Joel é um ser solitário; e a solidão é maior ainda porque entre aqueles trezentos, não estão aqueles que já partiram. Amigos fraternos, que fez durante toda a vida e, entre eles, os maiores escritores e jornalistas deste século, como Graciliano Ramos, Marques Rebelo, Rubem Braga e muitos outros, inúmeros, sobre os quais Joel escreveu páginas de grande beleza literária. Leio a frase que acabei de escrever e imagino o que Joel diria, se a ouvisse:

– Só um cretino imagina que o meu texto tem beleza literária.

E, na verdade, a expressão não é apropriada; a palavra beleza, nesse contexto, lembra um pouco a subliteratura de muitos escritores contemporâneos que hoje freqüentam a lista dos *best-sellers* dos jornais. Ele escreve – desculpem se puxo a brasa para a minha sardinha – como um bom jornalista, texto enxuto, direto, compacto, que aprendeu na primeira lição recebida de Graciliano Ramos. Quando pediu ao escritor que lesse um dos seus primeiros contos, o velho Graça leu e logo depois dobrou e rasgou o papel na frente do espantado Joel.

A partir daquela primeira lição sem palavras, Joel aprendeu muito com Graciliano. Sessenta anos depois, ele nos brinda com o primeiro volume de suas memórias, onde conta aquele episódio e muitos outros. É um livro de memórias, mas pode ser lido como um romance, dentro do qual se encontram outras histórias de vidas entrelaçadas com a dele. Um romance de aprendizado, no qual jornalistas e escritores certamente terão muito a aprender, embora as lições de vida

– e de profissão – sejam secundárias. O importante é o prazer da leitura, o desfrutar de uma vida cheia de peripécias e o contato íntimo com a história do Brasil na década de trinta. A vida de Joel continuará sendo contada em mais quatro volumes que já estão em preparo, dois dos quais devem sair no próximo ano. *Na Fogueira* já está na lista dos mais vendidos.

Joel Silveira – para ser mais preciso, Joel Magno Ribeiro da Silveira – nasceu a 23 de setembro de 1918 em Aracaju, Sergipe. Filho de família chefiada por um pai à antiga (tirânico, segundo Joel, que escreveu um texto de pungente existencialismo contando a morte do pai), um comerciante que exigia que o menino, além de estudar, trabalhasse em sua loja, carregando sacos muito pesados para a sua idade e constituição física. A mãe interfere e consegue que o pai/patrão o dispense do trabalho; mas exige que faça um curso de datilografia, onde o pequeno Joel apresenta um rendimento espantoso.

Em pouco tempo, ele é o melhor datilógrafo de Aracaju – num momento de autocrítica, Joel escreveu que não se considera um bom jornalista ou um bom escritor – o que ele é mesmo é um bom datilógrafo – opinião que deve ser levada à conta de excessiva modéstia, um momento de nostalgia. Mas a verdade é que ser um bom datilógrafo abriu para ele grandes perspectivas e também as portas da melhor casa de damas de Aracaju, onde datilografava as cartas das senhoras e senhoritas que lá faziam ponto em troca do aprendizado na atividade de ir para a cama com elas.

Quando se mudou para o Rio, para se ver livre da tirania do pai, ser um bom datilógrafo o ajudou muito. Começou a trabalhar no semanário *Dom Casmurro*, de Brício de Abreu, e também ganhava algum dinheiro para datilografar os originais manuscritos de Joraci Camargo – então o célebre autor de peças como “Deus lhe pague”. Em pouco tempo, Joel tornou-se conhecido nas rodas da imprensa e entrevistou os maiores nomes da Literatura e do Jornalismo do Rio de Janeiro, nos anos 30. E seu estilo direto, mas com um sabor literário – vá lá de novo a palavra – que poucos jornalistas brasileiros deste século conseguiram começou a ser notado por todos.

Mas, desde a adolescência, em Aracaju, Joel esteve sempre na esquerda, na defesa dos oprimidos e da justiça social. No Rio de Janeiro não poderia agir de outra forma. É quando Vargas instala no país o Estado Novo, ele está do lado dos que se opõem à ditadura. Faz o que pode. Ajuda um irmão, membro do Partido Comunista que, mesmo preso, orienta atividades de divulgação do Partido e desenvolve atividades clandestinas sempre ameaçado pela polícia política. Jamais foi preso — só viria a ser preso mais tarde, no regime militar de 1964 — mas sua ficha vai sendo preenchida e, nos 40, o bom Joel já é conhecido pela repressão como um perigoso comunista.

No início dos anos 40, o nosso herói é um repórter famoso. Colaborou com a *Revista Diretrizes*, de Samuel Wainer, trabalhou para vários jornais e acaba nos *Diários Associados*. Em 1944, Chateaubriand o envia como correspondente de guerra para a Itália e lá, com Rubem Braga, faz um excelente trabalho jornalístico, que mais tarde vai publicar em vários livros que recordam a luta dos pracinhas da FEB contra as forças do nazi-facismo.

Rachel de Queiroz, sua amiga de juventude — e que hoje almoçou com ele — diz que Joel é mais que um repórter, pois se trata de um jornalista que domina e sabe lapidar a prosa, “um autêntico clássico moderno”. E até quem se vê alvo de suas críticas e descomposturas, feitas em linguagem primorosa, acaba de certa maneira satisfeito, “por ter sido desancado em estilo tão excelente”.

Estilo é o que não falta neste repórter tão aguerrido e neste ficcionista tão imaginativo. Um jovem de quem Joel foi amigo nos anos 60, logo depois do golpe militar e que mais tarde deu uma guinada na sua orientação ideológica, o jornalista Paulo Francis, escreveu sobre ele:

“Em Jornalismo ou Literatura Joel é um estilista, no sentido duplo do termo: domina a forma e faz dela um instrumento dócil à expressão de uma personalidade inteligente e generosa, não raro salpicada de humor satírico”.

Quando Pompeu de Souza, então redator-chefe do *Diário Carioca*, depois de uma viagem aos Estados Unidos, introduziu na imprensa carioca a forma do *lead* e do *sublead*, que vigora até hoje, Joel passou ao largo da reforma do estilo jorna-

lístico e continuou a escrever seus textos como sempre o fez. E, com isso, antecipou-se ao movimento que surgiu nos anos 70 no jornalismo americano, o *new-journalism*, que introduzia elementos literários à narrativa jornalística, movimento liderado por Gay Talese, Truman Capote e outros menos votados.

Vejam só como Joel narra o seu encontro com João Goulart, nos pampas gaúchos, para uma entrevista:

“O viajante avistara a tropa ao longe, nascendo das coxilhas como uma miragem e galopou em sua direção. Três peões tangiam o gado, e era quase impossível distinguir um dos outros, fechados todos nos seus casacões pesados (soprava o cortante minuano hibernal) as calças largas acabando nas botas curtas e franzidas, esporas pontudas. O viajante aproximou-se, os três estacaram. Um deles tirou o chapéu de abas largas, passou a mão pelos cabelos negros e fartos; e como os dois outros tivessem ficado mais para trás, o forasteiro concluiu que o peão de pele mais clara e cabelos pretos (era também o mais moço dos três) devia ser o comandante da tropa. Aproximou-se dele, explicou: ‘Acho que estou meio perdido...’ / ‘Para onde o senhor quer ir?’ / ‘Até a fazenda do Dr. João Goulart’ / O peão apontou na distância: ‘Vá seguindo sempre nesta direção. O senhor ainda tem que vencer uns vinte quilômetros’.

O viajante agradeceu, partiu num galope. Então os dois peões se juntaram ao terceiro, e um deles perguntou: ‘Que é que o moço queria, Doutor Jango?’ e a resposta, seca ‘Falar comigo. Mas lugar de conversa é em casa. Ensinei a ele o caminho da estância...’. E voltou ao seu silêncio que mais calado parecia no silêncio das coxilhas onduladas, um silêncio quebrado apenas pelo tropel surdo do gado sem pressa”.

O jornalista e o escritor convivem em Joel Silveira. Quando ele publica um livro, de início não o sabemos se vamos ler reportagens ou contos; é preciso que o autor nos informe, de tal forma suas reportagens tem o sabor da narrativa de ficção e os contos fluem como uma boa reportagem. Hoje sua bagagem literária consta de mais de trinta livros, muitos deles premiados e um deles, *Tempo de Contar*, com o Jabuti da Câmara Brasileira do Livro. E, em outros títulos, Joel escreve

ensaio e história, demonstrando não só conhecimento dos fatos dos bastidores da política e dos políticos como capacidade para interpretar o desenrolar da cena brasileira. Em 1964, como já foi dito, criticou duramente os militares que tomaram o poder, muitos deles amigos dos tempos da FEB, na Itália. Mandou a amizade para o alto e escreveu duramente contra os que tomaram de assalto o poder. Foi preso várias vezes. Mas não se acomodou; continuou independente e firme na oposição, até hoje. Na sua coluna, na *Revista Nacional*, jamais poupou os poderosos, a começar pelo presidente da República, passando pelos banqueiros, barões da indústria ou donos de televisão.

Hoje, aos 80, continua sendo o Joel; sempre na oposição, capaz de perder o amigo, mas não perder a piada, irônico, cáustico, amoroso, às vezes furioso, debochado, mas sempre voltado para os valores humanos. Peço licença para citar alguns dos seus textos, retirado do livro *O Presidente no Jardim*, pois, como escritor de historietas, aforismas, pensamentos, inventor de frases, verdadeiras pérolas, Joel é imbatível:

“O médico, que veio visitar minha mulher, aproveita para tirar a minha pressão. Exclama:

– Oito e quatorze! Um escândalo para quem já passou dos setenta. Coração de menino.

Alegre, vou ao uísque, e sei que esvaziarei a garrafa.

Pois é: o diabo desta saúde é que vai acabar me matando!”.

“Se Deus realmente ajuda a quem cedo madruga, ninguém seria fuzilado, eletrocutado ou enforcado às cinco da manhã”.

“Leio a coluna do já provector colunista social, íntimo mais uma vez dos donos do poder e constato: é inesgotável e imensurável o vocabulário do puxa-saco, embora composto de não mais que umas trinta palavras”.

“Dize-me com quem andas e eu te direi para onde vais”.

“O único defeito da chamada terceira idade é que ela demora pouco”.

“Quando perguntaram àquele ex-presidente da Venezuela a razão pela qual nunca houve golpe militar nos Estados Unidos, a resposta veio rápida e sábia: – É porque lá não existe embaixada americana”.

“Imagino que não possa haver euforia maior do que a do peculatório quando embolsa os dividendos do primeiro peculato”.

“Metade da noite, quase na hora de fechar o jornal, o jovem repórter interrompe o seu acelerado teclar, fixa por alguns segundos os olhos num ponto vago da redação, pergunta em seguida ao calejado e já um tanto idoso editor: – Gozo é com z ou com s?”

O enfasiado dromedário tira os olhos do texto que corrigia e responde, a voz mansa: – No meu caso é com s”.

“Foi o falecido David Nasser quem certa vez me contou: – O Chatô chegou um dia para mim e disse: Saiba vossência que jornalista que não enriquece é burro. Aprenda isso, turco”.

“Lembro a historinha, somo e peso meus haveres, e concluo: sou uma besta, e das mais quadradas, sem direito sequer de renovar as velhas ferraduras. Mas como a tarde é de muito sol, ponho o calção e vou trotando para a praia.”

E para terminar, esta última:

“De tanto citar os outros, o que nele chega a ser um cacoete, o profuso literato, compulsivo colecionador de verbetes, ainda não teve tempo de produzir um pensamento próprio”.

É muito mais fácil escrever sobre Joel citando o próprio do que produzindo um pensamento próprio. E, por isso, pranteando sua morte da maneira que, penso, ele gostaria, vou ficando por aqui.

SESSÃO DO DIA 23 DE AGOSTO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária, Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 16 de agosto, que foi aprovada.
- O Presidente comunicou que esteve, na segunda-feira, em São Paulo juntamente com o Acadêmico Cícero Sandroni, ocasião em que visitaram os Jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de São Paulo*, onde foram recebidos pela alta direção destes dois grande jornais brasileiros e recolheram o apreço e o respeito que a Academia merece. A seguir, foram, em companhia do Acadêmico José Mindlin, ao bairro Brasilândia, na periferia de São Paulo, onde se desenvolve o Programa Criança Esperança, para uma comunidade que reúne

duzentas mil pessoas naquele entorno. Fizeram doação de livros, como aconteceu no Cantagalo e no Pavão Pavãozinho, e se comprometeram a prosseguir essa aliança com o sistema Globo de Comunicação para avançar na doação de livros que formarão essas bibliotecas, em zonas de alta carência social e econômica. Afirmou ter sido muito simpático para a Academia envolver-se neste programa, que tem eficácia e eficiência. Informou que estão confirmadas as presenças que marcarão os atos do dia 21 de setembro, reabertura do Teatro às 21 horas, com o Ministro da Cultura, que vai se apresentar, e no dia 28, às 18 horas, a Sessão Solene comemorativa dos 110 anos da Academia. Reiterou que o Governador do Estado do Rio de Janeiro convida todos os Acadêmicos para o jantar, no Palácio Laranjeiras, no dia 27 de setembro e a Sra. Lily Marinho deseja receber todos no dia 29 do mesmo mês. A Missa será celebrada no dia 28 de setembro, às 11h30min, no Mosteiro de São Bento. Pediu a compreensão dos Acadêmicos, com relação à disponibilidade de convites para a inauguração do Teatro. Lembrou que o teatro tem 280 lugares e há necessidade de reservar alguns convites para os patrocinadores, como Petrobras, o Bradesco, a Vale do Rio Doce e o BNDES. Os Acadêmicos que desejarem convites entreguem a lista de seus convidados na Secretaria. Na solenidade do dia 28, a Fundação Roberto Marinho estará presente com o Dr. José Roberto Marinho, a Fundação Bradesco com o Dr. Lázaro Brandão e o Dr. Oliveira Santos também confirmou a presença. Relatou a visita hoje feita ao Comando do Corpo de Fuzileiros Navais, quando foram extremamente bem recebidos com toda a finura, alegria e alta classe. Ressaltou, mais uma vez, a constância do louvor à Acadêmica Rachel de Queiroz, madrinha do Corpo dos Fuzileiros Navais. Festejou o aniversário do Acadêmico Paulo Coelho dia 24 do corrente, e do Acadêmico Alfredo Bosi no próximo domingo, dia 26. Falou sobre o lançamento do livro do Acadêmico José Sarney, *A Duquesa Vale uma Missa*, em São Paulo, com a presença da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, dos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Cícero Sandroni e ele próprio. Passou a seguir à votação do Parecer do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco disse que, como assinou a lista de presença, gostaria que constasse em ata que se abstém de votar nesta escolha, por se considerar impedido, pelo fato de seu irmão ser co-editor de um dos livros indicados a esta premiação.
- O Acadêmico Celso Lafer lamentou não estar presente no dia em que o Acadêmico Murilo Melo Filho apresentou o seu parecer, e fez duas ou três considerações em nome dos que deram o voto majoritário. Declarou que o que os motivou foi a qualidade da obra, a originalidade com a qual o livro trata de recompor toda uma dimensão iconográfica do Brasil, e evidentemente também o fato de se tratar de Pernambuco. Espera, portanto, que o Presidente considere isso uma homenagem a ele e a todos aqueles que, naturalmente, são sensíveis à beleza de Pernambuco. Lembrou, também, que na concessão deste prêmio, em várias ocasiões, o Plenário não deliberou por unanimidade, mas por maioria, assim não se trata de um fato inédito. Como viu pela leitura da Ata, o que será votado neste momento é sim ou não ao Parecer da Comissão que é uma opinião majoritária em prol do livro de Bia e Pedro Corrêa do Lago, que está dedicado ao Catálogo *Raisonné* da obra de Franz Post.
- O Presidente voltou a esclarecer que há três hipóteses de voto: em Branco, Sim (para concordar com o parecer) e Não (para discordar do parecer).
- O Presidente deu início ao processo de escolha indicando para escrutinadores os Acadêmicos Arnaldo Niskier e Celso Lafer.
- O Acadêmico Celso Lafer declinou da honra por já ter manifestado o seu interesse na obra que está sendo indicada. O Presidente concordou e convidou, a seguir, o Acadêmico Moacyr Scliar.
- O Presidente deu início à votação. Havia 21 votos por carta e 17 dos presentes votaram pessoalmente, num total 38 votantes. Dois acadêmicos se abstiveram de votar. Procedeu-se à contagem dos votos que teve o seguinte resultado: Vinte votos contra o parecer da Comissão, dezessete a favor e um voto em branco, num total de trinta e oito votantes.

- O Presidente comunicou que, de acordo com o Regulamento do Prêmio, o plenário poderá indicar um nome, outros nomes ou ainda não indicar nenhum nome. Interrompeu a sessão por cinco minutos para que os acadêmicos reflitam tranqüilamente.
- Decorrido o prazo de cinco minutos, o Presidente reabriu a sessão e indagou se algum Acadêmico desejava manifestar-se.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida informou que, depois de uma consensualização, o Acadêmico Helio Jaguaribe fará uma proposta, que, acredita, vai no caminho da sabedoria.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe declarou que, diante da rejeição do parecer majoritário da Comissão, a forma mais adequada para marcar o respeito da Casa pela Comissão e, por outro lado, reconhecer que o seu parecer não foi aceito, é a de não se conceder o prêmio.
- O Presidente indagou se algum outro acadêmico desejava manifestar-se. Como não havia, o Presidente pôs em votação a proposta do Acadêmico Helio Jaguaribe pela não concessão, no ano de 2007, do Prêmio Senador José Ermírio de Moraes. A proposta foi aprovada.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou que a Editora Albin Michel acabou de confirmar o lançamento, no próximo ano, do livro sobre a Literatura Brasileira com todas as contribuições que foram feitas por ocasião do encontro com a Académie Française. Salientou a publicação do texto fundamental do Acadêmico Domício Proença Filho, sobre a trajetória do Negro na Literatura Brasileira. Considera-o um trabalho seminal, extremamente importante neste momento, sobretudo numa condição em que ele tão bem discutiu o distanciamento do negro na literatura brasileira, e a sua retomada dentro desse mesmo quadro. Afirmou que, de uma maneira admirável, no sentido do distanciamento, falou de Machado de Assis, a sublimação, usando palavras do Acadêmico Alfredo Bosi sobre Jorge de Lima e o conflito do emparedado, que Cruz e Souza revela nessa

ambigüidade fundamental. Salientou que todos sabem que o acesso universitário se define com uma declaração prioritária para índios, negros e pobres. Ocorreu este ano que menos de 50% das entradas com a classificação negro foram aceitas. Portanto, o negro não se define mais como negro, para entrar na universidade brasileira. Prefere entrar como pobre ou não entrar. Vai haver sobre o assunto um grande seminário. Declarou ter ficado muito feliz porque a Editora Albin Michel vai incorporar o seu texto ao lado do trabalho sobre a Academia.

- O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu a generosidade da palavra consagradora do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Disse tratar-se de um esforço antigo de tentar delimitar um roteiro dentro de uma matéria tão complexa e tão delicada. Acredita que vai além do preconceito radical. Acrescentou que os brasileiros mestiços são basicamente mestiços e a partir dessa mestiçagem, que cobre um aspecto muito amplo dos brasileiros, acha que todos deveriam começar a trabalhar e a pensar não no outro sentido da guetificação ou da radicalização do próprio preconceito. O inimigo não é o branco, nem o índio, nem o negro — o inimigo é o racismo e é contra ele que se bate.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho, aproveitando os últimos minutos desta sessão, fez o registro do lançamento, pela Editora Nova Fronteira, do livro do Acadêmico Alberto da Costa e Silva *Invenções do Desenho – Ficções da Memória*. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente convidou a todos para o lançamento do livro *Ficção*, uma antologia organizada por Miguel Sanches Neto, na Sala dos Fundadores, às 17h 30min.

Encerrou a sessão.

INVENÇÕES DO DESENHO – FICÇÕES DA MEMÓRIA,
DE ALBERTO DA COSTA E SILVA

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

SENHOR PRESIDENTE.
SENHORA e SENHORES ACADÊMICOS.

Para aproveitar os últimos minutos desta nossa sessão, desejo dizer umas rápidas palavras só para registrar em nossos *Anais* o lançamento, pela Editora Nova Fronteira, de um livro de memórias do nosso querido Acadêmico Alberto da Costa e Silva, sob o título *Invenções do Desenho – Ficções da Memória*.

Nessa nova obra, com uma riqueza de detalhes digna de sua prodigiosa memória, o Embaixador Alberto da Costa e Silva reconstitui fatos e diálogos acontecidos durante a sua vida como diplomata brasileiro em várias Embaixadas.

E relata, entre muitos outros, o seguinte episódio:

“Fanor Cumplido (seu colega na Embaixada de Lisboa) trouxe-nos uma novidade: havia localizado nos arredores do Porto duas sobrinhas de Carolina

* Proferidas na sessão do dia 23 de agosto de 2007.

Machado de Assis. E acertara um encontro com elas. Fomos cheios de expectativa: ele, Victor da Silveira e eu.

As senhoras nos receberam muito bem. E enquanto nos serviam chá, perguntaram qual a razão da nossa visita.

Por serem elas duas sobrinhas de Carolina Dias Novaes, explicamos que queríamos saber se podíamos ter acesso a fotografias, cartas ou qualquer documento que dela tivessem. Uma das senhoras respondeu-nos, atenciosíssima, que infelizmente não tinham uma só foto, carta ou memória da tia. Tudo o que dela sabiam é que ela tinha ido para o Brasil e lá casara com um preto”.

Podem todos os colegas imaginar a massa enorme de informações, curiosas e importantes, reunidas nas páginas deste novo livro, escrito num português perfeito e irretocável, digno da competência lingüística do seu Autor.

Trata-se também de uma obra que vem honrar não só a bibliografia de Alberto da Costa e Silva, como também e principalmente enriquecer o patrimônio literário e intelectual da nossa Academia e do Brasil.

SESSÃO DO DIA 30 DE AGOSTO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Presidente declarou aberta a sessão para homenagear o Acadêmico Josué Montello por ocasião dos noventa anos de seu nascimento. Cumprimentou D. Yvonne Montello, familiares e amigos do saudoso Acadêmico. Passou a palavra ao Acadêmico Alberto Venancio Filho, que propôs que a Casa se juntasse, nessa homenagem, ao grande Acadêmico e Presidente da Casa.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho registrou que a Academia comemora os noventa anos do Acadêmico Josué Montello no plenário da Academia, a sala de trabalho freqüentada por ele, com assiduidade, durante cerca de cinquenta anos, salvo os curtos períodos em que esteve no exterior. Acrescentou que cerimônias desse porte normalmente se realizam no Salão Nobre do Petit Trianon, em mesas-redondas, onde falam vários oradores e com a presença do público. Este local foi o modo afetivo de registrar a sua presença

nesta Casa para a palavra de vários acadêmicos. Disse que seria impossível abarcar, em poucas palavras, a vida de Josué Montello, grande intelectual e escritor, homem dedicado à cultura e grande acadêmico. Cingiu-se a falar do Acadêmico que ingressou na Casa em 4 de julho de 1955 e faleceu em 15 de março de 2006. Discorreu sobre esses cinquenta anos em que passou na Academia, atuando no plenário, fazendo projetos, participando das comissões e escrevendo livros sobre esta Casa. Três deles se intitulam *O Pequeno Anedotário da Academia Brasileira de Letras*, *O Anedotário da Academia Brasileira de Letras* e *Na Casa dos Quarenta*, e citou do primeiro algumas passagens. Lembrou que Josué Montello chegou ao Rio de Janeiro em 1937, dentro do processo de mobilidade social, sem uma recomendação, sem um prestígio, sem um amigo, só lhe restando inscrever-se num concurso de Técnico de Educação e foi o que fez. Ressaltou o seu desempenho nesse concurso. Falou da sua ligação com a Academia, quando, aos vinte e quatro anos, foi convidado por Afrânio Peixoto para as comemorações do centenário de Machado de Assis, ocasião em que pronunciou conferência sobre o primeiro presidente desta Casa. Também a convite de Afrânio Peixoto, escreveu para Coleção que tem o seu nome, um livro intitulado *A Biografia de Gonçalves Dias*. Discorreu sobre os vários cargos que ocupou, entre os quais, o de Diretor dos Cursos da Biblioteca Nacional, onde encontrou a felicidade de sua vida, que é a querida D. Yvonne. Em 1955 entrou para a Academia, aos trinta e sete anos. Ressaltou o seu discurso de posse e do Acadêmico Viriato Correia, que o recebeu. Declarou que, por sua iniciativa, a Academia acabou de publicar os *Discursos Acadêmicos de Josué Montello*. São sete discursos desde Candido Motta Filho até Roberto Marinho, dentro daquele belo estilo literário, apontando não só o homem de letras, mas o sociólogo, o jurista, o crítico literário e o homem de imprensa. Salientou a presença constante de Josué Montello em tudo. Relatou dois pequenos episódios da publicação do Dicionário da Academia e a aprovação do Decreto que redigiu, regulamentando a Lei 200, de Eduardo Ramos, que deu à Academia a faculdade de publicar seus livros e revistas pela Imprensa Nacional até 1999. Foi, nesse período, responsável pela edição da *Revista Brasileira* e organizou vários números interessantes sobre acadê-

nicos. Foi Secretário-Geral, por um período e, com a morte do Presidente Austregésilo de Athayde, por unanimidade, foi eleito para Presidente da Academia. Na presidência da Casa, fez uma administração exemplar. Traçou também do Regimento Interno da Academia, que agora está sendo, mais uma vez, atualizado. Havia situações muito difíceis, mas, ao terminar a presidência, deixou a Casa em ordem. Encerrou, aludindo à publicação feita por ocasião do centenário da Academia, a convite da Acadêmica Nélida Piñon, onde escreveu neste álbum cinco capítulos que são realmente modelos. Concluiu esta exposição resumida e sucinta com as palavras do Acadêmico Josué Montello, que reproduziu primeiro a frase de Joaquim Nabuco – “Eu confio que sentiremos todo o prazer de concordarmos em discordar; essa desinteligência essencial é a condição da nossa utilidade, o que nos preservará da ‘uniformidade acadêmica’. Mas o desacordo tem também o seu limite, sem o que começaríamos logo por uma dissidência.” – ele então pegava a frase de Nabuco para acrescentar, cito: – “Daí a perenidade dessa Casa. E foi exatamente essa lição que seguiram sucessivos responsáveis pelo comando da Instituição, notadamente nas ocasiões que novamente perdeu Tróia, reclamando nossa serenidade e paciência. Digo isso com a autoridade de quem teve os seus desencontros, superou-os e venceu, para que nos encontrássemos logo a seguir, fieis aos objetivos fundamentais da nossa Instituição”. Esta é a última e grande lição de Josué Montello.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, saudou a família e os amigos de Josué Montello, presentes a esta homenagem, e, depois do que ouviu do Acadêmico Alberto Venancio Filho sobre este homem, que foi grande amigo de seu sogro, Austregésilo de Athayde e, de alguma forma, herdou essa amizade, não poderia deixar de dizer uma palavra, especialmente depois dos anos que passaram juntos na Academia, após sua eleição, a qual ele honrou com o seu voto. Como bem lembrou o Acadêmico Alberto Venancio Filho, Josué esteve na Academia a convite de Afrânio Peixoto fazendo conferências e na mesma ocasião aqui também esteve Athayde. Lembrou que no livro que ele e Laura escreveram sobre Athayde reproduziram uma série de artigos de

Josué Montello, nos quais ele se refere de uma maneira afetuosa e também fraternal a Athayde. Fez questão de reproduzi-los para mostrar que, entre ambos, existia aquela fraternidade, aquele tipo de convivência que todos almejam, porque, mesmo não sendo imortal, é eterna enquanto vivem. Lembrou que Josué Montello, além do grande escritor, que todos conhecem, era grande incentivador da literatura brasileira. Seus amigos, jovens escritores que publicavam um livro e o enviavam ao Acadêmico Josué Montello logo depois recebiam um cartão, com a sua letrinha, comentando, fazendo observações e sempre incentivando a que continuassem escrevendo. Relembrou que, quando em 1965, com um grupo de amigos, resolveram fazer a *Revista Ficção*, de literatura, o primeiro escritor, já consagrado, que ofereceu colaboração foi Josué Montello, enviando uma bela novela intitulada *O Monstro*, publicada no primeiro número da *Revista*. Esta novela fez um grande sucesso, transformou-se em filme com o título *O Monstro de Santa Teresa*. Afirmou que é uma das grandes lembranças que têm dessa *Revista*, que, a partir deste momento, se firmou, porque tinha um nome tão importante como o de Josué Montello, apoiando e dando a sua colaboração. Recordou que, nos últimos anos de Josué Montello na Academia, pôde privar da sua companhia, nas terças e quintas-feiras, e conversavam muito. Considerou este momento muito importante na sua vida, porque pôde entender a relação de amizade que mantinha com Athayde, como também para entender um pouco mais esta Casa, e não podia deixar de fazer este registro neste momento.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha, depois de saudar D. Yvonne Montello, os familiares e os amigos do Acadêmico Josué Montello nessa celebração dos seus 90 anos, leu o texto que preparou para essa ocasião em que fala da obra literária do autor de *Cais da Sagração*, e da sua trajetória na Academia Brasileira de Letras a partir de 1954. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a presença da Senhora Yvonne Montello e familiares. Ressaltou que o depoimento dos Acadêmi-

cos Alberto Venancio Filho, Tarcísio Padilha e Cícero Sandroni é a voz da Academia Brasileira de Letras, voz de saudade, de orgulho e de agradecimento. Lembrou a época em que Josué Montello a chamava sua “Yvoninha”, explicitando todo o carinho do Acadêmico pela esposa, companheira e secretária, que é o alongamento das filhas e netas. Discorreu sobre a época em que Josué Montello, hospedado em sua casa, acordava cedíssimo para trabalhar em sua máquina de escrever. Falou sobre o que disse o Acadêmico Carlos Heitor Cony, que, quando não tem um livro à mão, abre o Diário de Josué Montello e encontra sempre uma riqueza muito grande para se contaminar da inteligência e do estilo do Acadêmico.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony falou sobre dois clichês que se grudaram à personalidade do Acadêmico Josué Montello: de que ele seria um romancista linear e outra que era uma pessoa afinada com o regime totalitário, vivido durante muito anos. Quanto à tecla literária, não há dúvida nenhuma que ele era um stendhaliano e confessava sua ligação com Stendhal. Noventa por cento dos seus livros são stendhalianos, o *Diário* é uma exceção. Na sua opinião, *Os Tambores de São Luis* foge da linearidade que predomina na literatura brasileira. Elogia-se muito James Joyce quando fez a epopéia de Ulisses transcorrer em vinte e quatro horas toda a saga de um homem perdido na névoa de Dublin. Josué Montello conseguiu fazer movimentar mais de cem personagens, numa noite em São Luis, ao som dos tambores, com personagens em volta de um negro. Um exercício técnico que não conhece igual, a não ser em Guimarães Rosa. Na sua opinião, esse clichê de que Josué Montello era um escritor acostumado a aceitar a tradição cai completamente, na medida em que se analisam todos os recursos técnicos que usou para fazer este livro, que é o principal da sua obra. Quanto ao segundo clichê, ressaltou que Josué Montello não era subversivo, mas também não era um homem com açúcar nas veias. No tempo em que Juscelino Kubitschek se candidatou à Academia, Josué Montello foi seu cabo eleitoral principal e brigou até o fim com todos, inclusive com o Acadêmico Austregésilo de Athayde. Finalizando, lembrou que teve o prazer de trabalhar nas memórias de JK, que ha-

viam sido iniciadas por Josué Montello e Caio de Freitas, além de ter sido seu amigo.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, dando início à sessão ordinária, submeteu a Ata da Sessão do dia 23 de agosto, que foi aprovada. Informou que participou da 12ª Jornada de Literatura de Passo Fundo junto com os Acadêmicos Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho e Lêdo Ivo. Presentes, mais de três mil pessoas interessadas em literatura. Registrou de forma especial o prestígio da Academia no meio universitário, seja do corpo docente ou discente. Deu ciência de que a Academia Passo-Fundense de Letras fez uma sessão em honra da Academia Brasileira de Letras, tal como fizera há dois anos, na Presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Referiu-se à qualidade das conferências dos Acadêmicos Antonio Carlos Secchin e Domício Proença Filho. Comunicou que a Academia recebeu o Prêmio José Olympio; a cerimônia de outorga será na Bienal do Livro do Rio de Janeiro em setembro, no Rio Centro. Anunciou que o Senhor César Leal, Prêmio Machado de Assis em 2006, foi eleito para a Academia Pernambucana de Letras e também o advogado José Paulo Cavalcanti, que fez conferência este ano na ABL, sobre o tema Direito Autoral. Disse que a Universidade de Passo Fundo vai organizar reuniões para acompanhar às festividades do Centenário de Machado de Assis. Deu notícia de que a Academia, com a aprovação de dois projetos na CNIC, ingressará numa disponibilidade de quatro milhões e cem mil reais, que significa o custo das obras do Teatro R. Magalhães Jr. e da manutenção da Biblioteca Rodolfo Garcia até 2008. Convidou a todos os Acadêmicos para visitarem o Teatro. Informou que a Biblioteca Rodolfo Garcia terá as suas despesas custeadas pela Petrobras de outubro de 2007 a outubro de 2008. Ressaltou que as gestões feitas pela Academia para aprovação dos processos e para obtenção de patrocínio resultaram num sinal positivo ao patrimônio monetário da Casa.
- O Acadêmico Cícero Sandroni assinalou que houve um grande esforço da parte do funcionalismo da Academia no sentido de agilizar para que tudo estivesse pronto, e a presença constante do Presidente Marcos Vinícios

Vilaça para que os projetos fossem aprovados na primeira reunião, da Comissão Nacional de Incentivo à Cultura logo após a greve dos funcionários do MinC, o que foi feito.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin pediu que constasse em Ata que a conferência do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, na Jornada Literária de Passo Fundo, sobre Gilberto Freyre, foi muito aplaudida.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou a todos para a mesa-redonda em homenagem aos cinquenta anos da morte de José Lins do Rego, quando falarão os Acadêmicos Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, a Senhora Maria Cristina Lins do Rego Veras e o Acadêmico Cícero Sandroni, que lerá o texto do Acadêmico Lêdo Ivo. Encerrou a sessão.

OS 90 ANOS DE JOSUÉ MONTELLO

*Palavras do Acadêmico Tarcísio Padilha**

O dia apenas se insinua no horizonte. Misturam-se as luzes da cidade aos primeiros sinais da aurora. Dorme a *urbs*. Seus habitantes nem de longe imaginam que as letras já despertaram para a criação estética. Do alto, o escritor contempla a bela paisagem da mais linda praia do mundo. E a pena bem inspirada começa a faina diária de dar corpo à imaginação que teima em se impor ao prolífico romancista. É toda uma vida marcada pelo ritmo de um estilo que ganhou força e personalidade, por maneira a reconhecê-lo tão logo pousamos nossos olhos nas folhas densas e arquetadas com requintes de perfeição estilística. A língua portuguesa é tratada como uma amante a quem se dedica o afeto e o carinho, expressões da sensibilidade plena que habita as dobras mais fundas da alma.

Falamos em Josué Montelo que, no último dia 21, estaria complementando 90 anos. Ele veio lá do Maranhão, tradicional pelo cultivo da língua na qual Camões pôs todas as suas complacências e à qual Machado fixou fronteiras estéticas duradouras.

* Proferidas na sessão do dia 30 de agosto de 2007.

Ainda menino, alongou o olhar para a palavra escrita e já aos treze anos se lançava confiante na redação do romance – gênero em que pontifica há décadas nos fastos de nossa literatura.

A doença cedo lhe apontou o árduo caminho do sofrimento e os versos retrataram uma angústia nada pardacenta:

*sou árvore de folhas estioladas
no mais alto esplendor da primavera*

O filho do pastor protestante pôs a ombros uma tarefa gigantesca. A fragilidade física se viu compensada por uma vontade inaciana, de que dão diuturno testemunho os romances que se sucedem, os repositórios literários dos diários, os milhares de artigos com que presenteia os seus numerosos leitores que formam legiões.

Nos idos de 1936, o escritor, que passara um período em Belém, desce a serra da geografia pátria, e se instala naquela que viria a ser a sua morada definitiva, conquanto a saudade maranhense nunca o abandonará. É o que atestam suas frequentes idas ao solo natal para sorver o oxigênio mais puro da fonte original e volver à cidade grande, tão diferente na acolhida daquela que a província sempre reserva aos que lhe são fiéis. Mas é aqui que irá plantar as sementes que hoje se mostram na majestade das árvores frondosas, cujos galhos vincam um itinerário feito de árduo trabalho e de fino trato da língua.

O lançamento de *Janelas Fechadas* foi saudado por Álvaro Lins, que captou a riqueza do estilo do jovem escritor neo-realista. Daí por diante é uma sucessão de romances que a crítica receberá com aplausos, dada a beleza do estilo e a urdidura das tramas em que mais e mais avulta a universalidade em seu confronto com o regionalismo donde partiu o romancista. Mas o escritor nos adverte: “o universo sempre coube na minha cidade natal”.

Quando a imaginação impele o artista, a geografia se esvai. Ao conceber o romance *Cais da Sagração*, o escritor fixara seu endereço no Boulevard Saint-Germain. Este salto transoceânico revela a capacidade de viver a própria criação,

dando-lhe as asas necessárias ao seu encontro com a arte. E foi esta obra que deu alento aos dias derradeiros de conhecida parlamentar. É a arte que se encontra com o seu desdobramento na terra dos homens, e permite a simbiose da ficção com a realidade neste contúbio captado apenas pelos que se deixam levar pela sensibilidade estrutural do ser humano.

Em *Aleluia*, o autor maranhense revela o segredo de sua fé religiosa. Respeitosamente se adentra no mistério do Cristo e, em poucas e belas páginas, atinge a plenitude de seu estilo, propiciando uma nova revelação a convidar os homens ao grande encontro.

Com mais de uma centena e meia de livros publicados, o escritor que o Rio acolheu em seu regaço tem sempre algo a dizer e, ao falar, se faz personagem de sua narrativa. Segue no particular o que a respeito sentenciou Unamuno ao falar de si mesmo: “É nosso dever. Eu não faço outra coisa. Se falo dos outros, é por distração, ou por crise de modéstia”.

Se no romance Josué firmou uma reputação inigualável, seus Diários muito dizem do seu papel de expectador arguto da planície dos homens. E o próprio escritor reconhece a significação dos diários no âmbito da criação estética: “Sempre me pareceu que o diário e um escritor, não obstante o seu cuidado em reter o efêmero, há de ser também uma obra de arte literária”.

Muito já se escreveu sobre Josué Montello. Cuidamos que há um lugar especial para um trecho de Alceu sobre o grande romancista: “Entre os nossos romancistas será, hoje, um dos que, de modo mais completo e magistral, sabem traçar o plano de um romance”.

Eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1954, Josué Montello dela se tornou o maior conhecedor. De resto, quando se fala em literatura, há que ouvi-lo discorrer. Dela conhece as obras e os autores, com a familiaridade com que transitamos pelas ruas de nossa cidade. É quando o escritor reserva um lugar especial para a ironia. Não no sentido socrático, mas no de uma verve rica a revelar os escaninhos da alma dos nossos maiores que transitaram pela Casa de Machado de Assis.

Cingimo-nos a umas poucas linhas, pois o mestre maranhense daria ensejo a muitos livros para que sua obra fosse adequadamente analisada. Hoje, fica apenas este pequeno registro, a atestar o reconhecimento de sua singular nomeada no cenário literário nacional, e a certeza de que, a cada dia, patrícios nossos estão a ler obras de Josué Montello, aprendendo a amar a língua que a todos nos irmana nesta comunidade cultural de que o escritor maranhense é figura exponencial.

SESSÃO DO DIA 6 DE SETEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início aos trabalhos com a recepção, de forma oficial, do acervo de Edna Savaget doado à Academia. Disse tratar-se de um ato muito significativo da família. Acrescentou que a Academia teve sempre o cuidado de, a partir da presença de Rachel de Queiroz, tornar mais evidente o apreço de sempre à figura da mulher. Ao receber o acervo de Edna Savaget, referiu-se ao pioneirismo do programa feminino na televisão para apontar e afirmar o significado de sua trajetória na vida brasileira. Pediu à Acadêmica Ana Maria Machado que parta a saudar a família de Edna Savaget.

- A Acadêmica Ana Maria Machado agradeceu a lembrança da família de Edna Savaget em oferecer à Academia Brasileira de Letras o acervo selecionado, a parte literária das entrevistas, sobretudo gravadas em rádio com Acadêmicos e escritores, que Edna Savaget, pioneira absoluta, colecionou durante tanto tempo, gravado muitas vezes pela família quando não havia mecanismo profissional nas próprias emissoras. Entre os vários documentos preciosos, salientou o discurso de posse do Acadêmico Mário Palmério, lido na véspera, quando ele foi treinar como falaria em sua posse, e gravado por Edna Savaget. Tem certeza de que, quando este material for tratado pelo Centro de Memória a Academia, continuará o trabalho de Edna Savaget, em defesa do pensamento, da palavra, da literatura e da cultura brasileira.
- A Sr.^a Luciana Savaget registrou a emoção da família e lembrou que Edna Savaget dizia que era uma jornalista a serviço da televisão. Falou sobre o Prêmio de que sua mãe mais se orgulhava, que recebeu das mãos da Acadêmica Nélide Piñon, em homenagem à promoção da literatura na televisão. Sente-se muito honrada em abrir este arquivo para ajudar aos estudantes e pesquisadores.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça salientou a importância deste arquivo e registrou que a Academia dispõe de um Centro de Memória modernamente equipado. Ressaltou que ultimamente a Academia fez investimentos altos em arquivos deslizantes, em mecanismo para preservação de documentos, controle de umidade, recursos tecnológicos e recursos humanos qualificados com treinamento constante. É um setor da Academia pouco visível, mas de grande transcendência na vida da Casa. Deu início, a seguir, à homenagem ao Senhor Newton Sucupira, grande educador e filósofo, exemplar servidor público, pela competência com que cuidou dos assuntos pertinentes no Ministério da Educação. Deu a palavra ao orador da homenagem, Acadêmico Alberto Venancio Filho.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho, orador da homenagem ao professor Newton Sucupira, disse que o Presidente tem sempre ressaltado que a Casa de Machado de Assis é uma Casa de Humanidades, e ninguém mereceria mais estar na Academia da humanidade do que Newton Sucupira, como salientou o Presidente, um homem de cultura, filósofo, professor e mestre da educação. Newton Sucupira era alagoano, nasceu em Porto Calvo, mas se radicou no Recife. Formou-se pela Faculdade do Recife, mas não exerceu a profissão do Direito, embora sempre dissesse que os argumentos jurídicos da Faculdade tivessem sido muito úteis quando foi membro do Conselho Federal de Educação. Registrou o encontro de Newton Sucupira com o educador Anísio Teixeira, na Sociedade Brasileira pelo Progresso da Ciência (SBPC), que ficou entusiasmado com a palestra de Newton Sucupira sobre humanismo e ciência e o convidou para uma viagem de estudos aos Estados Unidos, em 1959. Essa viagem foi muito interessante, porque Newton Sucupira era um homem haurido na cultura clássica e européia e pôde conhecer um pouco da cultura americana nas suas Universidades. Por indicação de Anísio Teixeira, o Ministro Oliveira Brito o indicou para o Conselho Federal de Educação, onde ficou durante dezoito anos. É de sua autoria o famoso parecer sobre a pós-graduação, que foi um marco na evolução do ensino no Brasil. Em 2005 a Fundação Getúlio Vargas e a Cesgranrio promoveram um seminário sobre os 30 anos da pós-graduação onde falaram os Acadêmicos Eduardo Portella e Tarcísio Padilha. Os pareceres de Newton Sucupira se destacaram pela lógica, pelo conhecimento da educação e da cultura. Ressaltou que Newton Sucupira foi nomeado diretor de assuntos universitários, onde pôde exercer o papel que fizera como relator da reforma universitária, reforma muito debatida, mas que teve grandes méritos. Por força dessa função, participou de várias reuniões da UNESCO como delegado do Brasil e, a título pessoal, foi membro do Bureau Internacional de Educação, em Genebra. Ressaltou a importância da obra publicada por Newton Sucupira: *Tobias Barreto e a Filosofia Alemã*, publicada pela Universidade Gama Filho, uma obra fundamental para a cultura brasileira, premiada pela Academia, de que citou um comentário crítico: “Trata-se, de meu conhecimento,

do melhor estudo até hoje feito sobre Tobias. Entre os muitos méritos do livro, assinalaria, do ponto de vista da elaboração do trabalho, a exaustiva pesquisa das fontes de que se valeu Tobias. O estudo sobre Tobias, além de constituir a melhor e mais rica análise do mestre sergipano e de sua obra, contemplado no contexto do curso do pensamento filosófico em nosso país.” Assinalou que estas palavras pertencem ao Acadêmico Helio Jaguaribe, que assim se pronunciou sobre o livro. Finalizando, destacou o grande humanista, professor e grande mestre da humanidade que a Academia Brasileira de Letras homenageia, por ocasião de seu falecimento.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha ressaltou a amizade fraternal que tinha com Newton Sucupira. Poderia falar de vidas paralelas, sem embargo de que ele se alteou a planos que realmente desafiam a mediania dos homens. Perdeu um grande amigo que era um grande homem. Grande pela cultura, grande pela integridade, grande pelo despojamento das glórias do mundo, grande pela devoção à família e também pelo seu acendrado amor à verdade, o que acabou por se transformar num verdadeiro polemista que esgrimia com dialética de alta sensibilidade de pujança. Salientou que Newton Sucupira escreveu um livro em que conta a sua infância, distribuído apenas pelo âmbito familiar, no recesso do afeto. Na década de 30, estudou como aluno interno no Colégio Nóbrega dos Jesuítas e, em 1935, com a transferência da família para o Recife, terminou sua formação básica e seguiu o caminho da Filosofia e do Direito. Concluiu ambos os cursos, na verdade era um pensador robusto de enorme penetração na sua acendrada especulação e sempre disse que era um jesuíta, no sentido de que a marca dos jesuítas está em todos os que passam pela formação jesuítica. Newton Sucupira deveu aos jesuítas a sua enorme acuidade intelectual, facilidade de abstração, a coerência interna de suas teses; a travação lógica interna era perfeita e sólida e o aporte epistemológico haurido de fontes mais puras do pensamento alemão. Desenvolveu antenas especulativas de elevado porte, o que bem explica a consistência de suas fundamentações teóricas, pouco freqüentes em obra de cunho educacional. Nada disso impediu a virulência de críticas que tantos fizeram à ordem de Santo Ignácio de Loyola a ponto de um de seus membros, no sé-

culo XVII, dizer: “Dentro em breve vão nos acusar de sermos autores do pecado original”. Transferiu-se em 1976 para o Rio de Janeiro, onde fixou residência até a sua morte. Ressaltou as relevantes funções em sua esfera preferencial, que era o Ensino Superior. Como membro do Conselho Federal de Educação de 1972 a 1978, havendo sido Presidente da Câmara de Ensino Superior durante dez anos. Na estrutura do antigo MEC, ocupou-se do ensino superior com rara competência e dedicação. Newton Sucupira foi o grande inspirador de mudanças fundamentais na educação superior do País; mas o mestre nordestino alongou seu olhar sobre os demais graus do ensino. Newton Sucupira integra a galeria dos grandes da nossa educação, está ao lado de Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Darcy Ribeiro e Paulo Freire.

- O Acadêmico Arnaldo Niskier lembrou Newton Sucupira e disse que há um ponto comum que se poderia estabelecer entre as duas homenagens. Esse ponto comum ouviu da filha de Newton Sucupira, Maria Judith Sucupira. Quando soube do falecimento do querido amigo, mobilizou-se para ir ao velório, o viu pela última vez, sereno e sua filha lhe disse: “Ele viveu para os outros”. Edna Savaget foi assim também, teve a honra de ser seu amigo e admirador. Ressaltou que Newton Sucupira a quem o Ministro Jarbas Passarinho, no início da década de 1970, confiou a tarefa de ir à Inglaterra sentir e conhecer o começo de um grande experiência pedagógica que era a Open University. Quando voltou, Newton Sucupira lhe telefonou e disse que estava voltando de Londres, e recebeu do Ministro Jarbas Passarinho a tarefa de criar um grupo de trabalho, e o convidou para fazer parte desse grupo, onde se estudaria a Universidade Aberta Brasileira. Dez anos depois, todos os pareceres teóricos, com uma fundamentação filosófica extraordinária de Newton Sucupira, permaneciam atuais na educação brasileira de tantas perplexidades e turbulências. Quando se queria falar em pós-graduação, socorria-se de Newton Sucupira; quando se queria falar em Universidade Aberta, recorria-se a Newton Sucupira; o currículo mínimo do curso de filosofia, recorria-se a Newton Sucupira e muito tempo depois se comemora o que ele fez pela educação brasileira. Disse que pode testemunhar muito de perto o quanto o Brasil deve em ma-

téria de fundamentação pedagógica a essa figura extraordinária, àquele homem que efetivamente viveu para os outros.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida ressaltou o tributo a Newton Sucupira. Agradeceu a Arnaldo Niskier por ter lembrado o lado humano da entrega, da presença e da amizade num artigo esplêndido do *Jornal do Commercio* e sugeriu que fosse inserido nos *Anais da Academia Brasileira de Letras*. Salientou que o Brasil perdeu o último remanescente desta plêiade de educadores que criaram no Brasil algo de extraordinário, a partir de Anísio. O Brasil não tem uma política pública de educação, teve uma política de educação feita por uma plêiade de intelectuais que tomaram o leme e a criaram. Foi o resultado de uma avalanche, uma visão de mobilidade social que Newton Sucupira teve a percuciência de pensar em 1965 e ao Parecer seminal de 1965, que funda a reforma universitária de 1968. Nesse ano, havia 60 mil alunos no nível superior no Brasil; em 2003, há três milhões e quinhentos mil. É fácil de se entender a avalanche que isso criou em termos de mobilidade social, e como se deve a Newton Sucupira o ter, desde o primeiro momento, definido o padrão de qualidade, a partir do qual, a noção de que o ensino superior se transformava em algo absolutamente irredutível para a posição cívica de Newton Sucupira. Não abriu mão, manteve e permitiu que hoje, efetivamente neste caudal de diferenças entre escolas isoladas, universidades e centros universitários, a idéia desta qualidade possa ainda se definir como um legado de geração. Finalizando, ressaltou o Sucupira que marcou este compromisso essencial dentro desta visão da educação e do humanismo.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho deu o testemunho de uma geração que ingressou na docência universitária no final da década de 60. Lembrou que o trabalho de Newton Sucupira afetou todo trabalho profissional que teve na Universidade. Afetou via um número 977/65 que era o Parecer de Newton Sucupira que fundou a moderna Pós-Graduação brasileira na Universidade. Este Parecer foi realmente uma fundação, porque, o que se tinha antes, era apenas um doutorado baseado no estilo europeu, e Newton trouxe

o modelo norte-americano, adaptado com flexibilidade às nossas circunstâncias. Criou o mestrado, redefiniu o papel do doutorado, separando as funções dos dois níveis de formação. Com isso, as conseqüências são de que, até hoje, este parecer é a fonte de inspiração para o debate sobre a nossa Pós-Graduação, a melhor de toda a América Latina. Na sua simplicidade, na sua clareza, é um parecer simples que determina o conceito do que seria a nova pós-graduação brasileira.

- O Presidente Marcos Vilaça encerrou a primeira parte da sessão e, dando início à Sessão Ordinária, colocou em discussão a Ata do dia 30 de agosto de 2007, que foi aprovada. Iniciou a sessão fazendo um pedido ao Acadêmico Celso Lafer: que seja portador da mensagem de toda a Casa: um abraço afetuoso ao Acadêmico José Mindlin pelo seu doutoramento, pela Universidade de Passo Fundo, quando teve o reconhecimento de milhares de estudantes reunidos na Jornada de Literatura. Os Acadêmicos Lêdo Ivo, Domício Proença Filho, Murilo Melo Filho, Antonio Carlos Secchin e o Presidente podem atestar o encantamento dos professores e dos alunos daquela região do Rio Grande do Sul, curvados aos merecimentos do Acadêmico José Mindlin. Celebrou o aniversário do Acadêmico José Mindlin e José Murilo de Carvalho no próximo sábado, dia 8 de setembro.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier congratulou-se com o Acadêmico Celso Lafer pela indicação feita pelo Governador José Serra, para assumir a Presidência da Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo, um dos maiores orçamentos do País e uma responsabilidade muito grande, à altura da sua biografia.
- O Acadêmico Celso Lafer agradeceu as generosas palavras do Acadêmico Arnaldo Niskier e disse que conta com o apoio de todos nessa nova e significativa tarefa que tem pela frente.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu notícias de que, na semana passada, a Academia conseguiu meios para todos os custeios e a manutenção, por mais um ano, da Biblioteca Rodolfo Garcia. As contribuições são sempre

muito bem-vindas, e deu a notícia de que conseguiu as passagens aéreas para a representação de que a Academia necessita fazer na Feira do livro em Santiago, com o lançamento do livro com as poesias de Huidobro e Manuel Bandeira, além de outros livros editados na Academia. Registrou que, em dezembro de 2005, a Academia tinha em estoque na Casa cento e três mil e duzentos e oitenta livros, com dificuldades de distribuição. Hoje este número se reduziu a quarenta e três mil. Foram distribuídos cinquenta e nove mil, oitocentos e cinquenta e dois livros. Tem a esperança de que, até o final do ano, mais dez mil tenham destino às bibliotecas públicas do País. Registrou que recebeu a visita do Senhor José Carlos de Vasconcellos, Diretor do *Journal de Letras* de Portugal, igualmente Diretor da *Revista Visão*, de maior circulação de Portugal e, sobretudo, grande amigo do Brasil e da Academia. Recordou aos Acadêmicos a programação da semana de aniversário da ABL: dia 27, às 20 horas, jantar oferecido pelo Governador Sérgio Cabral, dia 28, Missa no Mosteiro de São Bento, às 11h 30min, e solenidade às 18 horas. No dia 29, jantar na residência da Sr.^a Lily de Carvalho Marinho. Recebeu comunicação da Ministra da Cultura de Portugal, dizendo que não poderá estar presente às festividades do 28 de setembro, mas está marcando sua visita à Academia para o mês de outubro, quando trará proposta de um acordo de cooperação entre a Academia e o Ministério da Cultura de Portugal.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva deu detalhes sobre o livro comemorativo dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras. O livro já está entrando na gráfica e ainda não ficou pronto porque havia detalhes ainda para serem revistos. Os nomes estavam escritos de diferentes maneiras, algumas vezes seguindo a norma de adotar o nome tal como a pessoa assinava em vida, e outras vezes seguindo as normas que a imprensa adota, ou seja, enquanto está viva, respeita a grafia, quando morre passa a escrever Gilberto Freire e Rui Barbosa com *i*. Estava tudo pronto quando resolvemos adotar sempre como regra o nome como a pessoa escrevia em vida, após consulta ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Disse ter esperança de que, no dia 26 ou 27, terá o número suficiente de livros para distribuição.

- O Acadêmico Domício Proença discorreu sobre a 12.^a Jornada de Literatura, que reuniu dezesseis mil e quinhentas pessoas, incluído o público da Jornadinha, que se dedica às crianças. A primeira impressão, bastante lisonjeira, foi o entusiasmo pela Academia Brasileira de Letras e o destaque à relação da ABL com a sociedade brasileira, notadamente com a perspectiva antropológica de uma visão ampla da cultura. Salientou que a Academia tem presença muito viva e destacada, sobretudo pelo poder da Internet, a tal ponto que várias Universidades e Faculdade de Letras asseguraram que, a partir de então, iriam montar grupos de estudantes, principalmente às terças e quintas-feiras, para acompanharem os ciclos de conferências e os seminários da Academia, como atividade regular do currículo de Letras, o que foi bastante lisonjeiro. Registrou o empenho com que foi recebida a conferência do Presidente Marcos Vinícios Vilaça sobre Gilberto Freyre, do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, uma aula magna sobre Tomás Antonio Gonzaga, do Acadêmico Lêdo Ivo, que focalizou Raymundo Correia e, logo depois, presidiu a sessão em que falou o Acadêmico Murilo Melo Filho sobre Rui Barbosa, ambos aplaudidos de pé por uma platéia de 250 inscritos. O Acadêmico Moacyr Scliar dissertou sobre *O Alienista*, do ponto de vista médico, um sucesso bastante marcante e o terceiro ponto foi o sucesso do filme “Português – a língua do Brasil”, aplaudido por 500 expectadores, inclusive durante a exibição do filme, a cada pronunciamento de alguns acadêmicos. Houve uma solicitação expressa de que cópias fossem distribuídas às universidades e escolas como ponto de partida para debates e aulas. Em síntese, afirmou que a Casa evidenciou sua visibilidade de uma maneira clara e explícita e o encontro propiciou uma nova solicitação, de um grupo bastante significativo de professores e estudantes, que disseram reconhecer na Academia a maior autoridade brasileira em Língua Portuguesa e sugeriram que a Academia abrisse, a propósito, na Internet, um *site* exclusivo que orientasse, que tratasse da política do idioma e apresentasse as questões fundamentais que pudessem ser discutidas em Língua Portuguesa. Esclareceu que, não sendo a Academia uma universidade, não lhe cabe a missão, mas lhe pareceu uma prova do prestígio, da visibilidade, e da aura que envolve esta Casa, sem falar da

acolhida honrosa, simpática, em todos os sentidos bastante grata, como receberam a Academia Brasileira de Letras em Passo Fundo. Acrescentou que era este o depoimento que tinha a fazer e espera que tenha sido fiel ao que aconteceu.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin afirmou que o Acadêmico Domício Proença Filho não foi de todo fiel, porque esqueceu de registrar a sua grande participação, não só na conferência prevista sobre *Dom Casmurro*, mas também o desprendimento que demonstrou quando substituiu um colega, impedido de comparecer por razões de saúde, e preparou uma outra bela palestra sobre Guimarães Rosa, impedindo que houvesse uma lacuna no programa estabelecido para os Acadêmicos. Disse que a Casa é muito grata ao desprendimento e à atuação de Domício Proença Filho.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva registrou o falecimento, no final do mês passado, em condições de quase miséria, do poeta português Alberto Lacerda, auto-exilado em Londres. Discorreu sobre Alberto Lacerda, que considerava um poeta mediterrâneo, luminoso, claro, denso e sem sombras. Autor de vários livros, entre os quais salientou duas extraordinárias obras *Palácio* e *Elegias de Londres*. Lembrou o homem de invulgar cultura, gosto refinado, possuidor de uma belíssima coleção de artes plásticas, na qual estava representada a maioria dos mais importantes pintores europeus do Século XX, e que, possivelmente, o viu morrer na miséria, cercado do esplendor dessa riqueza, porque era incapaz de vender um só quadro. A sua coleção foi objeto de uma memorável exposição “História de um colecionador”, na Fundação Gulbenkian, faz cerca de dez anos. Salientou ter tido o privilégio de ser amigo de Alberto Lacerda, durante os oito anos que passou em Lisboa. Acrescentou que foi um poeta memorável e que não merecia o fim melancólico que teve. Considera uma perda extraordinária para a Língua Portuguesa a morte do poeta Alberto de Lacerda.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho convidou, em nome do Presidente, os acadêmicos presentes para a exibição do filme “O Português, a língua do Brasil”, de Nelson Pereira dos Santos sobre os Acadêmicos e a Língua Por-

tuguesa, que será feita na próxima terça-feira, às 16 horas, na Sala de Multimídia da Biblioteca Rodolfo Garcia.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que o Acadêmico Alberto Venancio Filho chamou sua atenção, há pouco, para a transcorrência ontem da passagem dos 150 anos da morte de Augusto Comte. “Ameaçou” inscrever-se para, na próxima sessão, registrar essa efeméride, de grande importância.
- O Presidente considerou uma jubilosa ameaça e encerrou a sessão.

ELE VIVEU PARA OS OUTROS

*Artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier**

Talvez tenha sido um dos homens mais cultos do Brasil. Com sólidos conhecimentos filosóficos e pedagógicos, o professor Newton Sucupira, que se orgulhava da sua pernambucanidade, prestou relevantes serviços ao país, sobretudo com os seus admiráveis pareceres no histórico e então prestigiado Conselho Federal de Educação. Rivalizava com o professor Valnir Chagas e, com isso, ganhava a educação brasileira, nos anos 60 e 70.

Até hoje, o clássico parecer de Newton Sucupira sobre a pós-graduação faz sentido e serve de referência, num setor em que, felizmente, demos mostras da nossa competência. A ele devemos todos esses fundamentos, enriquecidos pela facilidade com que o mestre desaparecido dominava o idioma alemão, conhecendo os seus grandes autores.

Era uma felicidade com ele conviver. Aprendia-se sempre, como ultimamente ocorria nas reuniões da Academia Brasileira de Educação. Mas, antes, tivemos o prazer de conhecê-lo nas lides do Ministério da Educação, quando dirigia o Departamento de Relações Internacionais. Nessa condição, estive na

* Artigo publicado no *Jornal do Commercio* do dia 31 de agosto de 2007.

Inglaterra, no início da década de 70, para saber pormenores da então criada Open University (Universidade Aberta), a convite do ministro Jarbas Passarinho.

Quando voltou de Londres, no mesmo dia, honrou-nos com um telefonema, afirmando que o ministro desejava criar um grupo de trabalho (o primeiro da história da educação à distância em nosso país) – e que gostaria de contar com a nossa colaboração, o que, de fato, aconteceu. Foi o princípio da Universidade Aberta do Brasil.

Em outra ocasião, a convite do MEC, pesquisamos na UERJ sobre o ensino por correspondência. O professor Sucupira foi o nosso grande guia, com a firmeza das suas convicções, bem próprias, como afirmou Paulo Elpídio Menezes Neto, do sobrenome que significa “árvore nordestina de galhos fortes, rijos e ásperos”.

Ao desenvolver o conceito de educação permanente, como na época preconizava a Unesco, mostrou que a idéia em si mesma não era nova:

“Foi preconizada por Platão. Em nível filosófico, a própria idéia de educação enquanto forma de atividade, qualidade inerente ao ser do homem, nos conduz à noção de sua permanência. Justamente porque o homem não constitui jamais um ser completo, mas o conjunto estrutural de possibilidades de atualização contínua, é educável ao longo da sua vida, necessita educar-se, renovar-se incessantemente”.

Sucupira foi um grande pensador, afirmando a capacidade do homem de se ultrapassar em toda a idade e em todas as situações: “A socialização dos jovens não é mais um processo fechado e acabado. A Educação Permanente deve ser o meio de integração do homem consigo mesmo e do homem com o seu ambiente”.

Daí ser perfeitamente compreensível que amigos e familiares chorem a morte de Newton Sucupira. A sua filha Maria Judith, também educadora, resumiu numa frase a dignidade com que enfrentou as agruras do mundo: “Ele viveu sempre para os outros, por isso foi tão amado”.

SESSÃO DO DIA 13 DE SETEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início à primeira parte da sessão ressaltando a alegria e a honra da Academia por receber ilustres convidados. Falou da importância da presença dos Embaixadores de Portugal, Dr. Francisco Seixas da Costa; Embaixador de Angola, Dr. Leovigildo da Costa e Silva; do Embaixador de Cabo Verde, Dr. Daniel Pereira e o Embaixador de Moçambique, Dr. Murade Isaac Murargi, ilustres representantes da lusofonia. Pediu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva, em nome da Academia, que saudasse os Embaixadores.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, ressaltou que a Academia recebe não apenas representantes de fala comum, mas os representantes de diversas

mães-pátrias, porque o Brasil tem a peculiaridade de ter várias mães, situadas em diferentes continentes. Destacou a presença dos Embaixadores de Portugal, país que deu a coluna vertebral ao Brasil; os Embaixadores de Angola e de Moçambique, que nos deram o nosso sistema nervoso; o Embaixador de Cabo Verde, país que teve a maior importância na formação do Brasil e, durante vários séculos, foi o traço de união entre a Europa e a América Portuguesa e entre a África e América Portuguesa. Informou que é motivo de especial júbilo para a ABL receber aqueles que estão perto do coração e representam o símbolo das origens do Brasil, um país múltiplo, com uma história também diversificada e múltipla. Observou que a história do Brasil não começa com a chegada de Pedro Álvares Cabral às terras brasileiras; é uma história muito mais antiga do que aquela da chegada de europeus e africanos às nossas terras. É motivo de orgulho e alegria contar com a presenças dos Embaixadores nesta sala, neste momento e neste dia.

- O Embaixador de Portugal, Dr. Francisco Seixas da Costa, agradeceu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva e reconheceu a dimensão cultural que se projeta neste encontro. Disse ser um grande prazer e privilégio estar presente em uma instituição brasileira de tanto prestígio e que tem uma relação muito íntima com instituições congêneres de Portugal. Ressaltou a importância de estarem juntos neste esforço da promoção da Língua Portuguesa, como veículo estratégico da própria afirmação em nível internacional, e de trabalharem com as diferentes culturas, para a mútua projeção de Brasil e Portugal. Neste aspecto, disse que a ABL é um dos expoentes desse notável trabalho que tem sido feito. Sobre o Acordo Ortográfico, no essencial, Portugal está de acordo. Haverá algumas dificuldades relativas às dimensões temporais ligadas à execução prática do Acordo, e aos efeitos ao nível econômico e das conseqüências disso no processo editorial, podendo levar a algumas reticências, mas que não tem nada que ver com qualquer divergência de fundo relativamente ao empenhamento de Portugal, num processo de articulação para uma aproximação ortográfica entre todos os países de Língua Portuguesa, em particular com o Brasil, cuja norma é aquela que oferece

algumas divergências relativas à norma portuguesa. Observou que não tem uma leitura patrimonialista da Língua Portuguesa; ela é de quem fala e, se há futuro para a Língua Portuguesa, esse futuro está onde ela é mais falada, e naturalmente o Brasil tem um papel vital, central e predominante no futuro da afirmação da Língua Portuguesa no quadro mundial.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça passou a palavra ao Embaixador de Moçambique, Dr. Murade Isaac Murargi, afirmando que a Casa de Machado de Assis tem muita honra de ter o escritor Mia Couto no quadro dos Sócios-Correspondentes.
- O Embaixador de Moçambique agradeceu a oportunidade que lhe foi dada de estar na Casa de Machado de Assis. Salientou que Mia Couto é muito conhecido, mas Moçambique tem muitos outros bons escritores. Subscreveu as palavras do Embaixador Francisco Seixas da Costa, porque os países de Língua Portuguesa estão unidos na cultura e na língua, elementos que não podem ser desperdiçados, na comparação em muitos segmentos da vida econômica e social dos países de Língua Portuguesa. Moçambique é fiel a seus princípios e um dos princípios condicionais é que a Língua Portuguesa é a língua oficial de Moçambique. Estão sempre ansiosos de que ela seja valorizada porque é a língua que une todos os moçambicanos. Sugeriu que os países de Língua Portuguesa devessem se unir e reforçar essa cooperação para que ela seja cada vez mais valorizada e mais expandida, não se limitando apenas às suas fronteiras. Adiantou que o Brasil tem feito muito trabalho nesse sentido.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça ressaltou que a nominata dos escritores moçambicanos é imensa, referiu-se a Mia Couto, Sócio-Correspondente da Casa. Passou a palavra ao Embaixador de Cabo Verde, Daniel Pereira.
- O Embaixador Daniel Pereira agradeceu ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça e lembrou, a propósito do livro *Aventura e Rotina*, de Gilberto Freyre, a escrita de um texto que fez há pouco tempo, por ocasião do Centenário da *Revista Claridade*, que é o grito da independência literária caboverdiana, da-

quilo que Gilberto Freyre significou para Cabo Verde em termos de reação com aquilo o que ele disse. Sobretudo em relação ao Baltazar Lopes da Silva, um dos expoentes da literatura caboverdiana. Ressaltou que, embora Gilberto Freyre pensasse de forma um pouco diversa, existem relações empáticas muito fortes entre os países de Língua Portuguesa e que essas relações não são obras do acaso, mas são produtos da História. As relações são culturais, históricas e lingüísticas; observou que todos falamos a mesma língua e é essa a razão para que todos entendam que já não há mais donos da Língua Portuguesa, porque ela pertence a todos, e certamente se encontrará o caminho certo para que se continue a utilizar a Língua Portuguesa como uma língua de cultura e de poder.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça passou a palavra ao Embaixador de Angola, Dr. Leovigildo da Costa e Silva.
- O Embaixador de Angola agradeceu ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Em nome de seu país agradeceu a oportunidade de estar presente representando quatorze milhões de pessoas que falam a mesma língua. Relatou que todos conhecem o que é a história entre Brasil e Angola; hoje se fala de uma questão mais profunda, mais literária em relação ao Acordo Ortográfico, que já devia ter sido ratificado, mas infelizmente por razões óbvias ou por curso histórico de Angola, porque Angola só conseguiu a paz há seis anos. Ressaltou que, dentro de todas as prioridades do País, esta não é uma prioridade que menosprezam, mas que tem que ser naturalmente uma oportunidade para que todo o aspecto social dos angolanos se possa pronunciar. Há uma convicção de que todos estão unidos pela mesma língua e que todos podem avançar naquilo que é o passado. Finalizando, disse que somente com a união se pode vencer e fazer face às adversidades do dia-a-dia e do futuro.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça ressaltou o quanto a Academia está distinguida com a presença dos Embaixadores de Portugal, Dr. Francisco Seixas da Costa; Embaixador de Angola, Dr. Leovigildo da Costa e Silva; do Embaixador de Cabo Verde, Dr. Daniel Pereira e o Embaixador de Mo-

çambique, Dr. Murade Isaac Murargi. Registrou que a presença dos Embaixadores desmente um pouco aquilo que lhe foi lembrado pelo jurista Julião Antônio, que lhe disse que é preciso que se faça das coisas do passado não versões, mas verdades. Salientou que é uma verdade o fato de que são amigos e que as oportunidades surgem para ratificar o enlace entre os países de Língua Portuguesa.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça interrompeu a primeira parte da Sessão para as despedidas aos Embaixadores lusófonos.
- Dando início à segunda parte da reunião, saudou o Cônsul-Geral do Japão, Masahiro Fukukawa e os membros da diplomacia japonesa. Discursou em homenagem aos cem anos de cultura japonesa no Brasil, ressaltando que foi o começo de uma presença que se ampliou ao longo dos anos e que plantou no nosso país muito mais que sementes e mudas de café. Plantou matizes e matrizes relevantes na terra pródiga da cultura brasileira em processo. A íntegra do texto será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Cônsul-Geral do Japão agradeceu ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça e salientou que no próximo ano a imigração japonesa no Brasil completa cem anos; os governos do Japão e do Brasil acordaram em promover a compreensão mútua e a colaboração para o futuro, através da realização de eventos comemorativos, estabelecendo 2008 como o ano do intercâmbio entre os dois países. Em 18 de junho deste ano foi criada a Comissão de Eventos Comemorativos do Centenário da Imigração Japonesa do Estado do Rio de Janeiro e do Ano de Intercâmbio Brasil-Japão, cujo Presidente, Sr. Akiyoshi Shikada, se encontra aqui presente, assim como alguns outros membros. Informou que uma extensa programação comemorativa está sendo elaborada para o próximo ano, mas até o momento, não temos eventos relacionados ao intercâmbio literário entre o Brasil e o Japão. Espera que em 2008 possamos realizar algum evento em parceria com essa Academia. Agradeceu ao Presidente Vilaça e aos senhores Acadêmicos por esta sessão de hoje e deseja que a amizade com a Academia Brasileira de Letras seja mais um canal de fortalecimento das relações entre o Brasil e o Japão.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu ao Cônsul-Geral do Japão Sr. Masahiro Fukukawa e acrescentou que a Academia acolhe a sugestão de articular comemorações conjuntas do Governo Brasileiro, do Governo do Japão e da Academia Brasileira de Letras para registro adequado do significado do centenário da imigração japonesa.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu início à sessão ordinária e submeteu a ata do dia 6 de setembro que, após reparo feito pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho, foi aprovada. Fez o registro de que esteve, junto com o Acadêmico Antonio Olinto, na sessão de abertura da Bienal do Livro. Falou aos presentes da importância que a Academia concedia à Bienal do Livro e da disposição de servir aos livros e aos leitores com os trabalhos que a Academia já vinha executando no plano da distribuição de livros e apoio às bibliotecas. Informou ao Plenário que, no dia 27, o Sócio-Correspondente Adriano Moreira virá a Academia para fazer o lançamento da edição brasileira de seu livro *Teoria das Relações Internacionais* e proferir a conferência no Real Gabinete Português de Leitura. Esclareceu que a Academia adquiriu algumas peças do acervo da memória de José Lins do Rego e as incorporou ao seu patrimônio. Essas peças estarão em exibição na exposição comemorativa do cinquentenário de José Lins do Rego. Anunciou que foram estabelecidas as datas de 11 e 18 de outubro para a discussão das alterações, se for o caso, do Regimento da Academia Brasileira de Letras, já decorridos os prazos regimentais.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho fez o registro do lançamento, já nas livrarias, do novo livro *Conspiração de Nuvens*, da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, querida Acadêmica e grande dama da literatura brasileira, autora de *O Cacto Vermelho*, *O Jardim Selvagem*, *Filhos pródigos*, *A estrutura da bolha de sabão* e vários outros romances, de enorme sucesso e repercussão. Este seu novo livro, é uma coleção de 19 crônicas, dedicadas, entre outros, a Paulo Emílio Salles Gomes, seu marido; e a Álvares de Azevedo, o jovem poeta paulista, morto aos 21 anos de idade e pertencente a uma geração de poetas românticos falecidos precocemente e batizados por Drummond como “A Escola de

Morrer Cedo”. Duas outras crônicas estão também incluídas neste livro. Uma, que lhe serve de título, “Conspiração de nuvens”, em que são citados os nossos Acadêmicos Cícero Sandroni e Nélida Piñon, como participantes de uma conspiração para lançamento de um “Manifesto de Intelectuais”, em 1976, contra a censura e a ditadura militares da época.

- No capítulo das Efemérides, o Acadêmico José Murilo de Carvalho discorreu sobre Auguste Comte. Observou que, quem visita ao Cemitério do Père Lachaise, em Paris, além de perceber que os dois túmulos mais populares são os de Jim Morrison e Alain Kardec, vai perceber também que um dos túmulos mais bem cuidados é o de Auguste Comte, porque é cuidado por brasileiros. Os brasileiros assumiram esse encargo assim como o da Maison d’Auguste Comte e também da Capela da Humanidade, que foi a residência de Clotilde de Vaux. Ressaltou que isso é uma simples indicação do fato de que o Positivismo, sobretudo o Positivismo Ortodoxo, teve mais influência no Brasil do que em qualquer outro país, inclusive na França. Assinalou que, entre as grandes correntes do século XIX, o Positivismo só é ultrapassado pelo Marxismo, em termos de influência sobre o nosso pensamento, na medida em que várias teses de doutorado e de mestrado têm sido feitas, publicadas e defendidas recentemente sobre o assunto. Chamou a atenção para uma tendência de interpretação do pensamento brasileiro que tem dois vieses, um deles, uma espécie de determinismo econômico, outro, sobre o pensamento e a crítica permanente de que o nosso pensamento seria uma cópia do pensamento externo, sobretudo o pensamento europeu. Um dos exemplos disto é a visão do Positivismo como uma ideologia no Brasil, como uma ideologia reacionária, como se disse que era na França, na medida em que a obra de Comte sucedeu às grandes revoluções francesas de 89, 30 e 48 e que lá poderiam ter essa conotação. Transpondo-se isto para o Brasil, é como se o Positivismo tivesse o mesmo sentido social e ideológico que ele teria na França, e que seria aqui uma ideologia também reacionária e uma cópia servil do pensamento de Auguste Comte. Mostrou que, no Brasil, o Positivismo constituiu um pensamento reformista, social e político importante.

Esta influência ortodoxa no Brasil começou quando Miguel Lemos assumiu a presidência da Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, em 1881. Assumindo o controle dessa sociedade, Miguel Lemos fez uma transformação radical, a de transformar a sociedade positivista num grupo disciplinado e militante na defesa das idéias positivistas e, sobretudo, na defesa de políticas públicas inspiradas pelo pensamento positivista. A sua tática de ação se baseava na idéia de convencer as pessoas, o que fazia por artigos de jornais, em conferências e panfletos. Era uma militância muito intensa. Lembrou que os ortodoxos foram acusados de fanáticos, lunáticos e autoritários, por seguirem a orientação de Auguste Comte. Citou alguns temas candentes em que se envolveram e sobre os quais tomaram posição firme, baseados numa interpretação do Positivismo que não era muito ortodoxa.

- O Acadêmico Helio Jaguaribe, congratulou-se com a excelente exposição do Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre Auguste Comte. Lembrou que seu pai, Francisco Jaguaribe de Matos, era o geógrafo e o cartógrafo da Comissão Rondon participando de todas as idéias do General Rondon e era Positivista. Com isto, foi educado dentro desta visão Positivista. Ressaltou que o Positivismo em nossos dias é considerado de maneira depreciativa pelo pensamento filosófico, porque houve, no caso de Auguste Comte, um excesso de incorporação da visão mecanicista da ciência do século XIX. Algo de mecanicismo existe em Marx, algo de mecanicista existe em Engels; não obstante esses aspectos, assinalou que Comte foi o preconizador da substituição das crenças religiosas pelo Humanismo. A religião da humanidade, embora tecida de uma maneira catolicizante, na verdade é uma proposta para aqueles que, por razões científicas e filosóficas, chegaram à conclusão da inexistência de Deus, de dar-lhe uma nova dimensão de uma transcendência possível que é a humanidade e, portanto, o Humanismo. Na sua opinião, este é o legado fundamental de Comte que, a seu ver, está sendo insuficientemente apreciado pela crítica moderna.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida salientou o alinhar excepcional de todo o conjunto e a coleta de idéias de Auguste Comte proferido pelo

Acadêmico José Murilo de Carvalho. Acha importante que se possa extremar, não só no sentido da utopia, mas no aspecto da fossilização do Comtismo e de que maneira ele se mantém no Brasil. Não há hoje em todo o mundo um outro templo Comtista. Acha que a visitação deste templo no sentido do que representa esta história faz parte do arcano brasileiro. Salientou, entre todos os positivistas vinculados à Casa, a excepcional importância de Paulo Carneiro.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho lembrou o Acadêmico Ivan Lins entre os Acadêmicos positivistas.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos fez o registro de pesar pelo falecimento do cineasta Mário Carneiro, filho do Acadêmico Paulo Carneiro. Nascido em Paris, em 1930. Freqüentador assíduo da cinemateca francesa antes de se formar na Faculdade Nacional de Arquitetura, em 1955. Foi aluno de Iberê Camargo e de Johnny Friedlander, participou das bienais de São Paulo, Paris, México e Venezuela e realizou exposições individuais. Começou no cinema como co-produtor, montador e fotógrafo do Curta-Metragem *Arraial do Cabo* (1959), de Paulo Cesar Saraceni, marco inicial do cinema novo que foi premiado em Bilbao, Florença, Sestri-Levante e Roma. Co-produziu e dirigiu a fotografia para o episódio *Couro de Gato*, de Joaquim Pedro de Andrade, do longa-metragem *Cinco Vezes Favela* (1961). Com *Porto das Caixas* (1962), de Paulo Cesar Saraceni, sua primeira direção fotográfica em longa, firmou-se como fotógrafo de cinema. A partir daí realizou várias direções de fotografias. Foi professor do Departamento de Cinema e Vídeo da Universidade Federal Fluminense, onde ensinou montagem e fotografia.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco associou-se às palavras dos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Nelson Pereira dos Santos. Foi muito próximo de Mário Carneiro e sua irmã Beatriz, e lembrou que a lealdade de Paulo Carneiro ao Positivismo era de tal ordem, que Mario era Mario Augusto, por causa de Auguste Comte, e Beatriz era Beatriz Clotilde por causa de Clotilde de Vaux. Desde essa época, foram muito próximos, traba-

Ihou com Paulo Carneiro numa reunião da União Latina, em Roma. Salientou o que a cultura mundial deve a Paulo Carneiro, que presidiu a Comissão que salvou de Joaquim Pedro de Andrade os Templos de Abu Simbel da inundação da represa de Assuam, o que foi um trabalho extraordinário. Quanto a Mario Carneiro, estudou arquitetura, urbanismo, pintura e gravura. Foi um cineasta, mais diretor de fotografia do que de cinema, mas chegou a dirigir um filme. Filmou *O Padre e a Moça*, *Couro de Gato*, *Garrincha*, *Alegria do Povo* e foi um pintor e gravador de sucesso. Salientou a simplicidade, a integridade e honradez de Mario Carneiro, um expoente da cultura brasileira, que recebeu a Ordem do Mérito Cultural.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça lembrou que, na próxima semana, será exibido o filme do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos sobre a Academia no dia 20 de setembro às 14h, na Sala de Vídeo-conferência. Registrou a participação da Academia, no dia 17, no programa “Criança Esperança” e a implantação de uma nova biblioteca, num bairro periférico de Belo Horizonte. Encerrou a Sessão.

JAPÃO/BRASIL

*Palavras do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça**

Eles vinham de longe. Do Oriente distante. Para ajudar um país jovem a seguir plantando café, sua fonte de riqueza. Ao fundo, um acordo. Bom para ambos: o Brasil carecia de mão-de-obra, o Japão vivia grave crise demográfica. No acordo, de um lado estava Tibiriçá, presidente da província de São Paulo, do outro, Mizuno, tido como pai da imigração japonesa.

No mar, o navio carregado dos medos e das expectativas de 165 famílias pioneiras. O destino: o porto de Santos, os cafezais e o futuro. O Kasato Maru, nave da esperança, lança âncora nas águas novas e tranqüilas. Era junho. O dia 18, o ano 1908. Estamos próximos da data centenária, que coincide com os tempos comemorativos dos cem anos da morte de Machado de Assis.

Era o começo de uma presença que se ampliaria ao longo dos anos e que plantaria no nosso País muito mais que sementes e mudas de café. Plantaria matizes e matrizes relevantes na terra pródiga da cultura brasileira em processo.

* Proferidas na sessão do dia 13 de setembro de 2007.

E vieram outros e outros mais. Alimentadas de sonho, 3.434 famílias, 14.483 pessoas, nos primeiros sete anos que se seguiram. E logo, com a explosão da Primeira Guerra Mundial, a grande presença que trará, de 1917 a 1940, cerca de 164 mil filhos do Sol Nascente às terras brasileiras, em especial sediados em São Paulo. Na motivação, alentadora, pois eram pobres, na sua maioria, o sonho da riqueza e da felicidade. Logo fraturado: árduo se apresentava o percurso, que envolveu ainda sofrências, preconceitos e obstáculos em meio ao verde cafeeiro, no calor das plantações de borracha da Amazônia, na ardência da pimenta paraense.

Nuclear, a presença na comunidade bandeirante. Brasil, brasis. E, se recordo o passado, é para situá-lo como alicerce da construção.

O imigrante japonês, como a gente do meu Nordeste, é antes de tudo forte. E se, de início, buscou proteger-se no abrigo de um isolamento comunitário, logo cedeu ao desabusado jeito brasileiro de ser. Abrasileirou-se. Sem perda das raízes, como atesta, entre outros, o bairro paulista da Liberdade, com essa designação tão brasileiroamente significativa, que deságua em traços culturais marcadamente miscigenados.

As tentativas iniciais de isolamento, mobilizadas sobretudo pela intenção de retornar à terra natal, acabaram por não resistir à vocação mestiça do Brasil. E multiplicaram-se os casamentos interétnicos. E veio o desejo dos descendentes de assumirem a cidadania brasileira. E veio, avassaladora, até por absolutamente necessária, a utilização da língua portuguesa do Brasil. A tal ponto que, na atualidade, apenas 10% dos integrantes da segunda e da terceira geração de imigrantes japoneses sabem falar a língua de seus pais. E mais: perto de 30% nasceram de casamentos de japoneses e não-japoneses, brasileiros, italianos, portugueses e espanhóis. Não quero desconsiderar o fato de que, nas cidades do norte do Paraná, não é incomum os letreiros comerciais bilíngües. E hoje, integram a comunidade brasileira um milhão e meio de japoneses e descendentes. É obvio que 80% se encontram em terras bandeirantes, a maioria na capital. Lá está, no senso de 1988. É um dado interessante: noventa por cento da presença japonesa entre nós vivem em áreas urbanas.

No processo de presença comunitária, é marcante a presença da cultura japonesa incorporada.

Eles nos ensinaram a degustar comidinhas de raro prazer e delicadeza, que se acrescentaram à nossa culinária; a comer peixe cru. E, com o uso aprimorado do *hashi*, aqueles dois pauzinhos que manejamos, alguns de nós sabe Deus como! Além de ampliarem as dimensões de inúmeros produtos agrícolas, que cresceram em volume e substância por força dos seus saberes. São, afinal, mais de trinta incursões nesses espaços, que envolvem, além do café, algodão, arroz, verduras, legumes, aves, frutas e especiarias. Tudo ficou maior com os japoneses.

Eles nos ensinaram técnicas milenares de aliviar nossos sofrimentos físicos com massagens especiais, com as agulhas de acupuntura. E mesmo nossas agruras espirituais encontram guarida e suavização em procedimentos religiosos que atraíram o culto de muitos. Estou pensando na Igreja Messiânica, Seicho-no-ie e na Perfect Liberty, só para citar três exemplos. Agrada-nos a beleza dos arranjos florais, é flagrante a influência da pintura nipônica em vários de nossos artistas plásticos. Não esquecendo o quanto se enlaçou a nipo-brasilidade na arquitetura. Livros, jornais e revistas nos aproximam de aspectos da cultura do Japão. Entre os jovens, ao lado da tradicional presença de desenhos animados, vem-se destacando o cultivo acentuado dos quadrinhos japoneses contemporâneos, os mangás, e há a adesão ao *fashion* dos penteados com escova japonesa. Acrescenta-se o convívio com a gente japonesa, que nos ensina, a cada dia, a cultivar paciência, tenacidade, quase o estoicismo.

Pelos céus, sem medo e com muita expectativa, os rumos do desenvolvimento e do progresso vêm, há algum tempo, invertendo o fluxo do intercâmbio. Os dekasseguis constituem a terceira maior comunidade de imigrantes, no Japão. Só perde para as de chineses e coreanos. Com eles, o futebol chegou ao Japão com gosto e se fez gostoso para os nativos. Futebol – atente-se – de ginga brasileira.

E tudo começou com a esperança. Dasquelas 165 famílias pioneiras embarcadas no Kasato Maru, no porto de Kobe, em 28 de abril de 1908, cujos pés pisaram as terras brasileiras, a bagagem da alma carregada de cultura antiga e de ex-

periência. Plantaram, vivenciaram, colheram. Ao longo de 100 anos, agora se completando. E integraram com os seus descendentes a nossa gente do Brasil. É nissei no comando das Forças Armadas, é nissei com índice de excelência na Medicina – nomeadamente nos planos da Cardiologia e da Oftalmologia. É nissei no Parlamento. Também relevante é ver crianças dos grotões agrestinos do Nordeste a tocar violino pelo método Suzuki, em belos momentos de interação do instrumento refinado com a rabeça rural, em arranjos musicais encantadores, exemplifico, da competência do maestro Cussy de Almeida e sua música armorial. E o que dizer do cinema brasileiro com direção de nisseis à Tisuka?

Temos, inclusive, na Academia Brasileira, um Sócio-Correspondente japonês, o escritor Daisaku Ikeda, ocupante da Cadeira I4. Os Acadêmicos têm exercitado técnicas da poética japonesa e são muitos os ensaios de nossos confrades sobre temas ligados àquele país. Por exemplo: Oliveira Lima, Barbosa Lima Sobrinho, Marcos Almir Madeira, Helio Jaguaribe, Arnaldo Niskier, Herberto Sales, Cláudio de Sousa, Celso Furtado, Aluísio Azevedo, Luís Guimarães Jr. e Guilherme de Almeida.

Refiro-me ainda ao popular sistema de ensino Kumon, à tecnologia da nossa televisão, como criações do gênio japonês por nós absorvidas.

Congratulando-se com a comunidade japonesa do Brasil, a Academia Brasileira de Letras, em recente sessão especial, associou-se prazerosa às comemorações do centenário da chegada da gente do Japão às nossas terras.

SESSÃO DO DIA 20 DE SETEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcanti Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antônio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Lygia Fagundes Telles, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, submeteu ao Plenário a Ata do dia 20 de agosto, que foi aprovada. Deu notícias do Acadêmico Helio Jaguaribe, que está passando bem e terá alta em breve. Lembrou aos Acadêmicos que, no dia 21 de setembro, festejam-se os 90 anos de nascimento do Acadêmico Herberto Sales. Informou que, em comemoração, será exibido, em Brasília, o filme *Cascalho*, e o escritor Ronaldo Costa Fernandes fará conferência na Biblioteca Nacional de Brasília a respeito da obra do escritor. Registrou a alegria da Casa de que a memória de Herberto Sales esteja sendo adequadamente cultivada. Lembrou o centenário da Senhora Maria do Carmo Nabuco, a encarnação da cultura do Brasil. Destacou os relevan-

tes serviços por ela prestados ao Patrimônio Histórico do Brasil. Informou que, com alegria, esteve na casa da Senhora Annah Leopoldina de Mello Franco Chagas, viúva do Acadêmico Carlos Chagas, para a comemoração dos seus 94 anos. Informou que estiveram presentes os Acadêmicos Tarcísio Padilha, Alberto Venancio Filho, Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva. Deu notícia de que esteve em Paty do Alferes, onde se registrou com alegria o fato de Osório Duque Estrada ser natural da cidade e de ter sido da Academia Brasileira de Letras. O ato aconteceu na Aldeia do Arcozelo, fruto do trabalho de Paschoal Carlos Magno e que se encontra em dificuldades de manutenção. Salientou o fato de a sua utilização não estar sendo feita com o mesmo propósito de seu criador. Comunicou aos acadêmicos que o programa Memória do Mundo, da UNESCO, considerou prioritário para preservação do Arquivo Machado de Assis da ABL. O Arquivo passou por todos os testes de exigência técnica da UNESCO, em matéria de preservação da memória e foi incorporado ao ativo patrimonial. Registrou a relevância da notícia, porque aponta para a qualidade dos arquivos que estão sendo mantidos e desenvolvidos pela Casa. Informou que o diário Oficial do dia 19 publicou a Lei 11.522, que institui o ano de 2008 como o Ano Nacional Machado de Assis, em celebração ao centenário da sua morte. O Presidente da República sancionou a lei, iniciativa do Acadêmico Marco Maciel. Manifestou o pesar pelo falecimento do Acadêmico Eduardo Campos, da Academia Cearense de Letras, jornalista e folclorista, muito ligado às melhores tradições da cultura do nordeste; integrante de família voltada para as atividades intelectuais; homem ligado às melhores tradições da cultura do nordeste. Registrou ainda a saudade da Academia ao que significou o trabalho de Mário Barata. Sobre o acervo de José Lins do Rego, adquirido pela Academia Brasileira, ressaltou as fotografias e uma “Pasta Santa Rosa”, onde há treze imagens que contém caricaturas e pastas inúmeras com fotos da posse do Acadêmico na Casa, com Manuel Bandeira, Gilberto Freyre, a esposa Naná entre outras muito próprias das atividades que desenvolveu como escritor. Informou aos Acadêmicos sobre o novo modelo da vestimenta solene das senhoras Acadêmicas. Salientou que a Di-

reção vai buscar recursos no setor privado, fora do orçamento da Casa. Registro da presença do Sócio Correspondente e Presidente da Câmara de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, Antônio Brás Teixeira, e salientou a importância dos sólidos laços que unem a Academia a Portugal.

- O Acadêmico Domício Proença Filho discorreu sobre a sua presença e a do Presidente Marcos Vinícios Vilaça em Belo Horizonte para a entrega de mais doação, no total de quinhentos títulos ao Projeto Criança Esperança, patrocinado pela UNESCO. A Fundação Roberto Marinho informou que, na ocasião, foram recebidos pelos representantes da UNESCO e dirigentes da *TV Globo*, onde, mais uma vez, foi ressaltada a importância da iniciativa da Academia ao contribuir para a difusão e o estímulo à leitura entre a juventude, sobretudo por tratar-se de público leitor em formação. Acrescentou que, posteriormente, foram recebidos, em Ouro Preto, pelo Prefeito Ângelo Osvald, para uma visita aos monumentos históricos, ocasião em que o Prefeito destacou o empenho daquela Prefeitura em uma aproximação permanente com a Academia Brasileira de Letras. Na culminância do processo, visitaram a Academia Mineira de Letras, onde a diretoria, através do Presidente Murilo Badaró, solicitou sugestão de medidas para melhoria de seus recursos, diante das dificuldades de manutenção vividas pela instituição. O Presidente Marcos Vinícios Vilaça sugeriu pleito junto às autoridades locais e aos organismos de fomento, gestões necessárias para a aquisição de espaço próprio, que lhes garantisse os recursos necessários.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça registrou a satisfação de encontrar o Museu da Inconfidência renovado, com o acervo enriquecido e um trabalho de museologia extraordinário.
- O Acadêmico Cícero Sandroni solidarizou-se com as palavras do Presidente Marcos Vilaça sobre o falecimento de Mário Barata. Lembrou o professor e crítico de arte, autor de uma belíssima biografia de Assis Chateaubriand. Assinalou o seu perfil de homem modesto, que não gostava das glórias do mundo e o grande trabalho de professor de história da arte, que desenvol-

veu. Saudou a presença da Acadêmica Lygia Fagundes Telles, sob aplausos do Plenário.

- A Acadêmica Lygia Fagundes Telles agradeceu a acolhida dos Acadêmicos. Lembrou que passou por momentos difíceis que superou trabalhando e escrevendo. Discorreu sobre seu novo livro *Conspiração de Nuvens*. Lembrou Aristóteles: “A História conta o que aconteceu, a ficção conta o que poderia ou deveria ter acontecido.” Disse que, nesse livro, há textos inventados e que onde teve a alegria de escrever sem datas, sem objetividade, com prazer de se entregar à fantasia. Discorreu sobre o episódio, vivido em 1976, quando viajava com a Acadêmica Nélida Piñon, o historiador Hélio Silva e Jéferson Ribeiro de Andrade para levar ao Ministro da Justiça, Armando Falcão o manifesto contra a censura, que não os recebeu. Foram recebidos pela imprensa e puderam dizer como é horrível para o escritor ser censurado no seu texto. Esclareceu que a singularidade do título *Conspiração de Nuvens*, de que consta a narração do episódio ocorrido, se deveu a conversa com o historiador Hélio Silva em viagem aérea. No momento em que nuvens estavam se aglomerando enfurecidas feito bruxas em torno do avião, perguntou-lhe se as nuvens também estavam conspirando, e Hélio Silva respondeu-lhe que as nuvens também conspiravam, porque, se o avião não caísse, iriam ser presos ao chegar. Desculpou-se por não ter enviado os livros para os Acadêmicos: a greve dos Correios não permitiu. Ouviu dizer que, no Rio de Janeiro, quando a greve dos Correios acontece, os livros são jogados no mar. O mar é interessante porque devolve os livros, disse, o Rio Tietê guarda-os no seu fundo. Felicitou a Academia pelo lançamento dos livros *A Invenção do Desenho* e *Castro Alves*, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Saudou os Acadêmicos Ivan Junqueira pelo lançamento do livro *O Tempo Além do Tempo* e José Murilo de Carvalho pelo belíssimo livro *D. Pedro II*. Finalizando, lembrou que a Academia está fazendo cento e dez anos e a Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, cento e oitenta anos, a sua Faculdade, por onde passaram Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Castro Alves. Felicitou o Presidente da Acade-

mia, lembrando a Bíblia: “Vai, coma o seu pão com alegria e beba o seu vinho com o coração contente, pois há muito Deus se alegra de suas obras”.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony felicitou a Acadêmica Lygia Fagundes Telles pelo lançamento de sua obra *Conspiração de Nuvens*. Acrescentou que a Acadêmica retomou os famosos versos camonianos “uma nuvem que os ares escurece, sobre nossas cabeças aparece...”.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco congratulou-se com as palavras do Acadêmico Cícero Sandroni sobre o falecimento de Mário Barata. Lembrou que Mário Barata foi colaborador de Rodrigo Mello Franco de Andrade no Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Saliu a sua enorme contribuição, não só para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, mas também para o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- O Acadêmico Antonio Olinto discorreu sobre sua viagem a Goiás, onde participou da inauguração da Biblioteca J. J. Veiga com o nome do grande escritor goiano, falecido há cerca de oito anos. Registrou que lançou o seu livro *Trilogia Africana* na Academia Goiana de Letras. Informou que o SESC de Goiás comprou quinze coleções para as suas bibliotecas. Comunicou ao Plenário que o Instituto Antonio Olinto fará exposição de arte africana no SESC do Flamengo, com duzentas peças de escultura em madeira africana.
- O Acadêmico Moacyr Scliar registrou que se comemora nesta data a Data Farroupilha. Assinalou dois artigos escritos pelo Acadêmico Carlos Heitor Cony, abordando o tema das eleições na Academia Brasileira de Letras. Resaltou que o Acadêmico Carlos Heitor Cony foi muito feliz em associar a conjuntura que se observa no País com a conjuntura que, no passado, se observou na ABL. Pediu que os artigos sejam incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva saudou o Sócio Correspondente Antônio Braz Teixeira. Um confrade que tem passado os últimos anos de

sua vida a semear livros extraordinários, a repor nas estantes obras que estavam esquecidas da literatura e do pensamento português. O mais eminente representante dos nossos dias do pensamento português. Um grande mestre do pensamento que está a dever uma visita a Casa de Machado de Assis para dar uma aula de sapiência e cultura da intelectualidade portuguesa.

- O Sócio Correspondente António Braz Teixeira agradeceu as palavras amigas dos Acadêmicos, em especial as palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Registrou a satisfação de ter assistido ao filme do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos em que foi abordado o problema do Acordo Ortográfico. Sugeriu que as duas Academias façam as gestões diplomáticas oportunas, junto aos quatro países que ainda não ratificaram o Acordo Ortográfico da língua portuguesa, no sentido de se colocar em marcha o próprio Acordo. Há certa resistência principalmente dos editores, o que dificultou a assinatura do Acordo há oito anos. Lembrou a figura do Acadêmico Miguel Reale, mestre e amigo muito querido cuja obra acompanhou durante muitos anos.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva associou-se às manifestações de pesar pela morte de Eduardo Campos. Velho e querido amigo desde 1959. Importante jornalista do Ceará e grande escritor. Seu livro *Viagem Definitiva* é um dos grandes livros de contos escritos pela sua geração.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho destacou a qualidade do filme do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos e sobretudo a importância de seus depoimentos. Um filme harmonioso e completo, que será uma grande contribuição para a disseminação da língua portuguesa.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos agradeceu aos acadêmicos e lembrou que o filme foi pensado e organizado pelo Acadêmico Domício Proença Filho, como parte de um projeto maior que envolve cinco documentários sobre a Língua Portuguesa.

- O Acadêmico Cícero Sandroni registrou palavra de pesar sobre Eduardo Campos e disse que pouco o conheceu, mas leu todos os seus livros. Resaltou nele o exemplo de jornalista que escreveu livros literários de alta qualidade.
- O Acadêmico Domício Proença discorreu sobre o projeto Cenas Clássicas, que teve o apoio da Academia Brasileira de Letras e o apoio financeiro do Setor Privado, projeto da Academia, desenvolvido com a supervisão de alguns Acadêmicos e com o talento de Heloisa Padilha. O programa Cenas clássicas inaugura na Academia o Núcleo de leitura, uma iniciativa do Acadêmico Eduardo Portella, Presidente da Comissão Consultiva das Bibliotecas, e desenvolvido por Ana Maria Machado.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça festejou mais uma vez a presença da Acadêmica Lygia Fagundes Telles e encerrou a sessão.

VOTO SECRETO

*Artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony**

Entre outras coisas, democracia pede responsabilidade e transparência. Voto secreto é a negação do direito individual de ter uma opinião. Antigamente, uma eleição para a Academia Brasileira de Letras era exercício digno de um ofidiário, cobras escoladíssimas que, de um lado sagravam um eleito, de outro amarguravam até a morte os derrotados. As votações sempre foram secretas, como as de Renan Calheiros no Senado.

Um general candidatou-se a uma vaga. Visitando todos os acadêmicos, obteve a promessa de uma votação unânime: 39 votos a favor, nenhum contra.

Os acadêmicos se reuniram, todos confirmaram que haviam prometido o voto ao general, mas nenhum deles pensara em cumprir a promessa. Decidiram fazer um sorteio para indicar o abnegado que, esse sim, votaria no militar – ficaria mal se não houvesse um único voto a favor dele.

Esse voto livraria a cara de todos os demais. Após a eleição, o general recebeu a visita consternada dos acadêmicos, todos se atribuíram o único voto que pingou na urna. Solidários com o derrotado, lamentaram que houvesse traidores

* Artigo publicado na *Folha de São Paulo* de 16 de setembro de 2007.

que diziam uma coisa e faziam outra. Prometiam vagamente que lutariam por uma reforma no regimento, acabando com o voto secreto.

Aturdido, o general ficou sem saber quem realmente votara nele. Foi obrigado a agradecer a todos e a concordar que havia um justo na Academia, sendo os demais merecedores de seu ressentimento.

É conhecida a frase: votação secreta dá uma comichão para se trair, só pelo gostinho da traição. Na ABL vigora ainda o voto secreto, que vem do tempo de Machado de Assis. Mas a mentalidade, tanto dos acadêmicos como dos candidatos, mudou para melhor. No Senado, tudo continua como antes.

AINDA O VOTO SECRETO

*Artigo do Acadêmico Carlos Heitor Cony**

No último domingo, a propósito do voto secreto adotado em algumas instituições, associações e clubes, contei um episódio folclórico na Academia Brasileira de Letras, que, apesar do esforço contrário de alguns de seus membros, cultiva esse tipo de processo eleitoral para a admissão de novos acadêmicos.

Não foi lembrança aleatória, mas motivada pela votação secreta (e em sessão secreta) da qual resultou a absolvição do presidente do Senado. A imprensa foi pródiga em publicar artigos e comentários contra o voto secreto, atribuindo-lhe agressões à moral, à compostura e à lei em geral.

Alberto Venancio Filho, acadêmico e jurista de peso, mostrou-me trecho do discurso de Viriato Correia quando recebeu, em sessão solene, o jornalista e autor teatral R. Magalhães Jr., em 1955. Ignoro os motivos que levaram o autor de *Cazuza* a comentar de público um ponto polêmico do regimento daquela instituição. Mas foi o que de melhor li sobre o assunto. Item por item, se aplica ao recente caso que livrou o presidente do Senado de merecida cassação.

* Artigo publicado na *Folha de São Paulo* de 20 de setembro de 2007.

“O voto secreto é o voto impalpável, o voto que usa máscara. É o voto que não tem veias nem sangue para que se identifique a sua cor; voto que sofre de abulia, mas que é capaz de articular mentiras; voto que não tem corpo tangível, mas que carrega no seu bojo todo um mundo de simulação, de embuste e de logro.

O voto secreto é a contrafação de opinião, é a moeda falsa do mercado eleitoral. É o voto de duas caras, que finge estar acendendo uma vela a Deus quando, na verdade, acende a vela do diabo.

Vamos esperar que a Academia, na sua constante marcha de elevação, para maior beleza de suas escolhas, faça, um dia, a abolição do voto secreto!”.

SESSÃO DO DIA 27 DE SETEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Marco Maciel, Moacyr Scliar, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- Ao abrir a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu ao Plenário a Ata do dia 20 de setembro, que foi aprovada. Saudou, a seguir, o Acadêmico Adriano Moreira, Sócio-Correspondente da Casa, e ilustre amigo do Brasil. Lembrou que, entre muitos títulos, é Presidente da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e um brasilianista de primeira ordem. Salientou a amizade de Adriano Moreira e sua esposa Mônica pelo Brasil e pelos brasileiros. Deu boas vindas ao poeta Manuel Alegre, político, poeta e homem exemplar na sua cidadania de expressão universal. Seguindo no campo das alegrias, festejou com o Plenário a outorga do *Prix Du Rayonnement De La Langue et de La Littérature Françaises, pour Le Défi de la différence – Entretien sur la latinité*, concedida pela Académie Française ao Acadêmico Candido

Mendes de Almeida, um prêmio especial outorgado pela primeira vez a um escritor brasileiro. Informou que, em outubro, a ABL entregará à editora o *Dicionário da Língua Portuguesa* e registrou a competência com que o Acadêmico Evanildo Bechara encaminhou todo o processo. Mostrou aos Acadêmicos o troféu do Prêmio José Olympio, outorgado à Academia pelo Sindicato Nacional dos Editores Livros. Convidou os Acadêmicos para uma visita ao Teatro R. Magalhães Jr., e destacou que, com a reforma, a Academia oferece à cultura do Brasil, nomeadamente à Cidade do Rio de Janeiro, uma sala de espetáculos de primeira linha. Salientou que a Academia poderia realizar esta obra por conta própria, e assim o fez, devido às condições precárias em que se encontrava o Teatro. Mas, conforme planejou, obteve a adesão da Petrobras ao projeto aprovado no Ministério da Cultura, aguardando, no momento, o término dos trâmites burocráticos para restaurar, assim, a posição de poupança da ABL. Festejou a posse do Acadêmico Domício Proença Filho, na Academia Carioca de Letras, recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni. Discorreu sobre o roteiro da Sessão Solene comemorativa dos 110 Anos da Fundação da Academia Brasileira de Letras, lembrando a importância que envolve a presença de um Chefe de Estado.

- A Acadêmica Ana Maria Machado discorreu sobre o Seminário de Literatura Brasileira patrocinado pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro, pela Secretaria de Estado de Educação e pela Secretaria de Estado de Cultura, realizado na Bienal do Livro do Rio de Janeiro. Salientou a manifestação veemente e oportuna, feita pelo escritor Godofredo de Oliveira Neto, a favor da re-introdução da literatura no currículo escolar. Sugeriu que a Academia fizesse uma moção de apoio a esse movimento, que está sendo iniciado por diferentes instituições.
- O Acadêmico Domício Proença Filho leu a mensagem da *Académie Française* comunicando a concessão do *Prix Du Rayonnement De La Langue et de La Littérature Françaises*, pour *Le Défi de la différence – Entretiens sur la latinité*, ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Manifestou seu apoio à proposta da Acadêmica Ana Maria Machado a propósito da retomada do lugar de centro na

grade curricular do ensino médio e fundamental do Brasil da Literatura Brasileira. Há alguns anos, disse, a Literatura Brasileira perdeu espaço para integrar-se, secundariamente, na área de comunicação e expressão e de ensino de língua. Acredita que esta medida fará retornar o interesse, o apoio e o incentivo à leitura, a que esta Casa vem se dedicando há anos. Acredita ser urgente e imperiosa a manifestação da Academia Brasileira de Letras, no momento em que ela é a maior instituição cultural do país.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin ofereceu ao Centro de Memória da Casa uma fotografia do Patrono da Cadeira 22, José Bonifácio, o Moço, entregue pelo pesquisador Israel Souza Lima, que há anos desenvolve um trabalho notável sobre patronos e fundadores da Casa.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho entregou à Biblioteca Lucio de Mendonça o livro *Dom Luciano, o Irmão do Outro*, do Acadêmico Candido Mendes de Almeida. Nas suas palavras, um comovente depoimento, feito pelo autor que, ao longo de cento e dez páginas, escreve sobre a mensagem de Dom Luciano, o Arcebispo de Mariana, cujas pregações do Evangelho nas Missas eram sempre sólidas e firmes.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier recordou que, no Governo Fernando Henrique Cardoso, foi retirada do currículo escolar a matéria intitulada Literatura Brasileira. Houve um protesto em Plenário da ABL. Assim que mudou o governo, sendo na época Ministro da Educação Cristóvam Buarque, foi elaborado um texto, que representou o pensamento do Plenário da Casa, redigido pelo Acadêmico Evanildo Bechara, solicitando ao MEC providências para o retorno da Literatura Brasileira ao currículo escolar. Salientou que foi uma boa lembrança da Acadêmica Ana Maria Machado, mas a Academia deve fazer o registro de que a primeira manifestação oficial da Casa de Machado de Assis sobre a matéria partiu desse Plenário.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça anunciou à Casa a incorporação na Biblioteca Lúcio de Mendonça do livro comemorativo dos cinquenta anos de lançamento do livro *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, edita-

do em Barcelona, por esforço pessoal do Embaixador Marco César Meira Naslauský. Neste volume, estão textos das conferências que, em 10 e 17 de novembro de 2006, constituíram o Seminário Comemorativo dos cinquenta anos de lançamento da obra, na Universidade de Barcelona. Mostrou a todos os Acadêmicos as novas máquinas de filmagem adquiridas pela ABL e salientou que a Casa precisa ter equipamentos sofisticados que garantam a qualidade do que está sendo filmado.

- O Acadêmico Candido Mendes agradeceu a manifestação dos Acadêmicos Murilo Melo Filho e Antonio Olinto sobre o seu livro *Dom Luciano, o Irmão do Outro*.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou as palavras da Acadêmica Ana Maria Machado a respeito da inclusão da Literatura Brasileira nas escolas. Saudou a presença do Sócio-Correspondente Adriano Moreira, velho amigo. Pediu que transmitisse a todos os confrades portugueses a sua homenagem. Felicitou o Presidente pelo trabalho excepcional que vem sendo desenvolvido pela Diretoria da ABL.
- O Acadêmico Moacyr Scliar acompanhou o que foi dito pelo Acadêmico Carlos Nejar sobre a ação desenvolvida pela Diretoria da Casa.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony fez uma bela saudação ao poeta Manuel Alegre. Ressaltou que o poeta enfrentou todas as dificuldades de um período ruim na história portuguesa, exilado em Angola, só retornando a Portugal depois de algum tempo e nunca abandonou seus ideais humanísticos.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva saudou o Acadêmico Adriano Moreira. Conheceu Adriano Moreira desde 1960, quando era um jovem diplomata, e ele já estava prestes a ser Ministro do Trabalho. Desde então, tem por ele uma grande admiração que tem várias facetas: foi um dos portugueses que mais estimulou os estudos africanos em Portugal. Durante sua permanência como Ministro do Ultramar, fez um labor extraordinário de apoio e incentivo à pesquisa em todos os setores: na área da história, na área

da fitogeografia e na área da sociologia. Discorreu sobre o internacionalista. O professor de Direito Internacional e da política Internacional, em todas essas facetas Adriano Moreira sempre se revelou um mestre, e continua a ser mestre em Portugal e no Brasil.

- O poeta Manuel Alegre agradeceu ao Acadêmico Carlos Heitor Cony e falou sua honra e alegria de re-encontrar o Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Discorreu sobre a sua emoção de estar na Academia Brasileira de Letras, uma Casa prestigiada, que tem tido um papel relevante na defesa da cultura das letras brasileiras e portuguesas. Relatou que, numa conversa para televisão, junto com o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que tão bem representa o Brasil e tem defendido a língua portuguesa, perguntaram-lhes o que une Brasil e Portugal e o que os separa. Respondeu que o que une Brasil e Portugal é a língua portuguesa, o mar, a viagem e a história. Uma língua que o Brasil enriqueceu e que está sendo enriquecida por Angola, Moçambique e por todos aqueles que escolheram a língua portuguesa como língua oficial. Língua feita pelos escritores e pelos povos. Finalizando, disse que o futuro da língua portuguesa está no Brasil, como está em Angola. Acha que a Academia terá, cada vez mais, um papel muito importante na projeção da língua portuguesa, que deve ser um instrumento de comunicação internacional. Saudou Adriano Moreira, eminente professor e político que, entre os portugueses vivos, é dos que mais tem feito para aproximar os nossos povos e as nossas culturas.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco saudou Adriano Moreira e lembrou que Afonso Arinos de Melo Franco foi incumbido de levar a Portugal a decisão da política externa brasileira de se dissociar da política colonial portuguesa em Angola. Acrescentou que, Afonso Arinos de Melo Franco lhe falara do único interlocutor compreensivo com que pôde dialogar com a maior franqueza e amizade em todo o governo português: Adriano Moreira, de quem se tornou amigo.

- O Sócio-Correspondente Adriano Moreira agradeceu as palavras do Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Discorreu sobre Gilberto Freyre, que conheceu quando era jovem. Lembrou a importância do Congresso que aconteceu em Lisboa para defesa das acusações de colonialismo sob o título “Conferência das Civilizações Diferentes”, organizada pelo antigo Instituto Colonial da Bélgica, presidida pelo então Comandante Sarmiento Rodrigues, seu grande amigo. Nessa ocasião, Gilberto Freyre proferiu a conferência mais importante. Ao final, foi necessário louvar as conclusões de Salazar, presidente do Conselho. Lembrou que Salazar surpreendeu Gilberto Freyre perguntando-lhe como estavam seus estudos sobre a Ordem e o Progresso. Freyre ficou surpreso de como ele estava informado e discutiram sobre o assunto durante muito tempo. Enquanto Salazar o acompanhava, Gilberto Freyre lhe disse: “Vou dizer a meu pai, o velho Freyre, que estive com Vossa Excelência e ele vai ter grande alegria com isto”. Dr. Salazar respondeu: “eu sei, é um grande salazarista, mais que o filho...”. Lembrou a visita histórica que o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco fez a Portugal, numa missão difícilíssima do ponto de vista dos afetos entre os dois países e do ponto de vista humano, perfeitamente enquadrada na situação do mundo naquela época, quando o embaixador participou de reunião durante uma tarde inteira com o Ministro de Assuntos Estrangeiros. Homenageou o Presidente Marcos Vinícios Vilaça pela intervenção que tem tido no sentido de repor a Academia na sua função, no seu peso, na sua importância e no dinamismo da cultura. Acrescentou que estamos vivendo uma época em que o capitalismo está a secundarizar a cultura, designadamente no ensino, como é normal nos grandes momentos de crise econômica. Tem esperança de que os países de língua portuguesa vençam esse obstáculo que tem sido o Acordo Ortográfico, porque o entendimento tende a se acentuar no conceito que ouviu de Eduardo Lourenço sobre esta matéria: “a língua portuguesa não é nossa, mas também é nossa”. Assim como a cultura ocidental não é nossa, mas também é nossa. Destacou a honra e o prazer de participar da presente reunião.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as palavras de carinho dos Senhores Manuel Alegre e Adriano Moreira e pediu que levassem o testemunho de seu carinho aos portugueses.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida registrou que Manuel Alegre está na vida cívica brasileira muito intensamente esses dias. Discorreu sobre um fato ocorrido durante discurso dos estudantes da Universidade Candido Mendes, sobre protesto da Universidade, quando os alunos estavam em dúvida se iam às ruas para protestar contra o que está acontecendo no Senado, um estudante levantou-se e disse: “Se vocês não querem ir como gente, então vamos como o cachorro Kurica daquele escritor português”.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou a todos para o lançamento do livro *Breve Ensaio Sobre o Homem e Outros Estudos*, do Acadêmico Helio Jaguaribe, que já teve a sorte de ler e aprender. Encerrou a Sessão.

SESSÃO DO DIA 4 DE OUTUBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, e Tarcísio Padilha.

- Ao abrir a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, submeteu ao Plenário a Ata do dia 27 de setembro, que foi aprovada. No expediente, saudou afetuosamente o Acadêmico Eduardo Portella, por seu aniversário no dia 8 de outubro. Exaltou o desempenho dos Acadêmicos Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Antonio Carlos Secchin e Ivan Junqueira, na Feira do Livro de Porto de Galinhas. Distribuiu aos Acadêmicos o *Memorial Descritivo – Desenvolvimento das Medalhas de Comemoração dos 110 anos da Academia Brasileira de Letras*, uma oferta simpática da Federação das Indústrias de São Paulo, texto em que se descreve como foi a concepção, o desenvolvimento do trabalho artesanal e industrial das medalhas. Registrou que, durante a solenidade dos 110 Anos de Fundação da ABL, ouviu do Presidente Luis Inácio Lula da Silva o quanto estava jubiloso com o convite para aquela cerimônia. Comentou a admira-

ção manifestada pelo Presidente sobre o livro *D. Pedro II*, do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que Sua Excelência declarou estar lendo com interesse. Deu ciência ao Plenário da abertura, em Brasília, no Teatro Nacional, da “Solenidade de Apresentação ao País do Programa de Incentivo à Leitura”, com a presença de ministros de Estado, presidida pelo Presidente Luis Inácio Lula da Silva. Informou que a Academia esteve presente, representada pela Acadêmica Nélide Piñon. Deu ciência de que a Academia voltou a pagar a reforma dos elevadores do Palácio Austregésilo de Athayde, pagamento que estava suspenso até que as dúvidas fossem esclarecidas e as exigências cumpridas, o que ocorreu. Informou que restam ainda oito parcelas.

- O Acadêmico Cícero Sandroni acrescentou que a Academia terá também despesas com a Biblioteca Rodolfo Garcia, em função dos problemas da greve do Ministério da Cultura, o que impediu a saída a tempo do patrocínio da Petrobras. Esclareceu que o projeto já foi aprovado e publicado no *Diário Oficial*, dependendo apenas de trâmites burocráticos; disse esperar que ainda neste mês esteja tudo resolvido. Nos dois meses anteriores, a Academia informou que teve de arcar com as despesas da Biblioteca.
- O Presidente Marcos Vilaça ressaltou que a questão dos benefícios da Lei Rouanet exige paciência em função da necessidade de superação da burocracia e dos prazos. Salientou que o mesmo acontece com os recursos para a reforma do Teatro R. Magalhães Júnior, já garantidos, mas ainda não recebidos. Solicitou paciência e informou que, a partir de agora, a Academia terá que incluir nos seus balanços créditos a receber.
- O Acadêmico Lêdo Ivo discorreu sobre o decreto baixado pelo Governador de Brasília, José Arruda, que expulsa o gerúndio do dicionário. Entende que a Academia, cujo escopo fundamental é a defesa da língua, não pode deixar de manifestar-se sobre essa atitude. Na sua opinião, na sociedade eletrônica, em que vivemos, um ato dessa natureza é contagioso, podendo levar milhares de pessoas a achar que o gerúndio é dispensável, especialmente os estudantes. Defendeu o gerúndio, ponderando que é uma das riquezas, tanto da

língua coloquial, quanto da língua padrão. Ressaltou que o gerúndio representa a história de toda a evolução lingüística. Discorreu sobre clássicos brasileiros que usavam o gerúndio: José Lins do Rego, Marques Rebelo, Machado de Assis e Érico Veríssimo.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet ponderou que, de fato, o Governador José Arruda não estava querendo demitir o gerúndio, mas, sim, coibir o seu uso abusivo. Registrou que todos os exemplos dados pelo Acadêmico Lêdo Ivo são exemplos admiráveis de gerúndios bem utilizados. Tem a certeza de que o Acadêmico ficaria incomodado se, na primeira estrofe de *Os Lusíadas*, lê-se: *eu vou estar cantando em toda parte*. Na sua opinião, se a Academia tiver que fazer uma manifestação a favor do gerúndio seria chover no molhado, porque não é o gerúndio que está sendo demitido, mas o seu uso abusivo.
- O Acadêmico Domício Proença Filho disse que o Decreto declara taxativamente que fica demitido o gerúndio. Acredita que a intenção é garantir a eficiência do procedimento burocrático, uma vez que o gerúndio envolve aspecto de ação continuada, ação que não define e não prevê um fim, para o que está sendo expresso. Não há nenhuma alusão a construções como “ vamos estar providenciando”, que não frequenta a tradição do uso, no Brasil, com a associação de um auxiliar, um infinitivo ou um gerúndio.
- O Acadêmico Moacyr Scliar ressaltou que o assunto não é um problema semântico ou lingüístico, é um problema psicológico porque reflete a mentalidade protelatória, o que é muito comum neste país. Acha que um governador deve ter outras preocupações mais importantes.
- O Acadêmico Lêdo Ivo ponderou que a expressão “uso abusivo” talvez tenha uma conotação subjetiva, porque se toda nacionalidade está usando o gerúndio de uma maneira enfática, já é uma realidade lingüística.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida solicitou um pleito de louvor ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça pelos discursos esplêndidos: o da Academia e o discurso em que falou pelos 180 anos do *Jornal do Commercio*;

ao Acadêmico José Sarney, pelo discurso proferido na ocasião dos 110 anos da ABL. No mesmo sentido, felicitou o Acadêmico Cícero Sandroni pela obra *180 Anos do Jornal do Commercio – 1827-2007 – de D. Pedro I a Luiz Inácio Lula da Silva*, que marca a forma como esta Casa está no comando da inteligência brasileira. Registrou a preocupação da iniciativa, discutida no Conselho de Desenvolvimento da República, quanto às tiranias da Lei Rouanet, diante do lamentável desempenho do Ministério da Cultura. Hoje o financiamento da cultura no Brasil está na mão do empresário corporativo; só se faz cultura com a Eletrobrás, Petrobras e Vale do Rio Doce. Salientou que estamos numa ditadura limitada de burocratas, que não entendem a importância desse financiamento, sobretudo depois que o Ministério da Cultura se demitiu dessa função. Informou que o Presidente Luis Inácio Lula da Silva entendeu a situação e indagou se a ABL apóia esta tratativa de descorporatização da Lei Rouanet. Finalizando, ofereceu o livro *Breves Memórias de Alexandros Apollonios*, de José Paulo Moreira da Fonseca. Entre todos os livros do autor, este traduz a poesia, o teatro e um extraordinário exercício do tempo da exposição que faz desse livro alguma coisa que perdura, teima e instiga.

- O Acadêmico Moacyr Scliar ressaltou o excelente artigo de Luís Augusto Fischer, “Pedro II revisado”, sobre o livro do Acadêmico José Murilo de Carvalho. A propósito das celebrações do ano de 2008, sugeriu que a Academia comemorasse os cem anos de nascimento de Josué de Castro, autor da obra *Geografia da Fome*, fundamental neste país.
- Ao entregar à Biblioteca Rodolfo Garcia o livro *Princípios de Política Aplicáveis a Todos os Governos*, de Benjamin Constant, editado pela Topbooks, o Acadêmico José Murilo de Carvalho citou uma frase de Euclides da Cunha: “Somos o único caso histórico de uma nacionalidade feita por uma teoria política”; ressaltou que o autor dessa teoria é Benjamin Constant. Discorreu sobre a influência de Benjamin Constant em nossa história, atestada pela frase de Euclides da Cunha e o debate do poder moderador que vem diretamente da teoria do poder neutro de Benjamin Constant, que foi enxertada na Constituição Brasileira e que durou mais de 100 anos no Brasil. Lembrou que o úl-

timo texto perdurou de Benjamin Constant até Borges de Medeiros, quando, preparando a discussão da Constituição de 1934, publicou o livro *O Poder Moderador na República Presidencial*. Neste livro retomava todo o debate feito durante o Império, pelos grandes clássicos da interpretação dos constitucionalistas imperiais, desde Uruguai, Pimenta Bueno, Braz Florentino e Zacarias. Na República o debate entre presidencialismo e parlamentarismo envolveu dois acadêmicos, Silvio Romero e Medeiros de Albuquerque. Acrescentou ter muito prazer em passar este livro à Biblioteca Rodolfo Garcia, em nome do editor José Mario Pereira.

- O Acadêmico Cícero Sandroni reiterou que hoje, às 17h 30min, se realiza no Teatro R. Magalhães Júnior o Concerto da Associação de Canto Coral. Registrou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça foi ontem homenageado, em Brasília, com um jantar, pelo Embaixador de Portugal no Brasil, jantar esse ao qual compareceram personalidades da República entre as quais o Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Ministro Marco Aurélio Mello, que o condecorou, para sua surpresa, com a Ordem do Mérito do Tribunal Superior Eleitoral.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que a sessão da próxima semana seja antecipada para quarta-feira, em virtude do feriado nacional de sexta-feira, expondo os motivos que o levam a fazer esta proposta.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida argumentou que, se assim for, não poderá comparecer à sessão, pois tem compromisso agendado em Brasília para quarta-feira.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, diante da argumentação do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, retirou a proposta.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça comunicou que viajam amanhã para Recife os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho, Sérgio Paulo Rouanet, Domício Proença e ele próprio, a fim de participarem da Bienal do Livro. Agradeceu ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida as referências

pessoais que fez, com a generosidade de sempre, sobre a sua participação nos eventos da semana passada. Agradeceu, também, ao Acadêmico Cícero Sandroni a notícia que deu da homenagem que recebeu do Tribunal Superior Eleitoral. Indagou o que pensaria o Cel. Chico Heráclito ao saber que um munícipe seu mereceu deferência do Tribunal Superior Eleitoral, ele que era um especialista em fraudar eleição, na sua terra. Reiterou o convite para que estivessem no Recital da Associação de Canto Coral, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Júnior. Comunicou que estará no exterior durante 15 dias, viagem de duplo caráter: na França para atividade cultural e, a seguir, na África em missão oficial do Tribunal de Contas da União. Encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 11 DE OUTUBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Domicio Proença Filho, Segundo-Secretário; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral no exercício da Presidência, declarou aberta a sessão e submeteu ao Plenário a Ata do dia 4 de novembro, que foi aprovada. No expediente, saudou afetuosamente o Acadêmico Murilo Melo Filho, por seu aniversário no dia 13 de outubro. Comunicou que, na última segunda-feira, representou a ABL em Caçapava, na homenagem que aquela cidade prestou a cinco acadêmicos nascidos no Vale do Paraíba: Homem de Melo, Osvaldo Cruz, Cassiano Ricardo, Francisco de Assis Barbosa e Miguel Reale. O Acadêmico Murilo Melo Filho, indicado pelo Presidente, não pôde ir e o substituiu com muito prazer nessa solenidade tocante. Na ocasião, comemorou-se a fundação da Academia Caçapavense de Letras e a Academia Brasileira de Letras foi homenageada em discursos proferidos pelo Secretário de Cultura e pelo Prefeito da cidade. Ressaltou que essa viagem lhe permitiu ver que há uma grande agitação cul-

tural no Vale do Paraíba, a exemplo da cidade de São José dos Campos, atualmente com seiscentos mil habitantes, várias indústrias, e uma economia crescente que se reflete na ansiedade por cultura, notada em todos os setores da cidade e, especialmente, nessa reunião, à qual compareceram mais de quinhentas pessoas. Deu ciência ao plenário de que o Acadêmico Helio Jaguaribe informou que a sua ausência à sessão de hoje se deve ao fato de encontrar-se internado no pró-cardíaco, mas felizmente passa bem e com expectativa de alta no próximo final de semana. Também justificaram suas ausências o Tesoureiro, Acadêmico Evanildo Bechara e a Primeira-Secretária, Acadêmica Ana Maria Machado. Comunicou que, terça-feira passada, participou de um almoço de trabalho, no Consulado Geral da França, com a presença do Cônsul Geral e da Sr.^a Anne Loyot, que é Comissária para o Ano da França no Brasil, em 2009. Nessa ocasião foi solicitada e discutida a participação da Academia. Encontrava-se presente, também, a Sr.^a Adriana Rattes, Secretária de Cultura do Estado do Rio de Janeiro. Na oportunidade, estabeleceram-se as linhas básicas de alguns programas, na área de literatura, história, sociologia e cultura em geral, áreas nas quais a ABL poderia colaborar nesse grande painel de atividades que o Governo Francês pretende realizar, não só no Rio de Janeiro, mas em todo o Brasil. Pediu a inserção nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* da excelente entrevista que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva concedeu ao *Jornal do Brasil*, na sua seção *Idéias e Livros*, com o título “O imortal que queria ser santo”. Declarou que imortal ele já é e, santo, certamente será, pelo fato de ter passado pela Presidência desta Casa.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho apoiou totalmente esse pedido e declarou que, entre muitas informações interessantes, há esta: do seu anseio de santidade que teve na juventude e que eventualmente teria abandonado. Acrescentou ter verificado no final da entrevista o que ele está fazendo e acaba de fazer, como a publicação de mais um volume de sua biografia, preparando dois livros sobre a África, coordenando a Comissão do Centenário de Machado de Assis, a de Dom João VI e também a nova edição das obras de Jorge Amado. Afirmou que talvez não tenha se transformado num santo, mas que milagres faz.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, sobre o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, acrescentou estar ele preparando, no momento, um seminário importantíssimo, com a participação de figuras internacionais, sobre os problemas da escravidão no mundo, que terá início no próximo dia 22 do corrente. A seguir, deu conhecimento à Casa de que a Light iniciou um programa de reforma do sistema de ar-condicionado dos prédios da cidade do Rio de Janeiro e, por intermédio da ENGEPROD, propõe à ABL um serviço gratuito para redução do consumo de energia do Petit Trianon e do Palácio Austregésilo de Athayde. Discorreu sobre esse contrato que envolve uma operação muito técnica e delicada. Para que isso possa ser feito, a ABL suspenderá as suas atividades do dia 15 ao dia 20 de novembro, que é o feriado de Zumbi dos Palmares. Impõe-se a medida para garantir a saúde e integridade dos acadêmicos, dos funcionários e do entorno, pois será suspenso todo o tráfego durante os trabalhos. Isso vai permitir que haja uma sensível redução de energia, inicialmente para o Petit Trianon, o Centro Cultural e o segundo andar e, numa segunda etapa, para todo o edifício, sem ônus para a Academia. Foi também informado, pelos engenheiros da ENGEPROD, de que o gás atualmente usado para resfriar, não se usa em nenhum lugar desenvolvido do mundo e só é produzido na África. Os países desenvolvidos não o produzem mais, por ser pernicioso à saúde.

- O Acadêmico Domício Proença Filho relatou ao plenário como transcorreu a viagem ao Recife, juntamente com o Presidente Marcos Vilaça, os Acadêmicos Murilo Melo Filho e Sergio Paulo Rouanet, representando a Academia Brasileira de Letras na III Bienal do Livro de Pernambuco. Na primeira sessão, a ABL e o Presidente Marcos Vilaça foram homenageados, ocasião em que discursou. No segundo dia, participaram de uma mesa-redonda, na presença do Presidente da Academia Pernambucana de Letras, e de trezentas a quatrocentas pessoas. Nessa atividade, brilharam os Acadêmicos Murilo Melo Filho, ao falar sobre Barbosa Lima Sobrinho, e Sergio Paulo Rouanet que discorreu, com erudição, sobre “O riso e a melancolia em Machado de Assis”. Coube-lhe falar sobre o Acordo Ortográfico,

atualmente em discussão. Discorreu sobre a Feira do Livro, muito bem organizada, um movimento muito grande de público e isso prova que o livro ainda tem lugar e a poesia estava presente a cada esquina da Feira. Falou da acolhida que foi muito boa e, mais uma vez, ficou comprovado o altíssimo conceito de que a ABL goza em todos os lugares em que estiveram.

- O Presidente agradeceu o relato preciso do Acadêmico Domício Proença Filho sobre essa incursão dos acadêmicos citados a convite do Presidente da Academia Pernambucana de Letras, escritor Valdêncio Porto e do escritor Marcos Accioly.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a propósito do que aqui ouviu sobre o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, comunicou que, no próximo ano, estarão fazendo, no Rio de Janeiro, um grande seminário sobre políticas da memória, e dentro deste quadro vai o convite ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Sobre este seu último livro de memórias, declarou que é um ponteiro exaustivo de um exercício sem notas, sem gavetas e sem observações prévias, aflora o fluxo luminoso e instantâneo de uma memória extraordinária.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva, ao agradecer aos Acadêmicos Cícero Sandroni, José Murilo de Carvalho e Candido Mendes de Almeida, disse estarem eles quase lhe fazendo crer que chegou a escrever um razoável livro e com a idéia de ter escrito um bom livro.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, sobre o problema da Casa de Cultura Jorge Amado, disse ter estado em contato permanente com o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro que, antes do Governo da Bahia ter liberado a verba para a Casa de Cultura Jorge Amado, lhe transmitiu a informação que passou a ler, na qual lhe encaminhava a gravação da entrevista que deu no programa mais ouvido da Bahia. Esta gravação tem dezesseis minutos, mas gostaria que os confrades ouvissem um pequeno trecho do que ele disse na rádio e, praticamente, levantou toda a Bahia a favor de Jorge Amado. Por determinação do Presidente, essa gravação será incorporada ao Centro de Memória da ABL.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho declarou ter ficado mais tranqüilo ao saber, pelos jornais, que uma verba do Governo havia sido liberada, mas foi lamentável ter sido necessário um o clamor público para que o Secretário da Cultura tomasse as providências. Registrou a dedicação e o interesse que o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro teve pelo assunto, mobilizando tantas pessoas para uma solução final.
- O Acadêmico Antonio Olinto declarou-se um testemunho ocular e auditivo do que Jorge Amado representa para o Brasil. Lembrou que viajaram por todo o mundo Jorge, Zélia, Zora e ele próprio viajaram por todo o mundo, por toda a Escandinávia, França, Polônia, Estados Unidos, entre outros países. Em toda a parte ele era o Brasil. Disse que, tão logo recebeu a mensagem do Acadêmico João Ubaldo, acusou o recebimento e depois enviou uma mensagem, de amigo e compadre de Jorge Amado, ao Governador da Bahia, protestando contra este crime de lesa-cultura cometido à memória do confrade querido. A seguir, comunicou que participou, no início dessa semana, numa reunião portuguesa em Cabo Frio, onde discorreu sobre “A Língua Portuguesa na África”. Informou que para lá seguiu ontem o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Lembrou e convidou a todos para a Exposição de Esculturas Africanas, que será inaugurada na próxima segunda-feira, no SESC do Flamengo, na Rua Marques de Abrantes, 99. Todas as obras são suas e de Zora. Fará, nessa ocasião, uma homenagem à memória de Jorge Amado, que foi o homem responsável pela sua ida à África e seu interesse pela cultura africana.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Antonio Olinto pelas suas comunicações.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida aludiu a repercussão na imprensa internacional dessa questão relativa a Jorge Amado e a participação de Mário Soares. Falou com ele, por telefone, que lhe informou estar tomando providências de ofícios formais ao Ministro Gilberto Gil e ao Governador Jaques Wagner, manifestando seu espanto com essa situação impensável, e espera que tudo se possa resolver.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva declarou que, diante desse fato estarecedor, com relação à Casa de Cultura Jorge Amado, a Academia deveria, de qualquer maneira, se manifestar, ainda que o assunto tenha sido parcialmente resolvido. Está seguro de que a Academia deve passar um telegrama coletivo, em nome da Casa, expressando a sua perplexidade pela falta de apoio que estaria tendo a Casa de Cultura Jorge Amado e a esperança de que tudo volte à normalidade.
- O Presidente considerou a sugestão excelente e declarou que, em conversa com o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro, ele esperava exatamente essa posição da Academia e de cada um dos Acadêmicos. Pediu que o Acadêmico Alberto da Costa e Silva redigisse esse telegrama. Independente disso, cada um dos Acadêmicos poderá fazer o seu protesto ao Governo da Bahia por esse descaso. Acredita que a liberação de verba pelo governador não resolve, porque há um problema de implementação da política, que está voltada para outros interesses, que deixam todo o patrimônio material, toda a lembrança e a memória de Jorge Amado ao alcance dos dólares da Universidade de Harvard.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho proferiu algumas palavras sobre o instigante debate que se travou no auditório da Bienal de Recife entre o Acadêmico Domício Proença Filho e o Presidente da Academia Pernambucana de Letras, sobre as medidas que estão sendo adotadas para se chegar a um acordo ortográfico com Portugal. Salientou que o Acadêmico Domício Proença Filho, na sua sabedoria sobre o problema, arrancou palmas do auditório. Congratulou-se com o Acadêmico João de Scantimburgo e a Senhora Monique Mendes, Coordenadora do Setor de Publicações, pela edição do quinquagésimo segundo número da Revista Brasileira, relativa ao trimestre julho, agosto e setembro, que publica textos diversos, entre outros, dos Acadêmicos Joaquim Nabuco, Assis Chateaubriand, Lêdo Ivo, Carlos Nejar, Hélio Jaguaribe, Moacyr Scliar e João de Scantimburgo, cuja competência e co-movente dedicação se deve à escolha de seus autores, a grande acolhida, os gerais aplausos e a universal repercussão dessa revista centenária.

- O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu a generosidade das palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, Presidente em exercício, agradeceu as referências sobre a Revista Brasileira número 52. Lembrou que este número traz o artigo de um jovem escritor chamado Daniel Schenker Wajnberg, que, pela primeira vez, alcança o nível de uma publicação como a Revista Brasileira e se orgulha muito disso.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, pediu a todos os Acadêmicos que enviem a sua bibliografia para atualização da reedição do livro de Fernão Neves.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin pediu um prazo determinado para o envio das bibliografias atualizadas.
- O Acadêmico Cícero Sandroni leu a proposta do Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara de adiar para o dia 18 a primeira sessão de votação das sugestões de alteração do Regimento Interno da ABL. A proposta foi aprovada. Registrou que a Diretoria não teve tempo de se reunir para fazer um Parecer, que poderá também ser oral. Estando presentes apenas o Acadêmico Domício Proença e ele próprio, pediu que o Plenário esperasse a chegada do Acadêmico Evanildo Bechara e da Acadêmica Ana Maria Machado para que o Parecer seja feito. Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Cícero Sandroni convidou a todos para a mesa-redonda sobre Alberto de Oliveira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., com a participação dos Acadêmicos Ivan Junqueira, Antonio Carlos Secchin, Antônio Olinto e do professor Ivo Barbiere. Encerrou a Sessão.

O IMORTAL QUE QUERIA SER SANTO

*Entrevista de Mariana Filgueiras**

À frente das comissões para celebrar Machado de Assis e a chegada da família real, Alberto da Costa e Silva lança livro de memórias, escreve outros dois e confessa: gosta mesmo é de ser poeta

Antes de ser poeta, escritor, ensaísta, historiador, embaixador e imortal, Alberto da Costa e Silva queria ser santo. Menino, da geração anterior àquela que quis mudar o mundo nos anos 60, contentava-se em mudar a si mesmo. Que inveja de Cristo crucificado... Mas a vida encarregou-se de mostrar que, se com fé seria difícil, sem ela, impossível. E o menino, que sentia o sol com as pálpebras, desistiu da santidade. Foram tempos de ir à escola de paletó e gravata, atravessar a Avenida Central no estribo de bonde, *Em Busca do Tempo Perdido* de Proust embaixo do braço, época que determinou a formação de um personagem decisivo para a cultura brasileira. Aos 15 anos, publicou o primeiro artigo, neste *Jornal do Brasil*. A mãe, Creusa, não deu muita atenção. No fundo, já sabia que o futuro do rebento não dependeria de milagres.

* Entrevistadora do Acadêmico Alberto da Costa e Silva para o caderno *Idéias e Livros*, de o *Jornal do Brasil*, de 6 de outubro de 2007.

Desde então, acumulou histórias. Percorreu o mundo na carreira diplomática, fixando raízes e coração especialmente na África. Lia tudo o que lhe caía nas mãos sobre o continente. É hoje o maior africanólogo entre os países de língua portuguesa. Fez cinco filhos, sete netos. Que lhe dão vontade de escrever ainda mais. Dessa ânsia, toma fôlego para escrever todos os dias, pela manhã, em um computador não conectado à internet, por medo de que suma tudo no mundo virtual.

Atualmente, escreve o terceiro volume de uma série sobre a história da África, um outro intitulado *A África Explicada a meus Filhos*, mais didático, além de artigos para a revista da Biblioteca Nacional e a própria biografia, que está lançando em volumes. O primeiro, *Espelho do príncipe*, tratava da infância. O segundo acaba de sair pela Nova Fronteira, *Invenção do Desenho: Ficções de Memória*, que compreende o intervalo de 1945 a 1961, entre a escola e o início da carreira diplomática. Mas Alberto não escreveria uma biografia comum, linear e cronológica. Escolheu uma forma inusitada para dar vazão à vida: a obra é dividida em pequenos capítulos, episódios corriqueiros que se lançam como flashes espacados.

Aos 76 anos, apesar de aposentado, trabalha como nunca: preside a comissão da prefeitura que cuida do bicentenário da chegada da família real (um calendário de festejos para celebrar a transformação do Rio em capital do império); a comissão da Academia Brasileira de Letras para o centenário de morte de Machado de Assis; orienta a reedição das obras completas de Jorge Amado pela Companhia das Letras e ainda dá aulas magnas em seminários e universidades. Na sala de casa, em Laranjeiras, entre livros e totens africanos, Alberto da Costa e Silva falou ao Idéias: “O que sou mesmo, disse tudo, é poeta”.

Trecho de *Invenção do Desenho*

Combinei com o Antônio Carlos Villaça: no sábado, íamos entrevistar Manuel Bandeira. E fomos, os dois, mais o fotógrafo Aldir Vieira. O poeta morava num pequeno apartamento na Avenida Beira-Mar. Saguãozinho, sala, um ou dois quartos e cozinha. Os livros bem cuidados e dispostos com alinhamento nas estantes. O retrato por Portinari – ou seriam dois retratos? – e, numa das paredes,

as pequenas bandeiras do Brasil e do Chile a se cruzarem. O desenho a lápis, fizera-o Pablo Neruda.

Bandeira recebeu-nos, sorridente, de pijama e chinelos: acabara de levantar-se de sua sesta de tísico. E começou a brincar de nos levar a sério. Respondeu a todas as nossas perguntas. Deixou-se fotografar conosco. Escreveu, para o Vilaça, “Renúncia”, e para mim, “Desencanto”. E leu em voz alta, pausada e quase rouca, o que pusera no papel, sem disfarçar a emoção com que nos disse — e senti que era a mim, e a mim somente, que o dizia: “Eu faço versos como quem morre...”.

Foi coar café para nós. E mostrou-nos livros. E falou-nos de poetas de sua predileção. Estava de pijama. Não fazia cerimônia conosco, dois rapazolas. Mas havia uma certa manha na forma como mantinha a conversa e, por trás das lentes, nos olhava. Como se quisesse mostrar que cada minuto de nossa visita o fazia feliz.

“Só escrevo quando não posso mais evitar”

JB: O senhor preside a comissão que vai organizar as homenagens do centenário de morte de Machado de Assis, do bicentenário da chegada da família real, orienta a reedição das obras completas de Jorge Amado, lança um livro de memória e escreve outros dois. Como o senhor lida com tanto trabalho?

Alberto da Costa e Silva: Estão me matando e você quer comemorar, né? É bom ter tarefas. Quanto mais temos os dias ocupados, mais tempo temos, menos nos dispersamos. O calendário para a comemoração da chegada da família real já está planejado, estamos na fase de execução. Para o ano Machado de Assis, já elaboramos o programa, mas estamos aguardando a aprovação definitiva para dar início. A Lilian Moritz e o Luíz Schwarcz, da Companhia das Letras, me perguntaram se eu estava disposto a ajudá-los nesse projeto de fazer uma nova edição da obra de Jorge Amado, com com texto mais cuidado, amparada por estudos críticos. Mas uma edição que não tivesse apenas textos críticos literários, mas que situasse a obra de Jorge Amado no contexto antropológico e sociológico.

JB: E ainda tem os seus livros...

Alberto da Costa e Silva: Eu estou aqui escrevendo meus livrinhos. Hoje estou preparando um livrinho para a Ediouro, *A África Explicada a meus Filhos*. Mas vou explicar aos filhos dos meus filhos, porque meus filhos já estão muito grandes. Trabalho todo dia de manhã de forma sistemática: acordo às 7h e começo a escrever depois do café da manhã, e vou até o meio-dia. Nunca soube trabalhar à noite. Este *Invenção do Desenho* é o segundo, tem o primeiro, *Espelho do Príncipe*, que são as memórias de minha infância. Estes livros vou escrevendo devagarinho, à medida que as lembranças me vão ocorrendo. A memória é curiosa. Você soma, subtrai, confunde, faz um jogo muito curioso, semelhante ao que o ficcionista, passa no processo de invenção. Só que as histórias não são inventadas. São histórias vividas. Mas, em muitos momentos, existe alguma coisa de invenção. A nossa saudade embeleza ou amarga determinados episódios. Com o passar do tempo, eles são depurados, transformam-se.

JB: O livro é como se o senhor estivesse contando sua vida numa festa de Natal, num jantar...

Alberto da Costa e Silva: Exatamente, são flashes. Evidentemente há coisas que não conto. Não conto porque não tem interesse para outras pessoas. Eu me vejo como personagem, não como autor. O livro tem um certo sabor de romance. Quando escrevi o primeiro, *Espelho do Príncipe*, estava mais interessado nas outras pessoas do que em mim mesmo. É o espetáculo do mundo que me interessa. É o convívio dos outros que me importa. Houve um livro de memórias que marcou muito a minha geração: *À la recherche du temps perdu* (*Em Busca do Tempo Perdido*), que nós lemos e relemos e treslemos. Li Proust desde os meus 16 anos. Esta visão de que o que importa no mundo, como minha avó dizia, são os outros. São os outros que nos faltam, os outros que nos formam.

JB: Como o senhor provoca a sua memória?

Alberto da Costa e Silva: Uma lembrança arrasta a outra. Você escava a sua memória. E vai tecendo, e só consegue se lembrar de dois terços dos nomes das pessoas. De repente passam-se dois anos e vem aquilo que você queria lembrar. As

engrenagens da sua memória fazem com que apareçam umas coisas que nem têm a ver com aquilo que está escrevendo, uma cor verde, uma blusa verde, um cheiro, um rosto, um jogo de sombra e luz... A gente escreve memória para deixar um depoimento. No meu caso, um depoimento do meu tempo. Acho que sou o primeiro da minha geração a fazer isso. A minha visão é diferente do Gilberto Amado, Pedro Nava ou Afonso Arinos de Mello Franco. Eu fui criança na guerra, no Nordeste. A Segunda Guerra esteve mais presente no Nordeste do que no Sul. Nós tínhamos blecautes, as sirenes tocavam, apagavam-se as luzes da cidade... A guerra nos marcou muito. De modo que, quando a guerra acabou, tínhamos a esperança de que tivesse, de fato, acabado. Foram expectativas que não se cumpriram, malogros, as perplexidades com que nós ficamos diante do mundo.

JB: Como a criança na guerra sentia o mundo?

Alberto da Costa e Silva: Eu vivia entre amigos que tínhamos ambições muito altas... nós queríamos ser santos. Eu queria ser santo. Nós não queríamos mudar o mundo, mas nós mesmos. Acreditávamos na perfeição do ser humano. Depois a gente vai se desiludindo disso, a gente começa a aprender que o ser humano é imperfeito... E isso não se faz sem um preço... que neste caso, é o enfraquecer do sonho.

JB: Como o senhor perdeu a sua fé religiosa?

Alberto da Costa e Silva: Fé é uma coisa muito complicada. Ou se tem ou não se tem. Eu perdi a minha muito cedo. Dez, 11 anos. Não teve episódio nenhum, não (resiste). A minha família era muito religiosa, tenho tio e primos padres. Mas eu sempre tive grande respeito e fascínio pelo sagrado. Você vai notar isso em meus livros. Eu sempre considerei muito meus amigos católicos. E os autores católicos também. Autores que sempre tiveram nostalgia da santidade e, mais do que isso, uma espécie de inveja da santidade.

JB: Um livro de memórias é um livro de história?

Alberto da Costa e Silva: São duas coisas muito próximas. O que a história faz? A história quer preservar a memória coletiva. Se você pensar bem, um livro de memórias como este é um livro de história. Deste tempo e do outro. Eu conto o

que foi viver , um rapazola, no Rio de Janeiro e depois em Campos do Jordão, e mais tarde em Lisboa, Estados Unidos, Europa, África, entre os anos de 1945 e 1961. Como era viver nesse período? Se nós estivéssemos em 1948, este rapaz não estaria tirando fotografias em mangas de camisa (aponta para o fotógrafo), mas de terno e gravata. É preciso deixar o registro dessa época.

JB: Como nasceu a sua paixão pela África?

Alberto da Costa e Silva: Comecei a me preocupar com a África aos 16 anos. Um dos meus professores me pôs nas mãos *Casa Grande & Senzala*. O impacto deste livro nos anos 30, 40, foi muito grande. Tudo aquilo era novidade. O que mais me marcou foi Gilberto Freyre ter colocado o negro no centro da nossa história. E meus professores me orientaram a ler *Os Africanos no Brasil*, de Manoel Quirino, e comecei a procurar o que houvesse sobre a África, e não havia nada. Quase nada. Quando entrei para o Itamaraty, fui trabalhar na divisão comercial, e me ocupar com assuntos referentes à África, Ásia e Oceania. E foi o período áureo da descolonização. E fui procurando o que as embaixadas de Washington, Paris, diziam sobre os novos países da África. Quando fui removido para Lisboa, o meu chefe, embaixador Negrão de Lima, me deu a África para cuidar. E foi quando eu comecei a viajar pela África. Comecei a confrontar o que eu havia lido com o que eu estava vendo. O que era fascínio primeiro se transformou em paixão, e eu ando nisso até hoje.

JB: Por que a África guarda tantos lugares comuns no imaginário das pessoas?

Alberto da Costa e Silva: Porque a África foi construída no século 19 como um lugar de mistério, onde era possível toda sorte de aventuras. Todos nós lemos Tarzan, As minas do rei Salomão, Joseph Conrad, quer dizer, a visão do século 19 era realmente a de um continente estranho. Só não era estranho e desconhecido para seus próprios habitantes. Na última revista da Biblioteca Nacional, fiz um artigo sobre a visão clara que teve José Bonifácio dos negros conversando com os escravos da sala. E o europeu não procurava conhecer a África a partir dos africanos, e criaram uma mitologia da qual estamos abastecidos até hoje. Depois que a África ficou independente, os problemas que a África começou a ter também encheram as páginas dos jornais, de guerras, fome. Mas estes são fa-

tos localizados na África. As crianças lá vão à escola, as pessoas lavram sua terra, mas só nos chega o trágico, o sensacional. Mas a África é fascinante. Chamei até um livro meu de *O Vício da África. Quem Vive lá se Apega*. Algumas partes da África têm uma coisa que falta ao resto do mundo: sabor. A força de algumas dessas culturas é tão grande, que não se destruiu com a força da TV, da internet, da fome, da guerra.

JB: Ainda há muito a se dizer sobre a África? Como vão os seus estudos?

Alberto da Costa e Silva: Eu escrevi *A Enxada e a Lança*, sobre a África antes dos portugueses, até 1500, e escrevi *A Manilha e o Libambo*, que é a história da África de 1500 a 1700. Já estou no terceiro capítulo do resto da história da África, de 1700 a 1900. Mas parei para escrever este livro didático, para que a pessoa possa ler em um fim de semana e aprender o essencial sobre a África. Ao fim desse terceiro volume, eu já terei escrito 4 mil páginas sobre a África, acho que posso morrer em paz.

JB: O senhor ainda escreve poesia?

Alberto da Costa e Silva: Eu sempre escrevi pouca poesia. Três a quatro poemas por dia. Eu fugia, a poesia é uma espécie de maldição. As pessoas que escrevem profusamente... não sei não. Eu não faço muito esforço: é só quando eu não posso mais deixar de escrever que eu escrevo. Você tem de resguardar na sua alma um espaço de pureza. Que seja incontaminável. Que você não ponha nenhum dedo sujo. Este é o espaço da poesia. É isto que eu tenho de sagrado, que eu mantenho do rapazola que queria ser São João da Cruz.

REGIMENTO INTERNO

*Palavras do Acadêmico Evanildo Bechara**

Ex.^{mo} Sr.
Secretário-Geral
Acadêmico Cícero Sandroni

Dirijo-me ao nobre Confrade para solicitar-lhe que seja consultado o Plenário no sentido de adiar para o dia 18 a primeira sessão de votação das propostas de alteração do Regimento desta Academia.

Prende-se a presente proposta ao fato de a reunião marcada para a próxima quinta-feira, dia 11, se achar seguida de feriados que podem diminuir o número de Acadêmicos na referida reunião Plenária.

Cordialmente,
Evanildo Bechara

* Proferidas na sessão do dia 11 de outubro de 2007.

SESSÃO DO DIA 18 DE OUTUBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, estiveram presentes os Acadêmicos: Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon e Tarcísio Padilha.

- Na ausência do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, o Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, no exercício da presidência, submeteu ao plenário a ata da sessão do dia 11 de outubro, que foi aprovada. Lembrou o aniversário natalício do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que ocorre na segunda-feira, dia 22, saudado por uma salva de palmas. Leu a seguir carta que recebeu do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, com notícias de como está transcorrendo a sua viagem à França e à África. Nela, o Presidente destaca a distinção conferida à Academia, mesmo em acontecimentos em que não era diretamente envolvida. Diz do prestígio do Acadêmico Eduardo Portella na UNESCO, onde o embaixador Macedo Soares deixou claro o interesse despertado pelo Seminário “A reinvenção da democracia”. Refere-se também a Gonçalo Ivo, cada vez melhor situado no âmbito parisiense

das artes plásticas, e dá os parabéns ao pai, Acadêmico Lêdo Ivo, pelo talento do filho. Prosseguindo, o Presidente Cícero Sandroni comunicou que a Secretaria-Geral, em nome do Presidente, enviou telegrama ao Governador da Bahia, Jaques Wagner, a propósito da preservação da Fundação Casa de Jorge Amado. Posteriormente, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva e Domicílio Proença Filho elaboraram, em nome da Casa, uma carta sobre o assunto que também foi enviada.

- O Acadêmico Lêdo Ivo pediu cópia da carta para guardar entre os seus papéis de maior estima.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara relatou a sua participação em dois congressos lusófonos, um realizado na cidade de Bragança, em Portugal e outro na Universidade de Santiago de Compostela. A reunião de Bragança, subsidiada pela Câmara Municipal daquela cidade, teve como tema lusofonia e verificar que grande parte da lusofonia tem, como verdade absoluta, que o destino da Língua Portuguesa está ligado ao Brasil. Considera que o fato é muito importante, mas não deixa de ser motivo de preocupação, tendo em vista que não basta que o país tenha agora 183 milhões de falantes de Língua Portuguesa. Para assegurar essa nobre missão, é necessário melhorar o nível da educação, sem o qual o destino da Língua Portuguesa fica muito prejudicado. Informou que as duas Instituições convidaram dois Acadêmicos, um da Academia das Ciências de Lisboa, Dr. João Malaca Castelheiro e um da ABL. Na Universidade de Santiago de Compostela, teve a oportunidade de testemunhar a preocupação de todos com a situação política e lingüística do seu idioma, o galego. Discorreu sobre a situação política do galego dentro do Estado espanhol. Lembrou que a língua portuguesa é o galego que mudou de nome: na Idade Média, acrescentou, havia uma unidade galaico-portuguesa que atualmente vem sendo estudada por muitos galegos. Ofereceu à Biblioteca Rodolfo Garcia publicação da Xunta da Galícia, com a qual se comemora o centenário da publicação do *Cancioneiro da Ajuda*, editado por D. Carolina Michaëles de Vasconcelos, em 1904.

- O Presidente agradeceu as informações trazidas pelo Acadêmico Evanildo Bechara como também a doação da publicação da Xunta da Galícia.
- Na Ordem do Dia, passou-se à discussão e votação de alterações do Regimento Interno da ABL. O Presidente discorreu sobre o procedimento a ser adotado. Dos vinte e um dos acadêmicos presentes, vinte terão direito a voto porque, pelo Regimento Interno da ABL o Presidente só pode votar em escrutínio secreto. Seguiu-se a leitura do Relatório da Comissão com as propostas e os destaques. No Art 2: proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, sugerindo maior flexibilidade no sentido de antecipar o retorno das sessões, após o recesso, na semana subsequente ao carnaval. A comissão considera que o Regimento atual dá ao Presidente essa flexibilidade. Colocada em discussão, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin esclareceu que houve um equívoco da sua parte. Ao fazer a proposta: a sugestão não se referia ao § I.º deste Art. e sim ao § 2.º, que delimita com bastante rigor o período de suspensão dos trabalhos da Academia. A proposta é a supressão do § 2.º.
- O Presidente, após a concordância da Comissão, submeteu ao plenário a proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que foi aprovada.
- Art 9: A Comissão propõe a supressão do Artigo. Não havendo discussão, a proposta foi submetida à votação e aprovada.
- Art. II: A Comissão considera que a composição da mesa não deve abrigar autoridades que se façam representar, à exceção do Presidente da República. Sobre o assunto falaram os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Lêdo Ivo, Alberto da Costa e Silva, Affonso Arinos, Domício Proença Filho, José Murilo de Carvalho, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Alberto Venancio Filho, Nélida Piñon. O Acadêmico Candido Mendes de Almeida apresentou uma complementação à proposta da Comissão: a extensão do convite aos Presidentes do outros poderes. A Comissão acolheu a emenda.

- O Acadêmico Cícero Sandroni reiterou a importância de se ouvir a opinião dos Acadêmicos sobre as propostas de alteração do Regimento.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier, ainda sobre o Art. II, sugeriu que a expressão “reservando lugares distintos no salão para as demais autoridades” devia ser eliminada porque está discriminando os outros convidados”.
- Sobre o assunto manifestaram-se os Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho e Lêdo Ivo.
- O Acadêmico Cícero Sandroni ressaltou que a proposta de acrescentar o nome dos chefes do Poder Judiciário e Legislativo na redação do art. II, feita pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida, é interessante.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que, no parágrafo primeiro do Art. II, figure: “serão reservados lugares no salão para os demais convidados e visitantes eminentes. Em primeiro lugar, quem irá ocupar a mesa e, em segundo lugar, as demais autoridades”.
- O Acadêmico Affonso Arinos, para facilitar o encaminhamento da votação, sugeriu que se colocasse em votação a proposta das alterações; quem estivesse de acordo, permaneceria como está e quem não estivesse de acordo, poderia manifestar sua opinião.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho propôs um texto substitutivo para o Art. II: “O Presidente da Casa decidirá como será composta a Mesa.”
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou a sugestão do Acadêmico José Murilo de Carvalho.
- O Acadêmico Cícero Sandroni colocou em votação a sugestão do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que foi aprovada.
- O Acadêmico Domício Proença Filho lembrou que a Comissão, em seu relatório, se pronunciara sobre o assunto da matéria em discussão.

- Art. 12: proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin que considera que os Diretores da Biblioteca, dos Anais e do Arquivo ocupam cargos de confiança da Diretoria, não exigindo eleição para esses cargos. A Comissão entende que os diretores são eleitos pelo Plenário, não constituindo cargo de confiança.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin prestou esclarecimento sobre a proposta apresentada. Discorreu sobre o processo longo da eleição da Diretoria que contempla eleição do Presidente, Secretário-Geral, Primeiro-Secretário, Segundo-Secretário e Tesoureiro. Há certos cargos preenchidos por alguns anos por Acadêmicos que precisam agir em consonância com o projeto da diretoria a ser eleita. Propôs que os Acadêmicos se concentrassem na eleição da Diretoria e delegassem à Diretoria eleita o preenchimento desses cargos correlatos ao exercício de suas funções.
- O Acadêmico Ivan Junqueira lembrou que, até o ano passado, era o Presidente que se despedia que fazia a indicação dos nomes para os cargos de diretoria. Pela proposta feita pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin, vai haver modificação substancial, porque, a partir dela, será o novo Presidente que vai indicar os membros das Comissões.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin sugeriu que fosse feita uma eleição, em bloco, como espécie de uma chancela à nova Diretoria já eleita, para os nomes que indicar para os citados cargos.
- A Acadêmica Nélide Piñon acrescentou que, quando se trata de cargo de confiança, não há necessidade de ser referendado pelo Plenário.
- O Acadêmico Cícero Sandroni ressaltou que a Comissão nega esse *status* de cargo de confiança porque o Regimento informa que, após a eleição da Diretoria, serão eleitos os Acadêmicos que pertencerão às Comissões e à Diretoria das Bibliotecas.
- O Acadêmico Domício Proença Filho ressaltou que a proposta da Comissão é a manutenção da eleição dos Diretores. A proposta do Acadêmico

Antonio Carlos Secchin altera o mérito porque considera que os cargos são de confiança da Diretoria e prescindem de eleição.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho solicitou a mudança da expressão Diretor da Biblioteca para Diretor das Bibliotecas.
- Submetida a matéria a votação, foi aprovada a proposta da Comissão.
- Art. 13: proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que sugere diminuir o prazo de campanha de eleição para o decurso de trinta dias.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier ressaltou que a Academia Brasileira de Letras é uma Casa de tradição e do respeito à memória. Na sua opinião, o Regimento está mudando demais, às vezes até sem necessidade, contrariando a tradição da Casa. Finalizando, disse que, evitando o recesso, alguns Acadêmicos deixarão de ter o prazer em votar pessoalmente.
- O Acadêmico Ivan Junqueira concordou com a consideração feita pelo Acadêmico Arnaldo Niskier. Disse que a Academia é uma Casa de tradições e, nesse particular, deve-se evitar uma eleição no recesso.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha salientou para o fato de a Casa ter sempre os quarenta membros presentes.
- O Acadêmico Domício Proença Filho indagou ao Plenário se a ampliação do prazo para determinado candidato não beneficiará o candidato.
- Foi mantido o texto apresentado pela Comissão.
- Art. 13 parágrafo 2.º: proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin, que sugere convocação extraordinária para eleição do novo Acadêmico quando o decurso do prazo atingir o recesso. A proposta foi aprovada.
- Referente a concessão para emitir parecer sobre proposta de Sócio Correspondente. Art. 16, § 3.º e 4.º: proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin sugere que sejam suprimidos os parágrafos.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin salientou que a proposta feita foi de natureza prática porque já não se solicita parecer de Comissão em discrepância com os parágrafos 3 e 4. Na sua opinião, essa qualificação do candidato já estaria sustentada pelo aval dos Acadêmicos que os apresentarem com o currículo. Submetida a votação, a proposta foi aprovada.
- Art. 22: proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin no sentido de que o novo Acadêmico se refira também ao patrono e aos antecessores no seu discurso de posse.
- O Acadêmico Candido Mendes salientou que a matéria envolve a política da memória e a política do resumo da memória para o futuro da Casa.
- Submetida a votação, foi aprovada a proposta do Acadêmico Antonio Carlos Secchin.
- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin sugeriu que, diante do adiantado da hora, a discussão das alterações do Regimento continuasse na próxima sessão.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier salientou a lisura com que o Acadêmico Cícero Sandroni, como Presidente interino, conduziu os trabalhos.
- Nada mais havendo a tratar, o Presidente em exercício, Acadêmico Cícero Sandroni, encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 25 DE OUTUBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Domicio Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olin-to, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente declarou aberta a sessão e submeteu ao plenário a ata da sessão do dia 18 de outubro.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho solicitou ao Presidente que a aprovação da ata ficasse para a próxima sessão, porque, como se trata das alterações no Regimento Interno da ABL, gostaria de fazer um exame mais apurado dos textos, antes de aprová-la.
- O Presidente atendeu à solicitação. A seguir, registrou, com pesar, o falecimento de José Aparecido de Oliveira. Assinalou que ele foi o primeiro Ministro da Cultura do Brasil, o homem que teve um relacionamento estreito com todos os setores de criação cultural do país, figura envolvida na história da democracia brasileira, que participou de momentos extraordinários da

vida nacional. Os brasilienses registram sempre com muito prazer a sua passagem pelo Governo de Brasília. Fez outro registro de pesar pelo falecimento, no último dia 23, do jornalista e poeta pernambucano Orismar Rodrigues. Destacou o fato de ser Orismar sempre preocupado com fazer a Academia Brasileira de Letras presente na imprensa pernambucana.

- O Acadêmico Antonio Carlos Secchin registrou o falecimento do poeta pernambucano Alberto da Cunha e Melo, que foi um dos vencedores do Prêmio ABL de Poesia. Declarou que Alberto da Cunha Melo construiu uma grande obra que começava a ter a devida repercussão nacional.
- O Presidente disse não ter feito referência ao falecimento de Alberto da Cunha Melo porque o Acadêmico Ivan Junqueira estava inscrito para fazer um pronunciamento específico sobre o poeta pernambucano. Antecipou aos acadêmicos que, nessas três perdas da semana passada, a Academia se dirigiu à família e às instituições a que eles pertenciam. No caso de José Aparecido, foi feita uma manifestação mais ampla também à Câmara dos Deputados e ao Governo de Minas. A seguir, comunicou que a Academia recebe hoje a visita do poeta e membro da Academia Pernambucana de Letras, Marcus Accioly, também Presidente do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco, que honrará a Casa com uma exposição sobre João Cabral de Melo Neto. Imediatamente após sua fala, a sessão será interrompida para as despedidas, porquanto o Acadêmico Marcus Accioly ainda tem outros compromissos, de ordem cultural, a cumprir no Rio de Janeiro.
- O Acadêmico Marcus Accioly fez breve e consistente exposição sobre João Cabral de Melo Neto, a propósito da passagem dos oito anos da morte do grande poeta.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe, que esteve ausente alguns dias, foi recebido com uma salva de palmas.
- O Presidente, após as despedidas do Acadêmico Marcus Accioly, deu seqüência à sessão e passou a palavra ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida declarou que falar de José Aparecido de Oliveira é falar de quem trouxe, na cultura brasileira, o coloquial a uma dimensão realmente nacional. É a mineiridade transformada numa arte de consenso. Acredita, acrescentou, que ele trouxe a mineiridade à escala moderna, a partir de Juscelino Kubitschek de Oliveira e o fez num momento muito sério da História do Brasil, quando era secretário particular do Presidente Jânio Quadros. Relatou que o mineiro José Aparecido criou a primeira comunidade lusófona transatlântica, a CPLP e o Ministério da Cultura. Discorreu sobre importantes acontecimentos da vida do homem público mineiro, entre os quais a sua participação nas gestões da abertura do Brasil à África. Lembrou o entusiasmo, o desassombro e a jovialidade de José Aparecido de Oliveira.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco solidarizou-se com as palavras do Presidente e do Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre esse grande mineiro, grande brasileiro e seu grande amigo pessoal. Registrou que José Aparecido tinha a ética como diretiva permanente de tudo o que fazia na política, no jornalismo e na amizade. Falou do seu patriotismo irreprochável, em todas as atividades da sua vida pública. Lembrou a sua importância fundamental, como Secretário no Governo Jânio Quadros e posteriormente como Secretário de Cultura de Tancredo Neves. Recordou que, antes de ser Secretário de Cultura de Tancredo, havia sido cassado, pela sua atuação contra o IBAD, ao criar uma Comissão Parlamentar de Inquérito para examinar as irregularidades daquele órgão. Foi Governador do Distrito Federal. Disse considerar importante lembrar que, por sua iniciativa, Brasília se tornou Patrimônio Cultural da Humanidade e por causa desse fato foi depois tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ressaltou que o grande inspirador e responsável pela criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa foi José Aparecido de Oliveira. Por todos esses motivos associou-se às homenagens ao grande patriota, símbolo do desinteresse na luta pelas coisas que ele acreditava, que foi José Aparecido de Oliveira.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse da dificuldade para falar de um bom amigo que desaparece, José Aparecido de Oliveira foi efetivamente seu grande amigo. Acompanhou o seu percurso para a fundação e criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Discorreu sobre o seu extraordinário esforço, contando com a incompreensão tanto do Governo brasileiro quanto dos portugueses e, também, com certa desconfiança permanente dos países africanos. Venceu tudo isso, com a capacidade admirável que tinha, não apenas de convencimento, mas sobretudo de aglutinar diferenças. Na casa de José Aparecido, era possível ver-se Oscar Niemeyer conversando durante duas horas com o General Leônidas Pires Gonçalves. Era possível testemunhar as cenas menos prováveis, porque ele tinha essa capacidade de unir as pessoas, de convencer, de aglutinar e de juntar. Não haveria a CPLP se não fora José Aparecido de Oliveira. Ele foi realmente o seu criador e disso pode dar testemunho. Estamos todos os seus amigos desta Casa pranteando um grande admirador da cultura, dos escritores, dos artistas e que tinha diante de desta Casa uma permanente posição de admiração e carinho.

- O Acadêmico Cícero Sandroni, associando-se a todas as manifestações de pesar pela morte de José Aparecido de Oliveira, disse querer deixar uma palavra de saudade a José Aparecido, de quem foi grande amigo, desde a época em que fazia a crônica política do jornal *O Globo* e ele era secretário particular do então Governador Magalhães Pinto. Considerou José Aparecido uma surpresa, pois encontrar um assessor de político que não pedia notícias sobre esse político e sim dava notícias sobre outros políticos, informado de tudo que acontecia na política brasileira e informado especialmente sobre os adversários, que estavam em torno do Presidente da República e ao qual ele estava inteiramente aberto. Ratificou tudo o que foi dito pelo Acadêmico Alberto da Costa Silva sobre sua grande qualidade de agregar: a capacidade de fazer amigos e de mantê-los era a arte, a virtude de José Aparecido. Contou um episódio da sua mocidade, que demonstra a medida da sua doação. Discorreu, também, sobre sua coragem. Foi cassado em 1964 e teve os direi-

tos políticos suspensos por 10 anos e os que se encontravam em Brasília naquele momento se lembram da enorme confusão dos três primeiros dias. Lembrou a sua teimosia e contou que José Aparecido estava fugindo num carro com Rubens Paiva para Belo Horizonte, que lhe sugeriu a retirada do bigode, porque do contrário seria facilmente reconhecido. José Aparecido recusou-se a tirar o bigode, mesmo correndo o risco de ser preso: era uma devoção, considerava que era parte da sua personalidade. Associou-se ao que fora dito pelos acadêmicos Candido Mendes de Almeida, Affonso Arinos de Mello Franco e Alberto da Costa e Silva que destacaram o seu papel político em todo o processo iniciado com Jânio Quadros até os seus últimos dias. José Aparecido foi, acrescentou, como disse Alberto da Costa e Silva, uma presença constante e agregadora. Lembrou, a propósito, uma reunião em que, em sua casa, dois adversários, quase inimigos, ficaram conversando durante uma hora. Discorreu ainda sobre a vida de José Aparecido de Oliveira como político antes e depois da cassação. Pranteou a perda desse homem que só queria o bem do Brasil.

- Ao Acadêmico Ivan Junqueira causou-lhe certa estranheza que um poeta da envergadura de Alberto da Cunha Melo tenha morrido no dia 14 de outubro e só ontem, graças a uma carta que lhe escreveu outro pernambucano, o poeta Montez Magno, tenha sabido da morte desse grande poeta de Pernambuco. Associou-se às palavras do Acadêmico Antonio Carlos Secchin para pedir à Casa um voto de pesar por esse doloroso falecimento. Comunicou que Alberto da Cunha Melo estava doente há muito tempo. Deu conhecimento do seu empenho, junto com os Acadêmicos Lêdo Ivo e Antonio Carlos Secchin, para conceder o Prêmio ABL de Poesia deste ano a esse grande escritor pernambucano. Felizmente, o prêmio saiu a tempo e soube, por sua mulher, que, em seu leito de morte, foi tomado de uma enorme alegria, por ter sido reconhecido pela Academia Brasileira de Letras. O seu talento já vinha sendo anunciado há algum tempo por pessoas como ele próprio e Bruno Tolentino, no Recife, durante a Feira do Livro de 2000, quando chamaram a atenção para a poesia de Alberto da Cunha Melo. No seu úl-

timo livro, *O Cão de Olhos Amarelos*, ele faz um resgate assombroso da canção paralelística sem a qual, um crítico como Ramon Jakobson diria que a poesia não poderia existir. Ao terminar seu breve discurso de saudade, leu um pequeno poema de Alberto da Cunha Melo intitulado “Canto dos emigrantes” – Com os seus pássaros/ ou a lembrança dos seus pássaros,/ com os seus filhos/ ou a lembrança de seus filhos,/ com o seu povo/ ou a lembrança do seu povo,/ todos emigram // De uma quadra a outra/ do tempo, de uma praia a outra/ do Atlântico, de uma serra a outra/ das cordilheiras, todos emigram // Para o corpo de Berenice/ ou o coração Wall Street / para o último templo/ ou a primeira dose de tóxico,/ dentro de si /ou para todos, e para sempre,/ todos emigram.

- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou as palavras de pesar pelo falecimento de Alberto da Cunha Melo: o poema lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira prova, de fato, que todos emigramos, mas a poesia permanece, porque a palavra permanece, disse.
- O Acadêmico Antonio Olinto lembrou que, há cinquenta e três anos, casava com Zora e, presente ao seu casamento, estava José Aparecido de Oliveira, amigo querido de Minas Gerais. A partir de então, essa amizade permaneceu até os seus últimos dias. Lembrou que, quando lhe nasceu o filho, que agora não só é adulto como Deputado Federal por Minas Gerais, escreveu um poema sobre o nascimento do menino que José colocou num quadro ao lado do berço dele. Recentemente, encontrou-o e perguntou-lhe se ainda tinha o poema e ele lhe disse que esse poema o acompanhava por toda a vida. Depois de vários anos de festa de Ano Novo na casa de José Aparecido, que depois passou muitos anos sem receber, convidou-o para passar o Ano de 2006 para 2007 e declarou: “talvez seja o meu último Ano Novo”. Foi a última vez que o viu, não era mais aquele homem alegre. Por tudo que passaram juntos, considerou a notícia da sua morte a mais triste que recebeu nos últimos tempos: o desaparecimento desse mineiro e grande brasileiro.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse considerar uma grave falta na sua biografia não ter conhecido José Aparecido de Oliveira. Mas ouvindo o que os colegas disseram, acredita que a casa de José Aparecido parecia a Academia Brasileira da Política.

- O Presidente lembrou aos confrades que a sessão da semana vindoura será na quarta-feira, dia 31, guardando, assim, a tradição da Casa de não fazer reuniões no dia primeiro de novembro. A seguir, chamou a atenção para a excelência do Programa Cenas Clássicas e acrescentou que faz esse registro sem reservas, porque não teve envolvimento maior, teve apenas o entendimento formal, que sempre toca ao Presidente. Declarou que, poucas vezes, viu algo produzido com tal cuidado, com tal precisão e com tamanha qualidade. Exaltou os Acadêmicos Eduardo Portella, Ana Maria Machado e Domício Proença Filho, que se doaram para que se efetivasse. O gerenciamento de todo o Programa foi, e continuará sendo, da professora Heloísa Padilha, pessoa de altíssimos merecimentos intelectuais e grandes virtudes de personalidade. Cuidou de todos os detalhes para que tudo acontecesse com precisão e qualidade. A Academia só teve ganhos nesse Projeto, totalmente custeado pelo Banco Safra e talvez tenha sido, nesse espaço, a sua pequena participação no Projeto, que não afetou em nada o orçamento da Casa, que apenas se beneficiou, porque teve o bom senso de ter agora um Teatro, e sobretudo por dispor de um equipamento, para Internet e cinema, aberto à veiculação de suas atividades, equipamento de grande qualidade de operação, porque é necessário que tenha alguém que saiba operá-lo e saiba extrair-lhe os ganhos. O responsável pelo setor, Dr. Rafael Pinheiro, extremamente tímido e modesto, operou esse programa e fez com que o mesmo tivesse a multiplicação que tanto a Casa desejava, como teve no caso da visita do Presidente da República, por ocasião da comemoração dos 110 anos da ABL, quando a carga da Internet apontou visitas de 162.325 internautas. Isso porque também se mobilizou um reforço na capacidade da Internet de receber as visitas e houve gestão competente para prever o ingresso dessas cargas. Pediu a atenção para proposta, encaminhada a todos os acadêmicos, do Ministério da Cultura para a participação da Academia no

centenário de Machado de Assis. A Diretoria aguarda até a próxima quarta-feira, dia 31, que os acadêmicos apresentem suas observações, objetivando ter o modelo final para a assinatura do Protocolo com o Ministério da Cultura. Apresentou aos acadêmicos o problema de como fazer a outorga das medalhas dos 110 anos da Academia. Acredita que será uma solenidade muito difícil de ser suportada, porque são 120 medalhas e demandará um tempo enorme chamar cada uma das pessoas para receber sua comenda. A Diretoria chegou à conclusão de que o ideal seria a entrega da Medalha a cada um dos agraciados, acompanhada de carta, na qual se declara o proponente. Acrescentou que talvez não seja o ideal, mas é o possível. Submeteu essa idéia ao plenário, que concordou plenamente. Informou, ainda, que, em recente viagem particular que fez à Europa, esteve na França, e participou do lançamento do livro de Maria Cristina de Albuquerque, *Príncipe e Corsário*, no Auditório da Embaixada do Brasil completamente repleto. A Embaixadora Vera Pedrosa, aliada das causas da cultura, no seu discurso faz referências à Academia Brasileira de Letras, com muita delicadeza. Registrou ter tido a alegria de encontrar muitos brasileiros ilustres e teve a oportunidade de verificar, com enorme satisfação, o prestígio de Gonçalo Ivo, filho do Acadêmico Lêdo Ivo, entre os especialistas em artes plásticas na França. Assinalou que não é um pintor que nasceu no Brasil e está na França, é um pintor que está em Paris com um grande prestígio. Julgou interessante o contato com o Embaixador Macedo Soares, representante do Brasil na UNESCO, que lhe falou do fato de ter a Academia assinado também a proposta do Seminário da “Reinvenção da Democracia”, a ser realizado pela Biblioteca Nacional, pela UNESCO, com a participação da ABL e da Fundação Miguel Cervantes. Chamou a atenção para a documentação sobre o citado Seminário que tem o logotipo da UNESCO e da ABL e disse textualmente o quanto o Acadêmico Eduardo Portella continua sendo uma referência muito forte naquela Organização. Comunicou ainda que o Presidente da Academia vai assinar com a Accademia della la Crusca, que na história das academias é apontada como a mais antiga do mundo, um protocolo de acordo científico e cultural, com propósitos de cooperação recíproca no estudo das línguas românicas na Europa e no mundo. Os temas tratados

são: “A Língua e a cultura das emigrações”; “As questões das minorias lingüísticas no Brasil”; “O desenvolvimento da Literatura Brasileira e Italiana”; “A língua em cena – Teatro Italiano e Teatro Brasileiro”; “A linguagem do Cinema”. Lembrou que a Reunião Conjunta da Academia Brasileira de Letras com a Academia das Ciências de Lisboa terá início segunda-feira próxima e, sobre esse assunto, pediria ao coordenador do Encontro, Acadêmico Domício Proença Filho, que desse notícia.

- O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu inicialmente as palavras do Presidente a respeito do Programa Cenas Clássicas, declarou estar falando em nome do Acadêmico Eduardo Portella, da Acadêmica Ana Maria Machado e de Heloísa Padilha, uma vez que esse Programa nasceu de um sonho do Acadêmico Eduardo Portella associado às teses da Acadêmica Ana Maria Machado e concretizado na sua feição prática e efetiva pelo alto grau de competência de Heloísa Padilha. Discorreu sobre o Programa e destacou que, com ele, o núcleo de leitura deflagra um processo que se associa ao objetivo da Academia de promover e estimular a leitura. Sobre a reunião conjunta ressaltou que a Academia inicia com ela, no âmbito da Casa, as programações relativas à vinda da família real para o Brasil. A reunião se realizará no Petit Trianon nos dias 29 e 30 do corrente e o tema escolhido pela Academia das Ciências de Lisboa é “O Papel de D. João VI na união de Portugal e Brasil”. Passou a ler a programação do encontro, distribuído a todos os acadêmicos, que por determinação do Presidente será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara declarou que, de todas as notícias que traduzem e marcam a operosidade e inventiva da Presidência da Casa, gostou muito de ouvir a informação do acordo intelectual que reunirá a ABL e a Accademia della Crusca. Disse tratar-se de um reencontro da cultura brasileira com a cultura italiana, que fez surgir a nossa literatura medieval, graças ao empenho dos filólogos italianos, tendo à frente Monaci e Molteni, com a publicação do *Cancioneiro da Vaticana* que depois serviu de modelo para a publicação do *Cancioneiro da Ajuda*. Acrescentou ser esse mo-

mento único para o reencontro das culturas brasileira e italiana que estão divorciadas há algum tempo. Espera que desse acordo intelectual entre Brasil e Itália possam realmente ser reatados os laços culturais, porque a Itália, incontestavelmente, é um dos berços da cultura universal, com o qual temos muito que aprender.

- O Presidente, em virtude do adiantado da hora, perguntou ao Acadêmico Murilo Melo Filho, inscrito para falar, se gostaria de fazê-lo ou adiar para a próxima sessão.
- O Acadêmico Murilo Mello Filho concordou em adiar a sua fala para a próxima sessão, na quarta-feira, dia 31.
- O Acadêmico Lêdo Ivo propôs que a Academia Brasileira de Letras atribua a Medalha João Ribeiro à Embaixadora Vera Pedrosa. Expôs em breves palavras as razões dessa proposta.
- O Presidente comunicou que a proposta será encaminhada à Diretoria e apreciada dentro do prazo de quinze dias.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida comunicou que distribuiu aos presentes o livro *Subjectivity at the Threshold of de Digital Culture: the Self in Network*. Não havendo tempo para comentá-lo nessa sessão, o fará na próxima.
- O Presidente convidou os acadêmicos presentes para o Seminário “Brasil, brasis” sobre o tema “O homem na era das novas mídias”, que tem a Coordenação-Geral do Acadêmico Cícero Sandroni; expositor principal o Acadêmico Arnaldo Niskier e palestrantes Regina Casé, Marcos Troyjo, Paulo Markun, Silvio Meira e Mônica Dias Pinto. Encerrou a sessão.

PROGRAMAÇÃO DO
ENCONTRO: BRASIL/PORTUGAL

*Lido pelo Acadêmico Domicio Proença Filho**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
110 ANOS DE CULTURA

REUNIÃO CONJUNTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
E DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

LOCAL: RIO DE JANEIRO – SALÃO NOBRE DA ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS

DATA: 29 E 30 DE OUTUBRO DE 2007

TEMA: O PAPEL DE D. JOÃO VI NA UNIÃO DE PORTUGAL E BRASIL

PROGRAMAÇÃO:

29/10, Segunda-feira

10hs: SESSÃO INAUGURAL

– Presidência: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça

– Presença do Senhor José Almino de Alencar e Silva Neto (Presidente da Casa de Rui Barbosa)

* Na sessão do dia 25 de outubro de 2007.

- Execução do Hino Nacional Brasileiro e do Hino Nacional Português (Banda do Exército)
- Fala do Acadêmico António Braz Teixeira – Vice-Presidente da Academia de Ciências de Lisboa e Presidente da Classe de Letras
- Encerramento da sessão – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça

II 30hs: EXIBIÇÃO DO FILME “O português do Brasil – Depoimentos de Acadêmicos” – Direção de Nelson Pereira dos Santos. Sala de Multimídia – Biblioteca Rodolfo Garcia.

16hs: I.ª SESSÃO CONJUNTA

Presidência: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça

Coordenação: Acadêmico Domício Proença Filho

Conferencistas: Acadêmico António Braz Teixeira – “Silvestre Pinheiro Ferreira e a filosofia brasileira”

Acadêmico Miguel Telles Antunes – “Portugal e a Ciência na viragem dos séculos XVIII e XIX; Brasil e História Natural”

Acadêmico Candido Mendes – “A corte errante e os fundadores do novo Império”

Acadêmico Helio Jaguaribe – “D. João VI”

Encerramento – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça

30/10, Terça-feira

14 hs: 2.ª SESSÃO CONJUNTA

Presidência: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça

Coordenação: Acadêmico Cícero Sandroni

Conferencistas: Acadêmico José Murilo de Carvalho – “O príncipe regente D. João e o Brasil”, Acadêmico Luís Oliveira Ramos – “Os problemas do Brasil e de Portugal durante a governação de D. João”

Acadêmico Domício Proença Filho – “D. João VI e a língua portuguesa no Brasil”

Acadêmico José Luís Cardoso – “José da Silva Lisboa e a idéia liberal”

Encerramento – Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça

Coordenação: Acadêmico Domício Proença Filho

Assessoria Cultural: Juliana Deleo

SESSÃO DO DIA 31 DE OUTUBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente declarou aberta a sessão e submeteu ao plenário as atas das sessões dos dias 18 e 25 de outubro, que foram aprovadas. Pediu uma salva de palmas para os Acadêmicos João de Scantimburgo que aniversaria hoje e para o Acadêmico Ivan Junqueira, que aniversaria no dia 3 de novembro. Lembrou que há dez anos, no dia 31 de outubro, tomava posse o Acadêmico Celso Furtado. Registrou o lançamento do livro *História da Literatura Brasileira*, do Acadêmico Carlos Nejar pela editora Relume Dumará. Saudou o aparecimento dessa obra, que mostra a intensidade do trabalho do Acadêmico. Disse que o Tomo 37 das memórias da Academia das Ciências de Lisboa é dedicado, entre outros, a figuras brasileiras como os Acadêmicos Josué Montello e Miguel Reale. Convidou a todos os Acadêmicos para a rea-

bertura da Sala José de Alencar, no dia 8 de novembro, quinta-feira, às 18h. A sala está remodelada, modernizada e com o padrão assemelhado ao Teatro R. Magalhães Jr.

- O Acadêmico Carlos Nejar agradeceu as palavras do Presidente Marcos Vinícios Vilaça sobre seu livro *História da Literatura Brasileira*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça observou que a Academia estará representada na Feira do Livro de Santiago do Chile pelos Acadêmicos Ivan Junqueira, Carlos Nejar e ele próprio. Deu a palavra ao Acadêmico Cícero Sandroni para fazer exposição sobre questões ligadas a recursos não orçamentários que a Academia está tratando de aportar para as suas atividades.
- O Acadêmico Cícero Sandroni lembrou que a reforma proposta pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça para o Teatro R. Magalhães Jr. constituiu uma obra prioritária devido às condições precárias de funcionamento. Há mais de vinte anos nada se fazia para melhorá-lo. Foi preparado um projeto, com aquiescência por escrito da Petrobras, de que forneceria os recursos necessários desde que o projeto fosse aprovado na Lei Rouanet. Foi feito todo o processo para conseguir esta aprovação, mas com uma defasagem em função da greve do Ministério da Cultura. Com a promessa da Petrobras, a obra foi começada e seria um prejuízo maior para a ABL se fosse interrompida. Isso impediu, por razões legais, não só por questões relacionadas com CNIC, a liberação dos recursos que seriam indispensáveis para cobrir os gastos que a ABL teve para terminar a reforma. Salientou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça diligenciou junto aos diretores da Petrobras, para que estes recursos viessem de uma outra forma. Conversou com o Presidente José Sergio Gabrielli e obteve a promessa de que, fora da burocracia da Lei Rouanet, a Petrobras financiaria a manutenção do Teatro durante um ano, no montante do necessário para fazer a reforma. Entregou ao Plenário o relatório orçamentário do levantamento total da manutenção do Teatro R. Magalhães Jr. Finalizando, salientou que o projeto foi aprovado pela Petrobras e disse prever uma possibilidade de remanejamento de verbas.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva salientou que no Ciclo de Conferências, nas Mesas-Redondas e Seminários a figura do coordenador é sempre um Acadêmico. Perguntou por que está consignado pagamento para um Acadêmico.
- O Acadêmico Cícero Sandroni afirmou que, na sua opinião, o coordenador deveria receber remuneração especial por cada ciclo de trabalho, representado por um aumento de jeton.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco ressaltou que o pagamento de um Acadêmico implicaria a mudança do Regimento Interno da ABL, porque está nele expresso que os Acadêmicos não seriam pagos pelas atividades que exercem na Academia.
- O Acadêmico Domício Proença Filho deu o seu testemunho de que a atividade de coordenação é extremamente penosa. Quanto ao Estatuto, lembrou que a dinâmica do processo possibilitaria estabelecer forma de pagamento que não implique a rubrica remuneração.
- O Acadêmico Cícero Sandroni salientou que o trabalho de organização do Ciclo de Conferências é um trabalho extenuante. Além de imaginar os temas, organizá-los e convidar os palestrantes, o coordenador deve, como o nome indica, coordenar as conferências. Não vê por que o coordenador de um Ciclo não possa receber um jeton diferenciado, mas aceita qualquer decisão do plenário sobre o assunto.
- O Acadêmico Affonso Arinos salientou que, nesse caso, deveria haver uma emenda no regimento que estipulasse esse tipo de jeton especial.
- O Acadêmico Carlos Nejar salientou que a ABL recebeu algo excepcional que é o novo Teatro. Construído da forma mais moderna possível, sem verba da Academia, com apoio fora da ABL. Ressaltou que este trabalho é um acontecimento que merece o total aplauso dos Acadêmicos.
- O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça agradeceu as palavras do Acadêmico Carlos Nejar. Disse que fez o que lhe competia, contando sempre com os

confrades da Diretoria. A Academia tem que manter os seus serviços da melhor forma e ampliá-los. Salientou que a diretoria gastou, mas não desperdiçou; foram gastos com o Teatro R. Magalhães Jr., o setor de cinema, o Centro de Memória, audiovisual, com equipamentos modernos. O serviço de Internet, a propósito, está dando uma resposta estupenda à Academia. Falou sobre os investimentos feitos na Casa com o apoio cultural recebido nesses dois últimos anos e disse que o fato abriu uma porta de acesso ao setor privado. Acredita ser impossível que a Petrobras, a Vale do Rio Doce, o BNDES e o Bradesco deixarem de dar apoio à Casa. O difícil foi vencer o primeiro momento. Discorreu sobre o valor dos patrocínios conseguidos em 2006 e 2007 e deu conhecimentos dos patrocínios que ainda estão em curso. Falou sobre as distorções que ocorrem no setor de pessoal e comunicou também que, autorizado pelas prerrogativas da Presidência, vai fazer alterações no jetom e na representação da Casa.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara apresentou um sucinto relatório sobre as atividades da Comissão de Lexicografia. Comunicou que, atendendo ao contrato firmado com a Editora Nacional na presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, ficou pronto nesta data o *Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras*. Atribuiu o desempenho desse trabalho a todos os colaboradores, e também à equipe de lexicógrafos, revisores e digitadores. Discorreu sobre o *Dicionário Escolar*, com cerca de trinta e três mil verbetes, confeccionados com muito cuidado e habilidade por uma equipe que vem de uma experiência dos dois maiores dicionários da Língua Portuguesa: o *Dicionário Aurélio* e o *Dicionário Houaiss*. Assinalou que o Brasil tem dado a Portugal os dicionários de que Portugal precisa. São os Dicionários mais usados em Portugal. Enfatizou que o *Dicionário Escolar* não é um demérito para a ABL, pois a Real Academia Espanhola tem o *Dicionário Escolar* e o *Dicionário do Estudante*, que são mais vendidos do que o *Dicionário da Língua Espanhola*. Informou que a ABL pretende, para o próximo ano, apresentar o *Dicionário de Machado de Assis*, que é um braço do Dicionário do Século XIX porque, em virtude da filosofia de custo/benefício, resolveram dividir a grande etapa do

Dicionário da Academia Brasileira de Letras em etapas menores. Informou que a parte do Século XVI está pronta, porque chegou à Casa, na biblioteca do grande e saudoso lexicógrafo Antonio Geraldo da Cunha, comprada na gestão do Acadêmico Tarcísio Padilha. Declarou que, assim, pouco a pouco, o Setor de Lexicografia irá trabalhando no grande dicionário da ABL, o que não era o sonho dos fundadores desta Instituição. Acrescentou que, no futuro, farão o Dicionário de Brasileirismos e, disse ainda que, a Comissão de Lexicologia e Lexicografia está preparando a 5.^a edição do *VOLP*, que começou com trezentas e sessenta mil palavras e tem agora um acréscimo de cerca de duas mil palavras, além das correções; está também sendo preparada uma segunda-edição do *Mini VOLP*, que está quase pronta. Também está sendo feita a revisão do *Onomástico*. Afirmou que, para o futuro, a Comissão está pensando num dicionário prosódico e ortoépico, para o qual há já uma média de sessenta por cento prontas, porque resulta da grande lição de Antenor Nascentes no *Dicionário* que preparou para a Academia, na década de 1940 e, graças aos esforços do Acadêmico Josué Montello, foi publicado na década de 1960. Considerou oportuno, na hora em que a Presidência está mostrando os resultados dos recursos obtidos, observar o que, silenciosamente, está realizando a Comissão de Lexicografia e Lexicologia.

- O Presidente cumprimentou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier declarou ter ouvido com atenção a exposição feita pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara e lembrou que, ao longo dos seus vinte e quatro anos na Academia, teve a oportunidade de participar de momentos importantes em relação a esses trabalhos referidos, como o *VOLP*, que nasceu da cabeça de Antonio Houaiss e da determinação de Austregésilo de Athayde. Todo realizado na então Bloch Editores, com recursos que ele próprio obteve junto ao Ministério da Educação. Posteriormente, depois de dois anos, Antonio Houaiss trouxe o *VOLP* à ABL, impresso com os trezentos e sessenta mil verbetes, referidos pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Mais tarde, teve o privilégio de lançar a 2.^a edição e ainda o *Mini VOLP* e o *Dicionário Onomástico*. Estranhou a observação

feita pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara a propósito deste último dicionário. Louvou, o recém-falecido Professor Chediak, que foi inexcusável, não apenas na elaboração, não só do *Dicionário Onomástico*, mas do que seria uma nova versão do Dicionário da Academia, quando se abriu aqui, por iniciativa de Antonio Olinto, uma licitação, ganha pela Companhia Editora Nacional, na época em que presidia esta Casa, e aí começou esse bom relacionamento com esta Editora que hoje deságua nessa boa notícia trazida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Fez algumas observações ao relatório hoje apresentado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. Esclareceu que o seu pronunciamento neste momento não é um protesto, mas apenas uma maneira de dar conhecimento aos novos confrades do que ocorreu nesta Casa antes das gestões hoje referidas.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva indagou se esse Dicionário de nomes próprios não seria mais um dicionário onomástico, se seria toponímico. Enfatizou que Academia tem um grande problema em matéria de toponímia e seria bom que a Comissão de Lexicografia e Lexicologia começasse a se preocupar com o tema.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara disse que o onomástico envolve a toponímia e a antroponímia e, até o momento, estão apenas na antroponímia, isto é, nos nomes próprios de pessoas. Com relação ao que disse o Acadêmico Arnaldo Niskier a respeito do dicionário de nomes próprios, esclareceu que esse dicionário foi feito, segundo consta do prefácio, na base de um outro que ainda estava em estado de preparação. Esclareceu que a precariedade dele não é metodológica: vincula-se ao volume de informações; não há, no uso da palavra “precário”, nenhum desdouro da equipe em relação ao dicionário.
- Sobre o assunto voltou a falar o Acadêmico Arnaldo Niskier.
- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara prestou outros esclarecimentos sobre o mesmo tema. Declarou que sempre tem aplaudido os esforços e as intenções do Acadêmico Arnaldo Niskier, por ser ele, entre os acadêmicos

com quem tem maior aproximação, dos que demonstram um amor acendrado a esta Casa. Declarou que o relatório hoje apresentado refere-se apenas à época em que entrou para a Comissão de Lexicografia e Lexicologia, não havendo no seu relatório nenhum intuito de diminuir a gestão do Acadêmico Arnaldo Niskier, sempre preciosa e bem lembrada.

- O Acadêmico Lêdo Ivo leu a comunicação que fez à Academia intitulada “O Bico do Pelicano”, que aborda o pequeno ou grande mistério que envolve a publicação de *Os Lusíadas*, em 1572, ao oferecer à Biblioteca da Rodolfo Garcia um exemplar de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, edição fac-similar com estudo filológico do Prof. Leodegário de Azevedo Filho. O Presidente determinou que o texto fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comunicou que o exemplar que a Academia possui de *Os Lusíadas* foi entregue à Casa em 1937, pelo Acadêmico Miguel Osório de Almeida, doação do Dr. Guilherme Guinle.
- O Acadêmico Lêdo Ivo agradeceu e disse que acrescentará esse pormenor valioso.
- O Acadêmico Carlos Nejar louvou as modelares observações do Acadêmico Lêdo Ivo e afirmou que o pelicano pode ter o bico tanto à direita quanto à esquerda. Segundo o poeta João Cabral de Melo Neto, o pelicano é o símbolo do poeta.
- O Acadêmico Lêdo Ivo afirmou que João Cabral de Melo Neto não era autoridade em Camões.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida, inscrito na sessão anterior, comentou a distribuição que fez de um livro da Agenda do Milênio intitulado *Subjetividade no Marco da Cultura Digital – o Problema do Eu em Rede*. Observou que, ao falar da língua, fala também da oração dentro do discurso e do seu efetivo conteúdo. Acredita que, no próximo ano, deva discutir-se a cognição dentro do discurso, que vai ser um elemento fundamental nessa evolução, porque o

que se observa, a partir da cultura digital e do eu em rede, é que, cada vez mais, fica-se prisioneiro do pleonasma, da tautologia. Ilustrou o que acabou de dizer com textos de discursos no Senado Federal, só na última semana. Esse trabalho que entregou aos acadêmicos quer mostrar o que ainda falta na discussão, que é a Língua e a Internet e a Língua e a nova tribo do “oi”, que é a da menina brasileira. A seguir, falou da intensa atividade da Academia esta semana e congratulou-se com o Acadêmico Domício Proença Filho pela organização desse acontecimento e pelo sucesso dos dias em que se debruçaram sobre o comum encontro com a Acadêmica das Ciências de Lisboa. Salientou o extraordinário filme do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que tem hoje uma importância fundamental, do ponto de vista da criatividade única, ocasião em que tiveram as premissas de saber sobre o trato na Casa do que seja a língua, nas suas diversas versões. Comunicou ter aprovado na manhã desta data a transmissão pelo Canal I6, de trechos do filme do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Considera um fato importante, porque este Canal tem uma audiência de cem mil pessoas dia. Deixou registrado o esplêndido momento que tiveram anteontem nesse particular, graças a Nelson Pereira dos Santos.

- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que visitou na manhã de hoje o Coronel Chefe do Forte de Copacabana, local que tem amplos e ótimos espaços para a cultura. Declarou que tem com aquele Forte um programa com Bibliotecas, chamadas flutuantes. Destaca para o Forte Kombis, cada uma com doze mil livros, em fins de semana, quando ali se recebem crianças. O Coronel gostaria também de levar para lá exposições, mas infelizmente tem um compromisso de levá-la a Madureira. Disse estar seguro de que a Academia pode também ter idéias para levar exposições de livros e pintura àquele espaço. Juntamente com o Coronel, pretende transformar o Forte de Copacabana num centro cultural importante no Rio de Janeiro.
- O Acadêmico Nelson Pereira dos Santos declarou-se muito feliz depois de ouvir as palavras do Acadêmico Candido Mendes de Almeida, a respeito da missão do cinema, de servir a todo aquele que usa a nossa língua, no dia a

dia, na sua profissão e em todos os níveis de atividade. Comunicou que esteve em Londres, pela terceira vez, para a Mostra de Cinema Brasileiro e Literatura, sobre a coordenação inteligente, criativa e eficiente de Adriana Rouanet, com o apoio da Embaixada do Brasil na Inglaterra e da Academia. Registrou que, este ano foram exibidos dezessete filmes brasileiros, baseados em obras literárias. Filmes clássicos como “Macunaíma”, do Joaquim Pedro de Andrade, “Dona Flor e seus dois maridos” de Bruno Barreto, e do ano passado o filme “Crime indelicado”, premiado pela ABL. Foi um acontecimento muito importante, do ponto de vista cultural, com presença acima do esperado, uma boa audiência de brasileiros residentes em Londres, especialmente universitários, que se interessam pela cultura da América Latina. Considerou um momento muito bom, que o encheu de alegria, por verificar que se podem unir as duas formas de expressão que a cultura brasileira vem criando.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet agradeceu ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos o registro desse acontecimento em Londres e disse concordar plenamente que o trabalho de Adriana é excelente, teve grande êxito e ela, por telefone, disse da enorme satisfação em trabalhar com Nelson, por quem tem um carinho filial. Declarou que, evidentemente, um pai é suspeito para dizer estas coisas. Tem certeza de que o Embaixador Bustani tem realizado um grande trabalho de difusão da cultura brasileira. Mais uma vez, agradeceu ao Acadêmico Nelson Pereira dos Santos por ter lembrado esse assunto, pelas referências à sua filha, não só como pai, mas como observador objetivo.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça congratulou-se também com as palavras do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos sobre Adriana Rouanet, e, ainda, registrou o seu trabalho não só no Festival de Cinema, como também na Semana Machado de Assis, ocasião em que presenciou o seu esforço em favor do aperfeiçoamento da visualização da obra de Machado de Assis na Inglaterra. O pai, Acadêmico Sérgio Paulo Rouanet, tem todos os motivos para estar feliz.

- Em face do adiantado da hora, o Acadêmico Murilo Melo Filho transferiu a sua inscrição para a próxima sessão.
- O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu as referências do Acadêmico Candido Mendes de Almeida ao seu trabalho e tem a dizer-lhe que apenas cumpriu o seu dever de acadêmico, o que fez com muito prazer. A propósito das palavras do Acadêmico Antonio Olinto, lembrou a atualidade da obra de Castro Alves – “Nem cora o livro de ombrear co’o sabre/ Nem cora o sabre de chamá-lo irmão”. Parece-lhe que o Forte de Copacabana está tornando isso evidente. A seguir declarou que, diante da sua vivência diuturna na Casa, tem testemunhado o entusiasmo e a presença das pessoas que passam pela “Exposição dos 110 anos da Academia” e propôs que esta exposição se torne permanente, uma vez que aquele espaço não necessita, necessariamente, ser usado. Aquela exposição que ali se encontra pode ser atualizada, permanentemente, e usada como um cartão de visitas para quem chega à Casa.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou o pensamento do Acadêmico Domício Proença Filho.
- O Presidente declarou que, se o plenário assim entende, fica aprovada a proposta. A seguir, lembrou que esta semana fez distribuir com os acadêmicos proposta da Universidade de Oxford sobre a relação com a ABL, e a Acadêmica Ana Maria Machado concordou em liderar um debate sobre o assunto.
- A Acadêmica Ana Maria Machado declarou que, na próxima semana, ela e o Acadêmico José Murilo de Carvalho estarão na Feira do Livro em Miami.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho lembrou que foi criada uma Comissão sob a presidência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva para discutir a questão da Universidade de Oxford.
- O Presidente estabeleceu um prazo de quinze dias para que o assunto seja trazido à discussão pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Sergio Paulo Rouanet, da Acadêmica Ana Maria Machado e do Acadêmico José Murilo

de Carvalho. Prosseguindo, consultou a Comissão da Revisora do Regimento Interno da ABL sobre o adiamento, para o próximo ano, da discussão com mais tempo da matéria, pois teme que, com as sobrecarregadas pautas, em razão de orçamento e eleição, não haja tranqüilidade para tratar do tema.

- O Acadêmico Alberto Venancio Filho comunicou que consultará o Acadêmico Celso Lafer, mas acredita que não se oporá.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco declarou-se de pleno acordo com o mérito, mas indagou o que já será feito com as modificações aprovadas.
- O Presidente comunicou que as modificações aprovadas serão sancionadas e, somente no final de toda a revisão, serão incorporadas ao novo Regimento, que será publicado.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida considera que a maior parte das medidas substanciais já foram discutidas. Indagou se, em meia hora de uma sessão, não se concluiriam todas as demais alterações. O Presidente esclareceu que seria inviável.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho propôs que se fizesse uma sessão extraordinária para a discussão do Regimento Interno da ABL.
- O Presidente declarou não haver espaço no calendário para tal e que fica ajustada para o próximo exercício a continuação das alterações do Regimento Interno da ABL. Encerrou a sessão.

O BICO DO PELICANO

*Palavras do Acadêmico Lêdo Ivo**

Senhor Presidente, Senhores Acadêmicos,

Como alguns de entre nós não ignora, um pequeno ou grande mistério envolve a publicação de *Os Lusíadas*, em 1572. Qual a edição original da obra épica de Camões que, mais de quatro séculos depois, permanece como o maior monumento poético de nossa língua? É aquela em que o bico de um pelicano, na portada, está virado para a direita, ou aquela em que o bico do pelicano está virado para a esquerda?

A posição desse bico de pelicano tem suscitado uma torrente de estudos, polêmicas e reparos, e amparando suposições, que, atravessando os dias e os séculos, ainda hoje coleiam nas interrogações dos escoliastas.

Houve em 1972 uma ou duas edições simultâneas de *Os Lusíadas*, ou se trata apenas de uma única edição? Houve edições piratas? Camões corrigiu ou não a edição original?

Como não sou um doutor nessas questões – e a usufruição de *Os Lusíadas* é para mim um prazer estético e poético, e o uso reiterado de um manual de supremo – minha ignorância está ancorada no juízo dos sábios professores Afrânio

* Proferidas na sessão do dia 31 de outubro de 2007.

Peixoto, Evanildo Bechara e Leodegário de Azevedo Filho. Para este a *editio princeps* é aquele em que o bico do pelicano está virado para a esquerda. Esta lição é também a minha, sem que em minha posição vibre o mais remoto viés ideológico. E volto a indagar: teria havido realmente duas edições ou apenas duas ou mais expressões da mesma edição?

Amparado nos doutos, inclino-me para a segunda hipótese. Nela me arrimo com os argumentos de filólogos e pesquisadores que cotejaram acuradamente as diferenças textuais e atribuíram as modificações ocorridas a gralhas, supercorreções, ultracorreções e outros cuidados ou acidentes de percursos. [Cabe indagar ainda: qual foi a tiragem verdadeira *Os Lusíadas*? Não se sabe, mas se sabe que não foi grande, daí a rareza dos exemplares existentes]. Um dos raríssimos exemplares da *editio princeps* pertenceu a D. Pedro II, cuja trajetória de grande estadista e grande letrado foi recentemente traçada, em livro magistral, pelo nosso companheiro José Murilo de Carvalho. Nesse exemplar, doado ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro após a morte do Imperador, consta uma anotação do século XVI segundo a qual ele teria pertencido ao próprio Camões – pormenor contestado pelos pesquisadores mais obstinados.

Agora, graças a um convênio entre o Instituto Histórico e outras ilustres casas culturais, foi publicada uma reprodução fac-similada da *editio princeps*, sob a responsabilidade do maior de todos os nossos camonólogos ou camonistas, que é o professor Leodegário de Azevedo Filho.

Nesta edição produzida pela Livraria Editora Francisco Alves, figura um substancial estudo do prof. Leodegário de Azevedo Filho sobre a aparição de *Os Lusíadas*, o problema das edições simultâneas ou espúrias e outros desafios ou mistérios que fazem a delícia ou talvez até provoquem o orgasmo dos escoliastas. É um trabalho filológico de primeira água. Os cotejos testemunham o profundo e vigilante conhecimento que o professor Leodegário de Azevedo Filho tem da obra de Camões. Aliás, um testemunho de sua autoridade incontestável no ilimitado espaço camoniano é o fato de ele estar dirigindo, em Portugal, as reedições da obra lírica de Camões a cargo da Biblioteca Nacional e da Casa da Moeda. Destas, já foram publicados oito volumes.

Senhor Presidente, Senhores acadêmicos,

Com grande alegria, ora encaminho à Biblioteca desta Academia a edição fac-similiar de *Os Lusíadas* editada com a valiosíssima introdução do professor Leodegário de Azevedo Filho. O seu trabalho, de alto saber e não menor devotamento, honra a cultura filológica não apenas do Brasil, mas de todas as pátrias lusófonas.

Finalmente, vem a talho de foice salientar que esta Academia também possui, entre os seus invejáveis tesouros, na coleção de Obras Raras, um exemplar da primeira edição de *Os Lusíadas*, da qual subsistem somente seis exemplares no mundo inteiro. E, não bastasse isso, possuímos ainda um raríssimo exemplar do *Rhythmas* ou Rima de Camões, impresso por Manuel de Lyra, em Lisboa, no ano de 1595, e, há alguns decênios, promovemos uma edição fac-similada dessa jóia poética.

Assim, nesta hora camoniana em que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro publica uma edição fac-similada de *Os Lusíadas*, já cumprimos o nosso dever de casa. Não nos cabe invejar. Resta-nos apenas aplaudir.

SESSÃO DO DIA 8 DE NOVEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Domicio Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da ABL*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Lêdo Ivo, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente declarou aberta a sessão e submeteu ao plenário a ata da sessão do dia 31 de outubro, que foi aprovada. Principiou a sessão, festejando o aniversário do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, dia 11 do corrente. Em seguida, lembrou a todos que a sessão da próxima semana será antecipada para o dia 14, quarta-feira, em virtude do feriado da Proclamação da República. Informou que a Academia entrará em recesso entre os dias 15 e 20, em função das obras que serão realizadas para mudança do sistema de refrigeração da Casa. Submeteu à aprovação do plenário a proposta do Acadêmico Lêdo Ivo para concessão da Medalha João Ribeiro à Embaixadora Vera Pedrosa, uma figura da cultura internacional que muito honra o Brasil. A proposta foi aprovada por unanimidade. Registrou que esteve em Santiago, juntamente com os Acadêmicos Carlos Nejar e Ivan Junqueira, para

participar da Jornada de Literatura Brasileira na Universidade do Chile e da Feira do Livro. Ressaltou o seu orgulho diante da excelência da participação dos Acadêmicos. Acrescentou que a Exposição Machado de Assis na Feira do Livro deixou muito a desejar, porque foi instalada na antiga estação ferroviária, situada num lugar de difícil acesso. Registrou que o Brasil esteve muito bem na Feira do Livro e lá estavam as obras da Academia Brasileira de Letras. Informou que o Acadêmico Carlos Nejar proferiu conferência na Universidade e na apresentação do livro de *Manuel Bandeira e Vicente Huidobro*, ocasião em que se ocupou adequadamente da figura de Huidobro, o que não ocorreu com o Acadêmico Juan Antonio Massone que falou de Vicente Huidobro e não de Manuel Bandeira. Registrou o tratamento dispensado aos acadêmicos pelo Embaixador Mario Vilalva, que os recebeu muito bem e, ainda, providenciou e cuidou da representação da presença da Academia na Feira do Livro. Em agradecimento, concedeu e entregou ao Embaixador Mário Vilalva a Medalha dos 110 anos da Academia.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva disse sentir-se orgulhoso, porque tanto a Embaixadora Vera Pedrosa quanto o Embaixador Mário Vilalva foram seus alunos no Itamaraty.
- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, na mesma linha de pensamento, disse que não completou as suas indicações para a concessão das Medalhas Comemorativas dos 110 anos da ABL e tem muito prazer em colocar o Embaixador Mário Vilalva dentro de sua cota.
- O Acadêmico Carlos Nejar registrou o exemplar discurso proferido pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça sobre Manuel Bandeira, com sua sensibilidade pernambucana e universal, por ocasião da apresentação, no Chile, da 3.^a edição do livro bilíngüe *Manuel Bandeira e Vicente Huidobro*.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a manifestação do Acadêmico Carlos Nejar. Comunicou que, a despeito da insistência da ABL junto ao Itamaraty, com relação ao passaporte diplomático para os Acadêmicos, até o momento não obteve resposta. Informou ainda que em conversa com o

Ministro da Educação Fernando Haddad, este marcou uma visita à Academia para o dia 7 de dezembro, para discutir o Acordo Ortográfico e os festejos do Ano Machado de Assis. Nesta data haverá, portanto, uma sessão extraordinária. Solicitou ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva que desse notícia atualizada sobre o livro comemorativo dos 110 anos da ABL e ressaltou que essa edição não teve custos ligados ao orçamento da Casa: foi obtido patrocínio do setor privado.

- O Acadêmico Murilo Melo Filho pediu o registro nos *Anais da Academia Brasileira de Letras* do lançamento da obra do Acadêmico Helio Jaguaribe *Breve Ensaio Sobre o Homem e Outros Estudos*, dividida em duas partes, uma de Estudos Filosóficos e outra de Estudos Sociológicos. Declarou que, ao longo de 216 páginas, esta nova obra, com 18 ensaios, é uma continuação do livro anterior *O Posto do Homem no Cosmo* e uma retomada do estudo de Max Scheler.
- O Acadêmico Lêdo Ivo registrou a emoção da cerimônia de aposição dos retratos e que todas as figuras evocadas pertencem a sua memória e lembrança. Enfatizou ter sido amigo pessoal dos Acadêmicos Herberto Sales, Afrânio Coutinho e Aurélio Buarque de Holanda. Registrou o lançamento do livro *Melhores Contos* do Acadêmico Aurélio Buarque de Holanda, seleção de Luciana Rosa, e Direção de Edla Van Steen, ao oferecer um exemplar à Biblioteca Lúcio de Mendonça, da ABL. Ao lembrar Aurélio Buarque de Holanda como contista, salientou a excelência destes contos, alguns verdadeiras obras-primas. Destacou que Aurélio não foi apenas um lexicógrafo, visitou outros gêneros literários e foi também contista. Ressaltou que, dos quatro grandes dicionaristas brasileiros, três são nordestinos: o pernambucano Antônio de Moraes Silva, o sergipano Laudelino Freyre e o alagoano Aurélio Buarque de Holanda.
- O Acadêmico Domício Proença Filho, num adendo à fala do Acadêmico Lêdo Ivo, lembrou o quarto acadêmico dicionarista nordestino, Evanildo Cavalcante Bechara.

- O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara lembrou que Antônio de Moraes Silva nasceu no Rio de Janeiro, tendo composto o *Dicionário* no Engenho de Muribeca, em Pernambuco.
- O Acadêmico Lêdo Ivo contou um episódio ocorrido numa das raras vezes que foi a Pernambuco, nesta ocasião para receber a Medalha Joaquim Cardoso e o Governador, na época, Acadêmico Marco Maciel, o considerou pernambucano e não alagoano. Interpelado por um dos presentes, o Governador declarou que, pelo fato de o seu pai ter nascido em Garanhuns e sua formação intelectual ter ocorrido em Pernambuco, ele era pernambucano.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe apresentou seus agradecimentos pela exposição que o Acadêmico Murilo Melo Filho fez do seu livro. Acrescentou a dimensão da proficiência como ele resumiu, de maneira extraordinária, o conteúdo dessa obra e a generosidade do amigo ao apresentá-la.
- O Acadêmico Carlos Nejar, ao fazer um adendo às palavras do Acadêmico Lêdo Ivo, declarou que tanto os dicionaristas Aurélio Buarque de Holanda como Antonio Houaiss eram homens ligados à culinária. Discorreu sobre o assunto acrescentando, ao final, que o Acadêmico Antonio Houaiss publicou um livro de culinária e outro sobre cerveja, e, segundo o Acadêmico Carlos Nejar, esse lado gustativo e amoroso explica bem sua ligação com as palavras.
- A propósito, o Acadêmico Helio Jaguaribe citou Savarin que, muito oportunamente, disse: “Os animais se alimentam, somente o homem come”.
- O Acadêmico Lêdo Ivo disse que o Acadêmico Carlos Nejar, ao se ocupar de Aurélio Buarque de Holanda, esqueceu-se de dizer que, graças a este alagoano, um dos maiores escritores gaúchos, Simões Lopes Neto, que estava sepultado havia quase meio século, ressuscitou e foi redescoberto, pela publicação, na década de 1950, de *Contos Gauchescos e Lendas do Sul*, edição crítica com amplo estudo sobre a linguagem e o estilo do autor. Então, graças a um alagoano, um grande escritor gaúcho saiu do túmulo e hoje é considerado um dos clássicos brasileiros.

- O Acadêmico Antonio Olinto comemorou o centenário do nascimento de Miguel Torga, grande escritor português que, aos 12 anos, foi mandado para a cidade de Leopoldina, em Minas Gerais. Discorreu sobre a sua vida na fazenda, cuidando dos porcos e vacas do tio. Lembrou que aos dezoito anos voltou a Portugal e, financiado pelo tio, foi estudar medicina em Coimbra e tornou-se escritor. O seu nome era Adolfo Correia da Rocha e, em 1934, adotou o pseudônimo de Miguel Torga. Contou-lhe certa vez o motivo da adoção desse pseudônimo, por que em Portugal é considerado um nome forte. Falou sobre a extensa obra de Miguel Torga, tendo publicado ao todo oitenta livros. Contou que recebeu um convite de Leopoldina, Minas Gerais, para fazer, naquela cidade, conferência numa mesa-redonda para mostrar as influências que a Zona da Mata possa ter tido na obra de Miguel Torga, grande escritor que recebeu o primeiro Prêmio Camões.
- O Presidente consultou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre a possibilidade de adiar a sua fala sobre o livro dos 110 anos para a próxima sessão. O Acadêmico Alberto da Costa e Silva concordou com o adiamento.
- O Acadêmico Lêdo Ivo, a propósito da revelação feita pelo Acadêmico Antonio Olinto de que Miguel Torga era um pseudônimo e o seu nome era Adolfo Correia da Rocha, lembrou que não é a primeira vez que o nome Rocha é expulso da literatura de Língua Portuguesa, porque Antonio Olinto é Antonio Olinto Rocha.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva declarou que Adolfo Correia da Rocha tinha as piores recordações da sua infância em Minas Gerais, por conta de uma tia infernal, que lhe amargurou a vida, mas, curiosamente, à medida que o tempo foi passando, só guardou do Brasil as melhores lembranças. Em 1954, voltou a Minas Gerais, visitou os mesmos locais onde ele havia vivido e sofrido quando menino e escreveu páginas maravilhosas no seu diário sobre essa revisitação à Zona da Mata.

- O Acadêmico Carlos Nejar acrescentou às palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva que Miguel Torga escreveu *A Criação do Mundo*, que tem páginas incríveis a respeito da sua infância e adolescência.
- Antes de dar a palavra ao Acadêmico Marco Maciel, o Presidente informou ter recebido comunicado da Embaixada do Brasil na França dizendo da satisfação da família, especialmente de Raymond, por conta dessa decisão da Academia de registrar o centenário do nascimento de Cícero Dias. A Embaixadora pede cópia das palavras do Acadêmico Marco Maciel para que possa divulgá-la em Paris, especialmente nos meios artísticos e da crítica.
- O Acadêmico Marco Maciel iniciou a sua fala chamando a atenção para Pernambuco que, na área cultural, tem uma forte expressão na pintura, que remonta ao Século XVII, talvez uma das mais antigas do Brasil. Prosseguindo, discorreu sobre Cícero Dias, apresentando um belo e consistente trabalho sobre esse grande artista plástico brasileiro. O Presidente determinou que o texto fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente Marcos Vilaça acrescentou ao que acabara de dizer, com grande precisão, o Acadêmico Marco Maciel, que não o fez, por sua costumeira atitude de modéstia, que seu pai, Dr. José do Rego Maciel, enriqueceu os imóveis públicos de Pernambuco com murais e peças de artistas brasileiros. O mural que Cícero Dias pintou no prédio da Secretaria da Fazenda, por falta de sensibilidade do sucessor do Dr. José do Rego Maciel, foi parcialmente prejudicado por uma demão de cal por sobre o mural. Mais tarde, um companheiro de governo do Acadêmico Marco Maciel teve o cuidado de proceder à restauração de alguma coisa que foi possível restaurar. A seguir, convidou o plenário para a reabertura da Sala José de Alencar, às 18 horas, com um recital da soprano Juliana Sucupira. Prosseguindo, comunicou que a Academia resolveu fazer a correção do que é atribuído mensalmente aos acadêmicos, e o jeton também foi reajustado, a partir deste mês.
- O Acadêmico Carlos Nejar congratulou-se com o trabalho do Acadêmico Marco Maciel sobre Cícero Dias, pintor tão importante da memória per-

nambucana. Propôs, a seguir, que o trabalho publicado no *Jornal de Letras*, de Lisboa, em 6 de novembro de 2007, sob o título “Invenções da memória”, sobre o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, conste dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony afirmou ter feito tanta coisa na vida, mas nunca um poema, um verso. Soube, agora, que o poeta Miguel Torga cuidava de porcos, na Zona da Mata de Minas Gerais e sabia que o poeta Virgílio também cuidava de porcos e cabras. Ele nunca cuidou nem de um porco nem de uma cabra. Acredita ter sido essa a matéria prima que lhe faltou para o seu desenvolvimento poético e também que a poética nacional lhe deve agradecer por nunca ter feito um poema.
- O Presidente, em nome da família de sua mulher, disponibilizou-lhe terras em Pernambuco para que possa criar os porcos e as cabras que desejar. Encerrou a sessão.

BREVE ENSAIO SOBRE O HOMEM E OUTROS ESTUDOS,
DE HELIO JAGUARIBE

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhores Acadêmicos.

Cumpro o grato dever de registrar em nossos *Anais* o recente lançamento deste livro *Breve Ensaio Sobre o Homem e Outros Estudos*, do nosso querido Acadêmico Helio Jaguaribe.

Dividida em duas partes – uma de Estudos Filosóficos e outra de Estudos Sociológicos – e ao longo de 216 páginas, esta nova obra, com dezoito ensaios, é uma continuação do livro anterior – *O Posto do Homem no Cosmos* – e uma retomada do estudo de Max Scheler, de 1928.

Agora, o filósofo Helio Jaguaribe desdobra-se em vários temas instigantes: “Breve ensaio sobre o homem”; “Ateísmo transcendente”; “Reflexões sobre o Cristianismo”; “O Humanismo na sociedade tecnológica de massas”; e “Breve referência aos deuses gregos”.

* Proferidas na sessão do dia 8 de novembro de 2007.

Logo em seguida, o sociólogo Helio Jaguaribe comenta o Mundo neste começo do Século XXI: a Democracia; as possibilidades contemporâneas da latitudinalidade; a Ibero-américa como projeto político; a integração da América do Sul; a Argentina, o Brasil e a Venezuela; a valorização da Amazônia e a catástrofe ecológica, terminando por responder à pergunta: “O que fazer do Brasil?”.

E, nessa resposta, ele faz um histórico sobre o reinado do Imperador Pedro II, sábio e austero, que instaurou no País uma enorme confiança nos seus destinos e nele instituiu sérios padrões de conduta ética.

A seguir, o autor elogia os governos de Campos Sales e Rodrigues Alves, reconhecendo que a Revolução de 30 e o primeiro governo de Getúlio Vargas conduziram a Nação a uma inovadora administração pública, através do DASP, além de uma mobilização de grandes talentos e uma criativa atmosfera cultural, com Gustavo Capanema no Ministério da Educação.

O segundo governo Vargas, eleito democraticamente, caracterizou-se, de um lado, por preocupações econômicas e sociais, mas, de outro, não conseguiu exercer a influência prometida, por causa do golpe que o derrubou em 1954, preferindo o suicídio à deposição pelos militares.

Na opinião de Helio Jaguaribe, os anos seguintes a Getúlio foram muito construtivos, influenciados pelo ISEB – Instituto Superior de Estudos Brasileiros – com o seu projeto de metas liderado pelo Presidente Juscelino Kubitschek, que converteu o Brasil agrário numa Nação predominantemente industrial.

O impacto das realizações de JK foi tão grande, que marcou a sociedade brasileira de então, mas infelizmente não teve continuidade nos governos militares e civis que o sucederam, atolando o País numa longa estagnação desde os anos 80 e num grave desgaste dos padrões éticos.

Segundo o Acadêmico Helio Jaguaribe, os países têm uma extraordinária elasticidade que levam muitos deles, como a China e a Índia, a atravessarem longuíssimos períodos de declínio para depois mostrarem surpreendente renascimento, como agora está acontecendo.

Relaciona ele os casos de recuperação ética devidos a uma grande liderança moral, assim como ocorreu com o impacto de Lutero na Alemanha; com grandes Papas, como Gregório no Vaticano, ou com grandes santos, como São Francisco de Assis, na Itália.

Esses padrões foram excelentes na Antigüidade grega de Atenas, Tebas e Esparta. Mantiveram-se consistentes na História Romana até a eficiência de Augusto e o estoicismo de Marco Aurélio; nos povos ibéricos do Século XIV até a metade do Século XVIII; na França de Henrique IV até princípios do Século XX e, mais recentemente, com Charles de Gaulle; na Inglaterra, com o severo puritanismo de Cromwell e a austeridade vitoriana; na Alemanha, depois do nazismo, com Adenauer; na Itália, depois do fascismo, com De Gasperi; nos Estados Unidos, desde os “*Pilgrims Fathers*” até John Kennedy; e na China moderna desde Deng Xiao-ping.

Concluo com Helio Jaguaribe, Senhores Acadêmicos, reconhecendo que as elites brasileiras abrem, na prática, um amplo espaço para atos oportunistas de inequívoca amoralidade, nos negócios e na política, gerando uma difundida cultura da malandragem.

O colapso ético é a causa profunda de todas as deficiências brasileiras e é também o motivo imediato da nossa estagnação, que decorre da incapacidade dos nossos dirigentes em formularem um plano de progresso, fiscalmente equilibrado. Daí o teimoso neoliberalismo, que vem sufocando o País nos últimos decênios.

O problema da recuperação ética no Brasil depende da autoconfiança dos brasileiros e de sua união em torno de um projeto nacional dotado de poderoso apelo coletivo, que atenda às grandes massas desvalidas e para elas abra amplas oportunidades de incorporação à cidadania nacional.

E pergunta o Autor:

– O que fará o Brasil e o que podemos fazer por ele?

É esta a indagação deixada no ar, ao final deste livro, por um admirável, correto, competente e grande Pensador, chamado Helio Jaguaribe.

Muito obrigado.

CÍCERO DIAS E A PINTURA EM PERNAMBUCO

*Estudo do Acadêmico Marco Maciel**

Pernambuco, na área cultural, tem, entre outras características, uma forte expressão na pintura. Tradição, talvez, a mais antiga no Brasil, pois remonta ao século XVII, no domínio holandês, quando o Governador Maurício de Nassau trouxe, ao lado de muitos artistas e cientistas, os pintores Franz Post e Albert Eckhout de fama depois reconhecida pelos Museus do Louvre e de Copenhague, onde se encontram quadros de ambos, juntos aos maiores do mundo. Post dedicado às paisagens da Zona da Mata de Pernambuco e vizinhas, com sua vegetação exuberante, engenhos-de-açúcar e povoações do interior dessas regiões; Eckhout consagrado aos tipos humanos, principalmente índios e africanos, com seus trajes característicos e adornos coloridos e diversificados.

Em fins do século XIX e começos do XX, surge Telles Júnior em Pernambuco, o pintor das praias e seus coqueiros sempre açoitados pelos ventos alísios, e das matas vizinhas com casas-grandes emergindo dos canaviais. Telles Júnior foi, convém registrar, professor particular de desenho de Gilberto Freyre que,

* Apresentado na sessão do dia 8 de novembro de 2007.

mesmo se encaminhando às ciências sociais, fazia perfis de si próprio e de pessoas do seu tempo.

O modernismo na pintura chegou a Pernambuco pelas mãos de Cícero Dias.

Cícero é um dos marcos da pintura moderna no Brasil. Para melhor entendê-lo, temos de compreender sua época e seu ambiente cultural de origem.

A Semana de Arte Moderna, em São Paulo, 1922, teve uma face cosmopolita e, outra, nacional. No Recife, em 1926, surgiu a Semana Regionalista sob inspiração e organização de Gilberto Freyre. Ambas as Semanas buscavam outras visões do Brasil, que se completavam: a de São Paulo urbana e nacional, e a do Recife propondo às outras regiões que também se valorizassem culturalmente, como o Nordeste desde *A Bagaceira* (1928), de José de Américo de Almeida, e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz, indo além dos livros de poemas e cantos locais.

Cícero Dias não participou da Semana de 1922; preferiu o regionalismo nordestino de 1926, como se vê no pretensioso painel de 1931: “Eu vi o mundo, ele começava no Recife”.

A renovação nordestina se estendeu às artes plásticas, com seus primeiros pintores regionalistas, ao mesmo tempo cosmopolitas: Cícero Dias e Vicente do Rego Monteiro, a um só tempo, muito pernambucanos e muito parisienses, nascidos no Recife e tendo residido por décadas na França. Era a mesma geração de Portinari, que escolheu não se descolar do Brasil.

Cícero Dias veio de tradicional família de casa-grande dos canaviais. Nas suas próprias palavras:

“Havia, então, esse mundo fantástico, imaginário, e que percorreu toda a minha infância no [engenho] Jundiá. Nada mais rico do que o folclore do Nordeste: as festas religiosas, as mitologias indígenas e africanas se misturando ao cristianismo. As danças típicas da região: o maracatu, o bumba-meu-boi, o cavalo marinho – tudo isso deve ter penetrado em mim de algum modo, e isso se refletiria na minha obra futura. Sempre conservei esse mundo mágico de minha infância na minha pintura.”

O verde está presente em quase todos os seus quadros, iluminados pelo sol vermelho tropical. Apesar de não ser um paisagista e tender ao abstracionismo, as cores de Cícero Dias falam por si mesmas. Ele recebeu especial influência de Marc Chagall, com personagens alados pairando sobre aldeias russas, transferidos pelo pintor pernambucano aos trópicos. Típicos personagens brasileiros de várias procedências étnicas em fusão “*democraticamente brasileira. Coloridamente brasileira*”, como a definiu Gilberto Freyre, seu amigo.

No livro *Cícero Dias Anos 20*, ele diz: “Nasci pintor”, quase como Portinari: “se eu não fosse pintor, queria ser pintor”.

Cícero foi dos que na Europa aprenderam as técnicas da pintura, continuando profundamente brasileiro nas cores, formas e personagens. Gilberto Freyre analisou-o muito bem no seu livro *Vida, Forma e Cor*, em 1962:

“Nunca me enganei com Cícero Dias: desde o primeiro contato com ele e com a sua pintura, senti estar diante de mim uma brasileiríssima expressão daquela criatividade a que os psicólogos modernos associam à genialidade. Nunca me enganei. A verdade é que, em algum tempo na pintura brasileira, surgiu – nem antes e nem depois dele – o mais intenso poder criador”. “... Porque nele o lirismo é irreduzível. Irreduzível como flama criadora de formas e de cores que só a sua experiência telúrica tornaria possíveis. Pois quase sempre é assim: nos grandes criadores, há sempre grandes telúricos. E é o que é Cícero Dias: um criador que não deixa de ser telúrico, por mais que se extreme em abstrato”.

Em 1928, ainda jovem, efetuou sua primeira exposição atraindo grande atenção no Rio de Janeiro. Na década de 1930, transferiu-se para a França às vésperas da Segunda Guerra Mundial.

Em Paris, Cícero Dias fez muitas amizades com artistas plásticos de grande projeção. Picasso, por exemplo, foi padrinho de sua filha Sylvia, também pintora. Lá conheceu Raymonde, presença constante em sua vida, inclusive nas viagens, esposa que muito o estimulou na produção pictórica na Europa.

Em 1941, quando os alemães invadiram a França, Cícero foi preso pelas tropas nazistas, mandado para Baden-Baden, junto com outros brasileiros entre eles, como o próprio observa “o grande Guimarães Rosa... Acabamos sendo trocados por alemães que estavam retidos no Brasil”.

É bom lembrar que Cícero Dias, ao lado de sua produção pictórica, tinha uma postura política engajada e chegou a desenvolver uma ativa militância cívica durante a Segunda Guerra Mundial, defendendo a liberdade e a democracia. Foi ele quem conseguiu resgatar o poema “*Liberté*”, de Paul Eluard, dos territórios ocupados, propiciando que o texto fosse lançado pelos aviões ingleses sobre vários países da Europa, num belo e reconhecido ato de resistência.

Tempos depois voltou ao Recife, onde apresentou outra mostra de quadros com grande repercussão. Estava saindo do figurativismo para o abstracionismo, ainda motivo de espanto. Retornou a Paris, onde veio passar muitos mais anos.

O Governo de Pernambuco, por sugestão de meu pai, então Secretário da Fazenda de Pernambuco, encomendou-lhe um mural pintado nas paredes do referido órgão no Recife.

Daí em diante Cícero Dias retornou algumas vezes ao Brasil, inclusive para consagrada exposição retrospectiva da sua obra em São Paulo. Em Paris, recebia com prazer os visitantes brasileiros, confraternizava e mostrava-lhes a cidade.

Sua fidelidade telúrica à pernambucanidade foi transmitida às novas gerações. Vários pernambucanos decidiram continuar no Recife ou em Olinda, ao modo de Francisco Brennand, com caminhos próprios.

Fernando Pessoa foi adiante na aplicação desse conceito à nossa lusofonia: “O Tejo é o rio da nossa aldeia”.

Cícero Dias transpôs essa inspiração às cores e formas da pintura. Ele, tão pernambucano, por isso mesmo foi muito brasileiro e, com tantos tempos na França, incorporou universalmente os valores estéticos do modernismo de início figurativo, depois abstracionista. As cores lhe serviram de ponte de um nível ao outro, cores sempre intensas, tropicais, principalmente com os verdes e vermelhos dos canaviais e do sol sobre eles.

João Cabral de Melo Neto relembra em poema a presumida declaração do navegador espanhol Vicente Yañez Pinzón, ao passar pelo Cabo de Santo Agostinho no auge do verão, que nunca vira sol tão intenso: “luz mais luz da terra”. Cícero Dias é o pintor das imagens externas em suas transfigurações abstracionistas. Lula Cardoso Ayres, igualmente artista de Pernambuco, prefere os espaços internos das casas-grandes e sobrados com suas mobílias cinzentas e seus relógios branco-negros envoltos em véus imaginários oníricos. Cícero Dias apresenta-se mais sensível às formas e cores fortes claras.

Gilberto Freyre, amigo de Cícero Dias durante décadas, sintetizou-o muito bem: “Sua contribuição nesse sentido vem sendo a de um artista cujo gênio não se cansa na aventura de inovar. Nem se cansa dessa aventura nem se descuida da necessidade de aprimorar-se. Daí continuar jovem na sua arte, sendo já mestre na sua técnica”.

Lula Cardoso Ayres, Vicente do Rego Monteiro, Cícero Dias e Francisco Brennand pertencem a toda uma linhagem de pintura pernambucana, regionalista e brasileira, alcançando significativa projeção universal.

INVENÇÕES DA MEMÓRIA

*Artigo de Carlos Reis**

Há um escritor brasileiro que Portugal precisa conhecer melhor. Chama-se Alberto da Costa e Silva e acaba de publicar um livro admirável *Invenção do Desenho* com o singular subtítulo *Ficções da Memória* (Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 240pp). Para que conste: Alberto da Costa e Silva é um velho amigo de Portugal, diplomata com relevante trajecto português e poeta com estreitas e duradouras relações literárias em Portugal. Em *Invenção do Desenho*, delinea-se o traço subtil de uma vida em que a literatura ocupou (e continua a ocupar) um lugar central: na formação do jovem, na maturação do diplomata, na evolução do poeta, na vivência de um trajecto pessoal que não seria o que é sem a constante presença da cor da poesia e do desenho dos relatos que dela dão testemunho. *Invenção do Desenho* é, ao mesmo tempo e conforme o subtítulo sublinha, ficção e memória. Memória, porque é dela que regularmente deflui o fio de um relato que, contudo, não se fixa no registo factual e meramente circunstancial de cerca de 15 anos de vida: ficção porque se adivinha na narrativa o trabalho do ficcionista que Costa e Silva também é, refigurando o que foi vivido com o suporte de diálogos e com a figuração de personagens reinventadas por essa ficção.

* Artigo publicado no *Jornal das Letras* do dia 24 de outubro de 2007.

Assim é. E se muitas narrativas das últimas décadas foram enunciadas em função da possibilidade de cruzamento de gêneros canônicos com gêneros supostamente menores e também da reinterpretação da História sob o signo da ficção, então *Invenção do Desenho* vem a ser um testemunho muito expressivo de uma tendência literária a que temos chamado post-modernista.

O que encontramos nesta admirável *Invenção do Desenho*? A formação cultural e literária do adolescente e do jovem, num tempo (o dos anos 50 e 60) em que a literatura era entendida como prática institucional enquadrada por cenários e por rituais que, nalguns casos, hoje parecem ultrapassados: tertúlias, suplementos e revistas literárias, polémicas, atitudes de emulação, fracturas geracionais etc. Para além disso, representa-se aqui o trajecto de formação profissional do jovem candidato a diplomata que protagonizou essa formação como um processo muito marcado por solicitações e por discursos culturais (numa acepção muito exigente do termo), mais do que por determinações ideológicas ou propriamente políticas.

A expressão que ocorreria neste contexto seria inevitavelmente *romance de formação*, o *Bildungsroman* que atravessou a cultura europeia entre fins do século XVIII e boa parte do século XIX, se o propósito e o fôlego desta *Invenção do Desenho* fossem esses. Não o são, até porque com frequência a primeira pessoa é-o sobretudo do ponto de vista funcional, assumindo este relato a feição predominante de um testemunho de geração: a que conheceu as sequelas da guerra, o tempo de Getúlio Vargas e do seu dramático (a vários títulos) suicídio em 1954, os anos eufóricos de Juscelino Kubitschek e, no cenário português, a oposição ao salazarismo, não raro com a cumplicidade brasileira de escritores e de diplomatas que, como foi o caso de Alberto da Costa e Silva, viveram em Portugal nos anos a que este livro reporta.

Tudo isto é dito e de certo modo re-vivido num estilo ágil e elegante, ao mesmo tempo sugestivo e equilibrado. O Brasil que a escrita de Costa e Silva recupera, sob o signo de uma memória tão desenvolta como subtil, surge em *Invenção do Desenho* tocado pela discreta nostalgia de um tempo cultural e social muito intenso, em parte coincidindo com os “anos dourados” de que uma sé-

rie justamente famosa deu testemunho; e o Portugal que aqui nos é revelado traz consigo personalidades da sua vida pública em grande parte já desaparecidas (escritores, políticos, artistas, diplomatas), mas vistos do ponto de vista de alguém que, vindo do Brasil, parece progressivamente *integrado* na atmosfera que o acolheu, em anos que de dourado nada tinham, porque eram verdadeiramente anos de chumbo.

O segundo livro de que aqui falo apareceu recentemente, também no Brasil. Nele, reflecte-se ainda alguma coisa do que foi um certo diálogo do Brasil com Portugal: refiro-me à presença de Eça de Queirós na vida cultural e no imaginário brasileiro, uma presença marcante desde que, ao outro lado do Atlântico, começaram a chegar os primeiros romances de Eça, ainda nos anos 70 do século XIX. Essa é uma história que está em boa parte feita e não é este certamente o local para se voltar a ela.

Trato agora, em vez disso, de sublinhar o significado da publicação de uma recolha de textos queirosianos, numa editora brasileira que vive muito do entusiasmo de Dorothée de Bruchard e da sua dedicação à causa do livro. Sedeada em Florianópolis (Santa Catarina), a editora Escritório do Livro consagra volumes de impecável aparência gráfica exactamente ao livro, à sua história, à sua evolução social, à sua projecção na nossa memória colectiva, ao seu passado e ao seu futuro. Já por ela foi publicado um volume da autoria de José Afonso Furtado, *O Papel e o Pixel. Do impresso ao Digital: Continuidade e Transformações* (2006): surge agora *O Livro e a Leitura em Eça de Queirós*, recolha de textos organizados e apresentados por Maria do Rosário Cunha, autora de um importante estudo, *A Inscrição do Livro e da Leitura na Ficção de Eça de Queirós* (Coimbra: Almedina, 2004), origem e referência próxima deste volume.

O tempo de Eça de Queirós foi, como se sabe, um tempo rico em mutações culturais estreitamente condicionadas pelos cenários sócio-ideológicos em que ocorreram, uma vez que foram o resultado dinâmico de um complexo processo de interacções em que inovações técnicas, mudanças económicas, evolução de mentalidades e adopção de novos hábitos de vida estiveram fortemente implicados. Eça teve disso mesmo uma consciência muito nítida e deu notícia dessa

consciência em textos admiráveis de perspicácia e de aguda intuição: a um desses textos, o prefácio dos *Azulejos*, do Conde de Arnoso, regresso constantemente, quando pretendo sublinhar a cumplicidade entre o romancista talentoso e o atento observador da realidade sociocultural para que os seus romances remettem. No quadro das preocupações queirosianas e dos grandes temas em que foram representadas, o livro e a leitura ocupam um lugar saliente, conforme neste trabalho assinado por Maria do Rosário Cunha amplamente está patente. Desde muito cedo (seguramente desde *As Farpas*), Eça teve a noção de que no livro e no uso que dele se fazia estavam projectados em filigrana comportamentos mentais e atitudes culturais muito significativas. E falo em usos, assim mesmo, no plural, porque eles se não reduzem àquele que, em princípio, deveria ser o mais evidente e natural que ao livro era dado, ou seja, lê-lo. Nos cenários sociais que Eça descreveu, o livro servia para muitas outras coisas: quando calhava, servia até para ser lido.

Quem nessa época lia livros? Que livros lia? E por que razão ou razões os leitores que encontramos na ficção queirosiana se dedicavam à leitura? E onde liam? E como tratavam os livros? Outras questões ainda: o que era a leitura para Eça? O que pensava ele da indústria do livro? E, do seu ponto de vista, que lugar tinha o livro na vida cultural do século XIX? Aparentemente estas são interrogações que cabem a um sociólogo da cultura e da economia das práticas culturais e não tanto a um escritor. Mas o escritor de que aqui se fala foi, à sua maneira, um sociólogo travestido de romancista, se a expressão não é exagerada: e, sendo assim, o fascínio (porque é também disso que se trata) que Eça teve pelos livros, enquanto veículos de cultura e de saber, não podia deixar de ser tematizado como o foi nos seus textos.

Em *O Livro e a Leitura em Eça de Queirós*, encontram-se respostas extremamente sugestivas para estas e outras indagações similares. Provêm essas respostas não apenas dos textos queirosianos aqui coligidos, mas também da pertinente introdução que a organizadora do volume preparou. E, por isso, pode bem dizer-se que este livro é eloqüente testemunho de duas admiráveis reflexões, cada uma, obviamente, no seu plano: a de Eça de Queirós sobre o livro e a

leitura e a de Maria do Rosário Cunha sobre o autor d'*Os Maias*. Um autor que o era de livros, como era também, à sua maneira, autor do desafio para pensarmos, nesses livros que escreveu, os livros que continuamos a ler, porque neles reinventamos a nossa memória.

SESSÃO DO DIA 14 DE NOVEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Nélide Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente declarou aberta a sessão e submeteu ao plenário a ata da sessão do dia 8 de novembro, que foi aprovada. Registrou a participação da Academia no apoio ao Seminário “Caminhos do Pensamento”, patrocinado pela UNESCO e a Fundação Biblioteca Nacional. Salientou que a Casa recebeu os ilustres participantes do Seminário para um almoço fraterno, ocasião em que foi salientada, perante àqueles estrangeiros e dirigentes da UNESCO, a qualidade da atuação presente da ABL. Destacou nesse Seminário a coordenação do Acadêmico Eduardo Portella e a atuação dos conferencistas Sergio Paulo Rouanet e Candido Mendes de Almeida, presenças reveladoras da alta qualidade do colegiado da Casa de Machado de Assis. A sessão inaugural contou também com a presença do Secretário Executivo do Ministério

das Relações Exteriores, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães. O Presidente fez entrega aos acadêmicos da programação do Seminário “Confrontando as Escravidões para o Diálogo, visando ao Entendimento Cultural”, promovido pelo Instituto Três Culturas e a Academia Brasileira de Letras, seminário que conta com a coordenação e a competência do Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet registrou a brilhante participação dos Acadêmicos no 16.º Congresso da Academia da Latinidade, que se realizou em Lima, durante três dias, onde se discutiu o tema “Democracia Profunda”.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça convidou os Acadêmicos para a aposição do Retrato do Acadêmico Múcio Leão no Arquivo da Academia Brasileira de Letras, que leva seu nome, às 15 30h, no dia 22 de novembro.
- O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu que o orador dessa solenidade fosse o Acadêmico Murilo Melo Filho, que ocupa a Cadeira de Múcio Leão. Sugestão aprovada.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça deu ciência ao Plenário que, a pedido de Dona Maria do Carmo Vilaça, cedeu o Teatro R. Magalhães Jr. para a festa de confraternização dos funcionários, no dia 7 de dezembro, às 21h, com uma apresentação do cantor Martinho da Vila, sem nenhum custo para a Academia. Convidou todos os Acadêmicos para a comemoração. Registrou a satisfação da Diretoria com a reabertura da Sala José de Alencar. Uma reabertura singela, com a participação da cantora Juliana Sucupira. Pediu ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva que apresentasse notícia do livro comemorativo dos 110 anos da Casa e sobre o Seminário “Confrontando as escravidões para um diálogo visando ao entendimento cultural”.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva informou que, dentro de quinze dias, o livro comemorativo dos 110 anos da ABL estará pronto. Salientou que teve a sorte de se ligar a outros perfeccionistas e, a cada vez que o livro era considerado pronto, encontravam-se numerosos erros. O último envolveu a

questão de como grafar os nomes próprios, da qual participou o Acadêmico Evanildo Bechara. A dúvida se arrastou durante duas semanas, mas foi finalmente ultrapassada. Registrou que o livro ficará muito bonito e já está sendo impresso. Salientou que o livro foi feito por uma equipe de estagiários na própria Academia e começaram a descobrir erros de informação que a Academia vinha praticando, já há algum tempo, e que não correspondia à realidade do Arquivo. Conversou com a Senhora Ana Luiza Escorel, que é também perfeccionista, e resolveram que o livro sairá como está e solicitou que os acadêmicos apontassem os equívocos porventura existentes. Salientou a inestimável ajuda do Acadêmico Alberto Venancio Filho, uma enciclopédia sobre a Casa. A propósito do Seminário “Confrontando as escravidões para um diálogo visando ao entendimento cultural”, salientou que, durante três dias, a Academia receberá a fina flor dos estudiosos da escravidão, do ponto de vista dos africanistas e dos americanistas, para examinar determinados problemas referentes à escravidão. Um encontro expressivo, porque será a primeira vez que se terá o mundo do Islã conversando com o mundo da cristandade sobre matéria. Finalizando, fez o elogio da Presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, mais do que da Presidência, do Acadêmico que, durante dois anos, se dedicou, extraordinariamente, a esta Casa com sacrifícios pessoais dele e de D. Maria do Carmo, deixando muitas vezes de ir a Pernambuco, o que tanto lhe agrada, para trabalhar pela Casa. Registrou que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça deixa obra importante, não só fisicamente, com a reforma do Teatro, da Sala José de Alencar, mas, sobretudo na dinamização que deu às atividades acadêmicas e na projeção que lançou sobre o espaço nacional. Às vezes, disse, se pergunta de onde o Presidente Marcos Vilaça tira forças para fazer tanto, não só como Ministro do Tribunal de Contas da União, mas também como presidente desta Casa. Uma presidência exemplar, de um colega, de um velho amigo de quem muito se orgulha.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco lembrou que Austregésilo de Athayde, dias depois da morte de seu pai, perguntou-lhe o que poderiam oferecer como lembrança de Afonso Arinos a esta Casa. Ele e o irmão pensa-

ram e ofereceram a mesa e a cadeira de trabalho do Acadêmico Afonso Arinos. Várias gestões se passaram e o Presidente Marcos Vinícios Vilaça preencheu e iluminou a Sala Afonso Arinos, o que lhe comoveu profundamente. Registrou sua profunda gratidão pessoal pelo que fizeram os Presidentes Austregésilo de Athayde e Marcos Vinícios Vilaça para cultivar a memória de seu pai.

- O Acadêmico Carlos Heitor Cony associou-se às manifestações do Acadêmico Alberto da Costa e Silva e Afonso Arinos de Mello Franco. Registrou que tem também muitos motivos pessoais para louvar sua administração. Sobre a grafia dos nomes próprios, observou que, quando da Lei que aboliu o *K* e o *Y*, houve uma confusão muito grande nos jornais. Surgiu uma espécie de patrulha e os nomes eram grafados à maneira de cada editor. Lembrou o dia em que tiveram que substituir, no nome de Juscelino Kubitschek, o *K* por *C*, e no seu sobrenome o *y*, por *i*. Na sua opinião, o nome é uma marca registrada, dada pela família e deve ser grafado tal como ele é.
- O Acadêmico Ivan Junqueira fez coro ao que disseram sobre a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Salientou que seu depoimento é também de um ex-presidente que se sentiu na obrigação de estar na Casa, cotidianamente, porque caso contrário não levaria a termo as tarefas. Salientou que o Presidente Marcos Vilaça é quase um mágico. Tendo que se locomover toda semana e ter dado a esta Casa a presidência que deu, merece o aplauso de todos. Não só pelas realizações físicas, como salientou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva, mas, por entender, de uma maneira profunda, atual e hodierna, o espírito da Academia. Enfatizou que o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça popularizou a ABL no sentido em que acredita deva ser popularizada. Em sua opinião, a Casa de Machado de Assis é uma Casa mítica, uma Casa que dispensa qualquer publicidade, mas, por outro lado, toda essa publicidade reverte-se num notável aumento de visibilidade da Academia. Acha que o Acadêmico Marcos Vilaça executou esse plano de uma maneira extraordinária, colocando a Academia ao alcance de todos na Internet e numa mídia quase cotidiana.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho disse que, como se falava no século XIX, abunda nos elogios feitos ao Presidente Marcos Vinícios Vilaça. Salientou que foram dois elogios de mineiros a um pernambucano, o que não acontece todos os dias. Parabenizou o Presidente por tudo que fez pela Casa.
- O Acadêmico Tarcísio Padilha salientou que não houve demasia naqueles que secundaram o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Cada qual no seu estilo, com a sua vivência e seu olhar. Esse olhar de quem fala dá conta de dois aspectos importantes: o Presidente que está completando a sua obra é, antes de tudo, um comunicador. Quando ele fala, e fala por todos os Acadêmicos, todos o entendem, é alguém que, sendo culto, é um homem de Letras, de Ciências Sociais, é alguém que fala para todas as classes. A Casa está sendo vista muito em função de sua capacidade de comunicação. Outro aspecto é do homem da *Polis*, que sabe situar-se na sociedade e colocar a Academia numa posição de superioridade, não arrogante, a superioridade que vem do mito, salientado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. Salientou esses dois aspectos sem embargo de estar ratificando tudo o que foi dito pela obra ciclópica, que comandou, com sua Diretoria do mais alto nível, que lhe deu sempre suporte e apoio, juntando-se ao seu próprio talento.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu aos confrades e se reservou para fazer uma avaliação de tudo que ouviu mais adiante, porque foi pego de surpresa pela emoção. Registrou o apoio que recebeu, sobretudo em casa, e lembrou a frase de Miguel Torga quando disse: “Do que fiz não cuido agora: a Índia inteira falará por mim”.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe associou-se às considerações feitas sobre a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Prosseguindo, a propósito da temática sobre a escravidão, observou que escapa em geral, aos que tratam desta temática, a excepcionalidade do caso da escravidão na Grécia, que teve características completamente diferentes das ostentadas em Roma e no mundo cristão e mulçumano. Relatou que, excluindo os escravos condenados a trabalhar nas minas, nesse caso a escravidão tinha um sentido penal,

de castigo, a escravidão, no sentido moderno, não era praticada na Grécia. Lá a escravidão consistia na ausência da cidadania. Afirmou que o grego, e tomou com exemplo Atenas, conhecia três condições: o cidadão ateniense, o meteco, que era cidadão de outra cidade, e o homem sem cidadania, que era o escravo. Essa condição não significava o aviltamento do escravo grego. Lembrou que Péricles tinha a sua fortuna administrada por um escravo, a polícia de Atenas era exercida por escravos e, ainda, os escravos que contribuíram para a construção do Partenon e da Acrópole receberam remuneração. Considera essa situação de escravidão extremamente interessante. Na Grécia, a escravidão era uma condição alienígena da cidadania e não do homem submetido a um tratamento vil.

- O Acadêmico Antonio Olinto declarou que, como mineiro, desde o Seminário aprendeu a avaliar as pessoas pelo que fazem em comunidade. Afirmou que a comunidade Acadêmica desta Casa, sob a Presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, tornou-se melhor, como gente, como escritor e como acadêmico. Agradeceu ao Presidente ter sido ele mesmo, o que foi suficiente para melhorar, e muito, a Academia.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho declarou que o seu apoio é total e irrestrito às palavras aqui proferidas sobre a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. A seguir, deu ciência de como transcorreu a solenidade realizada no Arquivo Nacional, quando representou o Presidente da Academia e recebeu, da UNESCO, o diploma concedido à Coleção Machado de Assis. Ao agradecer essa premiação, ressaltou que ela vem reconhecer os esforços da Diretoria da ABL de dotar o Centro de Memória do mais moderno equipamento. Prosseguindo, registrou o lançamento do livro *Evolução da Crise Brasileira*, com dezesseis artigos de Afonso Arinos de Melo Franco, publicados no *Jornal do Brasil* entre julho de 1963 e setembro de 1965. Trata-se de uma obra coordenada pelo Acadêmico Afonso Arinos de Mello Franco, filho do autor, e prefaciada pelo Acadêmico José Sarney. Por determinação do Presidente, o texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco ratificou o que já havia dito após as palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, manifestando a profunda gratidão que tem ao Presidente Marcos Vilaça por tudo que fez para perpetuar nesta Casa, juntamente com Austregésilo de Athayde, a memória de seu pai. Ficou totalmente surpreendido por esta extrema generosidade do seu amigo Murilo Melo Filho, ao fazer a exaltação, que lhe tocou profundamente, da vida de Afonso Arinos. Lembrou, apenas, que este livro parece ter sido feito agora, porque os problemas continuam exatamente os mesmos. Agradeceu mais uma vez ao Acadêmico Murilo Melo Filho, por ter reconhecido que seu pai não desdourou a profissão dele, dos Acadêmicos Cícero Sandroni e Carlos Heitor Cony, porque Afonso Arinos foi Diretor do *Estado de Minas*, fundador da *Folha de Minas*, e, durante a vida inteira, o que nunca deixou de ser, um velho jornalista, que procurou seguir o seu dever.
- O Pe. Fernando Bastos de Ávila, bastante emocionado, declarou ter dado a benção pelos sessenta anos de amor do casal Anah e Afonso Arinos.
- O Presidente solicitou aos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva, Ana Maria Machado e Murilo Melo Filho, que ficaram encarregados de trazer para a Academia uma palavra sobre a questão da proposta da Universidade de Oxford, que, se estiverem de acordo, o façam na próxima sessão. A seguir, falou sobre a provável saída de Gilberto Gil do Ministério da Cultura. Discorreu sobre uma situação burocrática que vem atrasando o recebimento do apoio cultural da Bradesco Seguros à Academia. Pediu, a seguir, que passasse entre os acadêmicos presentes o livro *Ver sem ver*. Relatou que o Dr. Carlos Eduardo Ferreira, Vice-Presidente da Confederação da Indústria, esteve almoçando na Academia e trouxe esta obra que é um trabalho do filho que ficou cego aos 17 anos. Este rapaz escreve, faz versos e transfere os textos para *Braille* e o pai, que tem possibilidades, faz edições, que são também ilustradas. Comunicou ainda que a Academia fecha nesta data e reabre na quarta-feira, dia 21, por força das obras do serviço de refrigeração. Encerrou a sessão.

EVOLUÇÃO DA CRISE BRASILEIRA, AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Dois assuntos. O primeiro é o seguinte:

Na semana passada, estive presente numa sessão solene do Arquivo Nacional, na Praça da República, representando V. Ex.^a e esta Academia, quando recebi este diploma, concedido pela UNESCO à Coleção do nosso Arquivo Machado de Assis. Agradei a premiação, ressaltando que ela vinha reconhecer os esforços desta Diretoria em dotar o nosso Centro de Memória do mais moderno equipamento.

Ressaltei também que, naquele exato momento, a UNESCO estava premian-do Coleções de mais três Arquivos, com os nomes de três outros Acadêmicos: Guimarães Rosa, Osvaldo Cruz e Getúlio Vargas.

* Proferidas na sessão do dia 14 de novembro de 2007.

O segundo assunto – Senhor Presidente – é para que fique devidamente registrado em nossos *Anais* o recente lançamento deste livro *Evolução da Crise Brasileira*, com 16 artigos de Afonso Arinos de Melo Franco, publicados no *Jornal do Brasil*, entre julho de 1963 e setembro de 1965, que foram justamente dois anos e três meses marcados pela última e agônica fase do governo do Presidente João Goulart, até o golpe de março de 1964 e os primeiros tempos do governo militar do Marechal Castelo Branco.

Trata-se de uma obra coordenada pelo Acadêmico Afonso Arinos, filho do Autor, prefaciada pelo Acadêmico José Sarney, apresentada pelo escritor Wanderley Guilherme dos Santos e lançada pela Editora Topbooks, de José Mário Pereira.

Esse livro abrange assuntos atualíssimos, sobre a Crise Brasileira, a Democracia, o comunismo, os Poderes Legislativo e Executivo, o nosso presidencialismo, as reformas políticas, a política externa e as Nações Unidas.

Senhor Presidente.

Tenho particulares saudades dos tempos do Escritor Afonso Arinos, em suas casas das Ruas Anita Garibaldi e Dona Mariana, das quais fui um assíduo freqüentador, em busca de declarações, exemplos e conselhos.

Tenho saudades também do Deputado Afonso Arinos, eleito em 1946 pela UDN de Minas, líder da oposição aqui no Rio de Janeiro, além de Senador e Chanceler lá em Brasília.

Mas tenho saudades, sobretudo, do Orador Afonso Arinos, elegante e apolíneo, na tribuna da Câmara e do Senado, despejando sobre o Plenário frases bem construídas em seu cérebro privilegiado, como se fossem catadupas de uma torrencial cachoeira.

Sua obra é eclética e alcança todos os gêneros literários, desde a crítica e a pesquisa da obra de Tomás Antonio Gonzaga, até as memórias biográficas de Rodrigues Alves e Afrânio de Melo Franco, este último seu pai e seu antecessor à frente do Itamaraty, onde Afonso Arinos se manteve fiel à tradição de Nabuco e de Rio Branco, como pioneiro e defensor de uma política externa independente dos dois

pólos hegemônicos, mas também como Autor da lei que tomou o seu nome, contra a discriminação racial e que complementou a Abolição da Escravatura.

Senhores acadêmicos.

No capítulo inicial desse seu livro, Afonso Arinos faz, naquele tempo, uma indagação, hoje mais pertinente do que nunca: “O Brasil atravessa uma crise de decadência histórica, de dissolução do Estado ou de mudança do regime?”.

Quanto à decadência histórica, com os exemplos dos declínios de Roma, na Antigüidade; das potências ibéricas, depois da Renascença; do Império Otomano, no Século 19; do Império Britânico, no Século 20 – de todas essas crises o Brasil não é um exemplo semelhante ou comparável.

Quanto à dissolução do Estado, também não é o caso brasileiro, que em nada lembra os exemplos clássicos da Guerra americana da Secessão; do regime czarista russo e do governo de Kerenski, depostos pelos bolchevistas em 1917; e do nazismo, varrido pelas tropas aliadas em 1945, porque a Nação brasileira jamais se arruinou como Território ou como Instituição.

E, quanto à mudança do regime, nem mesmo aquele interregno parlamentarista, de setembro de 1961 a setembro de 1963, foi suficiente para abalar os alicerces do nosso Presidencialismo, que ainda hoje, 118 anos depois, sobrevive indene e intacto, aos infortúnios que, vez por outra, abalam os alicerces da nossa nacionalidade.

Concluindo, devo dizer que a todas essas indagações sobre a crise brasileira, o escritor, o professor, o historiador, o jurista, o parlamentar e o intérprete Afonso Arinos respondem com sua lucidez clássica, bem ao estilo goethiano (citado pelo Acadêmico Helio Jaguaribe e pelo jornalista Heráclio Salles), como um legítimo sucessor de José Bonifácio, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Tavares Bastos, Assis Brasil, Alberto Torres e San Thiago Dantas.

Este seu novo livro, *Evolução da Crise Brasileira*, como a *A Alma do Tempo*, *A Escalada*, *Alto-Mar: Maralto*, *Um Estadista da República* e *Amor a Roma* – são todos documentos literários da mais alta importância, que, já no próximo ano, serão reunidos num só volume e que muito merecem ser lidos. E meditados.

SESSÃO DO DIA 22 DE NOVEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- Ao abrir a sessão, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça submeteu ao Plenário a Ata do dia 14 de novembro, que foi aprovada. Deu início, a seguir, a homenagem feita à Acadêmica Rachel de Queiroz.
- O Acadêmico Arnaldo Niskier saudou as diretoras da Naamat Pioneiras, grupo de benemerência da coletividade israelita do Rio de Janeiro, que tem vinculações de toda ordem, sobretudo com o Estado de Israel. Lembrou que Rachel de Queiroz completaria 99 anos no dia 17 de novembro. Referiu-se ao seu neto, Daniel de Queiroz, que sabe da amizade que teve o privilégio de manter com Rachel de Queiroz, amizade esta resultante de uma empatia re-

cíproca desde que se conheceram, há mais de vinte anos, o que se consolidou com a amizade comum por Austregésilo de Athayde. Lembrou que, no discurso de sua posse, Rachel de Queiroz foi muito carinhosa e teceu considerações maternais a respeito do afillhado dela. Rachel de Queiroz sempre recusou homenagens no dia do aniversário. Lembrou que Rachel de Queiroz foi a primeira mulher a entrar para a Academia Brasileira de Letras, seguida pelas Acadêmicas Dinah Silveira de Queiroz, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, que foi presidente da Casa, Zélia Gattai Amado e Ana Maria Machado. Salientou que o Grupo Naamat Pioneiras solicitou que a ABL dedicasse um momento de lembrança a respeito do que Rachel representou na cultura brasileira. Lembrou que a escritora conheceu Israel, a convite desse grupo. Passou alguns dias da sua vida no Estado de Israel fazendo diversas visitas, inclusive plantando não só uma árvore, como se homenageia o comum dos mortais, mas no caso de Rachel de Queiroz a Naamat Pioneiras entendeu que ela merecia um bosque e hoje, no Território Santo de Israel, existe um bosque com o nome da Acadêmica. Registrou que Rachel esteve junto com sua família muitas vezes, em todas as comemorações judaicas da páscoa, que representa a travessia dos quarenta anos do deserto e, em todas as cerimônias da quebra do jejum, data mais sagrada do calendário judaico. A Academia e a literatura brasileira sentem falta de Rachel de Queiroz, que foi uma cronista admirável, ocupando, durante muitos anos, a última página da Revista *O Cruzeiro*, quando esta era a publicação semanal mais importante do país, numa época em que não havia propaganda na televisão. Falou às senhoras da Naamat Pioneiras que se orgulhassem da homenagem que prestaram à Rachel de Queiroz, dos bons serviços que a Acadêmica prestou à causa judaica da paz e pelo entendimento entre os povos. A Academia tem a tristeza da lembrança de uma pessoa que se foi e era tão querida e, ao mesmo tempo, se manifesta alegremente, podendo recordar à frente de pessoas tão próximas de Rachel de Queiroz e que conviveram com ela, essa pequena lembrança do que representou como mulher e como brasileira.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça subscreveu com firmeza, admiração, saudade e alegria o que o Acadêmico Arnaldo Niskier disse sobre a Acadêmica Rachel de Queiroz, uma figura presente a toda hora, não só pelo seu pioneirismo, como pela capacidade que demonstrava de aglutinar a Casa, sem que com isso abdicasse de suas convicções. Agradeceu a gentileza e a presença de Daniel de Queiroz e das Senhoras da Associação do Voluntariado Judaico.
- O Acadêmico José Murilo de Carvalho salientou que sempre se sentiu abaixo da capacidade de substituir Rachel de Queiroz. Registrou, em primeiro lugar, que, como a ABL não exige que o substituto da Cadeira tenha o mesmo gênero literário ou trabalhe na mesma direção que seu antecessor, aconteceu que uma romancista e uma cronista de primeira linha foi substituída por um simples historiador. Não teve a felicidade de conhecer pessoalmente Rachel de Queiroz, a conheceu, sobretudo através de seus romances. Tendo sido eleito, procurou conhecer melhor a pessoa de Rachel de Queiroz. Disse que, no seu trabalho de ler e ver as inúmeras entrevistas que ela deu, o que mais o marcou foi a sua firmeza de opinião e a grande fidelidade às suas amizades. Salientou que Rachel de Queiroz era campeã dos direitos femininos, sobretudo na sua literatura, na qual as figuras femininas são sempre fortes.
- A sessão foi suspensa, para as despedidas aos visitantes.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça reiniciou a sessão solicitando aos Acadêmicos que anotassem que, no dia 29 de novembro, às 15h 30min, haverá a aposição do retrato do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa; será orador o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. No dia 11 de dezembro, assinatura do protocolo de cooperação com a *Accademia della Crusca*, a mais antiga Academia do mundo. Essa assinatura será feita por meio de videoconferência, às 17h. Anunciou que a Academia está fazendo doação de 360 livros à primeira Escola da Ilha de Paquetá, onde estudou o Acadêmico Domício Proença Filho. Registrou que a ABL também doou uma biblioteca à Ilha de Fernando de Noronha. E salientou o fato de que até esta data a Ilha não possuía nenhuma

biblioteca. Informou ao Plenário que se realiza, na segunda-feira, dia 26 de novembro, às 18h 30min, na Livraria Travessa do Shopping Leblon, o lançamento do livro do Acadêmico Ivo Pitanguy. Registrou, ainda, que falará, em nome da Academia Brasileira de Letras e da Faculdade de Direito do Recife, no encerramento das comemorações dos 180 anos de fundação dos Cursos Jurídicos da Faculdade de Direito de São Paulo.

- A Acadêmica Ana Maria Machado pediu ao Presidente para adiar a discussão sobre o convênio da ABL com a Universidade de Oxford para a próxima semana, porque o Acadêmico Alberto da Costa e Silva encontra-se envolvido com o Seminário sobre as escravidões.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça informou que esteve hoje, junto com alguns confrades, na aposição do retrato do Acadêmico Múcio Leão, no Arquivo da Casa. Registrou a felicidade de participar da abertura do Seminário sobre a escravidão, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Murilo Melo Filho relatou que, na semana passada, representando a Academia Brasileira de Letras, esteve em Belford Roxo, cuja Casa de Cultura prestou homenagem aos 110 anos de fundação da ABL e aos 100 anos da morte de Machado de Assis. O texto lido, por determinação do Presidente, será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Melo Filho a extrema e reiterada boa vontade que tem em representá-lo nesses eventos.
- O Acadêmico Antonio Olinto comunicou que, no próximo dia 5 de dezembro, irá à cidade de Leopoldina encerrar o Seminário sobre Miguel Torga. O Seminário durará três dias e ele fará a última conferência. Estará de volta no dia 6 pela manhã para receber o Título de Cidadão Honorário Carioca e à noite estará no jantar na casa do Presidente Marcos Vilaça.
- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida declarou ter tido a alegria de distribuir aos confrades o texto das contribuições para a XVI Conferência

da Latinidade que se realizou em Lima, há 15 dias. Agradeceu, profundamente, a colaboração dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Helio Jaguaribe, que dão a marca e o sentido dessa polêmica, hoje no fulcro da realidade latino-americana, onde está de fato a reinvenção da nacionalidade e as subjetividades emergentes, diante de toda essa situação da América Andina. Informou que teve a possibilidade de debater a fundo essa questão, diante do descompasso entre o desenvolvimento econômico e político, representado pelo fantasma de Hugo Chaves, em toda essa região do continente. Comunicou, ainda, que essa conferência permitiu também inaugurar a Cátedra de Estudos Latinos em Lima e trazer o convite à Acadêmica Ana Maria Machado e ao Acadêmico Moacyr Scliar para que, no primeiro semestre do próximo ano, concedam uma semana a Lima, em atenção ao convite que será feito pela Universidade Ricardo Palma. A seguir, informou que foi a Tunis participar da Conferência Mulçumana sobre o terrorismo, ocasião em que teve a oportunidade de, juntamente com o Secretário-Geral da ONU e o Dr. Jorge Sampaio, organizar o programa que se realizará de 8 a 10 de dezembro no Rio de Janeiro, com as presenças de Mohammad Khatami, Boris Gueremek, que, como sabem, é o Presidente da Comissão de Parlamentar de Direitos Humanos da União Européia, e do Bispo Desmond Tutu. Comunicou ainda que Mohammad Khatami quer vir à Academia no dia 13 de dezembro e indagou se o Presidente considera boa, na sua conveniência, a oportunidade de ter aqui uma figura mitológica, no sentido do contato com o mundo muçulmano. Deu conhecimento, ainda, de que todos os acadêmicos serão convidados para o jantar no Palácio do Itamaraty com a presença do Presidente da República, o Governador do Estado e demais convidados.

- O Presidente disse ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida que, trazido por ele, todos os convidados serão recebidos como Irene entrando no Céu. Sem diminuir em nada o trabalho intelectual do Acadêmico Candido Mendes de Almeida no mundo inteiro. Declarou lhe impressionar muito esse empreendedorismo profundo de realizar, em Lima, a Conferência da Latinidade nos dias 5, 6 e 7, e hoje já trazer aqui o livro.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha lembrou que, nesse mês de novembro, se comemoram os trinta anos da posse da Acadêmica Rachel de Queiroz na Academia. Iria prestar uma homenagem a Rachel e às demais Acadêmicas, declinava da iniciativa diante dos pronunciamentos dos Acadêmicos Arnaldo Niskier e José Murilo de Carvalho, que o anteciparam.
- O Presidente disse ao Acadêmico Tarcísio Padilha da importância do seu pronunciamento e acentuou, ainda, que os dois oradores que falaram sobre Rachel de Queiroz não se referiram ao transcurso, este mês, do 30.º aniversário da sua posse na ABL, registro que considerou extremamente oportuno, pela relevância da data. Encerrou a sessão.

HOMENAGEM

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente.

Senhora e Senhores Acadêmicos.

Na semana passada, representando V. Ex.^a e esta Academia, estive na Cidade de Belfort Roxo, cuja Casa da Cultura prestou uma comovente homenagem aos 110 anos de fundação desta ABL e aos 100 anos da morte de Machado de Assis.

Lembro-me perfeitamente de que, ao me transmitir o convite da Prefeitura daquele Município, V. Ex.^a me disse:

Você vá se quiser e se puder.

E eu lhe respondi o seguinte:

– Recentemente você não foi à favela do Morro do Cantagalo?

E o Acadêmico Cícero Sandroni não foi à Caçapava? Então?

Eu vou a Belfort Roxo.

* Proferidas na sessão do dia 22 de novembro de 2007.

Fui e não me arrependi. Enfrentei chuvas torrenciais, ao longo da Presidente Dutra, com pistas alagadas, em plena Baixada Fluminense, passando por Caxias e Vilar dos Telles, nos limites de Mesquita e de Nova Iguaçu.

Quando cheguei a Belfort Roxo, fui recebido com uma festa simples e bonita, na presença de um coro de crianças, cantando o Hino Nacional e músicas clássicas.

Seguiu-se a projeção, numa tela, da história de nossa Academia, com o seu passado secular e o seu presente de grandes projetos em defesa da Língua Portuguesa e da Literatura Brasileira. Tudo retirado do nosso Portal.

A Prefeita ofereceu-nos um quadro emoldurado, com a foto de Machado.

E eu lhes entreguei, para a Biblioteca da Cidade, uma doação de 80 livros produzidos pela nossa Editora.

Senhor Presidente.

Fiquei particularmente surpreso ao saber que vários meninos ali presentes já conheciam a nossa Casa, recepcionados naquele nosso Projeto das visitas guiadas.

Mais surpreso ainda fiquei ao verificar que eles conheciam tudo a nosso respeito, inclusive a vida de Machado. E um deles me confessou o seguinte:

– Eu sei que Machado (falando assim mesmo, com a maior naturalidade), eu sei que Machado nasceu no Morro do Livramento, filho de um operário pintor de paredes e de uma ex-escrava.

– Sei também que, como nós aqui de Belfort Roxo, ele foi um menino pobre, sem dinheiro para pagar os seus estudos e para comprar um par de sapatos.

E me perguntou:

– Quem sabe se, entre nós, crianças aqui presentes, não estará um novo Machado de Assis ?

Eu, emocionado, pude apenas responder:

– Certamente estará, se Deus quiser.

SESSÃO DO DIA 29 DE NOVEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo, Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*, Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábado Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, pôs em votação a Ata do dia 22 de novembro, que foi aprovada. Registrou a sua participação, na última terça-feira, na Sala São Paulo, um dos maiores auditórios do Brasil, na homenagem da Faculdade de Direito de São Paulo pelo encerramento das comemorações dos cento e oitenta anos da fundação dos cursos jurídicos no Brasil. Estavam presentes os Acadêmicos Celso Lafer, José Mindlin e a Acadêmica Lygia Fagundes Telles. Falou da emoção diante da homenagem feita à Academia, em particular à Acadêmica Lygia Fagundes Telles, que foi aplaudida de pé. Informou que o Diretor da Faculdade de Direito, Prof. Dr. Grandino Rodas, também fez uma bonita cortesia à Academia ao

abrir a sessão. Deu ciência à Casa da assinatura do termo de cooperação entre o Ministério da Cultura e a Academia Brasileira de Letras, um protocolo que visa a tratar das comemorações, no próximo ano, do centenário de Machado de Assis. Mais uma vez, ouviu do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, palavras de grande respeito e de grande desejo de participação nos atos comemorativos do centenário de Machado de Assis. Tratou da edição, em conjunto com o Governo Federal, pela Imprensa Oficial, da edição popular da obra de Machado de Assis. Salientou que a Academia vai ficar devendo, mais uma vez, ao Acadêmico Alberto da Costa e Silva ter feito incluir a Academia no Seminário “Confrontando as Escravidões”. Um seminário de alto nível, marcado pela alta qualificação dos participantes. Registrou o fato de os dirigentes do seminário, ao encerrar a solenidade, terem dito o quanto ficaram impressionados com o que era a Academia, com a capacidade demonstrada pelos servidores no desenvolvimento do seminário, do melhor nível possível. Ressaltou a qualidade de serviço das unidades de trabalho da ABL, pontualmente do Senhor Márcio Castorino, pelo trabalho executivo, e, com a área de Internet, da atuação do Senhor Rafael Pinheiro. Informou que o serviço de informática agora tem uma nova idéia adotada que é a conferência *Off-Line*, um novo sistema dentro do portal, onde as conferências ficam na memória do Portal e, por um mecanismo de acesso, podem-se acessar conferências já passadas, como se estivessem *On-Line*. Registrou o acesso de um milhão, duzentos e quinze mil, seiscentos e noventa e oito pessoas por ano no portal, quatrocentas e dezoito notícias de Acadêmicos e seiscentos e noventa e três artigos de Acadêmicos divulgados. Discorreu sobre o programa “Conversando com o Romancista”, onde o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro deu a graça que sabe dar às suas intervenções. Registrou que esteve, junto com os Acadêmicos Domício Proença Filho, Arnaldo Niskier, Murilo Melo Filho e a Acadêmica Ana Maria Machado em Paquetá para fazer o carinho devido ao Acadêmico Domício Proença e à sua mãe. Foi feita uma doação substancial de livros à escola pública Pedro Bruno, desdobramento ampliado da Escola Municipal Joaquim Manuel de Macedo, onde estudou o Acadêmico Domício Proença Filho. Ambas funcionam no mesmo endereço.

- O Acadêmico Affonso Arinos perguntou se o serviço *off-Line* já estaria à disposição dos usuários.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça informou que o serviço *off-line* já entrou em funcionamento a partir da conferência do Acadêmico João Ubaldo Ribeiro. Salientou o esforço que a Diretoria tem feito para responder à ansiedade da sociedade de estar em contato com a Casa. Deu ciência ao Plenário de que, na Ilha de Fernando de Noronha, para onde foram doados livros da ABL, não havia nenhuma biblioteca. A primeira biblioteca nasce dos livros doados. Registrou que a Academia esteve, representada por alguns Acadêmicos, em visita ao Monumento dos Mortos da Segunda Guerra, no Museu do Exército e ao Forte de Copacabana, onde foram recebidos pelo Comandante da Diretoria de Ensino e Pesquisa, General Castro. Deu ciência ao Plenário de que o patrocínio da Petrobras para cobrir as despesas do Teatro R. Magalhães Jr. será depositado ainda este ano.
- O Acadêmico Domício Proença Filho agradeceu o carinho e a gentileza com que o Presidente honrou a sua casa em Paquetá e fez a felicidade de sua mãe, no alto dos seus 99 anos. Registrou o apoio e a fidalguia da acolhida do Almirante Monteiro, Comandante do Batalhão Naval que, em uma hora, colocou à disposição da Casa duas luxuosas lanchas que os conduziram até Paquetá com a fidalguia própria da Marinha do Brasil.
- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça pediu consentimento ao Plenário para constituir o ano de dois mil e dez como o Ano Joaquim Nabuco, o que foi aprovado. Indicou para compor essa Comissão os Acadêmicos Marco Maciel, Presidente da Comissão, Eduardo Portella, Evanildo Bechara, Affonso Arinos de Mello Franco e José Murilo de Carvalho. Pediu que fosse apresentado o Parecer da Comissão para estabelecer as normas reguladoras para utilização do Teatro R. Magalhães Jr. e da Sala José de Alencar.
- O Acadêmico Domício Proença leu o parecer da Comissão das normas reguladoras para utilização do Teatro R. Magalhães Jr. e da Sala José de Alencar, que será oportunamente apreciado.

- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva leu o Parecer da Comissão sobre a renovação do convênio com a Universidade de Oxford, Comissão formada pelos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet, José Murilo de Carvalho, a Acadêmica Ana Maria Machado e ele próprio. O texto lido será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, em sua opinião, disse que as sugestões feitas pela Comissão são aceitáveis. Propôs o estabelecimento com a Universidade de Oxford de um convênio nos termos semelhantes ao que tinha sido assinado em 2003, pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva e pelo Prof. Leslie Bethell. Acha uma posição desnecessariamente passiva com relação ao escândalo constituído pelo fechamento do Centro de Estudos Brasileiros na Universidade de Oxford. Grande parte da responsabilidade se deve ao governo brasileiro, que resolveu suspender o financiamento. Com relação a esse novo convênio feito agora com a Universidade, acha que deveria haver um parágrafo em que se diz que a Academia Brasileira de Letras lamenta profundamente o fechamento do Centro de Estudos Brasileiro e propõe que o Governo envie esforços no sentido de que o Centro volte a funcionar, mediante o restabelecimento adequado por parte do Governo Brasileiro.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe expressiu total concordância com as considerações do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Considera uma lamentável ocorrência que se tenha abandonado a oportunidade excepcional de projeção da cultura brasileira.
- O Acadêmico Carlos Nejar acompanhou o pensamento dos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Helio Jaguaribe.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva salientou que o parecer da Comissão é um documento interno da Academia; acrescentar-lhe um parágrafo de crítica ao Governo não adiantaria nada. Acha que a proposta do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet deve ser encaminhada no sentido de ser um voto para que se faça chegar ao Governo a preocupação da Casa com o fechamento do Centro de Estudos Brasileiros.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho acrescentou que a Cátedra de Estudos Brasileiros na Universidade de Oxford seria administrada conjuntamente pelo Itamaraty e pelo Ministério da Educação. Isso significa que tal manifestação deve ser encaminhada aos dois Ministérios e à Presidência da República. Existe um convênio assinado pelo Presidente, que não foi implementado.
- O Presidente declarou que, na Presidência da República, a ABL tem um interlocutor que sempre se tem colocado à disposição desta Casa, que é o Ministro Luiz Dulci, Chefe da Secretaria da Presidência da República.
- O Acadêmico Carlos Heitor Cony teceu comentários sobre cursos regulares de Estudos Latino-Americanos e, sobretudo, Estudos Portugueses em Universidades estrangeiras e citou a Universidade da Califórnia em San Diego, e que já trouxe aqui um dos Professores Dr. Malcolm Silverman, que tem uns dez livros publicados sobre Literatura Brasileira. É o Diretor do Instituto de Estudos Latinos-Americanos e é um grande divulgador da literatura brasileira. Referiu-se também a Sorbonne, que mantém um Curso Permanente e todo ano convida escritores brasileiros, evidentemente dando preferência aos que têm livros traduzidos na França, não só em Paris, mas nas afiliadas de Rennes, Lion, Marselha e Saint-Malo. Lembrou que, na época em que esteve na Sorbonne, se encontravam também Antonio Torres e Gerardo Melo Mourão. Declarou ter tido a impressão de que não havia nenhum acordo, não havia nada oficial, foi tudo pago pela Sorbonne e indagou se, nesse caso, existe algum acordo com o Governo Brasileiro.
- O Presidente lembrou aos acadêmicos que a agenda da sessão de hoje é grande e, dentro de meia hora, terá início o “Seminário Brasil, brasis”.
- O Acadêmico Carlos Nejar, com a palavra, a propósito do que disse o Acadêmico Carlos Heitor Cony, lembrou que a Universidade de Clémont-Ferrand também tem uma Cadeira que trata da Literatura Brasileira, mas isso não impede que o Governo Brasileiro defenda os seus valores culturais no exterior. Ressaltou que um país, como o Brasil, com grandes escrito-

res que não devem nada à América Latina e muito menos à Europa, tem que suscitar que o Governo Brasileiro faça algo, depois de ouvir, no correr desta semana, notícias tão boas a respeito da qualidade de vida do brasileiro, que não pode subsistir sem o fomento cultural.

- O Acadêmico Evanildo Bechara, a respeito de instituições destinadas à difusão da Língua e da Literatura nacional, informou que o Ministério da Educação alardeou a criação do Instituto Machado de Assis e ele, por três vezes, foi a Brasília participar de reuniões preparatórias para a fixação deste Instituto. Tudo indica que falhou, no momento em que o Brasil está se preparando para comemorar o centenário da morte de Machado de Assis e a Academia Brasileira de Letras está extremamente empenhada nessa comemoração.
- O Acadêmico Sábado Magaldi confessou estar estranhando um pouco esse debate, porque lecionou dois anos na Sorbonne, com salário bem razoável, pago pela Universidade, sem nenhuma interferência do Governo Brasileiro e, como o curso foi considerado bom, o convidaram para a Universidade de Aix-en-Provence, onde lecionou por mais dois anos. Depois disso, não sabe o que ocorreu e o que resultou nessa situação tão negativa para os brasileiros.
- O Acadêmico Domicílio Proença Filho lembrou que, em 2006, esteve em Paris, ocasião em que, autorizado pela presidência da Academia, manteve gestões junto ao departamento da Sorbonne encarregado do assunto, no sentido do estabelecimento de intercâmbio, de cursos e seminários. Posteriormente, o representante da Sorbonne aqui esteve e foram mantidos alguns entendimentos que esbarraram no problema de financiamento. Havia necessidade de uma contrapartida e a Academia não tinha, naquele momento, condições de assumir nenhum encargo nessa direção. O interesse da Sorbonne existe em relação à Academia, em todos os sentidos. Informou que chegou a elaborar um anteprojeto que não trouxe ao conhecimento do plenário, porque a apreciação conjunta da matéria não foi adiante.

- O Acadêmico José Murilo de Carvalho, respondendo ao Acadêmico Carlos Heitor Cony, disse que existe uma Cátedra do Governo Brasileiro, não sabe se na Sorbonne ou na École des Hautes Études, também na Universidade de Berkeley, na Universidade de Stanford, que é a Cátedra Joaquim Nabuco de Estudos Brasileiros, que ocupou, durante certo momento, a Cátedra da Universidade de Notre Dame, nos Estados Unidos e crê que há uma no Chile. Informou que a de Stanford era financiada pelo Banco Safra. Ocorreu-lhe a idéia de propor à Academia apoio cultural com um banco para a criação ou renovação dessas cátedras.
- A Acadêmica Ana Maria Machado disse que há vários tipos de cursos que são ministrados em faculdades estrangeiras, alguns são Cátedras criadas e mantidas pelo Governo Brasileiro, como algumas das mencionadas pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho e outras como a Sorbonne, referida pelo Acadêmico Sábado Magaldi, onde também esteve sucedendo a Celso Cunha. São Cátedras de Língua mantidas pela Universidade. Existem diferentes formas. O que estava sendo discutido no momento é um acordo mantido, não com a Universidade, mas com o Centro de Estudos. Esclareceu que, ao ser suspensa a existência do Centro de Estudos, a Universidade não quis ficar sem as aulas e fez um apelo para que a Academia renovasse esse convênio. Afirmou, ainda, que existe também o Leitorado, mantido pelo Ministério das Relações Exteriores, sempre com contrapartida das Universidades. Existem várias formas, mas gostaria que apenas fosse discutido aqui o acordo com Oxford. Que estava na pauta.
- O Presidente propôs que, na sessão da próxima semana, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva traga uma proposta conclusiva sobre o assunto.
- O Acadêmico Cícero Sandroni acredita que o parecer do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, com o adendo do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet e com o novo adendo do Acadêmico Alberto da Costa e Silva deixaram clara esta matéria para ser votada neste momento.

- O Presidente submeteu à votação o exposto pelos Acadêmicos Alberto da Costa e Silva e Sergio Paulo Rouanet, que foi aprovado, e solicitou que o Presidente da Comissão, Acadêmico Alberto da Costa e Silva, redigisse o documento a ser encaminhado pela Academia à Universidade de Oxford e a Acadêmica Ana Maria Machado e o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, em conjunto, redigissem o documento a ser encaminhado pela Academia ao Governo da República.
- O Acadêmico Alberto da Costa e Silva propôs um voto de pesar pelo falecimento de Mário Gibson Barbosa, ocorrido segunda-feira passada. Lembrou que Mário Gibson não foi apenas um grande diplomata e um notabilíssimo Chanceler, num período extremamente difícil da vida brasileira, quando ele soube manter o Itamaraty num alto nível de ação e fora das paixões e pequenezas de momento. Lembrou o grande homem de espírito, um príncipe do Renascimento, um homem de grande saber e de extrema sensibilidade, amigo dos poetas, como mostra a amizade que lhe dedicaram durante toda a vida João Cabral de Melo Neto, Vinicius de Moraes, e Mauro Mota, que foram seus extremados amigos e que lhe dedicaram poemas. Falou do homem voltado para a vida da cultura, atento a tudo que se passava no Brasil e no mundo. Deixa um enorme espaço vazio na vida brasileira e ainda continua a merecer o protesto e gratidão do Brasil, pela extraordinária carreira que fez, sempre em defesa dos interesses brasileiros desde a sua mocidade. Declarou que é com enorme pesar que faz esta comunicação, que deixa nele a sensação de que perdeu o seu irmão mais velho.
- O Acadêmico Alberto Venancio Filho disse da extrema felicidade do Acadêmico Alberto da Costa e Silva ao traçar o perfil de Mário Gibson Barbosa, um grande brasileiro e um grande diplomata. Deixou ele de mencionar a pernambucanidade de Mário Gibson, que, como Ministro das Relações Exteriores, tinha no gabinete as bandeiras do Brasil e de Pernambuco e lembrou que, então, manifestou o desejo de ser Governador de Pernambuco. Citou um exemplo de sua atividade relacionada com a nossa Casa na ocasião em que era Ministro das Relações Exteriores, e surgiu o problema do voto

do Brasil sobre Portugal na ONU. O Governo Português fez, então, pressão muito grande no Brasil, inclusive com artigos em jornais, ofensivos ao Brasil e a ele. Na ocasião, chamou o Embaixador de Portugal para indagar a autoria dos artigos e o Embaixador negou que tivesse sido alguém da embaixada. Mas concluiu que haviam sido escritos por um português, pelos lusitanismos contidos nos artigos. Ao concluir, declarou que esse era um traço da peculiaridade deste grande brasileiro, que foi também seu grande amigo.

- O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco registrou que, na semana anterior, acompanhando as palavras do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, não quis deixar de associar-se às homenagens a um grande pernambucano vivo. Nessa, fez o mesmo a um ilustre e querido amigo morto. Mário Gibson foi chefe de Gabinete de Afonso Arinos, numa situação muito difícil e delicada no governo de Jânio Quadros, de problemas e complicações na política externa. Indicado por ele, para essa Chefia de Gabinete, Mário Gibson foi absolutamente exemplar nessa função. Manifestou a sua gratidão pessoal a Mário Gibson, porque havia sido eleito Deputado de oposição, fundador do MDB, passou três anos criticando a política externa brasileira e, naturalmente, 10 anos sem ser promovido na sua carreira. De repente Mário Gibson conseguiu a sua promoção e telefonou-lhe, comunicando-a. Por tudo isso e por toda essa gratidão pessoal, familiar e profissional, pelo grande mestre da diplomacia, deixava registrada a sua total solidariedade às palavras de Alberto da Costa e Silva.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe endossou as manifestações dos que o precederam e assinalou que um dos méritos de Mário Gibson Barbosa, no exercício do poder, dentro do Regime Militar, foi a capacidade de isolar o Itamaraty da ideologia militar e assegurar a continuidade da política externa brasileira independente.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet declarou que quase tudo a dizer sobre Mário Gibson já fora dito pelos que o precederam e queria apenas salientar dois aspectos: do grande profissional e extraordinário diplomata, e esse último aspecto que o Acadêmico Helio Jaguaribe acaba de salientar, de Gibson

como protetor do Itamaraty contra a influência militar. Disse que ele próprio foi muito protegido pelo Embaixador Gibson, em pleno regime Médico. Tem certeza que foi até o final da sua carreira, basicamente, graças a esse aspecto louvável e corajoso da personalidade de Gibson Barbosa. Com relação à personalidade dele como diplomata, o Acadêmico Alberto da Costa Silva conhecia bem porque o acompanhou. Observou que o Brasil é um país um tanto amnésico. Muitos acham que a história diplomática do Brasil começou hoje. Acrescentou, que, na verdade, a política externa independente começou em pleno Governo Militar e em grande parte a política africana brasileira foi criada por Mário Gibson Barbosa. Na sua opinião, Gibson foi o grande profissional, o extraordinário diplomata, o príncipe da Renascença, o *gentleman* e *scholar*, como dizia Hamlet.

- O Presidente declarou que a Mesa se associa e ele, em particular às homenagens prestadas ao Embaixador Mário Gibson Barbosa, grande brasileiro de Olinda.
- O Acadêmico Antonio Olinto deu notícias sobre o que ficou acertado entre ele e o Comandante do Forte de Copacabana, que receberá, durante as férias, aos sábados e domingos, cinquenta crianças do subúrbio e ele enviará ao Forte, a partir da primeira segunda-feira de janeiro uma Kombi com vinte mil livros, duas bibliotecárias e o motorista, para atender essas crianças durante dois meses. Isso foi o resultado da visita organizada pelo Presidente ao Forte de Copacabana.
- O Acadêmico Moacyr Scliar comunicou que, no fim da semana passada, juntamente com os Acadêmicos José Mindlin, Carlos Heitor Cony, estiveram num evento realizado em São Paulo sobre Jornalismo e Literatura, que assinalava o início das comemorações dos 100 anos da Associação Brasileira de Imprensa, no próximo ano. Foi um evento muito grande, muita gente participando, cerca de oitocentas a mil pessoas, graças aos contatos da ABI com universidades, o que assegurou o público, e isso a ABL deve começar a fazer para os eventos aqui realizados. Propôs que, por ocasião do centenário da ABI, a Academia Brasileira de Letras homenageie esta Instituição com

um Encontro sobre “O jornalismo na Academia Brasileira de Letras”, já que esta Casa tem e teve, no passado, um grande número de jornalistas”.

- O Acadêmico Murilo Mello Filho comunicou que, por designação do Presidente, esteve nessa segunda-feira numa solenidade da Câmara Municipal, realizada por proposta do Vereador Sami Jorge, para a entrega de uma Moção de Congratulações e Aplausos ao Monsenhor Alphonse Nagib, em comemoração à Data Nacional do Líbano e também para entrega do Conjunto de Medalhas do Mérito Pedro Ernesto ao Acadêmico Evanildo Bechara, Diretor Tesoureiro da Academia. O Presidente determinou que o texto lido fosse incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Presidente agradeceu ao Acadêmico Murilo Mello Filho pela representação e disse que todos se juntam a ele no que acabara de dizer, com absoluta pertinência.
- O Presidente ponderou que, dentro de alguns minutos terá início no Teatro R. Magalhães Jr. o encerramento do “Seminário Brasil, brasis”. O tema que vai ser discutido é “Ritmo e poesia, samba no pé e samba no verso”. A coordenação é do Acadêmico José Murilo de Carvalho e o expositor inicial é o Acadêmico Alberto da Costa e Silva. São debatedores Leonardo Dantas, Nelson Sargento e Lenine. Pediu licença ao plenário para ir ao Teatro R. Magalhães Jr. dar início ao Seminário e passou a presidência ao Acadêmico Cícero Sandroni, para dar seqüência à pauta da Sessão, cuja ordem do dia prevê o exame das contas e da proposta orçamentária para 2008.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, Secretário-Geral, agradeceu a tarefa que o Presidente acabou de lhe atribuir, que não é sua e, sim, do Tesoureiro Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, que preparou os três documentos que os Acadêmicos têm em mãos. O primeiro é um levantamento de todos os recursos obtidos na gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça nos anos de 2006 e 2007; o segundo é um relatório das despesas não orçadas realizadas em 2007; e o terceiro, o Orçamento para 2008 e ainda um adendo sobre o Orçamento de 2008. Comunicou que esses documentos foram apresenta-

dos à Comissão de Contas da ABL, formada pelos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Ivan Junqueira e Alberto da Costa e Silva. O Presidente da Comissão, Acadêmico Tarcísio Padilha, indicou, como relator, o Acadêmico Ivan Junqueira, a quem passou a palavra para a leitura do parecer.

- O Acadêmico Ivan Junqueira passou a ler o Parecer da Comissão de Contas, que foi distribuído ao plenário e será incorporado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*.
- O Acadêmico Cícero Sandroni, no exercício da Presidência, agradeceu à Comissão de Contas a apresentação do parecer e o submeteu à discussão.
- A propósito do parecer da Comissão de Contas, o Acadêmico Carlos Nejar deveu-se em relação às recomendações que diziam respeito aos Acadêmicos, quanto ao uso do carro e às limitações no caso de hospedagem. Por outro lado, mencionou o excesso de funcionários que terá de ser administrado e tem certeza de que a diretoria futura saberá fazê-lo.
- O Acadêmico Cícero Sandroni esclareceu que são apenas recomendações e que a Diretoria saberá agir com a administração do Orçamento da Casa e observar caso a caso.
- O Acadêmico Lêdo Ivo sugeriu que as duas observações que dizem respeito aos Acadêmicos sejam suprimidas do parecer, porque são assuntos da economia interna e caberá à presidência administrar.
- O Acadêmico Helio Jaguaribe acredita que não há necessidade de retirá-las. Ficará a critério do Presidente administrá-las.
- O Acadêmico Sergio Paulo Rouanet congratulou-se com a Comissão de Contas pelo excelente trabalho realizado e endossou, plenamente, a parte conclusiva do relatório em que se elogia o zelo, o dinamismo, a criatividade administrativa, o entusiasmo e a dedicação com que a atual Diretoria cuidou das finanças da Academia. Acrescentou que, como não lhe cabe, como membro do plenário interferir nos termos em que a Comissão de Contas formulou suas recomendações, cabe a cada um aceitar ou não, o que não impede que haja

manifestações no plenário com relação a alguns pontos que mereceriam uma reflexão mais profunda. Observou que não está no parecer e nem deveria, porque não era da competência e nem estava sob a jurisdição dos membros da Comissão de Contas que o ano de 2008 vai ser um ano absolutamente excepcional para a Academia, porque acaba de ser decretado por Lei o Ano Nacional de Machado de Assis e a Academia tem responsabilidades nas comemorações que serão realizadas neste ano. Quando lê no parecer que a Academia vai congelar as atividades ao seu nível atual, se pergunta se é prudente a Casa assumir um compromisso desse tipo, considerando que, muito possivelmente, será necessário, em certos setores, até intensificar as atividades. Lembrou que há uma Comissão que está ultimando a participação da ABL no Ano Nacional Machado de Assis, e na próxima terça-feira, haverá uma reunião que vai ultimar estas recomendações. Assegurou que não farão propostas exorbitantes, mas, dentro do que for razoável, esta Comissão terá que agir partindo do princípio de que 2008 não será um ano de rotina, será um ano excepcional para esta Instituição. Ao concluir, acrescentou que a nova Direção vai levar em conta os dois fatores: as dificuldades financeiras da Academia e as responsabilidades inadiáveis que cabem à Academia no Ano Nacional de Machado de Assis.

- O Acadêmico Tarcísio Padilha disse ter levado em consideração as ponderações dos ilustres colegas que o antecederam. Declarou que a Comissão de Contas tem que proceder a uma radioscopia financeira de forma muito objetiva. No entanto, ocorre que a tradição da Casa, nesses últimos dez anos, sempre tem sido a seguinte: como a Comissão de Contas se defronta com uma situação que lhe é apresentada do desenrolar do ano em curso, sem que tenha conhecimento de projetos concretos e planos de atividades que só serão apresentados após o recesso, aí então as necessidades efetivas da programação cultural, como bem frisou o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet. Estas necessidades terão que ser atendidas e sempre o foram. Ao fim do exercício da sua missão, a Diretoria pede suplementação de verbas para dar cumprimento aos projetos que consubstanciam as finalidades e os objetivos da Academia Brasileira de Letras. Daí porque o parecer da Comissão de Contas

é um pouco frio, muito objetivo em relação a esse cuidado em apontar onde estão as dificuldades. O que não quer dizer que, neste parecer, estejam substantiadas normas efetivas e impositivas. É um estudo que leva recomendações à Diretoria sim, mas com a legitimidade advinda da eleição, que é um poder delegado do plenário, e saberá adotar as providências necessárias à consecução das superiores finalidades para as quais esta Casa existe há 110 anos. Não pode haver temor, porque a Diretoria será eleita por este plenário, será objeto deste crédito de confiança, que sempre e invariavelmente o plenário dá à Diretoria que elege. Destacou a importância dos pronunciamentos aqui ocorridos e, quanto à preocupação do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, acredita que tudo será feito em obediências aos projetos que vierem a ser aqui aprovados e os recursos financeiros solicitados à medida das necessidades.

- O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu ao Acadêmico Tarcísio Padilha, que resumiu, exemplarmente, tudo que gostaria de dizer, mas que ele na condição de Presidente da Comissão de Contas o fez com o brilhantismo de hábito. Disse ao Acadêmico Sergio Paulo Rouanet que a sua preocupação tem sido objeto de conversas fora do plenário. Quanto às recomendações da Comissão de Contas, voltou a repetir, são apenas recomendações e a futura Diretoria saberá administrá-las. Nesse sentido, fez um apelo para que o plenário aprove o parecer da Comissão de Contas que, posto em votação, foi aprovado. Agradeceu a todos e encerrou a sessão.

PARECER DA COMISSÃO CÁTEDRA MACHADO DE ASSIS EM OXFORD

Lido pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva

Diante do fechamento do Centro de Estudos Brasileiros em Oxford e da proposta feita por Tom Earle e Sara Brandelero de que o convênio mantido entre a ABL e esse Centro seja renovado por mais três anos, agora com o “Departamento” de Estudos Portugueses e Brasileiros da Faculdade de Línguas Medievais e Modernas, nossa posição é a seguinte:

Somos favoráveis à renovação, desde que feita em novos termos de modo a garantir maior comodidade ao visitante e maior rendimento às suas atividades. Mais precisamente:

1. O custo de 30 mil dólares deve ser reduzido com o corte da taxa de administração. A ABL compra as passagens e paga diretamente ao catedrático. Podem-se poupar com isso 10 mil dólares;
2. O número de autores a serem discutidos deve ser ampliado para além dos três propostos por Sara (Machado, Graciliano e Clarice), mantendo-se, no entanto, a escolha dentro do campo da língua e da literatura;

3. A ABL poderá indicar, mediante consulta a Oxford, candidato que não seja de seu quadro;
4. A Faculdade providenciará sala com computador e filiação a um *College* para permitir maior facilidade de alojamento e refeições;
5. A Faculdade, por seu setor de estudos portugueses e brasileiros, garantirá maior frequência de estudantes britânicos às aulas (não vale a pena gastar, digamos, 20 mil dólares para falar para três ou quatro britânicos e seis brasileiros).

JUSTIFICATIVA:

Embora seja obrigação do governo promover o estudo da língua e cultura brasileiras no exterior, a posição atual é de omissão, se não de hostilidade a tal esforço. Ao manter o acordo, a ABL reafirma sua missão e a expande para fora do país, ganhando com isso visibilidade fora do mundo lusófono. Eventualmente, a ABL poderia conseguir patrocínio empresarial para manter o acordo.

Alberto da Costa e Silva
Sergio Paulo Rouanet
José Murilo de Carvalho (relator)
Ana Maria Machado

ABL E A CÂMARA MUNICIPAL

*Palavras do Acadêmico Murilo Melo Filho**

Senhor Presidente Marcos Vilaça.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Nesta Segunda-feira, e por sua designação, tive a honra de representar V. Ex.^a e esta Casa numa solenidade da Câmara Municipal, realizada por proposta do Vereador Sami Jorge, para entrega de uma Moção de Congratulações e Aplausos ao Monsenhor Alphonse Nagib, Pároco Emérito da Igreja Libanesa de São Basílio, em comemoração à Data Nacional do Líbano e também para entrega do Conjunto de Medalhas do Mérito Pedro Ernesto, em homenagem ao nosso querido Acadêmico Evanildo Bechara, Diretor-Tesoureiro desta Academia.

Foi aquele, Senhor Presidente, um grato momento em que tive oportunidade de testemunhar os imensos prestígio e importância do nosso Estimado Confrade Evanildo Bechara junto à colônia libanesa e junto aos seus numerosos amigos, que lá estavam, para homenagear os inestimáveis serviços por ele prestados à Cultura e ao Magistério brasileiro, com o carinho, o apreço e a admiração que ele tanto merece, como Professor competente, como Filólogo correto, mas também como companheiro nosso, leal, terno e afetuoso.

* Proferidas na sessão do dia 29 de novembro de 2007.

RELATÓRIO DA COMISSÃO DE CONTAS

*Lido pelo Acadêmico Ivan Junqueira**

A Comissão de Contas da Academia Brasileira de Letras recomenda ao plenário a aprovação do relatório apresentado pela Diretoria sobre receitas e despesas do ano fiscal de 2007. Muito embora as despesas tenham superado as receitas em R\$ 5.738.529,74, o que exigiu, no correr do período, idêntica suplementação orçamentária, esse déficit foi em grande parte compensado pela obtenção, por meio de convênios e parcerias com empresas brasileiras levados a termo graças às iniciativas ao Presidente Marcos Vilaça, de uma série de recursos adicionais no montante, ao longo de 2007, de R\$ 1.871.650,00, os quais, somados aos R\$ 2.648.235,26 obtidos em 2006, atingem o total de R\$ 4.519.885,26, que já deram entrada em caixa, restando ainda uma soma de R\$ 4.944.846,66 resultante de patrocínios já aprovados na Comissão Nacional de Incentivo à Cultura (CNIC) e que se encontram em fase de assinatura de contrato. Tais patrocínios irão amenizar, no decurso de 2008, o impacto do presente pedido de suplementação de recursos solicitada pela atual diretoria.

Louve-se, portanto, a atuação do Presidente da Casa, graças a cuja iniciativa e diligência pôde a Academia manter e ampliar as suas atividades, bem como pro-

* Na sessão do dia 29 de novembro de 2007.

mover as reformas do Teatro R. Magalhães Jr., da Sala José de Alencar e de outros espaços acadêmicos, a exemplo da iluminação do *Petit Trianon*. Isso permitiu, também, que os investimentos financeiros da Academia aumentassem, entre 2006 e 2007, em R\$ 1.422.277,38, fazendo com que, em 22 de novembro último, as aplicações na Caixa Econômica Federal e no Banco do Brasil atingissem o montante de R\$ 18.690.962,73.

Propõe também a Comissão de Contas que se aprove a proposta orçamentária da Diretoria para o ano de 2008, a qual prevê uma receita de R\$ 11.764.100,00, não se incluindo nesta cifra os 30% da renda líquida do Palácio Austregésilo de Athayde (ou seja, R\$ 4.613.123,40, que serão investidos no mercado financeiro, como dispõe o artigo 39 dos Estatutos da Casa), bem como uma despesa de igual valor. Atente-se ainda para o fato de que contribuíram também para a estimativa orçamentária de 2008 as rendas auferidas pela ABL graças aos aluguéis de outros imóveis (Herança de Francisco Alves) e à locação de alguns espaços (Livraria – Café), da Sala de Videoconferências e do Teatro R. Magalhães Jr.

No entanto, apesar do que foi exposto acima, conclui a Comissão de Contas que, sem os recursos adicionais a serem obtidos junto a empresas brasileiras, conforme se prevê na última página do relatório da Diretoria, será difícil, contando apenas com as receitas orçamentárias da Academia, que não se têm ampliado significativamente nos últimos anos, manter o seu atual nível de atividades. Cumpre salientar ainda que aumentaram as despesas com os acadêmicos, com o pessoal administrativo e com a rotina burocrática, razão pela qual esta Comissão deseja apresentar algumas sugestões para a contenção de gastos.

No que diz respeito aos acadêmicos (1), recomenda-se que permaneçam nos atuais limites os *jetons* e a verba de representação mensal, cujos valores foram recentemente reajustados pela atual Diretoria; (2) que, não havendo razão de força maior, se substitua pelo uso de táxi o aluguel de automóveis que transportam os acadêmicos ao *Petit Trianon*; e (3) que os pagamentos de despesas com hotel incluam apenas as diárias e as refeições do acadêmico.

Quanto aos funcionários administrativos, seria oportuno, senão mesmo indispensável, cogitar-se: (1) da reavaliação do atual quadro e de suas reais necessi-

dades, a fim de reduzir, se possível, o número de servidores; (2) de se manterem nos níveis atuais os salários que, em sua maioria, estão competitivos no âmbito do mercado de trabalho; (3) em se evitarem novas contratações; e (4) em se reduzirem ao indispensável as horas extraordinárias. Sugere ainda a Comissão que se intensifique o controle sobre as despesas com eletricidade, telefones, correios, papelaria e mensageiro, entre outras. Tais economias, que somente na aparência são pequenas, poderão chegar, se somadas, a números expressivos no que toca aos gastos referentes ao dia-a-dia da instituição.

Ao concluir este parecer, deseja a Comissão de Contas, como já o fez em 2006, elogiar o zelo, o dinamismo, a criatividade administrativa, o entusiasmo e a dedicação com que a atual Diretoria cuidou das finanças e conduziu os trabalhos da Casa em 2007. Cada um de nós – e a Comissão, como salientou o Acadêmico Alberto da Costa e Silva em seu relatório de 2006, crê poder falar em nome de todos os acadêmicos – testemunhou a dedicação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça à Casa de Machado de Assis e, como bem observou o relator que me antecedeu no ano passado, “invejou-lhe a saúde e o ânimo que o puseram, para cumprir admiravelmente o seu mandado, quase tantas horas em avião quantas aquelas que demorou em terra”.

Rio de Janeiro, 29 de novembro de 2007.

Tarcísio Padilha
Alberto da Costa e Silva
Ivan Junqueira (Relator)

SESSÃO DO DIA 6 DE DEZEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos *Anais da Academia Brasileira de Letras*; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Helio Jaguaribe, Ivan Junqueira, Ivo Pitanguy, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélide Piñon, Nelson Pereira dos Santos, Sábato Magaldi e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao abrir a sessão, pôs em votação a Ata do dia 29 de novembro, que foi aprovada. A seguir, deu boas notícias: a primeira refere-se à escolha do Acadêmico Alberto da Costa e Silva como Homem de Idéias de 2007, a segunda que o Acadêmico João de Scantimburgo, a despeito de ter sofrido um enfarto, já se encontra em fase de recuperação. Comunicou ao plenário que o Acadêmico Cícero Sandroni, já em antecipação para a presidência da Casa, esteve no Recife, na segunda-feira última, na Academia Pernambucana de Letras, em sessão em que se dava

posse a um novo acadêmico. Manteve encontro com intelectuais, jornalistas, professores, pensadores pernambucanos e fez também visita específica à Oficina de Cerâmica Brennand. Declarou-se muito feliz ao ver que o colega teve a acolhida que merece, da parte da sua terra. Informou que a Academia recebeu hoje a visita do Presidente da Câmara dos Deputados, Arlindo Chinaglia, que participou do almoço acadêmico. Salientou que S. Ex.^a, a despeito das grandes responsabilidades que tem na condução dos temas políticos desta semana, veio exclusivamente para este almoço ao qual estavam presentes alguns acadêmicos e pessoas representativas do mundo empresarial do Rio de Janeiro. Pediu permissão para lembrar ao plenário o seguinte: amanhã, em sessão extraordinária, às 16 horas, a ABL receberá o Ministro da Educação, Dr. Fernando Haddad e, nesta mesma ocasião, se fará a entrega aos agentes da Editora Nacional dos originais do novo dicionário da Academia. Considera o fato bastante relevante. À noite, às 21 horas, vai se apresentar no Teatro R. Magalhães Jr., com um espetáculo de música popular brasileira, oferecido aos funcionários da ABL e também aos Acadêmicos, o cantor Martinho da Villa. Na segunda-feira, dia 10, haverá a abertura da Exposição de gravuras inéditas no Rio de Janeiro, de Francisco Brennand, na Galeria Manuel Bandeira. É uma exposição de qualidade e essas peças saem do Recife pela primeira vez. Na terça-feira, dia 11, às 17h 30min, realiza-se a conferência do Acadêmico Ivo Pitanguy “A Academia e a Medicina”, às 19h 30min, no *Petit Trianon*, o Concerto da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. No dia 12, quarta-feira, às 17 horas, haverá a assinatura do Protocolo entre a Academia Brasileira de Letras e a Accademia della Crusca, e, no dia 13, às 17 horas a posse da nova Diretoria, antecedida do Chá da tradição da Casa. Lembrou que, amanhã, haverá o almoço das Acadêmicas, Senhoras e Viúvas dos Acadêmicos. Observou que se encontra na bancada, junto a cada um dos Acadêmicos, organizado pela Vídeo *Clipping*, um levantamento da centimetragem obtida, até novembro, pela Academia, na gestão da atual Diretoria. O resultado foi muito expressivo: sessenta e oito mil, seiscentas e quarenta colunas, o que corresponde, num jornal *standard*, de seis colunas, a duzentas e vinte páginas de mídia impressa, da

ABL. Creio, disse, que isso é bastante significativo para mostrar a vitalidade da Casa e o trabalho dos Acadêmicos. Comunicou que, ainda este ano, a Casa fará doação de dois mil livros às bibliotecas do Metrô, programa que é desenvolvido no Metrô do Rio de Janeiro e de São Paulo, e serão entregues às Bibliotecas do Exército mil livros das edições da ABL para compor Bibliotecas do Exército em todo país. Ainda em relação à mídia impressa, comunicou que serão entregues, na residência de cada Acadêmico, em três volumes, o conjunto de todas as notícias que saíram nos últimos dois anos. Os Acadêmicos terão esse material à disposição para eventual pesquisa. Ligado a isso, informou está sendo entregue aos Acadêmicos notícias da Mídia Eletrônica. Esse é o material que foi veiculado nas televisões brasileiras este ano: cinqüenta e quatro horas e vinte e cinco minutos. Junto com os DVDs, segue um relatório, indicando a hora, o assunto e em que emissora de televisão foi veiculada. Crê que isso evidencia, de forma categórica, o prestígio da Academia. Prosseguindo, comunicou que se encontra, também, à frente de cada um dos presentes, na bancada, o livro *110 Anos da Academia Brasileira de Letras*. Dispensou comentários sobre este livro, porque já foi comentado em sessões anteriores pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, que foi o grande coordenador e o grande batalhador para a realização do feito, obra que tem o selo Alberto da Costa e Silva, o que diz tudo. Esclareceu que tiveram o cuidado de enviá-la ao patrocinador, porque esta obra não foi custeada pela ABL, obteve-se apoio do setor privado, que reconheceu o que esta Casa representa. Declarou que, nesse momento, com muito prazer, gostaria de pedir ao Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que foi o autor da proposição que indicou ao plenário a concessão à Maria Carmen de Oliveira da Medalha Comemorativa dos 110 anos da Academia, que a ela fizesse a entrega dessa láurea. A seguir, comunicou que, na sessão anterior, foi distribuído aos Acadêmicos um trabalho muito bem elaborado, que foi a Regulamentação das normas básicas do Teatro R. Magalhães Jr. e da Sala José de Alencar, trabalho dos Acadêmicos Tarcísio Padilha, Ana Maria Machado e Domício Proença Filho. Submeteu-o ao plenário, que o aprovou. Passou ao ponto básico da reunião, que é a realização da Eleição da Diretoria para 2008.

- Diante dos acadêmicos que queriam falar no expediente, o Acadêmico Domício Proença Filho propôs a inversão da pauta, que foi aceita pelo Presidente e aprovada pelo plenário.
- O Presidente deu início ao processo eleitoral para o exercício de 2008. Encontravam-se presentes 31 acadêmicos, dos quais apenas 13 votaram no plenário. Os demais haviam enviado carta e a mantiveram. Havia 27 votos por carta. Nomeou para escrutinadores os Acadêmicos Murilo Melo Filho e Affonso Arinos de Mello Franco. Deu-se início ao Processo eleitoral, que teve o seguinte resultado:

Presidente – Cícero Sandroni – 39 votos

Em branco – 1 voto

Secretário-Geral – Ivan Junqueira – 40 votos

Primeiro-Secretário – Alberto da Costa e Silva – 38 votos

Em branco – 2

Segundo-Secretário – Nelson Pereira dos Santos – 40 votos

Tesoureiro – Evanildo Cavalcante Bechara – 37 votos

Em branco – 3

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou eleita a Diretoria acima mencionada e submeteu à aprovação do plenário o nome do Acadêmico Murilo Melo Filho para Diretor das Bibliotecas; do Acadêmico Sergio Paulo Rouanet para Diretor do Arquivo; do Acadêmico João de Scantimburgo para Diretor da Revista Brasileira; e do Acadêmico Eduardo Portella para Diretor dos *Anais da ABL*. As Comissões Permanentes, de Contas, de Publicação e Lexicografia ficam assim constituídas:

Comissão de Contas

Nélida Piñon

Marcos Vinícios Vilaça e

Tarcísio Padilha

Comissão de Publicações
Antonio Carlos Secchin
José Murilo de Carvalho e
José Mindlin

Comissão de Lexicografia
Eduardo Portella
Evanildo Cavalcante Bechara e
Alfredo Bosi.

- O Acadêmico Cícero Sandroni agradeceu aos Acadêmicos e disse estar muito orgulhoso de ser o terceiro Presidente da Casa que veio dos bancos da Pontifícia Universidade Católica, pois a Acadêmica Nélide Piñon e o Acadêmico Tarcísio Padilha também vieram desta Universidade. Disse sentir-se muito emocionado por ter sido honrado pelos confrades por essa eleição. Ressaltou a palavra responsabilidade, diante da tarefa tão importante de continuar o trabalho que vem sendo realizado pelos presidentes que o antecederam e, em particular, pela presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Pediu a compreensão dos Acadêmicos para as realizações que a nova Diretoria pretende fazer no ano de 2008. Lembrou que, em 1954, neste dia 6 de dezembro, pela primeira vez o Acadêmico Austregésilo de Athayde foi eleito presidente desta Casa. Lembrou a participação do Acadêmico Austregésilo de Athayde na Declaração dos Direitos Humanos, que, no dia 10, completa 59 anos da sua promulgação. Salientou a importância desse legado deixado pelo Acadêmico Austregésilo de Athayde, que é muito mais importante do que o legado material que a Academia recebeu dele e de seus companheiros de geração que colaboraram com ele nessa obra fundamental para a manutenção da Academia Brasileira de Letras, nos níveis em que se encontra hoje. Agradeceu, mais uma vez, em nome dos companheiros de Diretoria e em seu nome, a manifestação de apoio e confiança dos confrades. Distribuiu um artigo que escreveu no ano 2000 sobre a Declaração Universal dos Direitos Humanos e do que ela representou à época e do que continua representando até hoje, desrespeitada em todas as latitudes do planeta, mas permanecendo como uma chama viva, clamando à consciência de todos.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida convidou todos os Acadêmicos para a primeira sessão da Comissão de Alto Nível das Nações Unidas para o diálogo das civilizações, que se realizará no Rio de Janeiro no dia 8, 9 e 10 de dezembro. Ressaltou que não é tranqüila essa universalidade dos Direitos Humanos. Muitos povos os consideram uma ideologia ocidental imperialista. O direito à expressão continua cada vez mais confrontado nesse quadro e como é difícil conseguir uma unanimidade internacional para a condenação da tortura. Salientou que esses problemas serão analisados nas reuniões e espera que os Acadêmicos confirmem suas presenças. Dentro desse quadro e com essa temática, agradeceu aos Acadêmicos que já manifestaram seu comparecimento.
- O Acadêmico Celso Lafer lembrou que foi eleito na gestão do Presidente Marcos Vinícios Vilaça e reiterou seus agradecimentos pela sua acolhida. Salientou sua admiração pelo trabalho renovador, de grande significado, que fez a Academia presente no mundo cultural do País e muito além. Cumprimentou o Acadêmico Cícero Sandroni e assegurou-lhe o empenho em ajudá-lo na tarefa que tem pela frente. Associou-se ao registro que fez nessa antevéspera da cerimônia da Declaração Universal dos Direitos Humanos, no dia 10 de dezembro, um documento que é uma plataforma emancipatória de grande significado e que continua na ordem do dia. Transmitiu ao Plenário as desculpas do Governador José Serra, que estava envolvido numa série de tarefas e não pôde cumprir o compromisso do almoço na ABL. Pediu-lhe que reiterasse seu apreço pelos Acadêmicos e pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça.
- O Acadêmico Eduardo Portella, ao registrar a gestão Marcos Vinícios Vilaça, nem sempre bem compreendida, lembrou que Vilaça retirou a Academia do seu gueto literário e fez da Casa um espaço amplo e de interlocução da cultura nacional. Houve uma época na história, sobretudo na cultura do Ocidente, disse, que os beletristas dispunham de um prestígio excepcional e todas as outras comparações ou avaliações eram feitas em função da localização com relação ao beletismo. Um período importante, que deu sua con-

tribuição, mas o mundo mudou e agora, quando se fala em direitos humanos, se lembra o que disse num congresso em Paris: “de que homem se fala hoje, quando se fala do homem”. O conjunto de assédios, de dúvidas e de promessas científicas em torno do homem nos faz parar um pouco para pensar: que homem é este que vamos continuar a estudar e a discutir, em nome do humanismo. Não será certamente o homem do Humanismo, nem o homem do Iluminismo, esse é o homem com um *habeas corpus* em aberto, pronto para qualquer aventura. O homem de hoje é cercado de ameaças, por todos os lados, de desafios intelectuais e materiais. Acha pouco provável que possamos continuar repetindo as lições que recebemos sobre a figura e o desempenho do homem, ao longo da construção da humanidade. Por outro lado, acha que o Presidente Marcos Vinícios Vilaça fez uma gestão para o homem de hoje e de amanhã, ele soube abrir o compasso da gestão acadêmica e ser sensível a um conjunto de manifestações da cultura brasileira, que, por um defeito, ainda, do humanismo filantrópico e, também, do beletismo das elites, costumava ignorar. Ressaltou que Marcos Vilaça abriu as portas para diferentes manifestações de cultura e o fez com um empenho excepcional, sem, em nada, tocar ou perturbar os fundos da Academia, mobilizando seu prestígio pessoal para conseguir financiamento a grandes iniciativas que, sem ele na presidência, raramente se realizariam. Finalizando, disse que se sente muito feliz de perceber que o Presidente cumpriu, de forma polida e precisa, o seu mandato e o deixa com uma elegância, que não é freqüente nos processos sucessórios brasileiros. Deu as boas vindas ao Acadêmico Cícero Sandroni, sobre o qual exerceu um vaticínio há alguns anos, dizendo-lhe que seria presidente da ABL. Congratulou-se com a elegância da despedida do Presidente Marcos Vinícios Vilaça e com a elegância do Acadêmico Cícero Sandroni ao assumir, lembrando a Carta dos Direitos Humanos.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça agradeceu a generosidade do Acadêmico Eduardo Portella.
- O Acadêmico Carlos Nejar lembrou que, durante toda gestão extraordinária do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, se manifestou ressaltando as coi-

sas magníficas feitas por ele. Uma ampliação da ABL junto à cultura popular, o financiamento que a Casa antes não teve, o apoio geral, porque o Presidente conseguiu que os holofotes viessem sobre a Casa e que esta ficasse como é, a grande entidade cultural deste país. Saudou também o Acadêmico Cícero Sandroni, embora não tenha sido profeta como Eduardo Portella. Prestou uma homenagem a Austregésilo de Athayde, lembrando-o como um dos signatários da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

- O Acadêmico Candido Mendes de Almeida declarou não ser esse ainda o momento para que se faça toda a loa necessária ao seu mandato e ficou feliz ao ouvir do Acadêmico Eduardo Portella a palavra elegância, ao se remeter aos dois homenageados desta tarde, com tanta felicidade. Disse ao Presidente Marcos Vilaça o que significou, na sua gestão, a promoção, no melhor sentido empresarial da palavra, como política da cultura. Salientou que estão diante de um Ministro da Cultura que soube, necessariamente, entender como a grande filosofia de Estado pode chegar efetivamente à Academia. A seguir, informou ter estado em Breves dos Anapurus, que tem quinze mil habitantes, e viu uma Acadêmica de Letras a dizer que a Academia Brasileira de Letras é realmente a glória deste país. Declarou que a chegada a esses rincões mais profundos se deve ao trabalho enorme que sua gestão agigantou mais e que vem de uma seqüência. Enfatizou que o “Brasil, brasis” foi uma atividade rica e densa, nessa polêmica e o Brasil hoje identifica-se com a ABL. Acredita que isso é algo que os seus herdeiros nesta Casa vão ter de encontrar, como um novo estopim, do que seja a consciência cívica brasileira que está passando tanto pela Casa. Prosseguindo, chamou a atenção de que, pela primeira vez, a ABL tem numa chapa dois ex-presidentes e isto mostra o sentido de ação. Falou da importância da rotatividade das presidências, cada um com a capacidade de dar o seu matiz, a sua marca, a sua diferença, e, agora na Presidência de Cícero Sandroni, o que significa se somarem todos no que é realmente esse delta acadêmico. Comunicou, ainda, que, no dia 18, a Academia da Latinidade oferecerá um almoço ao Presidente Marcos Vilaça e a todos que estiverem aqui, com a filmagem necessária, para que possa ficar no Canal 17, do Fórum de Reitores do Rio de Janeiro.

- O Presidente agradeceu, mais uma vez, ao Acadêmico Carlos Nejar e agora ao Acadêmico Candido Mendes pela maneira tão afetuosa como analisou o que esta diretoria se esforçou para fazer. Encerrou a sessão.

SESSÃO DO DIA 13 DE DEZEMBRO DE 2007

Sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, estiveram presentes os Acadêmicos: Cícero Sandroni, Secretário-Geral; Ana Maria Machado, Primeira-Secretária; Domício Proença Filho, Segundo-Secretário; Evanildo Cavalcante Bechara, Tesoureiro; Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas; Sergio Paulo Rouanet, Diretor do Arquivo; Eduardo Portella, Diretor dos Anais da Academia Brasileira de Letras; Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto da Costa e Silva, Alberto Venancio Filho, Antonio Carlos Secchin, Antonio Olineto, Arnaldo Niskier, Candido Mendes de Almeida, Carlos Heitor Cony, Carlos Nejar, Celso Lafer, Pe. Fernando Bastos de Ávila, Hélio Jaguaribe, Ivan Junqueira, José Mindlin, José Murilo de Carvalho, Lêdo Ivo, Moacyr Scliar, Nélida Piñon, Nelson Pereira dos Santos e Tarcísio Padilha.

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça declarou aberta a sessão dedicada à posse da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2008. Convidou para compor a mesa o Cônsul Geral da Itália, Senhor Ernerto Massimino Bellelli; o Secretário-Geral, Acadêmico Cícero Sandroni; a Primeira-Secretária, Acadêmica Ana Maria Machado; o Segundo-Secretário, Acadêmico Domício Proença Filho; e o Tesoureiro, Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. O Presidente passou a palavra ao Acadêmico Domício Proença Filho, Segundo-secretário, para ler o relatório das atividades da Academia no ano que se encerra (O texto lido será incorporado aos Anais da Academia Brasileira de Letras).

- O Presidente Marcos Vinícios Vilaça, ao discursar, agradeceu a colaboração dos seus companheiros de Diretoria, de todos os seus confrades e dos funcionários da Casa (O texto do discurso será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). A seguir, deu posse aos novos integrantes da Diretoria da Academia Brasileira de Letras para o exercício de 2008: Presidente – Acadêmico Cícero Sandroni; Secretário-Geral – Acadêmico Ivan Junqueira; Primeiro-Secretário – Acadêmico Alberto da Costa e Silva; Segundo-Secretário – Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; Tesoureiro – Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara; Diretor da Biblioteca – Acadêmico Murilo Melo Filho; Diretor do Arquivo – Acadêmico Sergio Paulo Rouanet; Diretor da Revista Brasileira – Acadêmico João de Scantimburgo; Diretor dos Anais da Academia Brasileira de Letras – Acadêmico Eduardo Portella.
- O Presidente empossado, Acadêmico Cícero Sandroni, proferiu seu discurso de posse na Presidência da Academia Brasileira de Letras (O texto do discurso será anexado aos *Anais da Academia Brasileira de Letras*). O Presidente agradeceu a presença de todos e encerrou a sessão.

ATIVIDADES DA ABL EM 2007

Relatório lido pelo Acadêmico Domício Proença Filho

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS
1897-2007 – 110 ANOS DE CULTURA

Introdução

O elevado número de realizações que, já há algum tempo, tem caracterizado a ação anual da Academia levou a limitar o tradicional relatório dos fatos que a integram aos espaços do institucional. Os atos e feitos dos acadêmicos para além de tal âmbito e não menos importantes e numerosos têm seu registro assegurado nos Anais, nos arquivos da Casa. A medida, mais uma vez adotada, envolve dois relevantes aspectos: a síntese adequada e a maior fruição da alegria festiva da cerimônia em que é apresentado.

Tradição e Modernidade

O ano de 2007 deu continuidade às diretrizes estabelecidas pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça, em conformidade com a aprovação do plenário: “a

organização da Academia para o contemporâneo”, adotada uma estratégia fundada na associação harmoniosa de tradição e modernidade. Aberta para a configuração multicultural do país e atenta ao dinamismo que marca as mudanças da sociedade e da cultura brasileira. Assegurada a fidelidade à cláusula pétrea do Estatuto: o culto da língua e da literatura. Iluminadas por esses princípios norteadores, concretizaram-se as obras necessárias e a intensa programação a seguir explicitada e marcada pelo apoio desinteressado da parceira da empresa privada, a quem a Casa de Machado de Assis manifesta seu fundo reconhecimento. Em destaque, a inserção da Casa no mundo virtual. Registre-se, a propósito e à sua revelia, o empenho do Presidente Marcos Vilaça, na busca e na obtenção obstinada dos recursos extra-orçamentários que viabilizaram a ação concretizada.

O SEMINÁRIO “BRASIL, BRASIS”

Lançado e desenvolvido em 2006, centrado na reflexão sobre a cultura feita e a cultura que se está fazendo no cotidiano, teve continuidade, com a coordenação geral do Presidente Marcos Vilaça e prestigiado pelo aplauso e pelo entusiasmo de platéias sempre numerosas. Oito temas e 40 participantes: oito acadêmicos, na coordenação e na exposição, e 32 convidados:

1. “Favelização: fenômeno das grandes cidades”. Coordenador e expositor: Acadêmico Helio Jaguaribe. Palestrantes: Jorge Wilhelm, Aspásia Camargo, Paulo Lins.
2. “Literatura e televisão: do folhetim à telenovela”. Coordenadora: Acadêmica Nélida Piñon. Expositor: Acadêmico Ivan Junqueira. Palestrantes: Marlise Meyer, Beatriz Segall, José Wilker.
3. “Vida com hora marcada: A natureza desafiada”. Coordenador: Acadêmico Ivo Pitanguy. Expositor: Candido Mendes. Palestrantes: Dráuzio Varella, Paulo Niemeyer Filho, Raul Cutasit, Renato Kovach.
4. “A legislação autoral. Os direitos de fazer cultura”. Coordenador e expositor: Acadêmico Celso Lafer. Palestrantes: José Graça-Aranha, José Paulo

Cavalcanti Filho, Gustavo Martins de Almeida, Tércio Sampaio Ferraz Junior.

5. “Um Brasil que o Brasil desconhece. Ações que transformam”. Coordenador: Acadêmico Tarcísio Padilha. Expositor: Cícero Sandroni. Palestrantes: Hermano Vianna, Daniel Munduruku, Zuenir Ventura.
6. “A fotografia brasileira: pioneirismo e atualidade”. Coordenador: Acadêmico Carlos Nejar. Expositor: Acadêmico Nelson Pereira dos Santos. Palestrantes: Dom João de Orleans e Bragança, Pedro Vasques, Rosângela Reno, Milton Guran.
7. “O homem na era das novas mídias”. Coordenador: Acadêmico Cícero Sandroni. Expositor: Acadêmico Arnaldo Niskier. Palestrantes: Mônica Dias Pinto, Marcos Troyjo, Sílvio Meira, Regina Casé.
8. Ritmo e poesia: samba no pé, samba no verso”. Coordenador: Acadêmico José Murilo de Carvalho. Expositor: Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Palestrantes: Leonardo Dantas, Lenine, Nei Lopes e Nelson Sargento.

MESAS-REDONDAS

Realizaram-se seis, coordenadas pelo Presidente Marcos Vinícios Vilaça e pelo Secretário-Geral, o Acadêmico Cícero Sandroni, com 27 participantes, entre acadêmicos e convidados: “Centenário de nascimento de Marques Rebelo” – Participantes: Acadêmico Alberto Venacio Filho, Sr. Antonio Fernando de Bulhões Carvalho, Sr. José Maria Dias da Cruz, Sr. Salim Miguel e Sr. Mário Luiz Frungillo; “90 anos de Antonio Callado” – Participantes: Acadêmicos Antonio Olinto, Eduardo Portella, Cícero Sandroni, Sr.^a Vera Lúcia Follian de Figueiredo e Sr.^a Ana Arruda Callado; “80 anos de Ariano Suassuna” – Participantes: Acadêmico Moacyr Scliar, Sr. José Almino de Alencar, Sr. Carlos Newton Jr; “R. Magalhães Jr. – 100 anos de nascimento” – Participantes: Acadêmicos Lêdo Ivo, Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Murilo Melo Filho e Sr.^a Rosa Magalhães; “José Lins do Rego” – Participantes: Affonso Arinos de Mello Franco, Alberto Venancio Filho, Alfredo Bosi, Lêdo Ivo e Maria Cristina do Rego Veras; “150 anos de nascimento de Alberto de Oliveira” – Participantes: Antonio Olinto, Antonio Carlos Secchin, Ivan Junqueira e Ivo Barbieri.

CICLOS DE CONFERÊNCIAS

Centralizaram-se nos 110 anos de presença cultural da Academia na Cultura brasileira. O título geral, 1897-2007 – 110 anos de Cultura, abrigou ciclos temáticos, cada um integrado por intervenções a cargo de acadêmicos e especialistas convidados, num total de 41 sessões:

1. “Os primeiros presidentes da ABL” – Coordenador: Acadêmico Tarcísio Padilha. Conferencistas: Acadêmica Nélide Piñon, Acadêmicos Lêdo Ivo, Evanildo Bechara, Alberto Venancio Filho, Sr. Geraldo Hollanda Cavalcanti
2. “110 anos de Literatura Brasileira I – Coordenador: Acadêmico Domício Proença Filho. Conferencistas: Acadêmico Ivan Junqueira, Sr.^a Marisa Lajolo, Sr. Marco Lucchesi, Sr.^a Letícia Malard.
3. “110 anos de Literatura Brasileira II” – Coordenador: Acadêmico Domício Proença Filho. Conferencistas: Sr. José Castello, Sr.^a Laura Sandroni, Sr. João Roberto Faria e Sr.^a Bárbara Heliadora.
4. “Espaços da mídia” – Coordenador: Murilo Melo Filho. Conferencistas: Acadêmico Cícero Sandroni, Sr. Muniz Sodré, Sr. Ricardo Cravo Albin e Sr.^a Isabel Lustosa.
5. “1897, o ano da ABL” – Coordenador: Acadêmico Alberto da Costa e Silva. Conferencistas: Acadêmicos Evanildo Bechara, Cândido Mendes, Arnaldo Niskier e Sergio Paulo Rouanet.
6. “Retratos do Brasil” – Coordenadora: Acadêmica Ana Maria Machado. Conferencistas: Sr. Roberto da Matta, Sr. Renato Janine Ribeiro, Sr. Ruben Oliven e Acadêmico Alberto da Costa e Silva.
7. “Cultura e sociedade brasileira” – Coordenadora: Acadêmica Ana Maria Machado. Conferencistas: Acadêmicos Eduardo Portella, Alfredo Bosi, José Murilo de Carvalho e Sr. Gilberto Velho.
8. “Espaço das Artes” – Coordenador: Acadêmico Ivan Junqueira. Conferencistas: Sr. José Carlos Avelar, Sr. Luís Paulo Horta e Sr. Sérgio Cabral.

9. “Romancistas na Academia” – Coordenador: Acadêmico Evanildo Bechara. Conferencistas: Acadêmicos Eduardo Portella, Lêdo Ivo, Domício Proença Filho e Sr. Flávio Loureiro Chaves.
10. “Ciência e diplomacia na Academia” – Coordenador: Acadêmico Alberto Venancio Filho. Conferencistas: Acadêmicos Tarcísio Padilha; Affonso Arinos de Mello Franco, Ivo Pitanguy e Celso Lafer.

Encontro com romancista

O Acadêmico João Ubaldo Ribeiro inaugurou, em novembro, com numerosa platéia participante, este novo formato de atividade na Academia. Consiste num encontro informal dos acadêmicos romancistas com o público interessado.

Bibliotecas

A Biblioteca Lúcio de Mendonça cuidou da atualização e da conservação do acervo. Prestou atendimento aos acadêmicos, aos leitores presenciais e a vários pesquisadores que a ela acorreram. Assessorou os organizadores das exposições, conferências, publicação de livros, relacionadas com a Academia e seus integrantes. Consolidou prioridades estratégicas, em especial aquelas vinculadas à revisão de dados da Coleção Acadêmica. Constituiu-se ainda num dos principais colaboradores da Revista de História da Biblioteca Nacional. Concluiu a revisão definitiva da Coleção Machado de Assis. Produziu manuais de procedimentos para descrição, em consonância com as diretrizes da Biblioteca Rodolfo Garcia. Colaborou na elaboração do índice dos cinquenta números da fase 7 da Revista Brasileira. Assim como na atualização do livro de autoria de Fernão Neves sobre a história da ABL, coordenada pelos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Alberto Venancio Filho.

O ano de 2007 assistiu também à implantação do processo virtual possibilitador do acesso dos usuários aos conteúdos das bases de dados das duas bibliotecas da Academia, a partir da utilização de uma única busca.

O acervo da biblioteca foi enriquecido por obras doadas por diversos acadêmicos, destacadas, por força do volume, as 287 oferecidas pela Acadêmica Ana Maria Machado e as 68 trazidas pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho.

Foram cadastrados 326 novos usuários e registrados 162 atendimentos via correio eletrônico e 13.299 consultas via terminal da web.

A Biblioteca Rodolfo Garcia deu prosseguimento à ampliação e tratamento do acervo e de atendimento aos acadêmicos e ao público.

Sob orientação da Comissão Consultiva das Bibliotecas, integrada pelo seu diretor, Acadêmico Murilo Melo Filho e pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva, Tarcísio Padilha e Evanildo Bechara, selecionou 1.850 obras e incorporou ao acervo um total de 1.480: 172 adquiridas por compra, 370 doadas por outras bibliotecas e as demais ofertadas pelos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Alberto da Costa e Silva, Evanildo Bechara, Murilo Melo Filho, Alberto Venancio Filho, Antonio Olinto, Arnaldo Niskier e Nélida Piñon.

Com um número de 1.599 leitores fizeram consultas diretas ao acervo; 15.759 usuários valeram-se do terminal web. Foram cadastrados 466 leitores.

O inaugurado empréstimo domiciliar totalizou 231 obras.

A catalogação do acervo envolveu 4.764 títulos e 8.076 exemplares. Completou-se a indexação da totalidade das obras.

Foram finalizados o processamento técnico e a identificação do acervo da Lexicologia e da Lexicografia da Casa e a identificação das obras raras dos séculos XIX e XX.

A Biblioteca teve a seu cargo o Prêmio Afrânio Coutinho, patrocinado pela Petrobras, que mobilizou 11 candidatos. Participou ainda da organização de duas exposições: “Manuel Bandeira” e “Palavras sem fronteiras”, esta em homenagem ao Acadêmico Sérgio Correia da Costa.

Na Sala de Consulta Informatizada, usufruíram do acesso gratuito postos à disposição do público 991 usuários inscritos.

Números e atividades traduzem a relevância da ação desenvolvida.

Setor de Lexicografia e Lexicologia

O Setor, à frente a ação operacional e dinâmica do Acadêmico Evanildo Bechara, observada a orientação da Comissão de Lexicologia de que é um dos integrantes, ao lado de Eduardo Portella e Alfredo Bosi, auspiciosamente, concluiu a elaboração do Dicionário Escolar da Língua Portuguesa, cujos originais, em CD Rom, foram entregues, em cumprimento a dispositivo contratual, ao presidente da Companhia Editora Nacional, no dia 7 do mês em curso. Finalizou a revisão, com acréscimos e correções, da 5.^a edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa e da 2.^a edição do Pequeno Vocabulário Ortográfico. Dedicou-se também à elaboração do Léxico de Machado de Assis, com conclusão prevista para 2008. Deu continuidade ao atendimento do serviço ABL Responde, implantado em maio de 2007 e que atendeu cerca de 15 mil consultas.

Doação de livros

Na seqüência da campanha de incentivo à leitura desenvolvida pela Academia, foram doados a escolas, bibliotecas públicas, bibliotecas comunitárias do país, totalmente sem ônus, um total de cerca de 70 mil livros. Em destaque, os exemplares destinados à Ilha de Fernando de Noronha, origem da primeira biblioteca ali instalada, às bibliotecas das comunidades do Cantagalo e às bibliotecas escolares da Ilha de Paquetá, no Rio de Janeiro; Brasilândia, em São Paulo; Serra, em Belo Horizonte; à biblioteca comunitária de Teresina, ao Metrô de São Paulo e ao Metrô do Rio de Janeiro.

Publicações

A Academia, na seqüência de sua produção editorial, cumpriu plenamente o seu programa de publicações para 2007, num total de 26 títulos, a saber:

Coleção Afrânio Peixoto: *As Amargas, Não* (lembranças) de Álvaro Moreyra; *Cassimiro de Abreu – Correspondência Completa*, ambos prefaciados pelo Acadêmico Antonio Carlos Secchin; *Discursos Acadêmicos de Josué Montello*, introdução do Acadêmico Alberto Venancio Filho;

Coleção Austregésilo de Athayde: *Tribuna Acadêmica* – Oscar Dias Correia – Introdução do Acadêmico Alberto Venancio Filho;

Coleção Antônio de Morais Silva: *Linguagem e Estilo de Machado de Assis, Eça de Queirós e Simões Lopes Neto* – Aurélio Buarque de Holanda Ferreira – Introdução do Acadêmico Evanildo Bechara;

Edições regulares: volumes 189 a 192 dos *Anais*; Biobibliografia dos Patronos: v.9: *Gregório de Matos e Hipólito José da Costa*; v. 10: *João Francisco Lisboa e Joaquim Caetano da Silva*, ambos organizados por Israel de Souza Lima; números 50 a 53 da *Revista Brasileira*; *Discursos Acadêmicos* – Tomo III – 1936-1950, introdução do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça;

Edição especial: Livro dos *110 anos da Academia Brasileira de Letras*. Org. e coord. pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva;

Outras publicações: Separata – Índice acumulado da fase VII da *Revista Brasileira*; Plaquete – Discurso do Presidente Marcos Vinícios Vilaça na Universidade de Varsóvia; Discursos dos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, José Sarney e do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva nas comemorações pelos 110 anos da ABL; Plaquete: Discurso do Presidente Marcos Vinícios Vilaça na Academia das Ciências de Lisboa e na ABL;

Co-edições: Academia Chilena de La Lengua: *Vicente Huidobro & Manuel Bandeira* – Acadêmico Carlos Nejar e Juan Antonio Massone; IOESP: *Machado de Assis: Curso Literário em Sete Conferências na Sociedade de Cultura Artística de São Paulo* – Alfredo Pujol. Apres. Acadêmico Alberto Venancio Filho.

Global Editora: *Melhores Poemas de Alberto de Oliveira* – org. Sânzio de Azevedo. Quase: *O Tempo Além do Tempo* – Antologia – Acadêmico Ivan Junqueira. Argus: *Guia Antiturstico do Rio de Janeiro* – Marques Rebelo. Sette Letras: *Veredas no Sertão Rosiano* – org. Acadêmico Antonio Carlos Secchin e outros. José Olympio: *Augusto Meyer: Ensaios Escolhidos* – org. Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

Centro de Tecnologia e Informação (CTInfo)

O Centro de Tecnologia e Informação (CTInfo), criado em 2007, é responsável pelo apoio técnico para o desenvolvimento de modificações e implementações no portal ABL. Assim situado, sob o comando da Diretoria, desenvolveu e concretizou o sítio comemorativo dos 110 anos da ABL (*hot site*); levou a termo modificações no Portal da ABL, a fim de adequá-lo a novas requisições e necessidades; iniciou o treinamento de servidores, para permitir melhor velocidade de acesso e ampliação das áreas de armazenamento de dados; concretizou a adequação do *link* Internet; atualizou o sistema de telefonia da ABL, com a criação de nova central telefônica, instalada em 7 de agosto, e a conseqüente ampliação da capacidade; otimizou o sistema de segurança e confiabilidade dos serviços de *Web mail*; inaugurou a transmissão de eventos *on line* e hospedagem de todo o Portal da Academia. Tais medidas implicam velocidade de acesso e maior agilização do sistema. Foram ainda tecnicamente atualizados os sítios de Machado de Assis e Euclides da Cunha. Tiveram lugar também a análise e a especificação técnica dos sistemas administrativos implantados na ABL.

A Academia na Internet

O Portal da ABL contou, ao longo do ano com 1.215.698 acessos. Além de 12.432 telespectadores nas transmissões *on line* dos diversos eventos realizados. Foram inseridas na página eletrônica da Casa 418 notícias obtidas em jornais e junto à Assessoria de Imprensa, além de 643 artigos escritos por Acadêmicos. Em destaque, o sítio especial comemorativo dos 110 anos, marcado por alta tecnologia; e a adequação dos sítios de Machado de Assis e Euclides da Cunha.

Divulgação

Agilizaram-se ainda mais, por determinação da Presidência, as atividades da Assessoria de Imprensa da Academia. Ampliaram-se as formas de relacionamento com os diversos públicos dos meios de comunicação, em especial, a internet. Na mídia impressa, números expressivos: sessenta e oito mil seiscentas e quarenta colunas, o que corresponde, num jornal *standard* de seis colunas, a 220 páginas. A

Casa participou de programas de televisão, na pessoa do Presidente e de vários acadêmicos; a Rede Globo produziu e veiculou vinheta alusiva às comemorações dos 110 anos. A ABL esteve presente em 54 horas e 25 minutos na tela televisiva. O noticiário regular, a programação cultural e as atividades dos Acadêmicos foram objeto de veiculação no Portal da ABL. Várias atividades acadêmicas marcantes foram registradas em DVDs, distribuídos aos Acadêmicos.

Centro de memória

O Centro de Memória intensificou o tratamento dos acervos arquivísticos e museológicos. Dedicou-se à concretização das exposições, ao registro audiovisual de todas as atividades da Academia, ao atendimento aos Acadêmicos e pesquisadores, ao fornecimento de informações destinadas ao Portal da ABL, incluído, nesse último espaço, o desenvolvimento dos sítios citados.

O Arquivo Múcio Leão iniciou, por determinação da Presidência, o processo de modernização do sistema de arquivos, adotando padrões internacionais da moderna arquivística. Foi instalado um grupo modular de arquivos deslizantes, totalmente automatizados, o que aumentou consideravelmente a capacidade de guarda do acervo institucional e dos arquivos provenientes dos acadêmicos. Passaram por reforma, para maior comodidade dos usuários, as cabines de consulta aos documentos audiovisuais e eletrônicos. Foram adquiridos novos equipamentos para o Núcleo de Conservação e material especializado para acondicionamento de fotografias. Propiciou-se o aperfeiçoamento de servidores, por meio de apoio na participação de cursos de pós-graduação e de aperfeiçoamento no exterior.

Numa homenagem ao Patrono, foi feita a aposição do retrato do Acadêmico Múcio Leão nas dependências do Arquivo.

O Departamento de Museologia responsabilizou-se pela realização da exposição comemorativa dos 110 anos da ABL e pelo apoio às demais exposições realizadas durante o ano.

O Setor de Recursos Audiovisuais registrou todos os eventos acadêmicos em áudio e vídeo, além de digitalizar todas as sessões da Academia e eventos por ela realizados, na sede e fora dela.

O Núcleo de Pesquisa do Espaço Machado de Assis, tendo em vista o centenário da morte do criador de *D. Casmurro*, a ocorrer em 2008, realizou ampla pesquisa, objetivando a atualização do conteúdo do sítio www.machadodeassis.org.br, com inserção de novas referências e informações. Na meta, cerca de 10 mil informações sobre a vida e a obra do escritor. Concretizou ainda: a atualização constante das biografias e bibliografias dos Acadêmicos, subsídios para a publicação coordenada pelos Acadêmicos Alberto Venancio Filho e José Murilo de Carvalho; pesquisas solicitadas pelos Acadêmicos; atendimento a estudantes e pesquisadores via internet; atualização do sítio Euclides da Cunha. Na orientação permanente de todo o trabalho, os Acadêmicos Alberto Venancio Filho, José Murilo de Carvalho, Murilo Melo Filho e Domicio Proença Filho.

A exposição “No sobrado de Carolina” foi vista por 1.163 visitantes.

Na Sala de Projeções, foram exibidos, como complemento à exposição, os filmes “Rio de Machado de Assis”, “O alienista”, “Alma curiosa de perfeição”, “Um apólogo” e “Trio em lá menor”.

Visitas guiadas

No seu décimo ano de atividade regular, as visitas guiadas às dependências da Academia, que envolvem a história da Casa contada e cantada por um grupo de atores, mobilizaram 4.120 interessados, alguns advindos de cidades longínquas, que acompanharam 115 representações. Em destaque, estudantes.

Lançamentos de livros

As dependências da ABL abriram-se para os seguintes lançamentos: *Mirante*, de Affonso Arinos de Mello Franco; *Riso e Melancolia*, de Sérgio Paulo Rouanet; *D. Pedro II. Ser ou Não Ser*, de José Murilo de Carvalho; *Vicente Huidobro & Manuel Bandeira*, de Carlos Nejar e de Juan Antonio Massone; *Revista Ficção – Histórias para o Prazer da Leitura*, de Cícero Sandroni, e *Canções*, de Carlos Nejar; *Breve Ensaio Sobre o Homem e Outros Estudos*, de Helio Jaguaribe; *Invenção do Desenho*, de Alberto da Costa e Silva.

Prêmios literários

Foram outorgados, em 2007, por indicação das Comissões Julgadoras da Academia, aprovadas pelo plenário, os seguintes prêmios: Prêmio Machado de Assis, por conjunto de obra, a Roberto Cavalcanti de Albuquerque; Ensaio, Crítica e História Literária, a Francisco Weffort, por seu livro *Formação do Pensamento Político Brasileiro – Idéias e Personagens*; Poesia, a Adriano Espínola, por *Praia Provisória* e a Alberto da Cunha Melo, por *O Cão dos Olhos Amarelos*; Literatura Infanto-Juvenil, a Adélia Prado, pelo livro *Quando Eu Era Pequena*; Tradução, a Bárbara Heliodora, pela tradução da obra de Shakespeare; História e Ciências Sociais, a Laura de Mello e Souza; Cinema, aos roteiristas dos filmes “Um crime delicado”, Marçal Aquino, Beto Bran, Marcos Ricca, Maurício Pavoni de Castro, Luiz Francisco Carvalho Filho, Sérgio Andrade Sant’Anna e Silva, e “Achados e perdidos”, de Paulo Halm; Ficção, a Rubem Fonseca, por *Ela e as outras*.

Medalha João Ribeiro

Foi concedida a Antonio de Oliveira Santos, por proposta do Acadêmico Arnaldo Niskier; à Fundação Roberto Marinho e à Fundação Bradesco, por indicação do Acadêmico Murilo Mello Filho.

Medalha Comemorativa dos 110 Anos da ABL

Foram outorgadas, por indicação dos Acadêmicos, a personalidades representativas da Cultura brasileira.

A Reforma do Teatro e da Sala José de Alencar

Inaugurado em 28 de maio de 1998, na gestão do Acadêmico Arnaldo Niskier, o Teatro R. Magalhães Jr. , por força do desgaste decorrente de 27 anos de uso ininterrupto, foi objeto de ampla reforma. Da condição de auditório passou a moderna sala de espetáculos e de exibição de filmes, que envolveu o redesenho da platéia, do palco e dos bastidores, o mobiliário, o sistema acústico, o sistema elétrico, a aparelhagem técnica, agora de última geração, as áreas de acesso. Converteu-se, desse modo, em mais um espaço cultural aberto à comunidade.

O mesmo tratamento renovador mereceu a Sala José de Alencar.

No financiamento das obras, recursos extra-orçamentários advindos da colaboração externa.

O teatro na ABL

Leituras dramatizadas

O Teatro R. Magalhães Jr. foi palco das tradicionais leituras dramatizadas, neste ano centradas no teatro de José de Alencar. Público-alvo: jovens das escolas públicas e particulares da cidade do Rio de Janeiro; alunos dos cursos de teatro, universitários de outras áreas e público em geral, este composto de adultos acima de 30 anos. O perfil dos participantes revelou amplo espectro social: adolescentes pobres e muito pobres, classe média e classe média alta.

Teatro Educação

O Projeto, que envolve apresentação e oficina pedagógico-artística, mobilizou 64 escolas num total de 1280 alunos da rede pública, de 10 a 17 anos, com a participação de 260 professores e coordenadores. Evidenciou-se a excelência da parceria entre a Academia e as escolas da rede pública do Rio de Janeiro.

Cenas clássicas

Lançado em 2007, o pioneiro Projeto Cenas Clássicas inaugurou o Núcleo de leitura da ABL, iniciativa do Acadêmico Eduardo Portella, Presidente da Comissão Consultiva das Bibliotecas. Operacionalizado e dirigido pela Professora Heloísa Padilha, com consultoria da Acadêmica Ana Maria Machado e do Acadêmico Domício Proença Filho. No objetivo, central, contribuir para a disseminação da prática da leitura em escala nacional. Veiculado pela internet, possibilitará, por meio da leitura de obras literárias brasileiras e universais, oportunidade ímpar de inclusão social de milhares de cidadãos brasileiros.

Música na Academia

Teve seqüência a programação de música camerística que, há algum tempo, integra o calendário cultural da ABL. No total, sete concertos, centrados em obras clássicas, a cargo de renomados virtuosos e sob a direção artística de André Oliveira e Guilherme Bernstein Seixas.

Em 28 de junho, registrou, nas dependências do Salão Nobre, especialmente adaptado, por forças das obras de reestruturação do Teatro R. Magalhães Jr., a apresentação do multiinstrumentista Antonio Nóbrega.

O espetáculo “Gil Luminoso”, de Gilberto Gil, por ele oferecido à Academia, marcou a inauguração das novas instalações do Teatro R. Magalhães Jr.

Teve lugar também, no mesmo espaço, um recital da Associação de Canto Coral.

Realizou-se ainda no teatro, entre as comemorações do final do ano, uma apresentação de Martinho da Vila, por ele oferecida, e intermediada pela Sra. Maria do Carmo Vilaça, aos funcionários da Casa.

O Comando do Batalhão Naval, corporação que tem a Acadêmica Rachel de Queiroz como madrinha, homenageou a Academia, o presidente Marcos Vilaça e o Presidente eleito Cícero Sandroni com um concerto da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais.

A Sala José de Alencar foi reaberta com o recital “Canções brasileiras”, da soprano Julieta Sucupira. Ao piano, Kátia Balussê.

Exposições

O ano acadêmico foi marcado por nove exposições: “Mapa iconográfico digital”; “Bandeira o tempo inteiro”, que incluiu a inauguração, na praça fronteiriça à Sala de Exposições, da estátua sedestre em homenagem ao poeta e acadêmico manuel Bandeira; “Ariano Suassuna, uma fotobiografia” – em dois espaços: na Sala de Exposições e Shopping Paço da Alfândega, no Recife; “Exposição comemorativa dos 110 anos de fundação da ABL”; “José Lins do Rego – Engenho

e Memória”; “Palavras sem fronteiras – mídias convergentes”, em homenagem ao Acadêmico Sérgio Correia da Costa, a qual incluiu videoconferência com a participação da ABL e da UNESCO, presidida pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; “Brennand – 80 os desenhos”; “Exposição fotográfica visual”, que apresentou trabalhos dos artistas da fotografia Milton Guran, Rosângela Reno, João de Orleans e Bragança; “Exposição Oi futuro”, obras de inquieta rotina”, com parceira Oi/ABL e que apresentou obras de vários artistas.

Foram criados, em paralelo, objetos vinculados à comemoração dos 110 anos: medalha, medalhão cubo com *ex-libris* e distintivos.

Encontro da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa

Realizou-se nos dias 29 e 30 de outubro, em torno do tema “O papel de D. João na união de Portugal e do Brasil”, escolhido em comum acordo pelas duas Academias. A Academia das Ciências de Lisboa esteve representada pelos acadêmicos António Braz Teixeira, Miguel Telles Antunes, Luís Oliveira Ramos e José Luís Cardoso. A ABL, pelos acadêmicos Cândido Mendes de Almeida, Hélio Jaguaribe, José Murilo de Carvalho, Domício Proença Filho e Cícero Sandroni.

Convênios assinados

A Academia assinou convênio de colaboração científica e cultural com a Accademia della Crusca, centrado nas línguas portuguesa e italiana e nas literaturas do Brasil e da Itália, um acontecimento histórico; pela primeira vez, aquela instituição, uma das mais antigas do mundo, fundada em 1580, abre-se ao intercâmbio com a Latino-América. Foi também firmado um protocolo com o Governo Federal, relacionado com o Ano Machado de Assis.

Almoços na Academia

Teve continuidade a prática, iniciada na gestão do Presidente Marcos Vilaça, dos almoços na Academia, também conhecidos como “Merenda Acadêmica”, ob-

jetivadores do maior e mais próximo convívio com personalidades de referência cultural em todos os níveis. Nessa direção, foram recebidos na Casa representantes dos mais variados segmentos da vida cultural brasileira, que louvaram a abertura da Academia para o estreitamento da aproximação com a sociedade.

Presença da Academia no exterior

Na Universidade de Salamanca, o Presidente Marcos Vilaça assinou acordo de cooperação. Com o Acadêmico Eduardo Portella, esteve na Universidade Complutense de Madrid, onde ambos pronunciaram conferências. Com o Acadêmico Sergio Paulo Rouanet, participou, em Londres, da Semana Machado de Assis. Na Universidade de Oxford, a Cátedra Machado de Assis esteve a cargo do Acadêmico José Murilo de Carvalho. Na Feira Internacional do Livro, em Santiago do Chile, a Casa foi representada pelo Presidente e pelos Acadêmicos Ivan Junqueira e Carlos Nejar. O Acadêmico Domício Proença Filho manteve contatos na Sorbonne, na direção de intercâmbio com a ABL. A Academia também esteve presente na Feira Internacional do Livro de Miami, nas pessoas da Acadêmica Ana Maria Machado e do Acadêmico José Murilo de Carvalho.

Homenagens

A Academia foi agraciada com o Colar do Mérito do Tribunal de Contas da União, em cerimônia realizada em Brasília, onde foi representada pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

Foram inaugurados, com a presença de familiares, admiradores e amigos, em cerimônia especial, realizada no Salão Nobre, retratos dos Acadêmicos Carlos Chagas, Sérgio Correia da Costa, Afrânio Coutinho, Oscar Dias Correia, Mauro Motta, Vianna Moog, Adonias Filho, Francisco de Assis Barbosa, Luís Vianna Filho.

A ABL, representada pelo Presidente Marcos Vilaça, pelos Acadêmicos Arnaldo Niskier, Domício Proença Filho, Murilo Melo Filho e Sergio Paulo Rouanet, foi homenageada, no Recife, pela Academia Pernambucana de Letras;

representada pelo Presidente e pelo Acadêmico Domício Proença Filho, em Belo Horizonte, pela Academia Mineira de Letras e, representada pelo Acadêmico Cícero Sandroni, em encontro com intelectuais, na Academia Pernambucana de Letras.

A Casa recebeu ainda homenagem da Escola de Samba Estação Primeira da Mangueira, cujo enredo foi dedicado à língua portuguesa e que a ela dedicou um carro alegórico no desfile oficial, presentes os acadêmicos que aceitaram o convite da Diretoria da agremiação.

Outras atividades

A Sessão Solene comemorativa da passagem dos 110 anos da Academia contou com o prestígio do Presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva e, ainda, entre outras autoridades, do Ministro Interino da Cultura, Juca de Oliveira, do Ministro Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República, Luís Dulci, e do Governador do Estado do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral Filho.

A Academia e vários acadêmicos participaram do filme Português, “A língua do Brasil”, com depoimentos de Acadêmicos, direção e roteiro do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, argumento original e consultoria de conteúdo do Acadêmico Domício Proença Filho, coordenação-geral de realização de Maria Eugênia Stein, produção da Movi & Arte, apresentado em pré-lançamento, durante a reunião conjunta das academias portuguesa e brasileira.

A Casa sediou, em novembro, o Seminário internacional “Confrontando as escravidões – Para um diálogo visando ao entendimento cultural”, financiado pela Fundación Tres Culturas do Mediterrâneo, em parceria com a ABL, o Harriet Tubmann Institute, o Labhol da UFF e a Revista de História da Biblioteca Nacional. Na coordenação, o Acadêmico Alberto da Costa e Silva.

A ABL esteve representada na pessoa e na ação do mesmo Acadêmico Alberto da Costa e Silva, na Comissão dos Festejos do transcurso do 2.º centenário da vinda da Família Real para o Brasil, criada pelo Prefeito César Maia.

A Comissão encarregada das atividades vinculadas ao centenário da morte de Machado de Assis, a transcorrer em 2008, integrada pelos Acadêmicos Eduardo Portella, Alberto da Costa e Silva, Alfredo Bosi, Antonio Carlos Secchin, Domício Proença Filho e Sergio Paulo Rouanet encaminhou à Presidência as propostas destinadas a marcar o transcurso da efeméride.

A Academia participou e segue participando dos trabalhos das Comissões criadas no âmbito federal e na esfera municipal relativas ao mesmo acontecimento. Representada, no primeiro espaço, pelo Acadêmico Marco Maciel e no segundo, pelos Acadêmicos Sergio Paulo Rouanet e Antonio Olinto.

Agradecimentos

O dinamismo e a eficiência que marcam as atividades realizadas pela Academia muito devem à dedicação e ao empenho da sua equipe de funcionários. A todos, os agradecimentos da Diretoria.

Conclusão

A Academia deu continuidade, em 2007, à ação pautada, a partir da orientação do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, no compromisso da Casa de Machado de Assis com a abertura para a modernidade e a maior aproximação com a sociedade brasileira. Sem prejuízo da tradição asseguradora da imagem cultural que a caracteriza ao longo dos 110 anos de sua existência. Tal posicionamento contribuiu sobremaneira para a maior visibilidade da instituição e para a manutenção e atualização do seu lugar de prestígio na Cultura brasileira.

Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 2007.

Cícero Sandroni
Secretário-Geral

DISCURSO DE DESPEDIDA DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA

Proferido na sessão do dia 13 de dezembro de 2007

Esta minha fala é para agradecer, desculpar-me e despedir-me. Se o trabalho trouxe algum cansaço, se rugas apareceram, não importa. É tudo registro das emoções. Se buscamos alguma inovação, foi por competir a quem administra obter melhores meios para melhores fins, sob a cadência da respiração a fim de não perder tempo. Se foi dada continuidade a tantas linhas de ações, foi pelo conhecimento de que a continuidade é a solidariedade no tempo. A Academia se responsabiliza pelo que faz e presta atenção ao que acontece.

A invenção só é possível se trabalharmos pelo ainda não realizado. As palavras só valem se atrás delas vierem idéias, atos e fatos.

A Academia Brasileira de Letras nunca foi para fazer a cultura do Príncipe ou dos príncipes, mas para trabalhar pelo culto da Liberdade. A Liberdade é apanágio das humanidades e patrimônio do povo.

A Academia trabalhará sempre pelo conhecimento, que não é um processo de transferência, mas de aguçada construção.

Assim, deve estar comprometida em ser instrumento a serviço da língua e da cultura.

Na presidência da Casa lutei por ser, por saber e por aprender. Escutei o zumbido da ABL a trabalhar. Aí residiu o meu conforto.

A Academia é anciã austera, mas vivaz. A idade a que atingiu não serve para retardar-lhe o passo. A Academia é também magnética. Nela não cabem nem decadência do espírito nem das coisas. Não temos que ancorar nas horas. Temos é que libertar os gestos. Para tanto, há que empregar forças e meios. Forças e meios que existem para que, convocados, juntem-se a serviço da Casa e dos Acadêmicos, esconjurando a mesmice. Se não for assim, ficaremos à janela vendo o tempo passar. Se não for assim, desrespeitaremos a regra transmitida por Machado de Assis, aquela de atentar sempre para o que é útil, que a utilidade é valor e título para a Academia.

Forças e meios tem de ser úteis. Não existem para justificar inação ou para serem contemplados em acumulações paralisantes. Por exemplo: o centenário da morte de Machado, tema básico de 2008, cujas comemorações já iniciamos este ano em Londres, nunca será uma festa de girândolas sobre ruínas, mas um convívio com a claridade da inteligência. Não é apenas a dominação de idéia comemorativa, senão o compromisso com a memória verificada.

Fiz o que pude, não tudo o que desejei ou deveria, ora por não poder mais, ora por não saber mais que o estritamente necessário. Desculpem-me por isto. Peço escusas aos confrades e aos servidores. O que fiz foi com muita paixão, com total alegria, feliz da vida, honrado por sentar-me nesta cadeira que Machado, uma legião de grandes homens e uma notável mulher ocuparam com o brilho de que me servi. Se ficou alguma anotação de descompromisso em relação a mim, não é problema meu. Deletei. Nada tem calibre suficiente para me atingir nessa honra e nessa alegria de ter sido Presidente. Para mim, foi uma beleza. Foi tudo uma alegria para o coração. Essa alegria é a vida do homem.

Trabalhei nos meus parâmetros de reagir à concentração. Igualmente, tenho horror ao que seja o cultivo do dividir. Minha raça é a da convergência, da frater-

nidade. Odeio grosseria, enoja-me a deslealdade. Como nada disso trafegou nos meus caminhos, só falo em alegria.

Não teria a petulância de atribuir-me os belos versos de Torga em registros para Afonso de Albuquerque, a dizer: do que fiz ou não fiz, não cuido agora, as Índias todas falarão por mim. Não há nem a Índia nem indianos ao meu redor.

Cuido é das minhas dívidas. Cuido agora e cuidarei sempre. Dívidas com os companheiros, solidários, estimuladores, com ótica sempre generosa para mim. As diretorias de 2006 e 2007 nunca largaram as minhas mãos. Deram-me o contributo de trabalho e conselhos. Foram impecáveis.

Cuido das dívidas com os servidores, que nunca me faltaram e a Maria Carmen, a você que é a “primeira-ministra” da Casa, peço dizer a cada um dos seus colegas que, comovido, me sinto devedor a todos pela dedicação e lealdade com que serviram à Academia. Tanto os dos serviços tradicionais, quanto os que foram incorporados em ações inovadoras, em tarefas contemporâneas da modernidade, de que o uso da internet é símbolo.

Dívida imensa com o Brasil que apoiou a Academia em intensidade jamais alcançada. Foi o Brasil que permitiu à Academia, como disse Eduardo Portella, rejeitar para sempre o modelo do confidencial e se abraçar com a sociedade.

Dívida com a família toda: a mãe Evalda, os filhos Rodrigo Otaviano e Tacianna Cecília, os netos José, Ilanna, Vinicius, Otaviano e Enrico. Com os meus mortos Marcantonio, Vytória e o velho Vilaça. Para eles todos sempre me volto em promessas futurantes ou em recordações.

Dívida maior com Carmo, a minha N. S. da Paciência, que não é minha cara-metade, mas meu caro-inteiro. Sem ela, sem ela repito, nada para mim é possível. Nada. Nada, mesmo. Para ela, tudo, tudo o que expresse gratidão.

A Academia ficará em mãos comprometidas com o trabalho, a objetividade e a tolerância. As mãos de Cícero Sandroni, meu companheiro leal em todas as horas, nas boas e nas difíceis. Nós, seus confrades, temos certeza de que ele e sua Diretoria contarão vitórias.

Saúdo-os a todos, os novos diretores, e deposito em mãos de Laura Sandroni o carinho que lhe oferta Maria do Carmo, a simbolizar o que ela, a minha Carmo, sente por todas as “meninas”, as esposas dos Acadêmicos – e pelas companheiras dos companheiros que já seguiram sua viagem. A todas elas, também, meu abraço de muito obrigado.

São Bento que cuide de dizer a Deus, como agradecimento meu, que o *ora et labora* foi respeitado por mim.

Agora, vejamos se há algum tipo de sol no ocaso. Espero que sim.

Com versos de Carlos Pena Filho – poeta poetíssimo, meu conterrâneo – explico o que sinto e me despeço:

*Às vezes, penso: não tem dor nem mágoa
quem se ofertou a tão alegre ofício.*

DISCURSO DO PRESIDENTE CÍCERO SANDRONI

Proferido na sessão do dia 13 de dezembro de 2007

Senhor presidente da Academia Brasileira de Letras,
Ministro Marcos Vinícios Vilaça.
Ilustres membros da mesa
Senhoras acadêmicas, senhores acadêmicos,
Minhas senhoras, meus senhores

Ao preparar um texto sobre o polêmico discurso pronunciado por Sílvio Romero, em 1906, na recepção de Euclides da Cunha nesta Academia, reli a oração do recipiendário daquela noite, e encontrei este período no qual o autor de *Os Sertões* define, na forma de uma promessa de trabalho, sua eleição para a ilustre companhia. Disse Euclides:

“Não sendo esta investidura uma consagração, mas um tácito compromisso de alrear-se por outros trabalhos até a vossa nobilitadora simpatia, imaginai os meus desalentos diante de uma tal empresa”.

Voltei duas vezes às palavras de Euclides e nelas encontrei a expressão exata do meu sentimento em relação à tarefa que recebi das vossas mãos para realizar

durante o ano de 2008, ao lado dos ilustres confrades que me deram a honra de compor a diretoria. Ao aceitar a incumbência, embora os desalentos de Euclides também rondem o meu espírito, permaneço pleno de júbilo agregado à gratidão pela confiança que em mim depositastes, na certeza de que, ao receber os vossos votos, a nova diretoria celebrou convosco um compromisso de trabalho, enobrecedor e honroso, mas também a exigir, na continuidade da gestão de Marcos Vinícios Vilaça, dedicação, responsabilidade, imaginação e empenho, marcas indeléveis dos dois anos de administração do nosso querido confrade.

Quando Euclides da Cunha ingressou nesta Academia, a Casa dava os seus primeiros passos, sob a permanente atenção do presidente Machado de Assis, preocupado em encontrar uma sede, no mínimo, decorosa para a instituição fundada por insistência de Lúcio de Mendonça e Medeiros e Albuquerque. Um tanto cético, nas primeiras reuniões preparatórias da criação da Academia, assim que eleito para a presidência, compenetrado dos seus novos deveres, Machado revelou-se um administrador atento. Nem D. Casmurro nem Conselheiro Aires, o bruxo alterou sua rotina de vida. Às manhãs passadas no Cosme Velho acordado pelo galo “ruim de vianda”, às leituras e do trabalho literário em casa, a seguir o bonde que o levava à cidade, onde o esperavam as lides no ministério e as conversas com amigos na livraria Garnier, acrescentaram-se-lhe os afazeres acadêmicos. Revela-se então o administrador diligente, como nos conta Josué Montello em *O Presidente Machado de Assis*. A mais urgente das providências era conseguir um local adequado para as reuniões plenárias e solenes, realizadas nos primeiros tempos nos mais variados locais. Sete anos depois de servir, tal como Jacó, não a Labão, mas à Academia, conseguiu instalações dignas, no prédio construído pelo governo na praia da Lapa, o Silogeu Brasileiro. Iniciava-se assim um novo tempo para a instituição.

Hoje nos encontramos às vésperas de um ano que exigirá muito de nós, na lembrança do centenário da morte deste grande homem que nasceu neto de escravos, pobre, gago e epilético, e construiu uma obra literária sem par na língua portuguesa e que será celebrado com a publicação de livros e realizações de seminários e conferências, no conjunto de iniciativas planejado pela Comissão Ma-

chado de Assis, integrada pelos acadêmicos Eduardo Portella, Sergio Paulo Rouanet, Alfredo Bosi, Alberto da Costa e Silva, Antonio Carlos Secchin e Domício Proença Filho, projeto que à diretoria caberá executar. Ano rico em efemérides, vamos celebrar também o centenário de nascimento de Guimarães Rosa e o de morte de Artur de Azevedo, entre outros eventos da nossa história literária.

A tradição de empenho na administração da Academia iniciada por Machado de Assis prosseguiu, sem interrupção, por cento e dez anos, notadamente na administração de Afrânio Peixoto, que obteve do governo francês, por intermédio do embaixador Conty, esta jóia da arquitetura francesa, o *Petit Trianon*, onde hoje nos encontramos. A iconografia dos presidentes pode ser visitada na sala de reuniões inaugurada na gestão de Marcos Vinícios Vilaça, no espaço Josué Montello, no edifício ao lado. Entre eles, encontra-se Austregésilo de Athayde, líder de uma geração de acadêmicos que construiu, no local onde encontraram as ruínas do pavilhão inglês na exposição de 1922, o palácio que hoje leva o seu nome, base indispensável ao bom funcionamento desta Casa.

Esta base permite à Academia cumprir plenamente a cláusula pétrea estabelecida pelos fundadores, na defesa da língua e da literatura nacional. A sabedoria desse múnus, desse pacto e obrigação, transcende as tarefas do gramático e do filólogo, da imaginação do escritor e da inspiração do poeta, ou do texto do cientista. Trata-se da primeira linha da defesa dos princípios fundamentais da unidade, da integração da identidade e até da segurança nacional. O português falado, escrito e lido no país, por quase 200 milhões de utentes — na expressão do nosso saudoso Antônio Houaiss —, não importam as formas dialetais, os sotaques, e até os idioletos, constitui a argamassa indispensável para moldar a existência de uma nação forte e estruturada. Cultuar o idioma insere-se em amplo projeto nacional de formação do brasileiro, para permitir o seu pleno crescimento como ser humano por intermédio da leitura e torná-lo um cidadão com amplo horizonte cultural e profissional. O acesso gratuito de todos às fontes do idioma e ao aprendizado da língua pátria faz parte de um programa de justiça social. Por isso, batemo-nos pela volta do ensino da literatura nos currículos escolares de ensino médio.

Entre os presidentes que se seguiram a Athayde, encontramos outros dedicados acadêmicos a exemplo de Josué Montello, o reformador do *Petit Trianon*, de Antônio Houaiss, querido amigo que, infelizmente, não pôde concluir seu primeiro ano de mandato, de Nélida Piñon, amiga desde juventude quando ambos freqüentávamos o curso de jornalismo na PUC, ela precoce e eu tardio, hoje escritora de projeção internacional, a nossa princesa das Astúrias, que presidiu exemplarmente as comemorações do centenário da fundação da Academia. Seguiram-se Arnaldo Niskier, companheiro das lides da Manchete, D. Quixote a anunciar o apocalipse da educação; Tarcísio Padilha, admiração antiga e amizade consolidada nos anos de convívio acadêmico, quando dele aprendi lições da ética do cotidiano; Alberto da Costa e Silva poeta, historiador e africanólogo, cujo único equívoco foi, nos idos dos anos 50, premiar um poema deste que vos fala, publicado na revista *Cigarra*. Ivan Junqueira, companheiro incansável na direção da revista *Piracema*, inventada por Ferreira Gullar, que me distinguiu ao convidar-me para integrar sua chapa na posição de Tesoureiro, mal havia chegado a esta Casa. Todos, com seus companheiros de diretoria, contribuíram para o acontecer da profecia de Austregésilo de Athayde, ao inaugurar o prédio que hoje leva o seu nome: “O sonho é maior do que a realidade”.

As senhoras e os senhores haveis de reparar que, no parágrafo da lista das atividades culturais de 2008, omiti a celebração em torno dos quatrocentos anos de nascimento do Padre Antônio Vieira, mas a Academia vai sim comemorar de forma digna a importante efeméride. E não poderia ser de outra forma. Freqüentador assíduo da obra de Vieira, o presidente Vilaça certamente encontrou na leitura dos Sermões um conselho para toda vida, no Sermão da Primeira Dominga do Advento, pregado na capela Real, em 1650, no qual o padre assim exorta os fiéis:

“Sabei, cristãos, sabei, príncipes, sabei, ministros, que se vos há de pedir estreita conta do que fizestes; mas muito mais estreita do que deixastes de fazer. Pelo que fizeram, se não de condenar muitos, pelo que não fizeram, todos”.

Marcos Vinícios Vilaça fez, mas não está entre aqueles que se não de condenar, porque fez, fez muito e fez bem. Jamais hesitou diante do que deveria ser fe-

ito, mesmo quando os recursos prometidos não chegavam a tempo e à hora. Não se omitiu [(Vieira)]. Secretário-geral de sua administração, pude admirar de perto o dinamismo do pensador revelado, eficiente executivo da área cultural e vislumbrei nele algo parecido com o dom da ubiqüidade. Em certo dia, no correr de vinte e quatro horas, Vilaça passou a manhã em Brasília, ao meio-dia desembarcou no Rio de Janeiro, seguiu às cinco da tarde para o seu Recife, e antes da meia noite, embarcou para Lisboa. Não posso dizer como o poeta, meninos, eu vi, pois não seguia os seus passos nem o conseguiria, se assim quisesse; mas pude acompanhá-lo pelo celular. Por sinal, o celular merece um capítulo à parte. No primeiro dia de trabalho da nossa administração, o presidente exigiu que o secretário-geral fosse equipado com um celular de último modelo. Eu resistira até então ao uso deste meio de comunicação, hoje indispensável a milhões de brasileiros, a tal ponto que parece uma extensão do corpo humano, ligada ao ouvido. Mas não poderia recusar-me a adotar aquela ferramenta de trabalho e recebi de suas mãos um aparelho com instruções de uso descritas em dois volumes. Não passou um dia sem que, de uma forma ou de outra, nas reuniões, nas discussões, pelo celular ou pelo telefone normal mesmo, não estivéssemos em contato. E assim, de Brasília, do Recife, da Europa, França, Bahia e, literalmente, para lá de Marrakech, no Marrocos, nos comunicávamos para colocar em dia as nossas agendas e os trabalhos administrativos culturais da Casa.

Seu gabinete de trabalho, de onde expedia ordens, faxes e usava *ad abundantia* o correio eletrônico, poderia ser o do Tribunal de Contas, ou da modesta sala do presidente da Academia, ampliada em seu primeiro ano de gestão. Também despachava ordens de sua casa no Recife ou da poltrona de um *Boeing*, de onde enfrentou a crise aérea dos últimos meses, incomodado, é certo, mas com a tranquilidade e o otimismo do doutor Pangloss.

A administração de Marcos Vinícios Vilaça deixa um legado de realizações já elencadas no relatório da diretoria. Continuamos na expressão de Machado de Assis, numa torre de marfim, um pólo de saber que se renova todos os dias, mas, passados um século e um decênio desde a sua fundação, a torre adaptou-se ao tempo. O trabalho diuturno pela cultura brasileira, na defesa da língua e da lite-

ratura nacional, agora se espalha como a luz de um grande farol, levando para todos a cultura que aqui se produz, seja pela internet, ou pelas freqüentes viagens dos acadêmicos aos mais longínquos pontos do Brasil ou em colóquios internacionais, onde estamos sempre presentes.

A administração de Marcos Vinícios Vilaça também foi marcada pela presença suave e amorosa de Maria do Carmo, a baronesa do Limoeiro, título nobiliárquico que recebeu de Odilo Costa, filho, em belíssimo soneto. Maria do Carmo agregou, com sua açucarada pernambucanidade, um componente de ternura ao relacionamento da família acadêmica, extensivo ao funcionalismo da Casa. Personalidade forte, mas meiga, atenciosa e sensível, o afeto que se encerra em seu coração foi sempre distribuído de forma generosa entre os que têm ou tiveram a honra de com ela conviver.

Senhoras e senhores,

Recentemente, ouvimos de João Ubaldo Ribeiro, nesta Academia, um inesquecível depoimento da sua vida de escritor, no qual confessou a grande tristeza de não ter tempo para aprender grego e ler as odes pindáricas no original. Nesta queixa, o grande romancista expressava todo o desespero do ser humano ávido por expandir o conhecimento, diante do oceano de saber ignorado. O desespero, portanto, diante da própria ignorância. O autêntico ignorante é aquele que sabe quão vasto é o campo de tudo o que ele ignora. O ignorante que não se reconhece como tal, ignora tão completamente, que ignora até que nada sabe, infelizmente – se me permitem uma paráfrase de Pessoa.

Confesso: ignorante, para mim o grego também é grego e só reconheço os prefixos que nos ficaram de algumas palavras. Mas, na tradução de um texto de Platão, recolhi o seu seguinte conselho: “Devemos aprender durante toda a vida, sem imaginar que a sabedoria vem com a velhice”.

Tentei seguir a primeira parte do conselho de Platão, mas sei que os longos anos que passam velozes, do verso de Casimiro, pouca sabedoria agregaram à minha ignorância. No entanto, nos últimos quatro anos de convivência com

confreiras e confrades, enquanto envelheço, aprendi muito nesta casa, por estar ao lado de amigos e amigas que me ensinaram e me apoiaram. Entre eles, e são todos, peço vênias para citar meus colegas de diretoria. Tive a felicidade e a honra de receber o apoio de Evanildo Bechara, que sabe grego, e é capaz de traduzir um verso de uma ode pindárica. De Ivan Junqueira, de Alberto da Costa e Silva e de Nelson Pereira dos Santos, cujas imagens, ao refletir o Brasil, correm mundo, premiadas em todas as partes.

Retomo a palavra de Machado de Assis para lembrar que a nossa obra no âmbito da Academia exige principalmente a constância. Esta constância procurei manter no ano de 2008, mas, como sabeis as senhoras e os senhores, agora tenho compromisso com duas constâncias. A do conselho de Machado e a da Laura Constância.

Companheira de meio século, esposa, mãe e avó, recebi dela apoio permanente e colaboração constante, compreensão para os meus defeitos, para os momentos de desalento, desânimo e irritação, que também os tenho. Sem este apoio, jamais estaria aqui. Costumo dizer que Laura Constância, a Piba, como para as amigas de juventude, é a pessoa mais otimista do mundo. Mais até que Marcos Vinícios Vilaça. Afinal, ao lado de Vilaça, só passei os dois últimos anos e já nos separamos. E com Laura Constância estou casado há meio século.

Senhoras e senhores,

Recorro a Guimarães Rosa, um bom guia quando se trata de caminhadas, para entender que, tal e qual nas caminhadas pelas veredas do grande sertão, o real não está na saída nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio do caminho. No meio do caminho, já nos ensinou outro mineiro, encontra-se uma pedra. Mas as pedras rolam e, assim, os obstáculos pretendo superá-los com o apoio dos companheiros de diretoria, com a compreensão da ilustre companhia e com a colaboração e os esforços do eficiente corpo de funcionários desta casa, sempre atentos e diferentes, os quais homenageio na figura exemplar de Maria Carmen de Oliveira.

Minhas senhoras e meus senhores,

Assumo esta presidência pensando em frase encontrada em monumental escultura de Francisco Brennand na sua vasta oficina no Recife. A frase, do hoje injustamente esquecido escritor italiano Carlo Lévi diz o seguinte: “O futuro tem um coração antigo”.

O futuro da Academia Brasileira de Letras de nada valerá se o coração desta Casa de Machado de Assis não bater no compasso herdado dos antigos, dos nossos patronos, fundadores e antecessores. É nesse ritmo, e nesse rito, na seqüência dos exemplos que recebemos dos que zelaram pela Casa, que se construirá um futuro do qual as gerações sucessoras poderão se orgulhar do que fizemos da mesma forma que hoje, no presente, nos orgulhamos do passado. Os antigos deixaram uma herança preciosa de trabalho por esta Casa, servindo-a sem dela nada exigir, a não ser o conforto do convívio da ilustre companhia. Assim continuamos e continuaremos, com o coração forte, voltado para o alto, coração antigo e, à moda antiga, brando com os brandos, mas duro com os duros, para continuar escrevendo as páginas da mais bela história da cultura brasileira.

BOLETINS DE INFORMAÇÃO

ANO XLVII – N.º 23

Em 5 de julho de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “1897, O ANO DA ABL” – Teve início no dia 3 de julho, às 17h 30min, o ciclo “1897, o ano da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “A língua portuguesa e a ABL”; no dia 10 a conferência será proferida pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre “1897 – Panorama da cultura no Brasil”; no dia 24 o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “A cultura brasileira na ABL”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 31 de julho, pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “1897 – Panorama da cultura”. Sempre no mesmo horário.

MESA-REDONDA – 80 ANOS DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Realiza-se no dia 12 de julho, às 17h 30min a mesa-redonda comemorativa dos 80 anos do Acadêmico Ariano Suassuna. Dela participarão o Acadêmico Moacyr Scliar e os Srs. Augusto Nunes, José Almino de Alencar e Carlos Newton Jr.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO EVARISTO DE MORAES FILHO – Comemora-se hoje, dia 5 de julho, o aniversário natalício do Acadêmico Evaristo de Moraes Filho, que ocupa a Cadeira n.º 40, do Quadro dos Membros Efetivos.

REGIMENTO INTERNO DA ABL – Foi adiado de 30 de junho para 15 de julho o prazo para apresentação de sugestões dos acadêmicos ao Relatório da Comissão Revisora do Regimento, que foi entregue no dia 30 de maio.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Transcorre hoje, dia 5 de julho, o aniversário natalício do Acadêmico Ivo Pitanguy, que ocupa a Cadeira n.º 22 do Quadro dos Membros Efetivos.

EXPOSIÇÃO ARIANO SUASSUNA – No dia 12 de julho, logo após a mesa-redonda, será inaugurada a Exposição Ariano Suassuna, na Galeria Manuel Bandeira.

PROGRAMAÇÃO DOS DIAS 19 E 20 DE JULHO – Realiza-se, na sessão do dia 19 de julho de 2007, homenagem a Gilberto Freyre na passagem dos vinte anos da sua morte. A seguir será feita a entrega do Prêmio Afrânio Coutinho e a entrega das Medalhas Comemorativas dos 110 Anos da ABL aos Acadêmicos. No dia 20 de julho, sexta-feira, às 11 horas, Missa dos 110 anos da ABL, no Mosteiro de São Bento. Às 16 horas abertura da Exposição 110 anos da ABL e às 17 horas Sessão Solene comemorativa dos 110 anos da ABL e entrega dos Prêmios Literários de 2007.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer participará, nos dias 6 e 7 de julho, em Florença, de Colóquio sobre as Democracias e a ordem mundial, organizado pela European University Institute – Robert Schuman Center for Advanced Studies.

APOCALIPSE PEDAGÓGICO – O Acadêmico Arnaldo Niskier concluiu mais um livro: *Apocalipse Pedagógico* será o título. São 100 crônicas sobre a educação brasileira.

NOTÍCIAS DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – A União Brasileira de Escritores, seção de Nova York e o Brazilian Endowment for the Arts (Centro Cultural Brasil) concederam ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça o título de Personalidade Littero-cultural 2007. A homenagem está programada para este ano e acontecerá em N. York, em banquete, e contará com a presença de representantes de Centros Culturais do Brasil, de todo o país.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – Participou da Jornada de Estudos Superiores da Língua Portuguesa, promovida pela Academia

Brasileira de Filologia, quando proferiu, no dia 4 deste mês, palestra sobre o tema Dia-cronia e História da Língua.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 27 de julho, sexta-feira, às 17h 30min realiza-se no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o 3.º Concerto da Série Música de Câmara na ABL – Identidade Brasileira. Com este concerto, o Quarteto Colonial, do qual participam Doriana Mendes, soprano; Talita Siqueira, contralto; Geilson Santos, Tenor e Luiz Kleber Queiroz, barítono, apresentará uma retrospectiva de algumas das mais belas canções polifônicas brasileiras escritas nos últimos cinquenta anos.

ANO XLVII – N.º 24

Em 12 de julho de 2007

MESA-REDONDA – 80 ANOS DO ACADÊMICO ARIANO SUASSUNA – Realiza-se hoje, dia 12 de julho, às 17h 30min, a mesa-redonda comemorativa dos 80 anos do Acadêmico Ariano Suassuna. Dela participarão o Acadêmico Moacyr Scliar e os Srs. Augusto Nunes, José Almino de Alencar e Carlos Newton Jr.

EXPOSIÇÃO ARIANO SUASSUNA – Hoje, 12 de julho, logo após a mesa-redonda, será inaugurada a Exposição Ariano Suassuna, na Galeria Manuel Bandeira.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “1897, O ANO DA ABL” – Teve início no dia 3 de julho, às 17h 30min, o ciclo “1897, o ano da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “A língua portuguesa e a ABL”; no dia 10, a conferência foi proferida pelo Acadêmico Cândido Mendes de Almeida sobre “1897 – Panorama da cultura no Brasil”; no dia 24, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “A cultura brasileira na ABL”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 31 de julho, pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “1897 – Panorama da cultura”. Sempre no mesmo horário.

REGIMENTO INTERNO DA ABL – Encerra-se no dia 15 de julho o prazo para apresentação de sugestões dos acadêmicos ao Relatório da Comissão Revisora do Regimento, que foi entregue no dia 30 de maio. Como o dia 15 é domingo, poderá ser entregue na segunda-feira, dia 16.

ALMOÇO NA ABL – A Academia Brasileira de Letras recebeu sexta-feira, dia 29 de junho, as visitas do Ministro Patrus Ananias; do Cônsul da Argentina, Luis Eugênio Belando; do Presidente do TCU, Walton Alencar; do Presidente do TCMRJ, Thiers Montebello; da arqueóloga Maria Beltrão; do Ministro Luciano Brandão Alves de Souza; do empresário Roberto Oliveira; do dirigente da Funarte, Francisco Chaves; das Senhoras Marly Garcia e Yvonne Montello; e do Diretor da FGV, Prof. Irapoan Cavalcanti. Foram acolhidos pelos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Cícero Sandroni e Domício Proença Filho.

PROGRAMAÇÃO DO DIA 19 DE JULHO – A sessão do dia 19 de julho de 2007 prestará homenagem a Gilberto Freyre, na passagem dos vinte anos da sua morte. A seguir, será feita a entrega do Prêmio Afrânio Coutinho e a entrega das Medalhas Comemorativas dos 110 Anos da ABL aos Acadêmicos.

110 ANO DE FUNDAÇÃO DA ABL – No dia 20 de julho, sexta-feira, às 11h 30min, será celebrada a Missa pelos 110 anos da ABL, no Mosteiro de São Bento. Às 15h 30min, haverá a assinatura de protocolo com a Ministra da Cultura de Portugal, Dra. Isabel Pires de Lima. Às 16 horas, abertura da Exposição 110 anos da ABL e às 17 horas, Sessão Solene comemorativa dos 110 anos da ABL e entrega dos Prêmios Literários de 2007. O orador da solenidade será o Acadêmico José Sarney.

VISITANTES – Estiveram em visita à Academia Brasileira de Letras, na semana que passou, o Secretário Estadual de Turismo, Eduardo Paes, os jornalistas Artur da Távola e Renato Machado, as Senhoras Claude Amaral Peixoto e Michele Corrêa da Costa e os Senhores Fernando Queiroz, Almir Ghiaroni e Fernando Bicudo. Foram todos recebidos pelos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Ivan Junqueira e Ana Maria Machado.

“PORTUGUÊS, A LÍNGUA DO BRASIL” – Cerca de 200 pessoas ovacionaram, na Festa Literária Internacional de Parati, no último dia 6, o pré-lançamento do documentário “Português, a Língua do Brasil” – depoimentos de Acadêmicos da ABL, com argumento original do Acadêmico Domício Proença Filho e direção do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos.

VARGAS LLOSA – Na edição de 10 de julho, a *Folha de S. Paulo* publicou artigo do Acadêmico Arnaldo Niskier, intitulado “Aberração segundo Vargas Llosa”. Critica a ausência de “Literatura Brasileira” nas escolas brasileiras de ensino médio.

ANO XLVII – N.º 25

Em 19 de julho de 2007

PROGRAMAÇÃO DO DIA 19 DE JULHO – Realiza-se na sessão de hoje, dia 19 de julho de 2007, a entrega do Prêmio Afrânio Coutinho. A seguir, a ABL prestará homenagem a Gilberto Freyre, na passagem dos vinte anos da sua morte. O orador será o Acadêmico Antonio Olinto.

PRÊMIOS LITERÁRIOS DA ACADEMIA – Em sessão extraordinária, realiza-se amanhã, dia 20 de julho, às 17 horas, na Sala de Sessões, a entrega dos Prêmios Literários da Academia de 2007. O Prêmio Machado de Assis, pelo conjunto da obra, ao escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque; o Prêmio ABL de Poesia, aos poetas Adriano Espínola e Alberto da Cunha Melo; o Prêmio ABL Ficção, romance, teatro e conto ao escritor Rubem Fonseca; o Prêmio ABL Ensaio, crítica e história literária a Francisco Weffort; o Prêmio ABL Literatura infanto-juvenil a Adélia Prado; o Prêmio ABL de Tradução a Bárbara Heliodora; o Prêmio ABL de História e Ciências Sociais a Laura Mello e Souza e o Prêmio ABL de Cinema aos roteiristas Paulo Halm, Marco Ricca, Marçal Aquino, Beto Brant, Maurício Paroni de Castro, Luiz Francisco Carvalho Filho e Sérgio Andrade Sant’anna e Silva. Em nome dos agraciados, falará o escritor Roberto Cavalcanti de Albuquerque.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “1897, O ANO DA ABL” – Teve início no dia 3 de julho, às 17h 30min, o ciclo “1897, O Ano da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “A língua portuguesa e a ABL”; no dia 10, a conferência foi proferida pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre “1897 – Panorama da cultura no Brasil”; no dia 24, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “A cultura brasileira na ABL”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 31 de julho, pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “1897 – Panorama da cultura”. Sempre no mesmo horário.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MARCO MACIEL – Comemora-se, no próximo dia 21 do corrente mês, o aniversário natalício do Acadêmico Marco Maciel, que ocupa a Cadeira n.º 39 do Quadro dos Membros Efetivos.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 27 de julho, sexta-feira, às 17h 30min, realiza-se no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o 3.º Concerto da Série Música de Câmara na ABL – Identidade Brasileira. Com este concerto, o Quarteto Colonial, do qual participam Doriana Mendes, soprano; Talita Siqueira, contralto; Geilson Santos, Tenor e Luiz Kleber Queiroz, barítono, apresentará uma retrospectiva de algumas das mais belas canções polifônicas brasileiras escritas nos últimos cinquenta anos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Até o fim do ano, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin publicará três livros: *Romantismo*, na coleção “Roteiro da Poesia Brasileira”, da Editora Global; *Guia dos Sebos do Brasil* (edição revista); e *Poemas Escolhidos*, de Pereira da Silva, o primeiro autor paraibano a ingressar na ABL. A convite da Editora Alfabeta/Objetiva, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai estabelecer o texto da poesia completa de João Cabral de Melo Neto, a ser publicada, a partir de 2007, em oito volumes.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy, no dia 18 de julho, quarta-feira, proferiu conferência sobre Aspectos Psicossociais da Cirurgia Plástica, no Hospital da Força Aérea do Galeão, a convite do diretor da entidade.

ALMOÇO NA ABL – A Academia Brasileira de Letras recebeu na quarta-feira, dia 11 de julho, as visitas do Ministro Tarso Genro, da Sra. Lily Marinho, do Senador Bernardo Cabral, do jornalista Rodolfo Fernandes, do Sr. Romaric Sulger Büel, da Sra. Maria do Carmo Vilaça, da Sra. Helô Guinle, do jornalista Jorge Bastos Moreno, dos Srs. Zaqueu Teixeira e Paulo Lacerda. Foram recebidos pelos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Cícero Sandroni, Evanildo Cavalcante Bechara, Domício Proença Filho, Arnaldo Niskier, Nélida Piñon, Ivo Pitanguy, Murilo Melo Filho e Nelson Pereira dos Santos.

ANO XLVII – N.º 26

Em 26 de julho de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “1897, O ANO DA ABL” – Teve início no dia 3 de julho, às 17h 30min, o ciclo “1897, o ano da ABL”, coordenado pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara sobre “A língua portuguesa e a ABL”; no dia 10, a conferência foi proferida pelo Acadêmico Candido Mendes de Almeida sobre “1897 – Panorama da cultu-

ra no Brasil”; no dia 24, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou sobre “A cultura brasileira na ABL”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 31 de julho, pelo Acadêmico Sergio Paulo Rouanet sobre “1897 – Panorama da cultura”. Sempre no mesmo horário.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 27 de julho, sexta-feira, às 17h 30min, realiza-se, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o 3.º Concerto da Série Música de Câmara na ABL – Identidade Brasileira. Com este concerto, o Quarteto Colonial, do qual participam Doriana Mendes, soprano; Talita Siqueira, contralto; Geilson Santos, Tenor e Luiz Kleber Queiroz, barítono, apresentará uma retrospectiva de algumas das mais belas canções polifônicas brasileiras escritas nos últimos cinquenta anos.

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE R. MAGALHÃES JÚNIOR – Comemora-se na próxima quinta-feira, dia 2 de agosto de 2007, o centenário do nascimento do Acadêmico R. Magalhães Jr. com mesa-redonda da qual participam os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Murilo Melo Filho e Lêdo Ivo, bem como a Sra. Rosa Magalhães, filha do saudoso Acadêmico.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Do dia 1.º ao dia 4 de agosto o Acadêmico Ivo Pitanguy estará participando da 26.ª Jornada Carioca de Cirurgia Plástica, que acontecerá no Hotel Sofitel. No dia 1.º fará uma demonstração cirúrgica ao vivo de Face-Lifting. No dia 2, participará da mesa-redonda sobre Ritidoplastia Cervical e dará uma conferência sobre o tema: “Rex Morbus”, “O paciente Importante”.

APRENDIZ – No dia 1.º de agosto, às 9 horas, na sede da Fecomércio (Rua Marquês de Abrantes), o Acadêmico Arnaldo Niskier falará sobre “Inovação na política dos aprendizes”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Reitor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, nomeou o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara para integrar o Conselho Editorial da Universidade por um período de dois anos.

CAMPOS – Ontem, dia 25 de julho, na cidade de Campos, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou a professores locais sobre “Um plano estratégico de educação”.

HOMENAGEM À ACADÊMICA RACHEL DE QUEIROZ – O Comandante-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais do Rio de Janeiro, Almirante-de-Esquadra Álvaro Augusto Dias Monteiro, comunicou à Academia homenagem feita à Acadêmica Rachel de Queiroz pelos Fuzileiros Navais empenhados na operação de paz da ONU, para estabilização do Haiti, dando à Base de Operações dos Fuzileiros Navais, instalada naquele País, o nome da saudosa Acadêmica. Entregará à Academia uma placa registrando a merecida homenagem, na qual retrata a entrada da mencionada base contendo o poema da Acadêmica Rachel de Queiroz que enaltece os Fuzileiros Navais.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar participa, no período de 20 a 28 de julho, da Feira do Livro de Lima, Peru, onde faz duas palestras e realiza uma sessão de autógrafos.

HOMENAGEM À ABL NA ACADEMIA FLUMINENSE DE LETRAS – Durante a sessão solene de comemoração do aniversário de fundação da ABL, a Academia Fluminense de Letras, presidida pelo Acadêmico Edmo Lutterbach, prestou uma homenagem à Academia Brasileira de Letras e ao Presidente Marcos Vilaça, que no ato estiveram representados pelo Acadêmico Murilo Melo Filho, Diretor das Bibliotecas.

ANO XLVII – N.º 27

Em 2 de agosto de 2007

CENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE R. MAGALHÃES JR. – Comemora-se hoje, dia 2 de agosto, às 17h 30min, no Salão Nobre da Academia, o centenário do nascimento de R. Magalhães Jr., com uma mesa-redonda da qual participam os Acadêmicos Arnaldo Niskier, Carlos Heitor Cony, Murilo Melo Filho e Lêdo Ivo e a Sra. Rosa Magalhães, filha do saudoso Acadêmico.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “RETRATOS DO BRASIL” – Terá início no dia 7 de agosto, às 17h 30min, o ciclo “Retratos do Brasil”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura será proferida por Roberto DaMatta sobre “Interpretações de interpretações do Brasil”; no dia 14, a conferência ficará a cargo de Renato Janine Ribeiro, sobre “Há uma identidade no Brasil?”; no dia 21, Ruben Oliven falará sobre “O imaginário brasileiro na música popular”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 28 de agosto, pelo Acadê-

mico José Murilo de Carvalho, sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

O *DONO DO MAR* – Ontem, dia 1.º de agosto de 2007, às 21 horas, realizou-se no Cine Odeon, na Cinelândia, Rio de Janeiro, a pré-estréia do filme “O Dono do Mar”, de Odorico Mendes, baseado na obra do Acadêmico José Sarney.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO CELSO LAFER – Comemora-se, no próximo dia 7 de agosto, o aniversário natalício do Acadêmico Celso Lafer, que ocupa a Cadeira n.º 14 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy irá a São Luís do Maranhão, de 8 a 10 de agosto, como convidado especial da Associação Brasileira de Cirurgiões Dentistas do Estado do Maranhão e Presidente de Honra do Congresso Internacional da entidade. Na ocasião, receberá o título de Sócio Honorário da Associação e fará uma palestra sobre o tema: “Cirurgia do Rejuvenescimento Facial”.

LANÇAMENTO DAS NOVAS PUBLICAÇÕES DA ABL – Realiza-se, no próximo dia 9 de agosto de 2007, às 17h 30min, no *Petit Trianon*, o lançamento das novas publicações da Academia: *Machado de Assis*, Alfredo Pujol em Co-edição com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; *Discursos Acadêmicos de Josué Montello*; *Tribuna Acadêmica* – Oscar Dias Corrêa (Coleção Austregésilo de Athayde); *Gregório de Matos Guerra e Hipólito José da Costa*, de Israel de Souza Lima (Biobibliografia dos Patronos, Vol.9, Coleção Afrânio Peixoto); *Coronelismo para Conterrâneos do Papa* – Discurso de Marcos Vinícios Vilaça na Universidade de Varsóvia; *Antologia Poética de Vicente Huidobro/Manuel Bandeira*. Org. de Carlos Nejar e Juan Antonio Massone, Co-edição com a Academia Chilena de La Lengua; *Revista Brasileira* n.º 50, jan.-mar./ 2007; (Suplemento com o índice Acumulado da fase VII da publicação, n.º I-50); *Revista Brasileira* n.º 51, abr.-jun./2007; *Anais da ABL* n.º 189, 1.º semestre de 2005; e *Anais da ABL* n.º 190, 2.º semestre de 2005.

PRÊMIO SCOPUS 2007 – O Acadêmico José Murilo de Carvalho foi distinguido com o Prêmio SCOPUS 2007, da Elsevier América Latina em parceria com a CAPES. O prêmio destina-se a “reconhecer pesquisadores brasileiros que apresentem produção de alto destaque e excelência retratada na base de dados SCOPUS”. A entrega será feita em Brasília, no dia 6 de agosto.

VISITANTES – Recebidos pelos acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Cícero Sandroni, Carlos Heitor Cony e Antonio Olinto estiveram, em visita à ABL, na semana passada, Nelson Savioli, Presidente da Fundação Roberto Marinho, o cineasta Jonathan Nossiter, os jornalistas Bernardo de La Pena e Leleco Barbosa, e Chico Anysio.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Acadêmico Ivan Junqueira foi designado, mais uma vez, como Presidente do Júri do Concurso Internacional de Monografias organizado pelo Departamento Cultural do Ministério das Relações Exteriores. O tema deste ano será a obra romanesca de Lima Barreto, sendo os premiados anunciados até o fim do ano. O Primeiro Prêmio tem o valor de US\$ 25.000,00 (Vinte e cinco mil dólares).

ANO XLVII – N.º 28
Em 9 de agosto de 2007

LANÇAMENTO DAS NOVAS PUBLICAÇÕES DA ABL – Realiza-se hoje, dia 9 de agosto de 2007, às 17h 30min, no *Petit Trianon*, o lançamento das novas publicações da Academia: *Machado de Assis*, Alfredo Pujol. Co-edição com a imprensa Oficial do Estado de São Paulo; *Discursos Acadêmicos de Josué Montello*; *Tribuna Acadêmica* – Oscar Dias Corrêa (Coleção Austregésilo de Athayde); *Gregório de Matos Guerra e Hipólito José da Costa*, de Israel de Souza Lima (Biobibliografia dos Patronos, Vol. 9, Coleção Afrânio Peixoto); *Coronelismo para Conterrâneos do Papa* – Discurso de Marcos Vinícios Vilaça na Universidade de Varsóvia; *Antologia Poética de Vicente Huidobro/Manuel Bandeira*. Org. de Carlos Nejar e Juan Antonio Massone. Co-edição com a Academia Chilena de La Lengua; *Revista Brasileira* n.º 50, jan/mar. 2007; (Suplemento com o índice Acumulado da fase VII da publicação, n.º I-50); *Revista Brasileira* n.º 51, abr/jun. 2007; *Anais da ABL* n.º 189, 1.º semestre de 2005; e *Anais da ABL* n.º 190, 2.º semestre de 2005.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “RETRATOS DO BRASIL” – Teve início no dia 7 de agosto, às 17h 30min, o ciclo “Retratos do Brasil”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura foi proferida por Roberto DaMatta sobre “Interpretações de interpretações do Brasil”; no dia 14, a conferência ficará a cargo de Renato Janine Ribeiro, sobre “Há uma identidade no Brasil?”; no dia 21, Ruben Oliven falará sobre “O imaginário brasileiro na música popular”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 28 de agosto, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 17 de agosto, o Acadêmico Ivo Pitanguy será homenageado durante o VIII Simpósio de Cirurgia Hospitalar Mater Dei de Belo Horizonte. Após a cerimônia de abertura, fará a conferência magna sobre “Minha experiência na cirurgia da mama”.

ALMA DA ÁFRICA – Com esse nome, será lançada no dia 22 de agosto, às 19 horas, a trilogia da obra do Acadêmico Antonio Olinto. Será evento da Editora Bertrand Brasil, na Livraria Argumento (Copacabana).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira proferirá a 12 de agosto, na Fundação Casa de Rui Barbosa, a palestra “Alguns aspectos da poesia de Baudelaire”, no âmbito das comemorações que ali se farão com motivo da passagem dos 150 anos de publicação de *As Flores do Mal*.

NA PONTA DA LÍNGUA – No dia 4 de setembro, às 8h 30min, será lançado o livro *Na Ponta da Língua 4*, do Acadêmico Arnaldo Niskier. Será em São Paulo no Teatro do CIEE.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – Abrindo o Programa “Encontro com Autores/ Crônica na Sala de Aula 2007”, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin proferiu, no dia 4 de agosto, palestra sobre Rubem Braga, na Sede do Itaú Cultural, em São Paulo. No dia 15, às 14h, dará a palestra “110 anos da Academia Brasileira de Letras” no Colégio Pedro II, Unidade do Engenho Novo.

MEDALHA JOSÉ MARIANO – A Câmara Municipal do Recife concedeu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, por unanimidade, a “Medalha do Mérito José Mariano”. A cada ano é feita uma única outorga dessa mais alta condecoração daquela Casa Legislativa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CARLOS NEJAR – O Acadêmico Carlos Nejar viaja no dia 20 de agosto para a cidade de Belém do Pará a convite do Itaú Cultural, quando profere conferência sobre Carlos Drummond de Andrade.

ANO XLVII – N.º 29
Em 16 de agosto de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “RETRATOS DO BRASIL” – Teve início no dia 7 de agosto, às 17h 30min, o ciclo “Retratos do Brasil”, coordenado pela Acadêmica Ana

Maria Machado. A conferência de abertura foi proferida por Roberto DaMatta sobre “Interpretações de interpretações do Brasil”; no dia 14, a conferência ficou a cargo de Renato Janine Ribeiro, sobre “Há uma identidade no Brasil?”; no dia 21, Ruben Oliven falará sobre “O imaginário brasileiro na música popular”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 28 de agosto, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 17 a 20 de agosto o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Santiago do Chile a convite da Sociedade Chilena de Cirurgia Plástica para participar do Congresso organizado pela entidade. Na ocasião será homenageado por sua contribuição para o desenvolvimento da especialidade naquele país. Durante o congresso, o Acadêmico Ivo Pitanguy falará sobre a evolução das mamoplastias e sobre experiência com implantes de poliuretano.

ALMA DA ÁFRICA – Com esse nome, será lançada no dia 22 de agosto, às 19 horas, a trilogia da obra do Acadêmico Antonio Olinto. Será evento da Editora Bertrand Brasil, na Livraria Argumento (Copacabana).

NOTÍCIA DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara, do dia 21 a 25 de agosto, estará na Universidade de São Paulo (USP) integrando uma banca de Livre Docência.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No período de 20 a 27 de agosto, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin atuará em três bancas de Pós-Graduação na Faculdade de Letras da UFRJ. Dia 20, examinará a dissertação “A representação do amor em contos de Lygia Fagundes Telles”, de Maria Cecília Rufino; dia 22, “O multiperspectivismo de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*”, de Francesco Jordani. Dia 27, será defendida a dissertação, orientada pelo Acadêmico, “Drummond e Cecília: Atlas e Fênix na poesia moderna brasileira”, de Elizabeth Rocha.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O romance *Ninbo de Cobras*, do Acadêmico Lêdo Ivo, em sua tradução inglesa, é mencionado na monumental *A History of Brazil*, do historiador norte-americano E. Bradford Burns, recentemente lançada pela Columbia University. Para ele, *Snakes’ Nest* (New Directions, Nova York) constitui um estudo do governo totalitário contemporâneo, sendo “uma alegoria baseada na ditadura militar de 1964”. Acentua ainda o professor Bradford Burne que “o romance, escrito por um fic-

cionista que conhece a sua nação, contribui significativamente para uma melhor compreensão do Brasil e enriquece o estudo da História”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participou no Rio de Janeiro, no dia 14 de agosto, às 20 horas, como escritor convidado, dos “Encontros com Poetas”, promovidos pela Fundação Eva Klabin. Na ocasião, tratou de sua produção poética e ficcional. Participaram dos debates, como coordenadores, os escritores Sayonara Salvioli e Salgado Maranhão.

ALMOÇO NA ABL – Recebidos pelos Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Cícero Sandroni e Domício Proença Filho, visitaram a ABL, na semana passada, o Ministro Interino da Cultura Juca Ferreira, acompanhado do Secretário de Fomento, Roberto Nascimento e de Relações Institucionais, Marco Acco, os Ministros do Supremo Tribunal Federal Eros Grau e Carmen Lucia, o Ministro do Superior Tribunal de Justiça Carlos Alberto Direito, o General Comandante do Leste Luiz Cesário da Silveira Filho, os Embaixadores Baena Soares, Pires do Rio e Paulo Renato Santos, as jornalistas Many Millen e Anna Maria Nascimento Silva, Frei Beto, o ator Paulo César Sarraceni e a Sra. Hileda Moraes.

ANO XLVII – N.º 30

Em 23 de agosto de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “RETRATOS DO BRASIL” – Teve início no dia 7 de agosto, às 17h 30min, o ciclo “Retratos do Brasil”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura foi proferida por Roberto DaMatta sobre “Interpretações de interpretações do Brasil”; no dia 14, a conferência ficou a cargo de Renato Janine Ribeiro, sobre “Há uma identidade no Brasil?”; no dia 21, Ruben Oliven falou sobre “O imaginário brasileiro na música popular”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 28 de agosto, pelo Acadêmico Alberto da Costa e Silva sobre “Perfil cultural do homem brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

JOSUÉ MONTELLO – 90 ANOS – Está sendo realizada em São Luís a “Semana Montelliana” em comemoração à passagem do seu aniversário, sendo homenageado com mesa redonda, palestras sobre a sua obra e uma Exposição Fotográfica da sua vida acadêmica (51 anos de ABL). Será inaugurada no Centro de Convenções do Hotel Pestana de São Luís a “Sala Josué Montello”.

FICÇÃO – ANTOLOGIA – Será lançado hoje, dia 23 de agosto, na Academia Brasileira de Letras, às 17h 30min, pela Editora Leitura, o livro *Ficção*, uma Antologia organizada por Miguel Sanches Neto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Será no dia 3 de setembro, segunda-feira, a partir das 20 horas, na Livraria da Travessa, em Ipanema, a noite de autógrafa do Acadêmico Ivan Junqueira, que ali estará lançando o seu mais recente volume de poemas, *O Outro Lado*, sob o selo da Editora Record.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO PAULO COELHO – Comemora-se no dia 24 de agosto o aniversário natalício do Acadêmico Paulo Coelho, que ocupa a Cadeira 24 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 29 de agosto, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin vai proferir, na Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, uma palestra sobre “Tomás Antônio Gonzaga: Marília e Dirceu, assunto de família”. No dia 31 de agosto, dará uma aula sobre a poesia de João Cabral de Melo Neto, a convite do projeto de Vestibular Comunitário sediado no SESC de Nova Iguaçu.

HUMANISMO DO PADRE VIEIRA – No dia 17 de setembro, na Sede do CCAA (Riachuelo), no Congresso Internacional de Língua Portuguesa, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência sobre “O humanismo do Padre Antônio Vieira”.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO ALFREDO BOSI – Comemora-se no próximo dia 26 do corrente mês o aniversário natalício do Acadêmico Alfredo Bosi, que ocupa a Cadeira n.º 12 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO HELIO JAGUARIBE – O Acadêmico Helio Jaguaribe estará em Buenos Aires, no próximo dia 29, para proferir uma conferência na Biblioteca Nacional e no dia seguinte outra, na Sessão de Abertura no Seminário “O desenvolvimento local e a economia social desde a perspectiva da integração regional. Contribuições das Universidades do Mercosul”.

NOVO LIVRO – Em noite concorrida, no último dia 20, o Acadêmico José Sarney lançou o romance *A Marquesa Vale uma Missa*. Foi em São Paulo, na Livraria Cultura, com a

presença dos acadêmicos Marcos Vilaça, Lygia Fagundes Telles, Arnaldo Niskier e Cícero Sandroni.

ANO XLVII – N.º 31

Em 30 de agosto de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “CULTURA E SOCIEDADE BRASILEIRA” – Terá início no dia 4 de setembro, às 17h 30min, o ciclo “Cultura e sociedade brasileira”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre “Sociedade brasileira e interculturalidade”; no dia 11, a conferência ficará a cargo de Gilberto Velho, sobre “Multiculturalismo e sociedade brasileira”; no dia 18, o Acadêmico Alfredo Bosi falará sobre Literatura e resistência cultural; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 25 de setembro, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 31 de agosto, sexta-feira, às 17h 30min realiza-se, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, o 3.º Recital da Série Música de Câmara na ABL – Antonio Carrasqueira, flauta e Maria José Carrasqueira, piano, apresentam Obras de G. Faure, B. Godard, P. Gaubert, E. Nazareth, Pattápio Silva e Camargo Guarnieri.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – A convite do Instituto Maximiano Campos, o Acadêmico Ivan Junqueira participará, como conferencista, da Feira Literária Internacional de Porto de Galinhas, em Pernambuco, que será realizada de 27 a 30 de setembro, com a presença de vários escritores brasileiros e latino-americanos.

ALMOÇO NA ABL – Recebidos pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Senhora, Acadêmico Cícero Sandroni e Acadêmica Ana Maria Machado, visitaram a ABL, no dia 17 de agosto, o Almirante Álvaro Augusto Dias Monteiro, Maria Clara Tapajós, Fabiana Hespagnol, Professora Vera Tostes, Embaixador René Haguenuer, Carlinhos de Jesus, a Sra. Rachel Vieira, Ricardo Amaral e Dr. Rui Barreto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar esteve em Rio Branco (Acre) no dia 21 e em Porto Velho (Rondônia) no dia 22 de agosto, dando palestras sobre literatura para público geral e universitário.

ACERVO DA SRA. EDNA SAVAGET – Está agendada para o dia 6 de setembro, às 16 horas, na abertura da sessão ordinária, a doação do acervo da jornalista, Edna Savaget, feita pela família.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Será no dia 3 de setembro, segunda-feira, a partir das 20 horas, na Livraria da Travessa, em Ipanema, a noite de autógrafa do Acadêmico Ivan Junqueira, que ali estará lançando o seu mais recente volume de poemas, *O Outro Lado*, sob o selo da Editora Record.

FICÇÃO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Dando início à publicação da ficção completa do Acadêmico Lêdo Ivo, a Editora Leitura lançou esta semana o romance *A Morte do Brasil*. Em outubro próximo, será publicado *As Alianças*, seu romance de estréia distinguido com o Prêmio Graça Aranha.

FÓRUM DE DEBATES – Na XIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier participará do Fórum de Debates, no dia 15 de setembro, às 14 horas, falando sobre “Adjetivos, verbos e advérbios: armadilhas da construção literária”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 13 de setembro, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Berna, a convite da Dermatological Clinic do University Hospital quando falará sobre “The Aging Face Surgery – Experience and Philosophy”.

ANO XLVII – N.º 32

Em 06 de setembro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “CULTURA E SOCIEDADE BRASILEIRA” – Teve início no dia 4 de setembro, às 17h 30min, o ciclo “Cultura e sociedade brasileira”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre “Sociedade brasileira e interculturalidade”; no dia 11, a conferência ficará a cargo de Gilberto Velho, sobre “Multiculturalismo e sociedade brasileira”; no dia 18, o Acadêmico Alfredo Bosi falará sobre “Literatura e resistência cultural”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 25 de setembro, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

ACERVO DA SRA. EDNA SAVAGET – Está agendada para hoje, dia 6 de setembro, às 16 horas, na abertura da sessão ordinária, a doação do acervo da jornalista Edna Savaget, feita pela família.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MURILO DE CARVALHO – Transcorre no próximo sábado, dia 8 de setembro, o aniversário natalício do Acadêmico José Murilo de Carvalho, que ocupa a Cadeira 5 do Quadro dos Membros Efetivos.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CELSO LAFER – O Acadêmico Celso Lafer foi nomeado, pelo Governador José Serra, Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (FAPESP).

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOSÉ MINDLIN – Comemora-se no dia 8 de setembro, próximo sábado, o aniversário do Acadêmico José Mindlin, que ocupa a Cadeira n.º 29 do Quadro dos Membros Efetivos.

FÓRUM DE DEBATES – Na XIII Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro, o Acadêmico Arnaldo Niskier participará do Fórum de Debates, no dia 15 de setembro, às 14 horas, falando sobre “Adjetivos, verbos e advérbios: armadilhas da construção literária”.

ALMOÇO NA ABL – Recebidos pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Senhora e pelo Acadêmico Cícero Sandroni, visitaram a ABL, no dia 31 de agosto, as Senhoras Lucia Nabuco de Almeida Braga Rebello, Ana Cecília Nabuco de M. Lins Lacerda, Sylvia Nabuco de Almeida Lins, Maria Cristiana Nabuco de M. Lins Renault, os Srs. Manoel Nabuco, Bernardo Nabuco, José Thomaz Nabuco Neto, Cláudio Manoel Nabuco, José Antonio Nabuco de Magalhães Lins, João Maurício Nabuco, Pedro Alberto Nabuco e João Marcos Nabuco.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTÔNIO OLINTO – Ontem, dia 5 de setembro, às 18h 30min, na Biblioteca Central do SESC, em Goiânia, foi inaugurado o Espaço Literário José J. Veiga, com a presença do Acadêmico Antonio Olinto. Em seguida, Antonio Olinto autografou sua trilogia “Alma da África” – constituída de seus livros *A Casa da Água*, *O Rei de Keto* e *Trono de Vidro*. O evento tem apoio da Secretaria de Cultura da Prefeitura de Goiânia e da Academia Goiana de Letras.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se no dia 20 de setembro, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon* a mesa-redonda do Seminário “Brasil, brasis” sobre “A fotografia brasileira – pioneirismo e atualidade”. Coordenação Geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Carlos Nejar; Expositor: Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; Palestrantes: Dom João de Orleans e Bragança, Milton Guran, Pedro Karp Vasques e Rosangela Rennó.

O PODER DA DISCIPLINA – No próximo dia 19 de setembro, às 14h 30min, no auditório Padre Anchieta, da PUC/RJ, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência sobre a educação no Japão. Título: “O poder da disciplina”.

ANO XLVII – N.º 33

Em 13 de setembro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “CULTURA E SOCIEDADE BRASILEIRA” – Teve início no dia 4 de setembro, às 17h 30min, o ciclo “Cultura e sociedade brasileira”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre “Sociedade brasileira e interculturalidade”; no dia 11, a conferência ficou a cargo de Gilberto Velho, sobre “Multiculturalismo e sociedade brasileira”; no dia 18, o Acadêmico Alfredo Bosi falará sobre “Literatura e resistência cultural”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 25 de setembro, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 27 a 28, a Clínica La Luz, de Madrid, organizadora do V Curso Monográfico Cirurgia Plástica y Estética, contará com a presença do Acadêmico Ivo Pitanguy que, na qualidade de convidado de honra, fará a Conferência Magistral sobre “Evolución de la Cirugía Corporal”.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se no dia 20 de setembro, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon* a mesa-redonda do Seminário “Brasil, brasis” sobre “A fotografia brasileira – Pioneirismo e atualidade”. Coordenação Geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Carlos Nejar; Expositor: Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; Palestrantes: Dom João de Orleans e Bragança, Milton Guran, Pedro Karp Vasques e Rosangela Rennó.

O PODER DA DISCIPLINA – No próximo dia 19 de setembro, às 14h 30min, no auditório Padre Anchieta, da PUC/RJ, o Acadêmico Arnaldo Niskier fará conferência sobre a educação no Japão. Título: “O poder da disciplina”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira fará uma apresentação da sua obra poética no Girau de Poesia, na Bienal do Livro, dia 14, às 18 horas.

MÉRITO CULTURAL – O Acadêmico Arnaldo Niskier recebeu das mãos do Desembargador Jorge Uchoa Mendonça, presidente do Instituto dos Magistrados Brasileiros, a Ordem do Mérito Cultural da Magistratura.

ACADÊMICO LÊDO IVO NA BIENAL DO LIVRO – O Acadêmico Lêdo Ivo vai participar da Bienal Internacional do Livro, que hoje se inaugura em Jacarepaguá, em dois eventos. Domingo próximo, às 16 horas, ocorrerá o “Encontro com Lêdo Ivo” no Girau de Poesia, com um recital de poemas de sua autoria e diálogo com o público. Ao longo da Bienal, o seu romance *A Morte do Brasil* estará sendo apresentado no estande da Editora Leitura.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Amanhã, dia 14 de setembro, sexta-feira, às 17h 30min, realiza-se no Salão Nobre do *Petit Trianon* o 4.º Recital da Série Música de Câmara na ABL – The South Beach Ensemble – Thomas Moore, violino (EUA); Michael Adrews, cello (EUA); e Lícia Luca, piano, apresentam obras de Schubert, Guerra-Peixe, Guilherme Bernstein e Astor Piazzolla.

ESCOLA DE GUERRA NAVAL – No próximo dia 18, às 10 horas, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará na Escola de Guerra Naval sobre “As novas mídias na escola pública”.

ANO XLVII – N.º 34

Em 20 de setembro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “CULTURA E SOCIEDADE BRASILEIRA” – Teve início no dia 4 de setembro, às 17h 30min, o ciclo “Cultura e sociedade brasileira”, coordenado pela Acadêmica Ana Maria Machado. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella sobre “Sociedade brasileira e interculturalidade”;

no dia 11, a conferência ficou a cargo de Gilberto Velho, sobre “Multiculturalismo e sociedade brasileira”; no dia 18, o Acadêmico Alfredo Bosi falou sobre “Literatura e resistência cultural”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 25 de setembro, pelo Acadêmico José Murilo de Carvalho sobre “Caminhos do imaginário brasileiro”. Sempre no mesmo horário.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 20 de setembro, quinta-feira, às 17h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon* a mesa-redonda do Seminário “Brasil, brasís” sobre “A fotografia brasileira – Pioneirismo e atualidade”. Coodenação Geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Carlos Nejar; Expositor: Acadêmico Nelson Pereira dos Santos; Palestrantes: Dom João de Orleans e Bragança, Milton Guran, Pedro Karp Vasques e Rosângela Rennó.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho participou do programa “Entre Aspas”, da Globo News, quando foi entrevistado por Maria Beltrão, titular do programa, sobre o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Estará presente também, no dia 23, no Café literário da XIII Bienal Internacional do Livro, para dialogar sobre “O cotidiano do escritor. O prazer da criação literária”. Tomará posse na Academia Carioca de Letras, no próximo dia 24, da Cadeira 36, que tem como patrono Lima Barreto, ocasião em que será recebido pelo Acadêmico Cícero Sandroni.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 27 a 28, a Clínica La Luz, de Madrid, organizadora do V Curso Monográfico Cirurgia Plástica y Estética, contará com a presença do Acadêmico Ivo Pitanguy que, na qualidade de convidado de honra, fará a Conferência Magistral sobre: “Evolución de la Cirurgia Corporal”.

EDUCAÇÃO E TURISMO – Na quarta-feira, dia 19, às 17h 30min, o Acadêmico Arnaldo Niskier falou no Conselho de Turismo da Confederação Nacional do Comércio. Tema: “Educação e Turismo”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTÔNIO OLINTO – A convite da União Brasileira de Escritores, no dia 26 de setembro, às 16 horas, na sede do Instituto Cultural SNA, o Acadêmico Antonio Olinto fará conferência sobre *Zora Seljan: A Intérprete dos Deuses*.

ALMOÇO NA ABL – Recebidos pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Senhora, pelos Acadêmicos Cícero Sandroni e Senhora, Candido Mendes de Almeida, Nelson Pereira dos Santos, Domício Proença Filho e Senhora, visitaram a ABL, no dia 14 de setembro, os Senhores Ary Graça Filho, Presidente da Confederação Brasileira de Vôlei, Nelson Sargento, Ronaldo Mattos, Maurício Dias, Jornalista da Carta Capital, Desembargador Luis Felipe Francisco e Senhoras Evonete Belizário, Dra. Margareth Dalcolmo, Mônica Pinto e Lúcia Araújo, Gerente Geral do Canal Futura.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – Convidado pela Universidade de Bragança e pela Academia Galega da Língua Portuguesa, o Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara estará representando a Academia Brasileira de Letras no 6.º Colóquio Anual da Lusofonia, dos dias 2 a 9 de outubro, quando proferirá palestra com o tema: “Unidade e Diversidade da Língua Portuguesa.”

A REFORMA FOI E VOLTOU – Com esse título, o Acadêmico Arnaldo Niskier falará em São Paulo, no dia 24, às 8h 30, em seminário promovido pelo CIEE. Na ocasião, será lançado o livro *Na ponta da Língua – 4*. Fará parte do evento o Acadêmico Evanildo Bechara, que falará sobre o Acordo Ortográfico.

ANO XLVII – N.º 35

Em 27 de setembro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “CULTURA E SOCIEDADE BRASILEIRA” – Terá início no dia 2 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Espaço das Artes”, coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. A conferência de abertura será proferida por José Carlos Avelar sobre “Cinema”; no dia 9, a conferência ficará a cargo de Luis Paulo Horta, sobre “Música I”; no dia 16, Sérgio Cabral sobre “Música II”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 23, por Paulo Herkenhoff, sobre “Artes Visuais”. Sempre no mesmo horário.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO BECHARA – O Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara abriu o II Congresso Internacional – “Língua portuguesa: identidade, difusão e variabilidade”, na Faculdade de Letras da UFRJ, no dia 25 de setembro com uma conferência intitulada “Língua portuguesa e identidade nacional”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo participou do Congresso Internacional de Língua Portuguesa, Filosofia e Literatura da Língua Portuguesa realizado a semana passada no Rio de Janeiro, tendo pronunciado a palestra “Os poetas de minha geração”. O moderador da mesa foi o Acadêmico Sábado Magaldi.

MARCOS VILAÇA E A ABI – A Associação Brasileira de Imprensa indicou o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça para integrar a Comissão de Honra do Centenário da ABI, cuja presidência cabe a Oscar Niemeyer. As comemorações acontecerão em 2008, ano da criação da ABL.

ANO JOAQUIM NABUCO – O Acadêmico Marco Maciel apresentou projeto de lei para designar o ano de 2010 como Ano Nacional Joaquim Nabuco, quando se comemora o centenário da morte de Nabuco.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 29 de setembro, o Acadêmico Antonio Carlos Secchin dará depoimento sobre sua obra poética no Festival Literário de Porto de Galinhas.

ANO MACHADO DE ASSIS – O Diário Oficial da União publicou no dia 19 de setembro sanção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao projeto do Senador Marco Maciel que institui o ano de 2008 como Ano Nacional Machado de Assis.

PRÍNCIPE E CORSÁRIO – A convite da Editora L’Harmatan, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça fará, em Paris, a apresentação do livro de Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, *Príncipe e Corsário*, romance histórico da presença de Nassau, em Pernambuco. O ato ocorrerá no Centro Cultural da América Latina a 10 de outubro.

FLIPORTO – A Acadêmica Nélida Piñon faz palestra, hoje 27 de setembro, na cerimônia de abertura do Festival Literário de Porto de Galinhas, em Pernambuco.

JOSÉ LINS DO REGO: ENGENHO E MEMÓRIA – Foi aberta na terça-feira, dia 25 de setembro, na Galeria Manuel Bandeira, a exposição *José Lins do Rego: Engenho e Memória*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – O Acadêmico Ivan Junqueira participará, no próximo dia 29 de setembro, da Mesa Redonda: “A Literatura na ABL”, no âmbito das conferências e palestras previstas na Feira Internacional de Porto de Galinhas, Pernambuco.

ANO XLVII – N.º 36

Em 4 de outubro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ESPAÇO DAS ARTES” – Teve início no dia 2 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Espaço das Artes”, coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. A conferência de abertura foi proferida por José Carlos Avelar sobre “Cinema”; no dia 9, a conferência ficará a cargo de Luis Paulo Horta, sobre “Música I”; no dia 16, Sérgio Cabral falará sobre “Música II”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 23 de outubro, sobre “Artes Visuais”, por Paulo Herkenhoff. Sempre no mesmo horário.

LANÇAMENTO – Realizou-se na terça-feira, dia 2 de outubro, o lançamento do livro *Invenção do Desenho*, do Acadêmico Alberto da Costa e Silva, editado pela Nova Fronteira.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – Comemora-se, no próximo dia 8 de outubro, segunda-feira, o aniversário natalício do Acadêmico Eduardo Portella, que ocupa a Cadeira 27 do Quadro dos Membros Efetivos.

180 ANOS DO JORNAL DO COMMERCIO – Realizou-se segunda-feira, 1.º de outubro, a solenidade comemorativa dos 180 anos do *Jornal do Commercio*, no Copacabana Palace, às 19h 30min. Na ocasião, personalidades de diferentes segmentos da sociedade receberam o “Troféu 180 Anos”, uma escultura de autoria de Christina Oiticica. Na área da Cultura, foi homenageado com esse troféu o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, Presidente da Academia Brasileira de Letras.

O INVENTÁRIO – Ontem, dia 3 de outubro, o Acadêmico Arnaldo Niskier esteve em Manaus, para o lançamento do livro *Educação, Estágio e Trabalho*, escrito em parceria com o Prof. Paulo Nathanael Pereira de Souza. Na ocasião, fez uma palestra sobre “O inventário da Educação Brasileira”.

ANO MACHADO DE ASSIS – O Diário Oficial da União publicou, no dia 19 de setembro passado, sanção do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao projeto do Senador Marco Maciel que institui o ano de 2008 como Ano Nacional Machado de Assis.

PRÍNCIPE E CORSÁRIO – A convite da Editora L’Harmatan, o Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça fará, em Paris, a apresentação do livro de Maria Cristina Cavalcanti de Albuquerque, *Príncipe e Corsário*, romance histórico da presença de Nassau, em Pernambuco. O ato ocorrerá no Centro Cultural da América Latina, a 10 de outubro.

ACADÊMICOS NO FLIPORTO – Em sessão conjunta os Acadêmicos Sábato Magaldi e Lêdo Ivo participaram da Festa Literária Internacional de Porto de Galinhas (Fliporto), ocorrida em Pernambuco na semana passada. O Acadêmico Sábato Magaldi pronunciou uma palestra sobre os membros da Academia Brasileira de Letras que foram teatrólogos e o acadêmico Lêdo Ivo deu um recital sobre a sua poesia.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CANDIDO MENDES DE ALMEIDA – Foi outorgado ao Acadêmico Candido Mendes de Almeida o Prix Du Rayonnement De La Langue et de La Littérature Françaises, por *Le Défi de la différence – Entretiens sur la latinité*, concedido pela Académie Française. Trata-se de um prêmio especial referente a Língua e Literatura Francesa, outorgado pela primeira vez a um escritor brasileiro.

HOMENAGEM À ACADEMIA – Hoje a livraria mais antiga do Brasil, Ao Livro Verde, de Campos, RJ, fará uma homenagem à Academia entregando uma placa comemorativa pelos seus 110 anos de fundação. A placa será entregue pelo Sr. Ronaldo Sobral, proprietário da livraria, que consta do *Guinness Book* de 1995 por ser a mais antiga em continuidade, pois nunca fechou suas portas, inaugurada a 13 de junho de 1844.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Amanhã, dia 5, o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Porto Alegre para o Encontro da Academia Nacional de Medicina e a Academia Sul-Rio-Grandense de Medicina quando falará sobre o Corpo e o Tempo.

ANO XLVII – N.º 37

Em 11 de outubro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ESPAÇO DAS ARTES” – Teve início no dia 2 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Espaço das Artes”, coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. A conferência de abertura foi proferida por José Carlos Avelar sobre “Cinema”; no dia 9, a conferência ficou a cargo de Luiz Paulo Horta, sobre “Música I”; no dia 16, Sérgio Cabral falará sobre “Música II”; e a conferência de encerramento será proferi-

da na terça-feira, dia 23 de outubro, sobre “Artes Visuais”, por Paulo Herkenhoff. Sempre no mesmo horário.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO MURILO MELO FILHO – Comemora-se, no próximo dia 13 de outubro, sábado, o aniversário natalício do Acadêmico Murilo Melo Filho, que ocupa a Cadeira N. 20 do Quadro dos Membros Efetivos.

MEDALHA DO TSE – O Tribunal Superior Eleitoral conferiu ao Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça a Medalha de Honra. A outorga foi feita pelo Presidente do TSE, Ministro Marco Aurélio Mello, em solenidade que contou com a presença de Ministros do Supremo Tribunal Federal e dos Acadêmicos José Sarney e Marco Maciel.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO JOSÉ MINDLIN – A Autêntica Editora, em parceria com a Câmara Mineira do Livro, escolheram o Acadêmico José Mindlin para patrono de um concurso nacional de literatura que vai contemplar obra de ficção inédita, para escritores brasileiros.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO CÍCERO SANDRONI – O Acadêmico Cícero Sandroni esteve em Caçapava no dia 8 de outubro, segunda-feira, representando a ABL na homenagem realizada naquela cidade a cinco acadêmicos nascidos no Vale do Paraíba: Homem de Melo, Osvaldo Cruz, Cassiano Ricardo, Francisco de Assis Barbosa e Miguel Reale. Participou, também, da cerimônia de Fundação da Academia Caçapavense de Letras, ocasião em que a Academia Brasileira de Letras foi homenageada em discursos proferidos pelo Secretário de Cultura e pelo Prefeito da Cidade. Na última quarta-feira, participou de um seminário promovido pelo PEN Clube e a ABI sobre liberdade de expressão, com a jornalista e escritora Ana Arruda Calado.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco organizou, transcreveu e apresentou *Rosa de Ouro*, livro póstumo do segundo Afonso Arinos, lançado no PEN Clube do Brasil.

NOTÍCIA DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – Entre 12 e 14 do corrente o Acadêmico Ivo Pitanguy estará em Paris como convidado de honra da *European Masters in Aesthetic and Anti-Aging Medicine*. Na ocasião, fará conferência sobre *Future directions in Plastic Surgery*.

MANAUS – O Acadêmico Arnaldo Niskier esteve em Manaus para o lançamento do livro *Educação, Estágio e Trabalho* (Edições Integrare). O evento, prestigiado pelo Secretário de Estado de Educação, Gedeão Timóteo Amorim, realizou-se na Suframa.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO LÊDO IVO – O Acadêmico Lêdo Ivo foi escolhido para ser um dos presidentes do XIII Festival Internacional de Poesia de La Habana, a realizar-se em Cuba, no mês de maio do próximo ano. Este festival, que reunirá poetas representativos de todas as partes do mundo, se concentrará na poesia das línguas originárias da América (o mapuche, o guarani, o quechua, o aimoré e o maia) e na poesia dos povos da Ásia.

ABL HOMENAGEADA NO RECIFE – A Academia Brasileira de Letras recebeu uma homenagem da Academia Pernambucana de Letras, durante a Bienal do Livro, reunida no Recife. Estiveram presentes os Acadêmicos Marcos Vinícios Vilaça, Arnaldo Niskier, além dos Acadêmicos Sérgio Paulo Rouanet, Murilo Melo Filho e Domício Proença Filho, que pronunciaram conferências no Auditório Clarice Lispector.

HOMENAGEM – No dia 9 de outubro, na sede do Centro Israelita Brasileiro, em Copacabana, o Acadêmico Arnaldo Niskier recebeu o título de PERSONALIDADE DE 2007, em virtude das obras publicadas: *O Martírio de Branca Dias* e *O Padre Antonio Vieira e os Judeus*. O primeiro dos livros foi lançado em São Paulo, na sede das Faculdades Metropolitanas Unidas.

ANO XLVII – N.º 38

Em 18 de outubro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ESPAÇO DAS ARTES” – Teve início no dia 2 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Espaço das Artes”, coordenado pelo Acadêmico Ivan Junqueira. A conferência de abertura foi proferida por José Carlos Avelar sobre “Cinema”; no dia 9, a conferência ficou a cargo de Luiz Paulo Horta, sobre “Música I”; no dia 16, Sérgio Cabral falou sobre “Música II”; e a conferência de encerramento será proferida na terça-feira, dia 23 de outubro, sobre “Artes Visuais”, por Paulo Herkenhoff. Sempre no mesmo horário.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO NELSON PEREIRA DOS SANTOS – Comemora-se no próximo dia 22 de outubro, segunda-feira, o aniversário

natalício do Acadêmico Nelson Pereira dos Santos, que ocupa a Cadeira 7 do Quadro dos Membros Efetivos.

JORNADAS DE LITERATURA BRASILEIRA NO CHILE – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça foi convidado pela Universidade do Chile para participar das Jornadas de Literatura Brasileira, que ocorrerão pela segunda vez, em Santiago. O tema que lhe foi proposto trata do papel atual da Academia Brasileira de Letras, suas influências na educação e na cultura do nosso País. O Presidente da ABL viajará na companhia dos seus confrades acadêmicos Ivan Junqueira e Carlos Nejar, ocasião em que juntos também participarão da Feira Sul-americana do Livro.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – De 27 a 28 a Clínica La Luz, de Madrid, organizadora do V Curso Monográfico de Cirurgia Plástica y Estética, contará com a presença do Acadêmico Ivo Pitanguy que, na qualidade de convidado de honra, fará a Conferência Magistral sobre: “Evolución de la Cirurgia Corporal”.

NOTÍCIAS DO PRESIDENTE MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O lançamento do livro *Nassau – Príncipe e Corsário*, de Maria Cristina Cavalcanti, lotou o salão de atos da Embaixada do Brasil, em Paris. Professores, estudantes e diplomatas compuseram a platéia que ouviu discursos do Presidente Marcos Vinícios Vilaça, da Academia Brasileira de Letras, da embaixadora Vera Pedrosa e da escritora Monique Le Moing. A autora e a Embaixatriz Michelle Corrêa da Costa foram especialmente homenageadas pelo Acadêmico Marcos Vilaça, que, na ocasião, anunciou a edição, ainda este ano, em francês, do livro do saudoso Acadêmico Sergio Corrêa da Costa: *O Nazismo da América do Sul*.

JAPÃO – No dia 18, às 10 horas, na ABL, o Acadêmico Arnaldo Niskier realizou palestra sobre “Inovações na educação japonesa”, a convite do Consulado Geral daquele país no Rio de Janeiro.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se, no dia 25 de outubro, próxima quinta-feira, às 17h30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário “Brasil, brasis” sobre “O Homem na Era das Novas Mídias”. Coordenação Geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça; Coordenação: Acadêmico Cícero Sandroni; Expositor: Acadêmico Arnaldo Niskier; Palestrantes: Marcos Troyjo, Mônica Dias Pinto, Paulo Markun, Sílvio Meira e Regina Casé.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – No próximo dia 26, sexta-feira, às 17h 30min, realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr., o 5.º Recital da Série Música de Câmara na ABL – Eliza Fukuda, violino e Vera Astrachan, piano. Obras de Edvard Grieg e Camargo Guarnieri.

PROGRAMA CENAS CLÁSSICAS – PRIMEIRA OFICINA LITERÁRIA – No dia 23 de outubro, às 19 horas, será realizada a Primeira Oficina Literária do Programa Cenas Clássicas, no Teatro R. Magalhães Jr. O programa Cenas Clássicas, cujo objetivo é o de disseminar a prática da leitura, inaugura o Núcleo de Leitura da Academia Brasileira de Letras, por meio do Presidente da Comissão Consultiva das Bibliotecas da ABL, Acadêmico Eduardo Portella. Inspirado em conhecidas teses da Acadêmica Ana Maria Machado, tem a coordenação do Acadêmico Domício Proença Filho.

ANO XLVII – N.º 39

Em 25 de outubro de 2007

SESSÃO ANTECIPADA – Realiza-se no dia 31 do corrente mês, quarta-feira, a sessão plenária da Academia em virtude do feriado do dia 2.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MARCOS VINÍCIOS VILAÇA – O Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça presidiu ontem, dia 24, às 19 horas, em Brasília, o lançamento da mostra itinerante do Prêmio CNI/SESI Marcantonio Vilaça de Artes Plásticas. O ato ocorreu no novo Museu Nacional do Conjunto Cultural da República.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ROMANCISTAS NA ACADEMIA” – Terá início no dia 30 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Romancistas na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella, que falará sobre Ana Maria Machado; no dia 6 de novembro, a conferência estará a cargo do Acadêmico Lêdo Ivo sobre Antonio Olinto; no dia 13, o Acadêmico Domício Proença Filho falará sobre José Sarney e a conferência de encerramento será proferida, excepcionalmente na quarta-feira, dia 21 de novembro, sobre Moacyr Scliar, por Flávio Loureiro Chaves. Sempre no mesmo horário.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, dia 25 de outubro, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr., a mesa-redonda do Seminário “Brasil, brasís” sobre “O Homem na Era das Novas Mídias”. Coordenação Geral: Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça;

Coordenação: Acadêmico Cícero Sandroni; Expositor: Acadêmico Arnaldo Niskier; Palestrantes: Marcos Troyjo, Mônica Dias Pinto, Paulo Markun, Sílvio Meira e Regina Casé.

MÚSICA DE CÂMARA NA ABL – Amanhã, dia 26, sexta-feira, às 17h 30min, realiza-se, no Teatro R.Magalhães Jr., o 5.º Recital da Série Música de Câmara na ABL – Eliza Fukuda, violino e Vera Astrachan, piano. Obras de Edvard Grieg e Camargo Guarnieri.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar esteve na Feira do Livro de São Luís do Maranhão, ocasião em que lançou *O Texto ou a Vida*. Encontra-se, desde ontem até hoje em Santiago do Chile, participando da Feira do Livro de Santiago, devendo proferir conferência sobre “Literatura Brasileira”. Dia 31 estará em Belém do Pará, a convite do programa “Sempre um Papo”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – A convite do Comando da Escola Superior de Guerra, o Acadêmico Domício Proença Filho pronunciou conferência, no último dia 19, sobre “Língua, Cultura e Literatura”.

ACADÊMICO LÊDO IVO NA ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA – O Acadêmico Lêdo Ivo pronunciou, sexta-feira última, uma conferência na Escola Superior de Guerra sobre a sua trajetória literária e a criação poética. Abordou, ainda, temas relacionados com a sua origem geográfica e os desafios da realidade nacional.

27.ª FEIRA DO LIVRO DE SANTIAGO – A cultura brasileira é o destaque desta 27.ª Feira Internacional do Livro de Santiago, evento promovido pela Câmara Chilena do Livro e que começou dia 23 do corrente. Durante 14 dias, o Brasil, país convidado de honra, contará com uma diversificada mostra cultural que incluirá trabalhos de autores e manifestações artísticas e musicais brasileiras. Da ABL participarão o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, que falará por ocasião do lançamento da co-edição *Huidobro / Bandeira*; o Acadêmico Carlos Nejar fará duas conferências, uma sobre Vicente Huidobro e outra sobre a sua obra; o Acadêmico Moacyr Scliar falará sobre a sua obra; o Acadêmico Ivan Junqueira fará uma palestra no dia 1.º de novembro sobre “Machado de Assis cronista”; no dia 3, haverá a apresentação do livro *Casi Memoria*, de Carlos Heitor Cony.

FUNDOS DE PENSÃO – O Acadêmico Arnaldo Niskier realizará conferência em Belo Horizonte no dia 8 de novembro. Tema: “UNIPREV, a Universidade da Previdência Complementar”. Será no Congresso Brasileiro dos Fundos de Pensão.

ANO XLVII – N.º 40

Em 31 de outubro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ROMANCISTAS NA ACADEMIA” – Teve início no dia 30 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Romancistas na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella, que falou sobre Ana Maria Machado; no dia 6 de novembro, a conferência estará a cargo do Acadêmico Lêdo Ivo sobre Antonio Olinto; no dia 13, o Acadêmico Domício Proença Filho falará sobre José Sarney e a conferência de encerramento será proferida, excepcionalmente na quarta-feira, dia 21 de novembro, sobre Moacyr Scliar, por Flávio Loureiro Chaves. Sempre no mesmo horário.

27.^a FEIRA DO LIVRO DE SANTIAGO – A cultura brasileira é o destaque desta 27.^a Feira Internacional do Livro de Santiago, evento promovido pela Câmara Chilena do Livro e que começou dia 23 do corrente. Durante 14 dias, o Brasil, país convidado de honra, contará com uma diversificada mostra cultural que incluirá trabalhos de autores e manifestações artísticas e musicais brasileiras. Da ABL participarão o Presidente Marcos Vinícios Vilaça, que falará por ocasião do lançamento da co-edição Huidobro Bandeira; o Acadêmico Carlos Nejar fará duas conferências, uma sobre Vicente Huidobro e outra sobre a sua obra; o Acadêmico Moacyr Scliar falará sobre a sua obra; o Acadêmico Ivan Junqueira, fará uma palestra no dia 1.º de novembro sobre “Machado de Assis cronista”; no dia 3, haverá a apresentação do livro *Casi Memoria*, de Carlos Heitor Cony.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO JOÃO DE SCANTIMBURGO – Comemora-se hoje, dia 31, o aniversário natalício do Acadêmico João de Scantimburgo, que ocupa a Cadeira 36 do Quadro dos Membros Efetivos.

REUNIÃO CONJUNTA DA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA – Realizou-se nos dias 29 e 30 de outubro, no Salão Nobre da Academia, a reunião conjunta da Academia Brasileira de Letras e da Academia das Ciências de Lisboa sobre o tema “O papel de D. João VI na união de

Portugal e Brasil”. No dia 29, às 10 horas realizou-se a sessão inaugural, presidida pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça. Falou nessa reunião o Acadêmico António Braz Teixeira, Vice-Presidente da Academia das Ciências de Lisboa e Presidente da Classe de Letras. O Presidente da ABL, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça encerrou a sessão. Às 11h 30min, foi exibido o filme “O português do Brasil” – Depoimentos de Acadêmicos – e Direção de Nelson Pereira dos Santos. Às 16 horas, realizou-se a 1.ª Sessão Conjunta sob a presidência do Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, coordenação do Acadêmico Domício Proença Filho. Conferencistas: Acadêmicos António Braz Teixeira, Miguel Telles Antunes, Candido Mendes de Almeida e Hélio Jaguaribe. A 2.ª Sessão Conjunta, dia 30, às 14 horas, presidida pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e sob a Coordenação do Acadêmico Cícero Sandroni, teve como conferencistas os Acadêmicos José Murilo de Carvalho, Luís Oliveira Ramos, Domício Proença Filho e José Luís Cardoso. O Presidente da ABL, Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça, encerrou a reunião. Às 20h 30min, o Consulado de Portugal ofereceu um jantar de confraternização.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO – Comemora-se, no próximo dia 3 de novembro, o aniversário natalício do Acadêmico Ivan Junqueira, que ocupa a Cadeira 37 do Quadro dos Membros Efetivos.

D. QUIXOTE – No dia 10 de dezembro, na Biblioteca Nacional, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará o livro (Adaptado) “D. Quixote para crianças”. As ilustrações são de Mário Mendonça.

SESSÃO DO DIA 8 DE NOVEMBRO – Na sessão plenária do dia 8 de novembro, quinta-feira, o Acadêmico Marco Maciel falará sobre Cícero Dias e haverá a aposição dos retratos de Luiz Viana Filho, Aurélio Buarque de Holanda, Adonias Filho, Herberto Sales, Pedro Calmon, Oscar Dias Corrêa e Afrânio Coutinho.

ANO XLVII – N.º 41

Em 8 de novembro de 2007

APOSIÇÃO DE RETRATOS – Realiza-se hoje, às 15 horas, no Salão Nobre da Academia, a aposição dos retratos de Aurélio Buarque de Holanda, Oscar Dias Corrêa, Afrânio Coutinho, Herberto Sales, Luiz Viana Filho, Adonias Filho e Pedro Calmon.

REINAUGURAÇÃO DA SALA JOSÉ DE ALENCAR – Realiza-se hoje, às 18 horas, a reinauguração da Sala José de Alencar. Na ocasião, teremos o Recital da Soprano Juliana Sucupira com o programa “Canções Brasileiras!” – Katia Balloussier (piano) e Gretelo Paganini (violoncelo). O programa será exclusivamente brasileiro, com peças dos mais conceituados compositores, como Villa-Lobos, Carlos Gomes, Alberto Nepomuceno, Cláudio Santoro, entre outros, e com poesias de renomados poetas brasileiros, incluindo Machado de Assis e Manuel Bandeira.

ANIVERSÁRIO NATALÍCIO DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – Comemora-se no domingo, dia 11 do corrente o aniversário natalício do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco, que ocupa a Cadeira 17 do Quadro dos Membros Efetivos.

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ROMANCISTAS NA ACADEMIA” – Teve início no dia 30 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Romancistas na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella que falou sobre Ana Maria Machado; no dia 6 de novembro a conferência esteve a cargo do Acadêmico Lêdo Ivo sobre Antonio Olinto; no dia 13, o Acadêmico Domício Proença Filho falará sobre José Sarney e a conferência de encerramento será proferida, excepcionalmente na quarta-feira, dia 21 de novembro, sobre Moacyr Scliar, por Flávio Loureiro Chaves. Sempre no mesmo horário.

NOTÍCIAS DE CELSO FURTADO – Está sendo lançado nesta semana seu livro *A Economia Latino-Americana*, segundo título do projeto de republicação de parte de sua obra pela Companhia das Letras. O clássico *Formação Econômica do Brasil* saiu, na 34.^a edição, em fevereiro. *Criatividade e Dependência* será o próximo título e sairá no ano que vem, com prefácio do acadêmico Alfredo Bosi. Quanto ao documentário “O longo amanhecer, cinebiografia de Celso Furtado”, do cineasta José Mariani, estréia na próxima semana em circuito comercial, no Nordeste, devendo chegar aos cinemas do Rio em março de 2008.

O MUNICÍPIO DE BELFORD ROXO HOMENAGEIA MACHADO DE ASSIS E A ABL – O Acadêmico Murilo Melo Filho representará a Academia Brasileira de Letras na homenagem que, no próximo dia 13 do corrente, o município de Belford Roxo prestará à Academia Brasileira de Letras e a Machado de Assis, comemorando o centenário da morte do grande escritor brasileiro e primeiro presidente da ABL.

FEIRA DE MIAMI – Realiza-se em Miami, de 7 a 11, a Feira Internacional do Livro, tendo este ano o Brasil como país-tema. No Stand brasileiro, haverá um espaço especial dedicado à Academia Brasileira de Letras, incluindo a montagem de uma pequena exposição sobre a Casa de Machado de Assis. A Academia será representada pelos Acadêmicos José Murilo de Carvalho e Ana Maria Machado. Dia 9, em cerimônia organizada pelo Cônsul-Geral João Almino, eles entregarão a medalha comemorativa dos 110 anos da ABL a Adriana Sabino, diretora do Centro Cultural Brasil-Estados Unidos.

FICÇÃO DO ACADÊMICO LÊDO IVO – Dando prosseguimento à publicação da ficção completa do Acadêmico Lêdo Ivo, a Editora Leitura acaba de lançar a 4.ª edição de *As Alianças*, seu romance de estréia, distinguido com o Prêmio Graça Aranha. Em março do próximo ano, a Editora Leitura publicará a 5.ª edição de *Ninbo de Cobras*, Prêmio Nacional WALMAP.

ALMOÇO NA ABL – A Academia Brasileira de Letras recebeu sexta-feira, dia 26 de outubro, as visitas dos Senhores Wanderley Guilherme dos Santos, Cláudio Murilo Leal, Mauro Santayana, Arno Wehling, Gen. Paulo César de Castro, Cel. Vilmar e da Sras. Heloisa Padilha e Sônia Coutinho. Recebidos pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Senhora Maria do Carmo e Acadêmico Cícero Sandroni.

ANO XLVII – N.º 42

Em 14 de novembro de 2007

CICLO DE CONFERÊNCIAS – “CICLO DE CONFERÊNCIAS – “ROMANCISTAS NA ACADEMIA” – Teve início no dia 30 de outubro, às 17h 30min, o ciclo “Romanistas na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Eduardo Portella que falou sobre Ana Maria Machado; no dia 6 novembro, a conferência esteve a cargo do Acadêmico Lêdo Ivo sobre Antonio Olinto; no dia 13, o Acadêmico Domício Proença Filho falou sobre José Sarney e a conferência de encerramento será proferida, excepcionalmente na quarta-feira, dia 21 de novembro, sobre Moacyr Scliar, por Flávio Loureiro Chaves. Sempre no mesmo horário.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO AFFONSO ARINOS DE MELLO FRANCO – O Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco foi eleito sócio emérito do Instituto Histó-

rico e Geográfico Brasileiro e recebeu o diploma do Mérito Cultural pela Academia Brasileira de Filologia e a Faculdade CCAA.

CARTAS PARA O ACADÊMICO LÊDO IVO – O Instituto Moreira Salles está anunciando o lançamento, no dia 5 de dezembro próximo, do livro *E Agora Adeus – Correspondência para Lêdo Ivo*. São cartas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Mario de Andrade, Clarice Lispector, Ribeiro Couto, João Cabral de Melo Neto, Otto Maria Carpeaux, José Geraldo Vieira, Érico Veríssimo, Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Lauro Escorel, Abgar Renault, Ivan Junqueira e Antonio Candido, extraídas do acervo literário do Acadêmico Lêdo Ivo, ora sob a guarda daquele Instituto.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO DOMÍCIO PROENÇA FILHO – O Acadêmico Domício Proença Filho, na segunda-feira, dia 12 de novembro, falou, a convite da Diretoria do PEN Clube, sobre a sua produção como poeta e ficcionista. No mesmo dia, concedeu entrevista ao poeta Salgado Maranhão.

D. QUIXOTE – No dia 10 de dezembro, na Biblioteca Nacional, o Acadêmico Arnaldo Niskier lançará o livro (Adaptado) “D. Quixote para crianças”. As ilustrações são de Mário Mendonça.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – A Acadêmica Nélide Piñon seguiu para Lisboa, onde participou do júri do “Prêmio José Saramago” e da promoção do seu romance *A Casa da Paixão*, publicado pela editora Bertrand. No dia 30 de outubro, esteve em Santiago do Chile, onde participou do foro Ibero-americano, do qual é membro fundador e também foi convidada por Enrique Iglesias para falar aos jovens líderes da América Latina.

FEIRA DO LIVRO DE SÃO LUÍS – O Acadêmico Josué Montello foi homenageado como Patrono da Feira do Livro de São Luís, ocasião em que foi inaugurado o seu busto, por iniciativa da Prefeitura de São Luís, nos jardins do Museu Histórico e Artístico do Maranhão.

CIEE – No dia 5 de novembro, em Assembléia Geral, o CIEE/RJ elegeu o Acadêmico Arnaldo Niskier para presidir o seu conselho de Administração, na gestão 2008/2010. A decisão foi unânime.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO TARCÍSIO PADILHA – Fundador e Conselheiro da Association Louis Lavelle, com sede em Paris, o Acadêmico Tarcísio Padilha foi eleito, por unanimidade. *Membre d'honneur* da instituição internacional que congrega os estudiosos do fundador da “*Philosophie de l'Esprit*”. É oportuno recordar que o Acadêmico lançou em 1955 a primeira tese sobre o filósofo francês, *A Ontologia Axiológica de Louis Lavelle*, que alcançou repercussão internacional.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – No dia 7, o Acadêmico Ivo Pitanguy fez conferência sobre “Perspectivas da Cirurgia do Envelhecimento”, no Campus Arcos da Lapa da Universidade Estácio de Sá. Dos dias 13 a 16 do corrente mês, estará em Curitiba participando do 44.º Congresso de Cirurgia Plástica. Na ocasião, falará sobre “Mamoplastia – Filosofia e Experiência”.

ALMOÇO NA ABL – A Academia Brasileira de Letras recebeu sexta-feira, dia 9 de novembro, as visitas da Desembargadora Leticia de Faria Sardas, da Senhora Rejane Godoy, dos Senhores Álvaro Teixeira da Costa, Carlos Eduardo Ferreira, Maurício Dinoppi, Alfredo Raimundo, Marcone Formiga e dos Acadêmicos Marco Maciel e Murilo Melo Filho, recebidos pelo Acadêmico Marcos Vinícios Vilaça e Senhora Maria do Carmo e Acadêmicos Cícero Sandroni e Domício Proença Filho.

ANO XLVII – N.º 43

Em 22 de novembro de 2007

“CIÊNCIA E DIPLOMACIA NA ACADEMIA” – Terá início no dia 27 de novembro, às 17h30min, o ciclo “Ciência e diplomacia na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. A conferência de abertura será proferida pelo Acadêmico Tarcísio Padilha que falará sobre “Academia e Filosofia”; no dia 4 de dezembro, a conferência estará a cargo do Acadêmico Celso Lafer; no dia 11, o Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco falará sobre “A Academia e a Diplomacia” e a conferência de encerramento será proferida dia 18 de dezembro, sobre “Academia e a Medicina” pelo Acadêmico Ivo Pitanguy.

ENCONTRO COM O ROMANCISTA – Amanhã, dia 23 de novembro, sexta-feira, às 19 horas, realiza-se no Teatro R. Magalhães Jr., o primeiro “Encontro com o romancista”, com o Acadêmico João Ubaldo Ribeiro.

APOSIÇÃO DO RETRATO DE MÚCIO LEÃO – Realiza-se hoje, às 15h 30min, a aposição do retrato do Acadêmico Múcio Leão no Arquivo da ABL.

HOMENAGEM AO ACADÊMICO JOSUÉ MONTELLO – Realizou-se no PEN Clube, no dia 7 do corrente mês, sessão em homenagem ao Acadêmico Josué Montello, tendo como conferencista o Prof. Antonio Martins Araújo. Na ocasião, foi oferecida à Senhora Yvonne Montello uma placa de prata.

APOCALIPSE – Será lançado no dia 27, terça-feira, a partir das 18h, na sede central do Jockey Club (cidade) – 10.º andar, o último livro do Acadêmico Arnaldo Niskier. O título é *Apocalipse Pedagógico e Outras Crônicas*.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVO PITANGUY – O Acadêmico Ivo Pitanguy esteve dos dias 13 a 16 do corrente mês em Curitiba, participando do 44.º Congresso de Cirurgia Plástica. Na ocasião, falou sobre “Mamoplastia – Filosofia e Experiência”.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO IVAN JUNQUEIRA – Convidado pelo Ministério das Relações Exteriores, o Acadêmico Ivan Junqueira estará amanhã, dia 23, em Brasília para presidir, mais uma vez, o júri do Concurso Internacional Machado de Assis, promovido pelo Itamaraty e que, neste ano, contemplará, com US\$ 25.000 (Vinte e cinco mil dólares) a melhor monografia sobre a obra do romancista carioca Lima Barreto.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE ESCRAVIDÃO – De hoje ao dia 24 do corrente mês, realiza-se, no Teatro R. Magalhães Jr. o Seminário “Confrontando as escravidões para um Diálogo visando ao Entendimento Cultural”. Às 10 horas, o Presidente Marcos Vinícios Vilaça fez a abertura do Seminário e às 11 horas o Acadêmico Alberto da Costa e Silva discorreu sobre o tema “Para uma história comparada das escravidões”. Na sessão de encerramento, no dia 24, falará o Dr. Mohammed Ennaji.

EPITÁFIO DO SOLDADO DESCONHECIDO – O epitáfio do soldado desconhecido do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra, a ser visitado pelos acadêmicos no próximo dia 27, é de autoria do Acadêmico Lêdo Ivo. A escolha foi feita pelo Marechal Mascarenhas de Moraes, comandante da Força Expedicionária Brasileira (FEB), quando da construção do Monumento e transladação dos restos mortais dos pracinhas brasileiros do Cemitério de Pistóia (Itália) para a nossa Pátria.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se na quinta-feira, dia 29 de novembro, no Teatro R. Magalhães Jr., o “Seminário Brasil, brasis” sobre o tema “Ritmo e poesia: samba no pé, samba no verso”. Coordenação do Acadêmico José Murilo de Carvalho; Expositor: Acadêmico Alberto da Costa e Silva e Debatedores Leonardo Dantas, Ney Lopes, Nelson Sargento e Lenine.

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO – Realiza-se, no dia 6 de dezembro, a Eleição da Diretoria para o exercício de 2008. No dia 13 de dezembro, terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos e, às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria eleita para 2008.

ANO XLVII – N.º 44

Em 29 de novembro de 2007

CIÊNCIA E DIPLOMACIA NA ACADEMIA” – Teve início no dia 27 de novembro, às 17h 30min, o ciclo “Ciência e diplomacia na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, que falou sobre “Academia e Filosofia”; no dia 4 de dezembro, a conferência estará a cargo do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre “A ABL e a Diplomacia”; no dia 11, o Acadêmico Ivo Pitanguy falará sobre “A ABL e a Medicina”, a conferência de encerramento será proferida dia 18 de dezembro, sobre “A ABL e o Direito” pelo Acadêmico Celso Lafer.

APOSIÇÃO DO RETRATO DO ACADÊMICO SERGIO CORRÊA DA COSTA – Hoje, 29 de novembro, teremos a aposição do retrato do Acadêmico Sergio Corrêa da Costa, às 15h 30min, no Salão Nobre do *Petit Trianon*. O orador da solenidade será o Acadêmico Nelson Pereira dos Santos.

SEMINÁRIO BRASIL, BRASIS – Realiza-se hoje, quinta-feira, às 17h 30min, no Teatro R. Magalhães Jr. o “Seminário Brasil, brasis” sobre o tema “Ritmo e poesia: samba no pé, samba no verso”. Coordenação do Acadêmico José Murilo de Carvalho; Expositor: Acadêmico Alberto da Costa e Silva; Debatedores: Leonardo Dantas, Ney Lopes, Nelson Sargento e Lenine.

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO – Realiza-se, no dia 6 de dezembro, a Eleição da Diretoria para o exercício de 2008. No dia 7, sexta-feira, realiza-se, às 16 horas, sessão extraordinária para receber o Ministro da Educação, Prof. Fernando Haddad. No dia 11 de dezembro de 2007, às 19h 30min, no âmbito das comemorações dos 110 anos da ABL, realiza-se, no Salão Nobre do Petit Trianon, a apresentação da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. No dia 13 de dezembro, terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria, eleita para 2008.

LANÇAMENTO DE *E AGORA ADEUS* – Será às 19h 30min do próximo dia 5 de dezembro, no Instituto Moreira Salles na Gávea, o lançamento de *E Agora Adeus, Correspondência para Lêdo Ivo*. São cartas de Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Clarice Lispector, Ribeiro Couto, Érico Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo, Ivan Junqueira, Otto Maria Carpeaux, Antonio Candido, Abgar Renault, José Geraldo Vieira, Jorge Amado, José Américo de Almeida, Lauro Escorel e Murilo Mendes. Essa correspondência abarca desde 1940 até 2004 e é ilustrada por uma ampla iconografia.

LANÇAMENTO EM PORTO ALEGRE – O Acadêmico Carlos Nejar lançou a *História da Literatura Brasileira*, Ediouro, no Espaço Rotta Ely, em Porto Alegre, em sessão solene no dia 28 do corrente, às 20 horas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EVANILDO CAVALCANTE BECHARA – No dia 26 de novembro, às 19 horas, no Plenário Teotônio Vilella, foi outorgada ao Acadêmico Evanildo Cavalcante Bechara a Medalha de Mérito Pedro Ernesto, numa iniciativa do Vereador Sami Jorge Haddad Abdumacih

PRÊMIO ICSS – O Prêmio Nacional de Seguridade Social, criado pelo Acadêmico Arnaldo Niskier, quando presidiu o ICSS (Instituto Cultural de Seguridade Social), será entregue hoje, dia 29 de novembro, às 16 horas, em cerimônia na Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Entre os agraciados, o jornalista Otávio Frias Filho.

ANO XLVII – N.º 45

Em 6 de dezembro de 2007

CIÊNCIA E DIPLOMACIA NA ACADEMIA” – Teve início, no dia 27 de novembro, às 17h 30min, o ciclo “Ciência e diplomacia na Academia”, coordenado pelo Acadêmico Alberto Venancio Filho. A conferência de abertura foi proferida pelo Acadêmico Tarcísio Padilha, que falou sobre “A ABL e a Filosofia”; no dia 4 de dezembro, a conferência esteve a cargo do Acadêmico Affonso Arinos de Mello Franco sobre “A ABL e a Diplomacia”; no dia 11, o Acadêmico Ivo Pitanguy falará sobre “A ABL e a Medicina”, a conferência de encerramento será proferida dia 18 de dezembro, sobre “A ABL e o Direito” pelo Acadêmico Celso Lafer.

PROGRAMAÇÃO DO MÊS DE DEZEMBRO – Realiza-se, no dia 6 de dezembro, a Eleição da Diretoria para o exercício de 2008. No dia 7, sexta-feira, realiza-se, às 11h 30min, no Mosteiro de São Bento, a Missa de Ação de Graça, mandada celebrar pela Presidência da ABL; às 13 horas, almoço oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos e, às 16 horas, sessão extraordinária para receber o Ministro da Educação, Prof. Fernando Haddad e a entrega do Dicionário Escolar da ABL ao Presidente da Companhia Editora Nacional, Dr. Jorge Yunes. No dia 11 de dezembro de 2007, às 19h 30min, no âmbito das comemorações dos 110 anos da ABL, realiza-se, no Salão Nobre do *Petit Trianon*, a apresentação da Banda Sinfônica do Corpo de Fuzileiros Navais. No dia 13 de dezembro, terá lugar na Sala de Chá da ABL, às 16 horas, o Chá oferecido às Senhoras e Viúvas de Acadêmicos; e, às 17 horas, no Salão Nobre da ABL, realiza-se a Posse da Diretoria, eleita para 2008.

DOM QUIXOTE – PARA CRIANÇAS – Realiza-se, no próximo dia 10 de dezembro, segunda-feira, a partir das 17h 30min, na Biblioteca Nacional, o lançamento e a exposição do livro *Dom Quixote* – para crianças, do Acadêmico Arnaldo Niskier, com ilustrações de Mário Mendonça. (A entrada pela Rua México, s/n, Centro).

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO EDUARDO PORTELLA – O Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro homenageou o Acadêmico Eduardo Portella, outorgando-lhe o “Colar do Mérito Judiciário”, pelos relevantes serviços prestados à Cultura Jurídica e ao Poder Judiciário. A solenidade de entrega da Comenda será realizada no Órgão Especial do Tribunal de Justiça, no dia 8 de dezembro, sábado, às 12 horas.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO MOACYR SCLiar – O Acadêmico Moacyr Scliar proferiu conferência em Natal (RN) na Feira do Livro. Do dia 29 de novembro a 2 de dezembro, participou do evento “Paracambi Literária”, realizado em Paracambi, RJ.

DOAÇÃO – Depois de uma visita a Paquetá, onde o Acadêmico Domicio Proença Filho foi homenageado, o Acadêmico Arnaldo Niskier fez uma doação de 100 livros infantis e juvenis à Biblioteca da Escola Municipal Pedro Bruno.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS SECCHIN – No dia 24 de novembro, no Fundão, Acadêmico Antonio Carlos Secchin foi homenageado como patrono dos formandos da Faculdade de Letras da UFRJ.

NOTÍCIAS DO ACADÊMICO ARNALDO NISKIER – Em sessão solene, o Acadêmico Arnaldo Niskier tomou posse como novo Presidente do Conselho de Integração Empresa-Escola, seção do Rio de Janeiro. A ABL e o seu Presidente, Acadêmico Marcos Vilaça, foram representados no ato pelo Acadêmico Murilo Melo Filho. Estiveram presentes também a Acadêmica Nélida Piñon e os Acadêmicos Lêdo Ivo e Antonio Olinto.

EXPOSIÇÃO FRANCISCO BRENNAND – Realiza-se, no dia 10 de dezembro, segunda-feira, às 17 horas, na Galeria Manuel Bandeira, a abertura da Exposição Francisco Brennand 80, os desenhos.

NOTÍCIAS DA ACADÊMICA NÉLIDA PIÑON – O governo Espanhol concedeu à escritora Nélida Piñon uma alta condecoração Espanhola: Medalha de Ouro da Emigração. A medalha será entregue no dia 9 de dezembro, na Casa de Espanha.